

Working Papers
em Linguística



SIGN LANGUAGE LINGUISTICS

2024

v. 25

N. 1

Working Papers em Linguística, v. 25, n. 1, 2024

Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis - SC - Brasil

Editor-chefe

Marco Antonio Rocha Martins

Design e arquivamento

João Paulo Zarelli Rocha

Coeditora

Leidiani Reis

Equipe de revisão

Ana Beatriz Ribeiro

Íris Medeiros da Fonseca

Helena Gouveia

Érica Marciano de Oliveira

Organização

Ronice Muller de Quadros

Suzane Cardoso Gonçalves Madruga

Vanessa Grandó

Leidiani da Silva Reis

Ana Carolina de Souza Ostetto

Conselho Editorial

Adair Bonini, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Adriana Fischer, Centro Universitário de Brusque, Brasil
Aline Cacilda Koteski Emilio, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Ana Cláudia Souza, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
André Berri, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Clarice Nadir von Borstel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
Cláudia Regina Brescancini, Pontifícia Universidade Católica – RS, Brasil
Cristiane Lazzarotto-Volcão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Cristine Gorski Severo, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Edair Maria Gorski, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Edwiges Maria Morato, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Fabio Luiz Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Félicio Wessling Margotti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Helena Guerra Vicente, Universidade de Brasília, Brasil
Heronides Maurílio de Melo Moura, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Izabel Christine Seara, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Josias Ricardo Hack, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Leandra Cristina de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Leonor Scliar Cabral, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Lucélio Dantas Aquino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Luizete Guimarães Barros, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Magdiel Medeiros Aragão Neto, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Mailce Borges Mota, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Inêz Probst Lucena, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Izabel de Bortoli Hentz, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Teresa Santos Cunha, Universidade do Estado de Santa Catarina
Márluce Coan, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maurício Eugênio Maliska, Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil
Monica Mano Trindade, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Morgana Fabiola Cambrussi, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
Nara Caetano Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Nelita Bortolotto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Nívea Rohling, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Otávio Goes de Andrade, Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Renato Basso, Universidade Federal de São Carlos, Brasil
Roberta Pires de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Rodrigo Acosta Pereira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ronald Taveira da Cruz, Universidade Federal do Parnaíba Piauí, Brasil
Rosângela Hammes Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Rosely Xavier, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Simone Bueno Borges da Silva, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Tarcisio de Arantes Leite, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Terezinha da Conceição Costa-Hübes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
Vidomar Silva Filho, Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil
Werner Heidermann, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Sumário

SIGN LANGUAGE LINGUISTICS
Org. Ronice Muller de Quadros e Leidiani da Silva Reis

| | APRESENTAÇÃO |
|--|--------------|
| APRESENTAÇÃO | 3 |
| Ronice Muller de Quadros, Leidiani da Silva Reis | |

| | ARTIGOS |
|---|---------|
| O PARÂMETRO LOCAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS | 7 |
| Bruna Estefani Libano Alves, Aline Lemos Pizzio | |
| A (IN)DISTINÇÃO MORFOFONOLÓGICA DE NOMES E VERBOS NA LIBRAS | 32 |
| Igor Valdeci Ramos da Silva, Aline Lemos Pizzio | |
| POTENCIALIDADES SEMÂNTICO-LEXICAIS NA (RE)CONSTRUÇÃO DO REFERENTE EM LÍNGUAS DE SINAIS | 49 |
| Leidiani da Silva Reis, Ronice Muller de Quadros | |
| DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DOS <i>BLENDS</i> EM LIBRAS | 66 |
| Aline Thiago de Abreu Loures, Garcia Rodero Takahira | |
| ATUALIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO TERMINOLÓGICO DA ELETRICIDADE EM LIBRAS: OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E OS NEOLOGISMOS | 106 |
| Brandon Jhonata Cardoso Santana, Georgiana Santos | |
| A CARTOGRAFIA DOS SINAIS: UM ESTUDO DE VARIAÇÃO LEXICAL EM LIBRAS, ENTRE SURDOS RESIDENTES DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO LUÍS, MARANHÃO | 121 |
| Wendel Santos | |
| THEONYMY IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: THE SIGNS OF ORISHAS | 149 |
| Gabrielly Oliveira Moreira, Alexandre Melo de Sousa | |
| SIGN LANGUAGE LITERARY TRANSLATIONS - LINGUISTIC, DRAMATIC AND TECHNOLOGICAL ASPECTS | 177 |
| Rachel Sutton-Spence, Ananda Loiola Simões Elias, Marcos Alexandre Marquioto, Ricardo Heberle | |
| A LÍNGUA DE SINAIS MAKUXI (RORAIMA) | 215 |
| Jaelson da Silva Santos | |

APRESENTAÇÃO

Ronice Muller de Quadros

Leidiani da Silva Reis

Este dossiê, *Sign Language Linguistics*, apresenta pesquisas atuais acerca das línguas de sinais, perpassando por discussões linguísticas que envolvem a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica, o léxico, assim como questões de tradução, literatura, tecnologia e cultura.

O artigo intitulado *O parâmetro locação na Língua Brasileira de Sinais* apresenta uma pesquisa acerca do parâmetro locação na Língua Brasileira de Sinais (Libras), partindo da hipótese de que os sinais da Libras podem ter mais de uma locação principal e que essas locações principais podem ser compostas de sublocações. As autoras utilizam o *corpus* do Libras *Signbank*, analisando 327 sinais para identificar aqueles que apresentam mais de uma locação principal e sinais com mais de uma sublocação. Com a pesquisa realizada, segundo Alves e Pizzio, alguns sinais apresentam mais de uma locação principal e, em alguns casos, também possuem sublocações. As sublocações foram categorizadas em três tipos: sinais com ambas as sublocações ancoradas no corpo, sinais com uma sublocação ancorada no corpo e outra não-ancorada, e sinais com sublocações no espaço neutro, ou seja, com duas locações não-ancoradas. Além disso, as pesquisadoras observam que existe uma distinção entre locações, sublocações e pontos de contato nos sinais, o que representa uma contribuição para um aprofundamento dos estudos fonético-fonológicos da Libras e uma melhor compreensão da complexidade desse parâmetro na Libras.

O segundo artigo, denominado *A (in)distinção morfofonológica de nomes e verbos na Libras* traz uma investigação acerca da distinção morfofonológica entre nomes e verbos na Língua Brasileira de Sinais. Em outras palavras, o parâmetro movimento de alguns sinais foi analisado em contexto morfossintático para descrever se existe uma distinção morfofonológica baseada na repetição de parâmetros fonológicos ou interpretação morfossintática entre substantivos e verbos. Para isso, foram observados dados de produção espontânea da língua, coletados do *Corpus* da Libras UFSC, da Grande Florianópolis. Os resultados da análise indicam inconsistência ao associar o processo morfológico de derivação ao movimento, pois a maior parte dos dados não apresentou o movimento esperado, corroborando com os achados de investigações anteriores em outras línguas de sinais. As ocorrências do *mouthings* também não demonstram relevância para o fenôme-

no. Portanto, segundo os pesquisadores, a distinção entre nomes e verbos é interpretada morfossintaticamente.

O terceiro artigo, nomeado como *Potencialidades semântico-lexicais na (re)construção do referente em línguas de sinais* discute sobre a (re)construção do referente no espaço discursivo de sinalização e as suas relações semântico-lexicais, especificamente em Libras, diante de ocorrências de anáforas diretas por hiperonímia em recortes textuais da Língua Portuguesa (LP). Nesse sentido, a pesquisa é constituída por *Corpus Paralelo Português-Libras*, orientado pela Linguística de *Corpus*. Segundo as pesquisadoras, na análise realizada, houveram poucos casos semelhantes aos que foram adotados na língua de partida (LP). A maioria das análises nas glosas-Libras apresentou características da própria língua na constituição do processo referencial semântico-lexical. Em outras palavras, no que diz respeito à (re)construção do referente no espaço discursivo de sinalização e as suas relações semântico-lexicais em Libras, Reis e Quadros destacam que os elementos lexicais não se restringem às suas características dadas a priori, mas atualizam-se no espaço discursivo de sinalização, ganhando novos sentidos, revelando, assim, o caráter criativo do encadeamento textual, em que os referentes alcançam diferentes potencialidades semântico-lexicais durante o processo referencial.

O quarto artigo, intitulado *Descrição e categorização dos blends em Libras*, dos autores apresenta uma reflexão sobre a produção de *blends* na Libras, diferenciando-os dos compostos dessa língua. Para esse trabalho, o *corpus* foi formado pela busca de sinais da letra A de Capovilla *et al.* (2017), no qual foram coletados sinais formados por duas ou mais partes. Os autores encontraram 139 formações nas quais o *blend* se dá: (i) pela fusão de segmentos de sinais distintos em que cada mão realiza parte de um sinal; (ii) entre segmentos distintos no qual a configuração de mão de um sinal é mantida e o movimento é proveniente de outro sinal; (iii) com a locação do sinal possuindo valor semântico e parte de outro sinal; (iv) entre inicialização e um sinal já estabelecido; (v) com um sinal em que o movimento adquire uma direcionalidade oposta durante sua realização; (vi) com um gesto e uma configuração de mão do alfabeto ou de numeral; e, (vii) entre sinal já estabelecido e expressões não manuais de outro sinal ou que remete a sentimentos. Essa gama de formações mostra que a Libras apresenta todos os tipos de *blends* já aventados nas línguas de sinais e a análise do *corpus* selecionado possibilitou identificar mais um tipo.

O quinto artigo, nomeado *Atualização e ampliação do repertório terminológico da eletricidade em Libras: os empréstimos linguísticos e os neologismos*, dos autores identifica e

analisa os principais processos de criação dos sinais-termo usados para ampliar e atualizar o repertório terminológico da eletricidade no Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Os sinais-termo analisados foram recolhidos junto a seis sujeitos surdos sinalizantes de Libras, homens e mulheres, alunos/as e egressos/as dos cursos de Eletrotécnica, Eletrônica, Eletromecânica e Engenharia Elétrica, do IFMA/Monte Castelo, em entrevistas individuais realizadas via *GoogleMeet*. Segundo os autores, a pesquisa evidencia que a atualização e a ampliação do repertório da eletricidade em Libras, usado no IFMA, ocorre basicamente por empréstimos linguísticos e por criações de sinais-termo que derivam de outros sinais ou de sinais-termo preexistentes, ou seja, pelo processo chamado de neologismo derivacional. Os pesquisadores constataram, ainda, que a escrita da língua portuguesa influencia a Libras por meio de empréstimos por transliteração e que alguns neologismos são derivados de sinais ou sinais-termo que já constituem o repertório da eletricidade, como é o caso do sinal-termo *eletricidade*.

O sexto artigo, nomeado *Atualização e ampliação do repertório terminológico da eletricidade em Libras: os empréstimos linguísticos e os neologismos* identifica e analisa os principais processos de criação dos sinais-termo usados para ampliar e atualizar o repertório terminológico da eletricidade no Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Os sinais-termo analisados foram recolhidos junto a seis sujeitos surdos sinalizantes de Libras, homens e mulheres, alunos/as e egressos/as dos cursos de Eletrotécnica, Eletrônica, Eletromecânica e Engenharia Elétrica, do IFMA/Monte Castelo, em entrevistas individuais realizadas via *Google Meet*. Segundo os autores, a pesquisa evidencia que a atualização e a ampliação do repertório da eletricidade em Libras, usado no IFMA, ocorre basicamente por empréstimos linguísticos e por criações de sinais-termo que derivam de outros sinais ou de sinais-termo preexistentes, ou seja, pelo processo chamado de neologismo derivacional. Os pesquisadores constataram, ainda, que a escrita da língua portuguesa influencia a Libras por meio de empréstimos por transliteração e que alguns neologismos são derivados de sinais ou sinais-termo que já constituem o repertório da eletricidade, como é o caso do sinal-termo *eletricidade*.

O sétimo artigo, intitulado *Teonímia em Língua Brasileira de Sinais: os sinais dos orixás*, apresenta uma análise de dez sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé em Libras - quanto aos aspectos formais e semântico-motivacionais - e verifica fatores de iconicidade que mostrem as relações entre o sinal e os referentes que possam ter influenciado a sua criação. O estudo é de natureza aplicada, a partir de uma abordagem qualitativa e de procedimento descritivo e documental. Segundo os pesquisadores, os resultados

apontam que, quanto à classificação morfológica, dos dez sinais analisados, sete são do tipo simples e três do tipo composto, constituídos somente por formantes da Libras, sem empréstimo da língua oral. Quanto ao aspecto semântico-motivacional, a iconicidade é perceptível em todos os sinais, exceto no sinal NANÃ. Os dados evidenciam a forte relação das nomeações dos Orixás do Candomblé em Libras com a experiência visual dos surdos, especialmente por meio da relação icônica dos sinais com seus referentes.

O oitavo artigo, denominado *Traduções literárias em língua de sinais - Aspectos linguísticos, dramáticos e tecnológicos*, dos autores Rachel Sutton-Spence, os autores trazem uma pesquisa na Libras, com foco na tradução literária, a fim de criar potenciais normas de tradução literária surda. Os autores apresentam algumas considerações sobre o conceito de “visual” na literatura em Libras e na tradução literária para Libras, recorrendo a traduções em três diferentes gêneros literários, feitas por três tradutores surdos, para compreender melhor as relações multimodais fundamentais entre literatura sinalizada, textos escritos, imagens e edição de vídeo na tradução literária para Libras. A investigação é baseada na relação entre os termos dos elementos linguísticos, dramáticos e tecnológicos, mostrando que as traduções criam produções textuais aceitáveis na língua-alvo ao focar na estética visual dos textos.

Por último, o nono artigo, intitulado *A língua de sinais Makuxi (Roraima)*, apresenta uma breve descrição linguística dos aspectos gramaticais de uma língua de sinais emergente, usada/sinalizada por 10 surdos indígenas da etnia Makuxi. A língua de sinais Makuxi é uma língua de sinais emergente indígena, usada no município de Uiramutã, no estado de Roraima e pertence ao grupo de línguas de sinais indígenas ainda sem descrição. Nesse artigo, o autor identifica aspectos lexicais, fonético-fonológicos e morfossintáticos dessa língua, que possibilitam novos olhares para a emergência de descrição da língua Makuxi, que já se encontra em risco de extinção.

O conjunto destas publicações alcança o objetivo desse número que foi de abarcar o estado hodierno das línguas de sinais em sua diversidade, complexidade e peculiaridade, principalmente na Língua Brasileira de Sinais, mas também com uma contribuição sobre a Língua de Sinais Indígena Makuxi.



O PARÂMETRO LOCAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS¹

THE LOCATION PARAMETER IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Bruna Estefani Libano Alves | [Lattes](#) | alves.bruna1205@gmail.com

UFSC

Aline Lemos Pizzio | [Lattes](#) | alinelemospizzio@gmail.com

UFSC

Resumo: Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa mais ampla que investigou o parâmetro locação na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Inicialmente proposto nas pesquisas sobre a Língua Americana de Sinais (ASL) na década de 60 por Stokoe, o parâmetro locação é um dos três parâmetros fonológicos básicos da ASL, juntamente com configuração de mão (CM) e movimento (M). Ferreira-Brito (1995) foi a primeira a demonstrar que sinais da Libras também são decomponíveis em termos de parâmetro, entre eles, a locação. Desde então, outros pesquisadores vêm investigando tal parâmetro (Quadros; Karnopp, 2004; Xavier, 2006, entre outros), porém tais estudos ainda são incipientes. Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que os sinais da Libras podem apresentar mais de uma locação principal e que essas locações principais podem ser compostas de sublocações. Utilizando um *corpus* de 3068 sinais selecionados a partir do Libras *Signbank*, analisamos 327 sinais para identificar aqueles que apresentam mais de uma locação principal e sinais com mais de uma sublocação. Os resultados revelaram que, dentro do *corpus* analisado, alguns sinais apresentam mais de uma locação principal e, em alguns casos, também possuem sublocações. As sublocações foram categorizadas em três tipos: sinais com ambas as sublocações ancoradas no corpo, sinais com uma sublocação ancorada no corpo e outra não-ancorada, e sinais com sublocações no espaço neutro, ou seja, com duas locações não-ancoradas. Além disso, observamos que existe uma distinção entre locações, sublocações e pontos de contato nos sinais, o que representa uma contribuição para um aprofundamento dos estudos fonético-fonológicos da Libras e uma melhor compreensão da complexidade desse parâmetro na libras.

Palavras-chave: Aspectos fonético-fonológicos; Locações; Sublocações; Libras.

¹ Esse é um recorte da minha pesquisa de Mestrado, intitulada “Estudo descritivo do parâmetro locação na língua brasileira de sinais”, conduzida sob a orientação da professora Dr^a Aline Lemos Pizzio, no Programa de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Abstract: This paper presents an excerpt of a broader research that investigated the parameter location in Brazilian Sign Language (Libras). Initially proposed on American Sign Language (ASL) research in the 1960s by Stokoe, this parameter is one of the three basic phonological parameters of ASL, along with handshape (HC) and movement (M). Although adapted to Libras based on Friedman's proposals by Ferreira-Brito in 1995, the phonetic-phonological description of sign locations in Libras is still incipient. In this study, our initial hypothesis was that Libras signs may exhibit more than one main location, and these main locations may be composed of sublocations. Using a corpus of 3068 signs selected from the Libras Signbank, we analyzed 327 signs to identify those with multiple main locations and signs with more than one sublocation. Results revealed that within the analyzed corpus, some signs have more than one main location, and in some cases, they also have sublocations. Sublocations were categorized into three types: signs with both sublocations body-anchored, signs with one body-anchored sublocation and another not anchored, and signs with sublocations in neutral space, meaning two unanchored locations. Furthermore, we observed that there is a distinction between locations, sublocations, and points of contact in signs, which represents a contribution with...a deeper understanding of the phonetic-phonological studies of Libras and a better comprehension of the complexity of this parameter in the Libras.

Keywords: Phonetic-phonological aspects; Locations; Sublocations; Libras.

Introdução

No Brasil, as pesquisas voltadas à linguística da Língua Brasileira de Sinais, Libras, são ainda, de modo geral, um tanto quanto recentes se comparadas aos estudos seculares das línguas orais. Um dos principais marcos para os estudos linguísticos da Libras foi a publicação do livro "Por uma Gramática de Línguas de Sinais", escrito por Lucinda Ferreira-Brito e publicado pela primeira vez em 1995. Vale salientar que a Libras só veio a ser reconhecida oficialmente como língua nacional anos depois, por meio da Lei 10.436/2002.

Após a promulgação da Lei 10.436/2002 e a publicação de outra obra muito relevante para o conhecimento e a descrição da Libras, o livro "Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos" de Quadros e Karnopp (2004), houve um maior interesse por parte dos pesquisadores em analisarem aspectos linguísticos dessa língua. No entanto, ainda há uma grande defasagem a respeito da gramática de libras, de uma forma geral, especialmente no que diz respeito à sua fonologia.

Ao se ter contato com os trabalhos de Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), percebemos o quanto a descrição dos aspectos Fonéticos-fonológicos das locações dos sinais ainda são generalistas. O que se tem, via de regra, são as reproduções de Ferreira-Brito (1995) das locações propostas por Friedman (1977).

Segundo Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978) e Sandler (1989) apud Quadros e Karnopp (2007), cada sinal apresenta apenas uma locação principal.

Apesar disso, há sinais como EGOÍSMO²³ em que a mão toca primeiramente a região da testa e, em um segundo momento, uma região no tronco. Em consequência disso, surgiu o interesse de investigar se exemplos como esse seriam exceções ou se a afirmação dos autores supracitados não se enquadraria tão bem na Libras.

A partir desse problema inicial, outras questões sobre o parâmetro locação foram levantadas. A afirmação feita por Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978), e Sandler (1989) menciona locações principais, essas locações principais, originalmente propostas para a ASL, se aplicam à Libras? Quais são os outros tipos de locação existentes além das locações principais? Existem distinções entre as localizações ancoradas no corpo, as não ancoradas e as localizações no espaço neutro? Em outras palavras, qual seria a frequência lexical entre as localizações ancoradas no corpo, as não ancoradas e as localizações no espaço neutro?

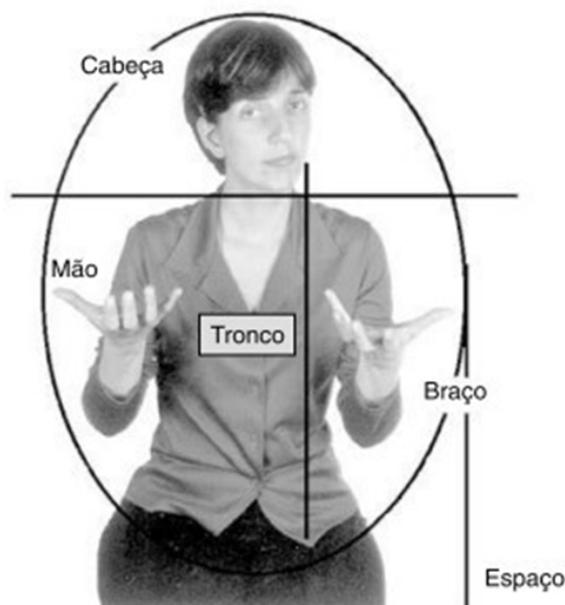
O parâmetro locação

O parâmetro locação também é chamado de Ponto de Articulação e Localização, questão que será discutida na próxima sessão. A locação compreende a área em que o sinal é articulado, seja uma região à frente do corpo do sinalizante (conhecido como espaço neutro) ou um local próximo a/em determinada parte do corpo. Segundo pesquisas na ASL realizadas por Klima e Bellugi (1988, p. 51), esse espaço de realização do sinal está composto dentro da área que vai verticalmente desde o espaço levemente acima do topo da cabeça até a cintura. Horizontalmente, ele é circundado por uma linha traçada de pontos que é possível, com os cotovelos curvos, de ser atingido pelos braços. Pode-se considerar que a Libras, de modo geral, está delimitada dentro do mesmo espaço de sinalização, apesar de haver sinais que são realizados abaixo da linha da cintura, mas esses são minoria e podem ser considerados exceções a essa regra, como podemos ver na Figura 1. A Figura 1 ilustra que o espaço de sinalização varia desde a área acima da cabeça até a linha da cintura, sem representar áreas abaixo desta última.

² Pode ser que alguns dos sinais apresentados tenham surgido originalmente da combinação de dois sinais, formando assim um sinal composto, mas não é possível afirmar com certeza.

³ Link do vídeo no Signbank: <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/1054>

Figura 1 - Espaço de realização dos sinais



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 57)

Dentro dessa possível área de realização dos sinais, encontra-se o inventário de locações possíveis dentro de uma íngua de sinais. Segundo Kooij (2002), há cinco propostas do inventário de locações que podem ser encontradas nos sinais da ASL. A primeira foi organizada por Stokoe (1960), que as encontrou a partir da análise de pares mínimos da ASL, e conta com 10 distintas locações. A segunda análise, feita por Kegl e Wilbur (1976), foi a primeira a considerar que as locações são descritas por traços binários e divide as locações em cinco principais áreas. Após isso, as análises começaram a considerar outras subdivisões para essas áreas principais, como visto em Battison (1978) que utilizou as áreas principais propostas por Stokoe para generalizar um número máximo de locações por sinal monomorfêmico. Battison ainda postulou que os sinais na ASL têm apenas uma locação principal. Seguindo ainda essa tendência, em quarto lugar, tem-se Liddell e Johnson (1989), com o maior número de locações, sendo que todas as locações principais, 18, podem ser especificadas para o lado (ipsilateral e contralateral) e para a altura (superior e inferior) o que resulta em 72 localizações. A terceira, proposta por Sandler (1989), considerará duas áreas a mais do que as consideradas por Battison, são elas: a cabeça, o tronco, o braço, a mão passiva e, acrescidos por Sandler, o pescoço e os ombros. Por último, há uma análise de Brentari (1990) que sugere uma lista com dois grupos, um com características horizontais ([+contra]) e um com características paralelas ([+ distal]) que podem, em princípio, ser combinadas com essas características verticais, resultando em 60 locações potencialmente distintas. Vejam abaixo um resumo das propostas.

Quadro 1 - Visão geral das locações em ASL⁴

| Battison (1978) | Sandler (1989) | Stokoe (1960) | Brentari (1990;1998) | Liddell & Johnson (1989) |
|-----------------|----------------|---|--|--|
| CABEÇA | CABEÇA | CABEÇA | CABEÇA | TOPO DA CABEÇA PARA TRÁS DA CABEÇA |
| | | TESTA | TESTA | TESTA LADO DA TESTA |
| | | MEIO DA FACE | OLHO | |
| | | | NARIZ (lábio superior) | NARIZ |
| | | LADO DO ROSTO | BOCHECHA | BOCHECHA ORELHA MANDÍBULA |
| | | PARTE INFERIOR DO ROSTO | BOCA | LÁBIO |
| | | | QUEIXO (abaixo do queixo) | QUEIXO |
| | PESCOÇO | PESCOÇO | PESCOÇO | PESCOÇO |
| | OMBROS | | OMBROS | OMBROS |
| TRONCO | TRONCO | TRONCO | TRONCO (clavícula) (meio do tronco) | EXTERNO PEITO TRONCO |
| | | | (parte inferior do tronco) (cintura) | ABDÔMEN |
| | | | QUADRIL | PERNA |
| BRAÇO | BRAÇO | PARTE SUPERIOR DO BRAÇO | PARTE SUPERIOR DO BRAÇO E COTOVELO (parte superior do cotovelo) (parte inferior do cotovelo) | PARTE SUPERIOR DO BRAÇO |
| | | | ANTEBRAÇO (parte inferior do antebraço) (parte superior do antebraço) (nervo ulnar) PULSO (parte de trás) (pulso frontal) | ANTEBRAÇO |
| MÃO PASSIVA | MÃO PASSIVA | MÃO PASSIVA: PALMA MÃO PASSIVA: DORSO | MÃO PASSIVA (8 locações na mão passiva) | MÃO PASSIVA (38 locações na mão passiva) |

Fonte: quadro adaptado de Hulst & Kooij (2002, p. 277).

⁴ O quadro está organizado seguindo a ordem do inventário proposto com o menor número de locações para o inventário proposto com o maior número de locações.

Na Libras, as locações, segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995) baseadas em Friedman (1977), são divididas em quatro grandes regiões e em cada uma delas há pontos mais específicos em que os sinais podem ser articulados, como mostra a Figura 2.

Figura 2 - Locações da Libras

| Locações (Ferreira-Brito e Langevin, 1995) | |
|---|----------------------|
| Cabeça | Tronco |
| topo da cabeça | pescoço |
| testa | ombro |
| rosto | busto |
| parte superior do rosto | estômago |
| parte inferior do rosto | cintura |
| orelha | |
| olhos | braços |
| nariz | braço |
| boca | antebraço |
| bochechas | cotovelo |
| queixo | pulso |
| Mão | Espaço Neutro |
| palma | |
| costas das mãos | |
| lado do indicador | |
| lado do dedo mínimo | |
| dedos | |
| ponta dos dedos | |
| dedo mínimo | |
| anular | |
| dedo médio | |
| indicador | |
| polegar | |

Fonte: Reproduzido de Quadros e Karnopp (2004, p. 58)

As quatro grandes regiões – cabeça, tronco, mão dominante e espaço neutro – são as locações principais de articulação dos sinais. São regiões mais amplas e as pesquisas feitas pelos linguistas Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978), Sandler (1989) e Ferreira-Brito (1995) apontam que cada sinal apresenta apenas uma locação principal. As regiões mais detalhadas encontradas dentro das locações principais são conhecidas como subespaços – também chamados de locações específicas ou ponto específico.

No manual do *Global Signbank*⁵ (Crasborn et al., 2018) utilizado como base para o *Libras Signbank*, as locações são categorizadas em quatro grupos principais: cabeça, corpo, extremidades e espaço. Cada um desses grupos também apresenta uma série de sublocações, sendo quinze para a cabeça, sete para o corpo, dezessete para as extremidades e cinco para o espaço.

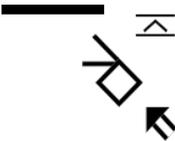
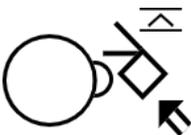
Há ainda uma distinção entre os sinais que são realizados no espaço neutro e aqueles que são realizados em contato ou próximos de alguma região do corpo. Esses manifestam um traço semântico relacionado ao caráter icônico da locação específica. Sinais que têm seu significado relacionado à visão têm a sua locação próxima ou em contato com a região dos olhos do enunciador; os que têm significado referente a sentimentos/

⁵ <https://signbank.libras.ufsc.br/#/>

emoções estão localizados próximos ao coração, na região do busto; os que se referem à alimentação se localizam perto da boca e os que se referem ao raciocínio perto da cabeça (Ferreira,1995). Na 6, ilustra-se isso com exemplos de sinais da Libras escritos com o sistema *SignWriting*⁶ além de link e qr-code para a visualização do sinal em vídeo.

Nesta direção, ainda existem sinais cujo significado na Libras requer mudanças na localização para manter coesão com seu traço semântico. Por exemplo, o sinal glosado como CIRURGIA pode ter sua locação alterada conforme o local onde essa operação ocorre: para cirurgia no coração a locação do sinal CIRURGIA é articulada na região próxima ao coração do enunciador, para uma cirurgia no braço, o sinal é articulado na região próxima ao braço. No Quadro 2 podemos ver o sinal CIRURGIA escrito em *SingWriting* bem como um qr-code e um link para a visualização do sinal em vídeo.

Quadro 2 - Traço semântico na locação do sinal CIRURGIA

| CIRURGIA | SignWriting | Vídeo |
|---|---|---|
| <p>No braço</p>  |  |  <p>https://youtu.be/hBMn-OZEIxQ</p> |
| <p>No coração</p>  |  |  <p>https://youtu.be/XICjAiq098</p> |
| <p>No ouvido</p>  |  |  <p>https://youtu.be/0l7T-3qio2HU</p> |

Fonte: Alves (2022).

⁶ SignWriting é um sistema de escrita visual utilizado para representar línguas de sinais. Foi desenvolvido por Valerie Sutton na década de 1970 e desde então tem sido usado para documentar e transcrever línguas de sinais.

Locação, localização ou ponto de articulação?

Nas pesquisas fonético-fonológicas da Libras sobre o parâmetro pesquisado, encontram-se três nomenclaturas distintas, a saber: locação, localização e ponto de articulação.

Em um primeiro momento, Stokoe atribuiu o nome *tab*, abreviação de *tábula*, para o parâmetro locação. No entanto, segundo Quadros e Karnopp (2007), com a expansão dos estudos sobre ASL, entre os anos 1978 e 1988, surgiu a segunda geração de estudiosos (Supalla e Newport, 1978; Klima e Bellugi, 1979; Padden, 1983; Liddell, 1984). Com essa nova investigação sobre os aspectos fonológicos dos sinais, o grupo, com o objetivo de estreitar os paralelos entre línguas orais e línguas de sinais, passou a utilizar os termos já usados nas pesquisas das línguas orais. Dessa forma, é possível considerar que o termo *Ponto de Articulação* tenha sido empregado a partir desse movimento, a fim de tornar mais evidentes características em comum entre línguas orais e línguas de sinais, tornando mais fácil a argumentação sobre o *status* linguístico dessas últimas.

Há ainda outra razão para utilizar uma nomenclatura padrão entre línguas de sinais e línguas orais: o fácil acesso dos linguistas a esses trabalhos seja de uma ou de outra modalidade. A concentração dos resultados de análises de áreas similares em ambas as línguas favorece a organização e a busca dessas investigações. Ademais, os princípios linguísticos universais aplicáveis às línguas naturais devem igualmente ser estendidos às línguas de sinais, mesmo que inicialmente essas línguas não tenham sido contempladas nessa abordagem. Por isso, a linguística, assim como todas as ciências, deve evoluir e ampliar seus conceitos conforme se expandem os conhecimentos.

O surgimento de diferentes nomenclaturas sofreu ainda influências de questões de cunho tradutório, tendo em vista que, conforme pode ser observado, muito das pesquisas sobre a linguística da Libras basearam-se nos estudos já realizados por linguistas norte-americanos sobre a ASL. Nesses trabalhos (ver Klima e Bellugi, 1979; Supalla, 1982; Sandler, 1986; Liddell & Johnson, 1989), os pesquisadores denominavam esse parâmetro no inglês, *Location*, tendo gerado a possibilidade de tradução para o português tanto para *Localização* quanto para *Locação*.

O uso do termo *Location*, utilizado nessa pesquisa como *Locação*, tem seu provável surgimento em um movimento contrário ao que pode ser observado no uso do termo *Ponto de Articulação* – ou seja, em afastamento dos termos utilizados na linguística das línguas orais. Essa ação pode ser observada nos trabalhos iniciais de Stokoe (1960), por exemplo, quando o linguista utiliza termos como ‘*quirologia*’, termo análogo à *fonologia*, utilizado nas pesquisas de línguas orais e o termo *quirema*, análogo a *fonema*. Da mesma

maneira, Fisher (1968) utiliza *visema* como unidade mínima de recepção visual da fala. Esse distanciamento terminológico das pesquisas de línguas de sinais em relação às pesquisas de línguas orais visa trazer uma maior consonância das nomenclaturas utilizadas pelos pesquisadores com o conceito concreto observado nos sinais devido à diferença na sua modalidade de produção e percepção. Em outros termos, há uma discordância em utilizar *fonologia*, uma palavra que tem sua etimologia no Grego *phonos* que significa *som* para uma língua que não se utiliza dos sons.

Tendo isso em vista, para a análise dessa distinção terminológica na Libras, apresenta-se abaixo um quadro contendo autor, ano de publicação, tipo e título da obra. Foram aqui selecionadas nove obras listadas a seguir em ordem cronológica de publicação. As obras foram selecionadas com base na sua importância histórica para a linguística da Libras, bem como na sua relevância para os estudos fonético-fonológicos da língua.

Quadro 3 - Diferença terminológica nas obras

| <i>Autor</i> | <i>Tipo</i> | <i>Ano</i> | <i>Obra</i> | <i>Termo</i> |
|--------------------|-------------|------------|---|--|
| FERREIRA BRITO | Livro | 1995 | Por uma gramática de Língua de Sinais | Ponto de Articulação e PA (localização) |
| KARNOPP | Tese | 1999 | Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo longitudinal de uma criança surda | Locação |
| QUADROS; KARNOPP | Livro | 2004 | Língua Brasileira de Sinais: Estudos linguísticos | Locação e Locação (ou Ponto de Articulação) ⁷ |
| XAVIER | Dissertação | 2006 | Descrição fonético- fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras) | Localização |
| NASCIMENTO | Tese | 2009 | Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica | Ponto de Articulação |
| NOBRE | Dissertação | 2011 | Processo de Grafia da Língua de Sinais: uma análise Fono-Morfológica da Escrita em <i>SignWriting</i> | Localização |
| LESSA- DE OLIVEIRA | Artigo | 2012 | Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear | Locação |

⁷ Na obra, dois tipos de ocorrências são encontrados, uma em que apenas o termo ‘locação’ aparece e outra em que as autoras apresentam o termo e logo em seguida o sinônimo, ‘locação (ponto de articulação)’.

| | | | | |
|--------|-------------|------|---|----------------------|
| XAVIER | Tese | 2014 | Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras) | Localização |
| SANTOS | Dissertação | 2020 | Traços distintivos para os Pontos de Articulação em Línguas de Sinais: uma revisão conceitual | Ponto de Articulação |

Fonte: Alves (2022)

No entanto, há um consenso entre os autores na definição do parâmetro locação, localização ou ponto de articulação. Todos empregam uma definição semelhante à que podemos encontrar no livro de Ferreira-Brito (1995, p. 37): “é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados.”

Locações principais *versus* sublocações

Segundo Hulst e Kooij (2002), a primeira proposta de divisão das locações em sublocações foi a de Sandler (1989). Em seu modelo, a linguista faz a distinção entre *major areas* e *settings* – no inglês, aqui chamados, respectivamente, de locação principal e sublocações. Na literatura, é possível ainda encontrar o conceito de sublocação sob a nomenclatura de ponto específico, locação específica ou subespaço – ver (Silva; Teles; Costa, 2019), (Guimarães; Pereira; Labes; Fernandes, 2018), (Quadros; Karnopp, 2007). As sublocações são utilizadas para marcar áreas mais específicas dentro de uma locação principal. De acordo com Quadros e Karnopp (2007, p. 59): “subespaços incluem distinções mais detalhadas, tais como nariz, boca, olhos, testa, ouvido, etc., e são subcategorizados por locações principais.” Acrescenta-se, ainda, que sublocações⁸ podem ser definidas como “a subdivisão de cada locação”, segundo Uyechi (1992, p. 249, tradução nossa⁹).

Battison (1978), em suas pesquisas sobre o parâmetro locação em ASL, o dividiu em cinco áreas principais; a cabeça, o tronco, o braço e a mão passiva. O linguista observou que se o sinal toca o corpo mais de uma vez, esse toque é feito dentro de uma mesma área principal. Com isso, Battison evidenciou uma regra restritiva segundo a qual os sinais não apresentam mais de uma locação principal. Os sinais que refutam essa constatação seriam sinais compostos ou resquícios de sinais compostos. Já, Sandler (1989) postulou,

⁸ Nessa pesquisa, adotamos sublocações e subespaço como sinônimos.

⁹ “[...] the subdivisions of each location.”

de forma mais restritiva, que os sinais monomorfêmicos apresentam-se dentro de uma única locação principal. No modelo proposto por ela, nomeado *Hand Tier*, essa restrição é chamada de “harmonia de local”, no inglês “placeharmony” (Kooij, 2002).

Ainda seguindo Kooij (2002, p. 272) sobre o modelo *Hand Tier*, a sublocação contém três pares: um relativo à distância até a locação [periférico-distal], a altura dentro do local [alto-baixo] e a lateralidade em relação à locação [ipsilateral- contralateral]. O subespaço é utilizado como um meio para descrever o movimento de trajetória através da combinação das características apresentadas anteriormente. No modelo *Hand Tier*, o ponto de contato fica articulado sob o nó de sublocação.

No modelo proposto por Hulst e Kooij (2002), a divisão entre locações principais e sublocações também é adotada. Para os linguistas, as sublocações não são utilizadas para servir de especificação à locação principal, mas, sim, para marcar em qual locação é iniciado e em qual locação é finalizado o movimento de trajetória. Assim, se um sinal apresenta um movimento de trajetória, ele terá uma locação inicial e uma locação final e para essa descrição Kooij e Hulst utilizam o nó da sublocação. De forma semelhante ao modelo de Sandler, os movimentos de trajetória são considerados aqui com base na dinamicidade do parâmetro de locação, em vez de serem tratados como um parâmetro primitivo.

No modelo da dependência (Hulst; Kooij, 2002, p. 273), as locações fonológicas referem-se a áreas, ao invés de delimitar pontos específicos, em que estão contidas possíveis mudanças nas sublocações do sinal. Segundo Hulst e Kooij (2002, p. 274):

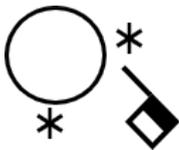
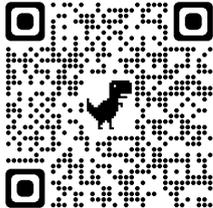
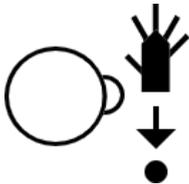
Ao ligar formalmente a localização e o movimento, fica implícito que uma localização distintiva não é necessariamente um ponto específico no espaço ou no corpo, mas sim uma área, ou seja, um conjunto de pontos fonéticos. Essa visão da locação como uma área faz mais justiça à gama de variação fonética que encontramos para certos sinais.¹⁰ (Hulst; Kooij, 2002, p. 274).

A partir do panorama geral acerca das sublocações apresentado nessa seção, adota-se aqui a perspectiva de que cada locação principal apresenta uma gama de sublocações. As sublocações são as subcategorias das locações principais e nelas observa-se a especificação detalhada de onde o sinal é realizado. Em um mesmo sinal, pode haver mais de uma sublocação quando o movimento de trajetória é presente. Sendo assim, a primeira sublocação será o ponto inicial do movimento e a segunda o ponto final. Como exemplo

¹⁰ No original: By formally linking location and movement it is implied that a distinctive location is not necessarily a specific point in space or on the body but rather an area, i.e. a set of phonetic points. This view of location as an area does more justice to the range of phonetic variation we find for certain signs.

de um sinal com duas sublocações e movimento de trajetória temos o sinal glosado como SURD@¹¹ (Quadro 4a) sua locação principal é a cabeça, a sublocação inicial é a orelha e a final é o canto da boca. Alguns sinais sem movimento de trajetória também apresentam sublocações, como o caso do sinal conhecido como OUVIR (Quadro 4b), em que a locação principal é a cabeça e a sublocação é a orelha. Em sinais como BONIT@ (Quadro 4c), caracterizados por uma articulação ampla que abrange significativa parte da área da locação principal, a sublocação é concebida como correspondente à região frontal do rosto. Todos os sinais aqui utilizados para a exemplificação podem ser visualizados no Quadro 4.

Quadro 4 - Exemplos de sinais e suas sublocações

| Glosa | Signwriting | Vídeo |
|--|---|--|
| <p>SURD@</p>  <p>a</p> |  |  <p>https://youtu.be/xpJxoMiBV60</p> |
| <p>OUVIR</p>  <p>b</p> |  |  <p>https://youtu.be/I8IJMjR6CA</p> |
| <p>BONIT@</p>  <p>c</p> |  |  <p>https://youtu.be/LJ8ri6Gc7js</p> |

Fonte: Alves (2022)

¹¹ Quando o símbolo “@” é utilizado na glosa ele indica a ausência de marcação de gênero no sinal correspondente

Metodologia

Voltando à questão inicial que motivou a iniciar este estudo do parâmetro locação: um sinal pode ter mais de uma locação na Libras? Para então averiguar se essa hipótese é verdadeira. Além disso, cabe perguntar: há a possibilidade de sinais apresentarem também mais de uma sublocação e que essas últimas podem ser a) ambas ancoradas no corpo, (b) uma ancorada e outra não ancorada e (c) ambas não ancoradas? – a metodologia apresentada abaixo foi realizada.

Os sinais selecionados para esta pesquisa são advindos da base de dados do *Signbank* da Libras¹². O banco de dados do léxico da Libras, *Signbank da Libras*, é um banco de dados de acesso aberto e usa como base o modelo do *Global Signbank*¹³.

A seleção dos dados ocorreu por meio dos registros dos pesquisadores em uma tabela base que é compartilhada pelos integrantes. No momento da seleção, a tabela contava com o registro de 3.086 sinais¹⁴. Para a seleção dos sinais que mais se adequam ao objetivo da pesquisa aqui realizada, foi utilizada uma verificação em duas etapas que ocorreram consecutivamente.

Etapa A: Na primeira fase, foram considerados apenas os dados já preenchidos pelos colaboradores no banco de sinais, conforme indicado na tabela base. Os critérios utilizados foram os seguintes:

1. Foram excluídos os sinais em que a coluna “localização” ainda não estava preenchida pelos colaboradores do *Signbank*.
2. Selecionaram-se os sinais listados como tendo duas locações. Para isso, analisou-se a coluna “localização”. Conforme orientado pelo manual do *Global Signbank*, os sinais que possuem duas locações distintas são registrados preenchendo o campo com as duas locações separadas pelo caractere “>”. Um exemplo dessa notação é: Bochecha> queixo (BARBA.)

¹² Disponível em <https://signbank.libras.ufsc.br/#/>

¹³ Disponível em <https://signbank.cls.ru.nl/>

¹⁴ O número de sinais aqui apresentados, engloba todos os registros da tabela base. Esse número abrange todas as entradas, sejam elas com ou sem vídeo no banco de dados final. Por esse motivo, tem-se uma divergência entre o número de registros na tabela base e o número de registros no banco de dados final que é disponibilizado no site do *Signbank*.

Etapa B: A segunda etapa consistiu em revisar os dados da tabela base. Para essa revisão, a pesquisadora considerou seu conhecimento para verificar se as locações dos sinais estavam corretamente preenchidas ou se necessitavam de alguma alteração. Os critérios adotados foram os seguintes:

1. Foram excluídos os sinais que não possuíam vídeo gravado. O acesso ao vídeo é fundamental para uma análise precisa das locações em Libras.
2. Verificou-se se havia sinais que os colaboradores do *Signbank* indicaram como tendo duas locações, mas que a pesquisadora julgasse que poderiam ter apenas uma locação.
3. Verificou-se se havia sinais que os colaboradores registraram com apenas uma locação, mas que a pesquisadora julgasse que poderiam ter duas locações principais e/ou duas sublocações.
4. Foram descartados os sinais compostos, pois apresentavam características de dois sinais diferentes, exigindo uma investigação e descrição das locações de maneira separada, para futuras pesquisas.

Os sinais isolados que requerem o uso das duas mãos para sua articulação e que possuem locação no espaço ou nas extremidades foram classificados com base em duas regras de restrições fonológicas. A primeira regra, proposta por Battison (1978), é a condição de simetria. Ela estabelece que, se ambas as mãos forem ativas (ou seja, se movimentam na produção do sinal), a configuração manual (CM) deve ser a mesma para ambas as mãos, a locação deve ser igual ou simétrica, e os movimentos devem ser simultâneos ou alternados. Quando essa condição de simetria é atendida no sinal, sua locação é considerada no espaço, independentemente de haver contato entre os articuladores ou não. A segunda regra é a condição de dominância, descrita por Battison (1978), que determina que, se as mãos possuem configurações manuais diferentes uma da outra, então uma mão será a ativa, produzindo o movimento, e a outra será a passiva, servindo de apoio.

Após o primeiro critério de seleção dessa etapa A ter sido aplicado, dos 3.086 sinais registrados na tabela base do *Signbank*, foi obtido um total de 1.885 sinais nos quais a locação ainda não havia sido especificada. Para o segundo critério, levantaram-se 319 sinais registrados com duas locações.

Devido ao tempo de pesquisa do curso de mestrado, não foi possível reanalisar todos os 3.086 sinais que foram notados dentro do corpus pesquisado. Por esse motivo, foram reavaliados os 319 sinais que já haviam sido notados como tendo duas locações.

Após revisão dos sinais que não constavam como tendo duas locações, segundo avaliação dos colaboradores do *Signbank*, 26 sinais foram incluídos na pesquisa por serem relevantes ao estudo. Já os que foram excluídos pela pesquisadora, por apresentar claramente apenas uma locação, somaram 13 sinais. Outros 5 sinais foram excluídos por ainda não terem a gravação do sinal em vídeo. A quantidade total de sinais selecionados foi de 327.

Após isso, uma segunda revisão cuidadosa foi realizada com os dados selecionados. Dos 327 sinais mantidos, 301 haviam sido classificados como tendo duas locações pelos colaboradores do *Signbank*. No entanto, após a revisão, apenas 95 sinais foram categorizados como tendo mais de uma locação. O principal motivo da discrepância entre os resultados foi a falta de diferenciação entre os conceitos de locação e sublocação. Alguns sinais foram notados utilizando uma das quatro regiões principais, outros foram notados utilizando regiões específicas e outros, ainda, com uma junção de locação e sublocação.

Sinais com mais de uma locação

Um número de 95 sinais foi classificado como tendo mais de uma locação principal. Desses, 93 apresentaram duas locações principais e 2 apresentaram três locações principais. Dentre os sinais com duas locações, todos apresentaram algum movimento de deslocamento, desse modo, todos apresentam locação inicial e locação final. Das quatro áreas principais possíveis – cabeça, tronco, extremidades e espaço – foram verificadas 11 possíveis combinações entre locações iniciais e finais. Quando a cabeça é a locação principal inicial, temos todas as outras três regiões como locação final possível, tronco, corpo e extremidades. Quando o tronco é a locação inicial, temos a cabeça, as extremidades e o espaço como locação final. No caso de a locação inicial ser as extremidades, a locação final apresenta apenas duas possibilidades: a cabeça e o espaço. Não foram encontrados sinais em que a locação inicial é a extremidade e a final é o tronco. Na combinação entre espaço na locação inicial, foi verificada a possibilidade da cabeça, das extremidades e do tronco na posição de locação final.

A cabeça como locação inicial nos dá a possibilidade de três outras locações finais. O espaço como locação final foi encontrado em 28 sinais. O tronco como locação final foi encontrado em 9 sinais e a extremidade em 6 sinais. No total, 43 sinais têm a cabeça como locação inicial.

Considerando o tronco como locação inicial, o número total de sinais encontrado foi de 13. Entre eles, há 10 sinais com a locação final no espaço, 2 com a locação final nas extremidades e apenas 1 na cabeça.

Quando a locação inicial encontrada foi a extremidade, duas possíveis locações finais eram vistas: cabeça ou espaço. A combinação extremidade + espaço, resultou em 20 sinais e a combinação extremidade + cabeça, em 4. Como um todo, 24 sinais foram identificados com a extremidade como locação inicial.

Por fim, temos o espaço como locação inicial e nesse caso temos associação de três regiões na posição final. Dos 13 sinais identificados, 9 tinham a extremidade como locação final, 3 a cabeça e 1 o tronco.

Sublocações

As sublocações são regiões mais específicas dentro das regiões principais. O número de locações principais irá definir o número mínimo possível de sublocações para um sinal, mas não o número máximo. Se um sinal tem apenas uma locação, o mínimo de sublocações que ele terá será de uma também. Se o sinal tem duas locações principais, o número mínimo de sublocações é dois. Sinais com três locações principais têm como mínimo três sublocações. Há sinais com uma locação principal e mais de uma sublocação, bem como há sinais com duas locações e mais de duas sublocações e sinais com três locações e mais de três sublocações.

Para exemplificar, podemos olhar para o sinal glosado como BODE (Tabela 5b). Tal sinal é articulado em uma locação principal, a cabeça, e duas sublocações, a testa e o queixo. O sinal de BARBA (Tabela 5a) apresenta uma locação principal, a cabeça, e três sublocações que são marcadas através de um movimento sequencial que toca primeiramente uma das bochechas, depois o queixo e, por fim, a outra bochecha. Os sinais glosados como COMBINAR (Tabela 5c) e APAGAR (Tabela 5d) são exemplos de sinais com uma locação principal e uma sublocação. Esses dois sinais têm uma locação principal, a extremidade, e uma sublocação, a palma da mão passiva.

Quadro 5 - Sublocações em sinais com uma locação

| Nº de sublocações | Glosa | Sinal |
|-------------------|---|--|
| 3 | BARBA  a |  https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/318 |
| 2 | BODE  b |  https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/374 |
| 1 | COMBINAR  c |  https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/685 |
| 1 | APAGAR  d |  https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/175 |

Fonte: Alves (2022).

Para sinais com mais de uma locação e com mais de uma sublocação, temos como exemplo o sinal glosado como CAMELO2¹⁵. No sinal referido, duas locações são vistas, o tronco e a cabeça, e duas sublocações, a parte superior das costas e a parte inferior da cabeça. No sinal CHEFE2, a mesma configuração é vista: duas locações principais, a cabeça e a extremidade, e duas sublocações, a testa e o lado da mão base. No sinal ÁRABE, temos três locações principais e quatro sublocações, sendo as locações o tronco, a cabeça e o espaço e as sublocações o peito, o queixo, a testa e um local no espaço acima da cabeça.

Quadro 7 - Sublocações em sinais com mais de uma locação

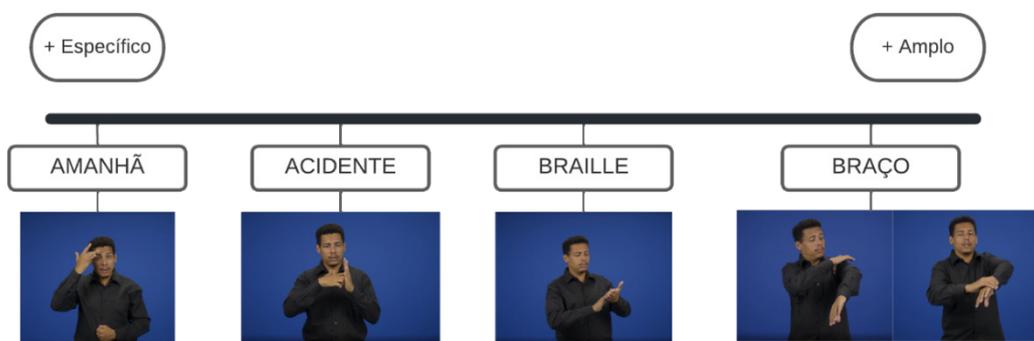
| Nº de sublocações | Glosa | Sinal |
|-------------------|---|---|
| 2 | CAMELO2  |  https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/470 |
| 2 | CHEFE2  |  https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/603 |
| 4 | ÁRABE  |  https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/199 |

Fonte: Alves (2022).

¹⁵ Nesse caso, quando há variação de mais de um sinal correspondente à mesma glosa, acrescenta-se um número (por exemplo, 2 ou 3) na sequência para identificar que se trata de um sinal diferente. Por exemplo, “PAPAGAIO2” indicaria um segundo sinal para “papagaio”, distinto do primeiro sinal usado para a mesma palavra. Esta convenção permite diferenciar entre múltiplos sinais que têm o mesmo significado lexical

Apesar de as sublocações serem partes mais específicas dentro de uma área maior, elas ainda podem aparecer dentro de um espectro que vai de regiões bem definidas para regiões mais amplas. Ao se olhar para o sinal AMANHÃ, que tem duas locações, cabeça + espaço neutro, a ponta do dedo médio toca uma região bem específica da lateral da testa. Esse local é também o ponto de contato desse sinal, abrangendo apenas uma região bem determinada que compreende o tamanho da ponta de um dedo. Em comparação, o sinal ACIDENTE tem o contato da lateral dos dedos da mão ativa com metade da palma da mão passiva. Nesse sinal, a região da sublocação ainda apresenta certa especificidade, mas já se vê características de um pouco de amplitude. A metade inferior da mão passiva, que é a sua sublocação, compreende uma região maior que a ponta de um dedo, como no sinal AMANHÃ. Com um pouco mais de amplitude na região da sublocação, temos o sinal BRAILLE, que compreende toda a palma da mão passiva. Por fim, ao se olhar para o sinal BRAÇO, que é articulado em todo o braço, percebe-se uma grande amplitude na sublocação.

Figura 3 - Amplitude das sublocações

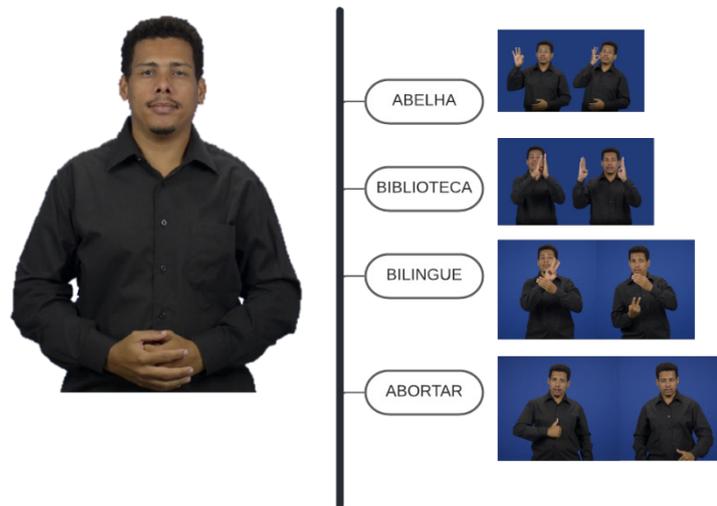


Fonte: Alves (2022)

Diferentemente de outras propostas apresentadas, na apresentada no manual do *Signbank*, tem-se uma classificação de sublocações no espaço. O espaço é comumente referido como espaço neutro, o que sugere um espaço sem marcações. Nos dados analisados nesta pesquisa, foram encontrados alguns sinais que mostram que é possível perceber diferentes sublocações no espaço. Os sinais glosados como ABELHA, BIBLIOTECA, BILINGUE e ABORTAR, são exemplos disso. Em ABELHA, a mão sai de uma posição mais acima no espaço, na altura da cabeça. Já, em BIBLIOTECA, está localizada em um

espaço mais central, na altura do peito. Em BILINGUE, tem-se a mão localizada no espaço, aproximadamente na altura do estômago. Por fim, em ABORTAR, a mão sai do tronco para um espaço bem abaixo no espaço de sinalização, abaixo da linha da cintura. Veja os exemplos no quadro a seguir:

Figura 4 - Esquematização de localizações no espaço neutro



Fonte: Alves (2022)

No manual do *Signbank*, tem-se a subdivisão do espaço em plano horizontal, plano paralelo, R-loc e variável. São exemplos de sinais relativos aos planos horizontal e paralelo, MESA e AMÉRICA, respectivamente. R-loc é um tipo de especificação para sinais que podem ser flexionados, como os verbos de concordância pessoal, AVISAR, PERGUNTAR, AJUDAR. Em variável, tem-se sinais que podem ser feitos em diferentes lugares, MUDAR2, CAMINHAR.

Ao analisar os sinais classificados no *Signbank*, que são locados no espaço, pode-se observar essa subdivisão do espaço. Dos sinais com uma locação, sinais realizados no plano horizontal, plano paralelo, variável e espaço neutro foram encontrados. A sublocação R-loc não foi encontrada entre os sinais analisados aqui.

Já, nos sinais com duas locações analisados, há uma tendência de os sinais serem realizados no espaço neutro, sem nenhuma marcação específica para os planos paralelo e horizontal, bem como para R-loc ou variável. Na tabela abaixo, são apresentados os sinais com duas locações que têm o espaço como uma das locações, seja inicial ou final.

Quadro 8 -Espaço como locação inicial

| Espaço + Extremidade | Espaço + Cabeça | Espaço + Tronco |
|-----------------------------|------------------------|------------------------|
| ACIDENTE | ABELHA | ADQUIRIR |
| CICLISMO-BMX | CAFÉ | |
| COMPLEMENTAR | CENOURA2 | |
| CONNECTAR | | |
| BEIJA-FLOR | | |
| ATÉ | | |
| COLOCAR | | |
| BEIJA-FLOR2 | | |
| AEROPORTO | | |

Fonte: Elaborada pela autora

Considerações Finais

Como objetivo principal, esta pesquisa buscou analisar descritivamente o parâmetro locação, em especial no que concerne às suas características em sinais que apresentam mais de uma locação, e como se comportam as sublocações. Dentro do corpus pesquisado, a minoria dos sinais encontrados apresentou mais de uma locação principal, quase um terço do todo (31,56%). Desses sinais com mais de uma locação principal, a maioria foi classificada como tendo duas locações principais e somente dois sinais, com três locações principais, foram identificados, configurando-se apenas como exceções. No entanto, ao voltar-se à regra fonológica proposta por Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978) e Sandler (1989), de que cada sinal apresenta apenas uma locação principal (QUADROS; KARNOPP, 2007), em contraponto com os resultados dessa pesquisa, pode-se começar a refletir sobre uma gama de sinais que fogem a essa regra.

Como objetivos específicos, a identificação e a descrição de sinais com mais de uma locação principal e mais de uma sublocação foram propostas e assim realizadas dentro do escopo trabalhado. Partindo do referencial teórico, Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978), Sandler (1989) e Ferreira-Brito (1995) para definir as locações principais, estas são entendidas como regiões mais amplas onde os sinais são articulados. Aqui, utiliza-se como base as locações principais categorizadas no Manual do *Global Signbank*, que são divididas em quatro grupos: cabeça, corpo, extremidades e espaço. Já, as sublocações são regiões mais específicas subdivididas dentro das quatro regiões principais. Há pouca pesquisa e discussão abordando as sublocações da Libras. As duas propostas encontradas, uma do Manual do *Global Signbank* e outra proposta por Ferreira-Brito e Langevin

(1995), são adaptadas da NGT e da ASL respectivamente. O termo locação – também encontrado como localização e/ou ponto de articulação – é comumente referido como um termo guarda-chuva que engloba tanto as locações principais quanto as sublocações.

Os sinais que têm a sua locação no espaço ou na extremidade mostraram dois desafios quanto à sua classificação ao longo desta pesquisa. O primeiro diz respeito à classificação de alguns sinais como sendo realizados no espaço ou na extremidade. Sinais como PAÍS¹⁶ por exemplo, em que a mão base é conduzida, no momento da articulação do sinal, para uma locação central no espaço, seriam articulados então na mão base ou no próprio espaço? Para a sua resolução, duas regras fonológicas, propostas por Battison (1978), foram aplicadas: a Condição de Simetria e a Condição de Dominância. Aos sinais que obedecem à primeira condição, a classificação dada foi o espaço, tendo os sinais contato ou não entre os dois articuladores. Para os sinais que obedecem à segunda regra, a locação é a extremidade, geralmente alguma parte da mão base ou do braço que irá servir como base. Os sinais realizados no espaço têm um segundo desafio quanto à classificação das sublocações. Costuma-se nomear o espaço de articulação dos sinais à frente do corpo de espaço neutro. Há uma crença comum sobre a não existência de sublocações, na proposta de sublocações de Ferreira-Brito e Langevin (1995) não há nenhuma subdivisão desse espaço. Como já mencionado na sessão anterior, a possível dificuldade pode se dar pela característica desse espaço, por ser uma região mais fluída, é de difícil nomeação. Entretanto, tendo em vista a análise dos dados apresentada, é possível perceber a distinção existente no espaço e já abordada em adaptações das sublocações mais recentes, como a vista no Manual do *Global Signbank*.

A descrição e o detalhamento de aspectos fonético-fonológicos dos sinais da Libras nos permitem ter acesso a um conhecimento refinado sobre a língua e avançar em um processo de conhecimento sobre como a Libras opera. É necessário que mais pesquisas sobre o parâmetro locação sejam realizadas para verificar em diferentes corpora a realização dos sinais, mais especificamente do parâmetro locação e suas particularidades. Trabalhos futuros podem abordar a descrição de sinais compostos, por exemplo, que foram retirados do escopo da presente pesquisa e que merecem atenção minuciosa devido a sua formação. Utilizar outro *corpus* para verificar a existência e o funcionamento de sinais com mais de uma locação principal é fundamental para que o conhecimento sobre esses sinais se consolide. Outro questionamento surgido a partir desta investigação é sobre a característica do corpus aqui analisado, em que os sinais foram retirados de um glossário. O que poderia ser encontrado ao analisar sinais em uso, durante a sinalização? E ainda,

¹⁶ Sinal disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/2101>

haveria variação na sinalização do mesmo sinal por diferentes sujeitos? Além disso, todas as propostas que têm-se hoje de classificação das locações e da sublocação são adaptações de outras línguas de sinais. Futuros trabalhos poderão identificar e propor as locações da Libras por ela mesma, tendo como base o olhar para a própria Libras. Próximas classificações das sublocações podem dar atenção e trazer um olhar cuidadoso sobre o espaço e suas possíveis sublocações.

Para finalizar, é possível dizer que a afirmação de que a regra fonológica de que cada sinal apresenta apenas uma locação principal, proposta por Kegl e Wilbur (1976), Battison (1978) e Sandler (1989) não dá conta de descrever todos os sinais da Libras. As hipóteses iniciais foram confirmadas, tanto acerca das locações principais quanto acerca das sublocações. Os dados apresentados nesta pesquisa mostram que é possível ter sinais com duas locações principais, caso contrário, é necessário pensar em outros critérios que justifiquem nesses sinais a existência de apenas uma locação principal.

Referências

ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. Análise da variação fonética em configurações de mão da Libras. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 5, DOI: 10.5216/rs.v5.62908. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/62908>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COSTA, R. C. R. da. *Proposta de Instrumento para a Avaliação Fonológica da Língua Brasileira de Sinais: FONOLIBRAS*. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, FUniversidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17216>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. *Revista Espaço*, Brasília, v. 1, p. 20-43, 1990.

FRIEDMAN, L. A. Phonological Processes in American Sign Language. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1975. Califórnia: [s. n.], 1975. p. 147–159.

GUIMARÃES, Cayley; PEREIRA, Rodrigo Costa; LABES, Marília Goldschmidt; FERNANDES, Sueli Fátima. A EXPRESSÃO FACIAL É PARTE INTEGRANTE DA LÍNGUA DE SINAIS - LIBRAS COMO L2. *Educere Et Educare*, [S.L.], v. 13, n. 28, p. 1-18, 25 set. 2018. Galoa Events Proceedings.

HULST, Harry van der; KOOIJ, Els van der. Phonetic implementation and phonetic pre-specification in sign language phonology. In: GOLDSTEIN, Louis; WHALEN, D. H.; BEST, C. T. (Orgs.). *Papers in Laboratory Phonology*, v. 8, p. 265–286. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. 1999. 273 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

KARNOPP, Lodenir. *Fonética e Fonologia*. Texto-base elaborado para o curso de licenciatura e bacharelado em Letras-Libras a distância. Florianópolis: UFSC, 2015.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. *The Signs of Language*. Massachusetts: Harvard University Press, 1988. 432 p.

KOOIJ, E. van der. *Phonological Categories in Sign Language of the Netherlands: The Role of Phonetic Implementation and Iconicity*. 2002. 327f. Tese (Doutorado) - Holland Institute of Generative Linguistics, Netherlands Graduate School of Linguistics, Universiteit Leiden, 2002.

LEI N° 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 abr. 2002, p. 23, col. 3. Autora: Senadora Benedita da Silva (PT/RJ) - PLS 131 de 1996. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 10 de junho de 2021.

LIDDELL, Scott K.. *THINK and BELIEVE: Sequentiality in American Sign Language*. Language, New York City, p. 372-399, jun. 1984.

LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E.. American Sign Language: The Phonological Base. *Sign Language Studies*, Washington, v. 64, n. 1, p. 195-277, 1989.

NOBRE, R. S. *Processo de Grafia da Língua de Sinais: uma análise Fono-Morfológica da Escrita em SignWriting*. 2011. 203f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2011.

PFAU, R. *Sign Language An International Handbook*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019. 184 p. (Linguística para o Ensino Superior).

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos*. São Paulo: Artmed Editora, 2004.

SANDLER, Wendy. The Spreading Hand Autosegment Of American Sign Language. *Sign Language Studies*, Washington, n. 50, p. 1-28. 1986.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. 547 p.

SANTOS, T. B. de S. *Traços distintivos para os pontos de articulação em línguas de sinais: uma revisão conceitual*. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Valéria Simplício da; TELES, Margarida Maria; COSTA, Edivaldo da Silva. Um estudo dos sinais bimanuais da língua brasileira de sinais na sublocação “costas da mão”. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 4, 2019. p. 1-17. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56702>. Acesso em: 05 jul. 2022.

STUMPF, Marianne Rossi; PIZZIO, Aline Lemos; LUCINDA, Jefferson Osiel; QUADROS, Ronice Müller de; CRASBORN, Onno. Signbank da Libras. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5475-5487, 2020.

UPALLA, Ted Roland. *Structure and acquisition of verbs of motion and location in American sign language*. 1982. 135 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia e Psicologia, Universidade da Califórnia, San Diego, 1982.

VAN DER HULST, H. On the other hand. *Lingua*, v. 98, n. 1-3 SPEC. ISS., p. 121–143, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(95\)00035-6](https://doi.org/10.1016/0024-3841(95)00035-6).

XAVIER, A. *Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras)*. Dossiê, v. 15, p. 111–128, 2013.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras)*. 2006. 168f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.



A (IN)DISTINÇÃO MORFOFONOLÓGICA DE NOMES E VERBOS NA LIBRAS

THE MORPHO-PHONOLOGICAL (IN)DISTINCTION OF NOUNS AND VERBS IN LIBRAS

Igor Valdeci Ramos da Silva | [Lattes](#) | igor.silva@outlook.com

UFSC

Aline Lemos Pizzio | [Lattes](#) | alinelemospizzio@gmail.com

UFSC

Resumo: Este artigo investiga a distinção morfofonológica entre nomes e verbos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), fenômeno investigado em outras línguas de sinais, como a American Sign Language (ASL) e a Australian Sign Language (AUSLAN). O parâmetro movimento desses sinais foi analisado em contexto morfossintático para descrever se existe uma distinção morfofonológica baseada na repetição de parâmetros fonológicos (Quadros e Karnopp, 2004; Sobrinho, 2022) ou interpretação morfossintática (Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020) entre substantivos e verbos. Isso significa que um fenômeno da morfologia e suas interfaces foi analisado. Para isso, foram observados dados de produção espontânea da língua, coletados do *Corpus* da Libras UFSC, da Grande Florianópolis. A fim de determinar a categoria gramatical dos sinais analisados, optamos por coletar sinais em unidades sintáticas, com foco para estruturas em que a grade argumental do elemento que estrutura o sintagma permitiu minimizar ambiguidades. Também buscamos observar o *mouthings* como possível elemento fonológico categorizador. Os resultados da análise indicaram inconsistência ao associar o processo morfológico de derivação ao movimento, pois a maior parte dos dados não apresentou o movimento esperado, corroborando os achados de investigações anteriores. As ocorrências do *mouthings* também não demonstram relevância para o fenômeno. Portanto, compreendemos que a distinção entre nomes e verbos é interpretada morfossintaticamente. Além disso, embora as variáveis sociolinguísticas possam ser outra explicação para o fenômeno, dados de outras investigações corroboram os resultados encontrados.

Palavras-chave: Morfologia; Fonologia; Morfossintaxe; Categorização de palavras; Libras.

Abstract: This paper investigates the previously explored phenomenon of morphophonological distinction between nouns and verbs in Brazilian Sign Language (Libras). Similar research has been conducted on sign languages like American Sign Language (ASL) and Australian Sign Language (AUSLAN). We analyze sign movements within syntactic context to describe if a morphophonological distinction exists based on the repetition of phonological parameters (Quadros & Karnopp, 2004; Sobrinho, 2022) or a morphosyntactic interpretation (Minussi & Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020). This means that a phenomenon of morphology and its interfaces has been analyzed. Data from spontaneous language production in the Great Florianópolis Libras Corpus was collected. To determine the grammatical category, signs were collected within syntactic units focusing on structures where the argument structure minimized ambiguity. We also examined mouthing as a potential phonological categorizing element. Analysis results revealed inconsistency in associating morphological derivation with movement, as most data lacked the expected movement, aligning with previous findings. Similarly, mouthing occurrences seem irrelevant. Therefore, we conclude that the distinction between nouns and verbs is interpreted morphosyntactically. While sociolinguistic variables might be another explanation, data from other research supports these findings.

Keywords: Morphology; Phonology; Morphosyntax; Word derivation; Libras.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda um fenômeno linguístico estudado em outras línguas de sinais, como a ASL (Supalla, Newport, 1978), AUSLAN (Johnston, 2001), entre outras, como a RSL (Russian Sign Language), a LIS (Italian Sign Language) (Abner, 2021): a categorização de palavras na Libras, mais especificamente o caso de nomes¹ (N) e verbos (V), definidos pelo processo morfológico de derivação.

A partir das pesquisas mencionadas, além de outras com repercussão para fenômenos morfológicos da Libras (Quadros, Karnopp, 2004; Pizzio, 2011; Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Lavras, 2019; Sobrinho, 2022), a proposta desta investigação é responder às seguintes perguntas: seria possível observar aspectos morfofonológicos, como o parâmetro movimento e o *mouthing*², como elementos da Libras que podem ser

¹ Seguimos a nomenclatura adotada por Pizzio (2011) para nos referirmos a sinais que correspondem a substantivos.

² *Mouthing* – assumimos a ideia apresentada por Sandler e Lillo Martin (2006), de que esse morfema pode ser tanto a articulação de parte da palavra da língua dominante do território (no Brasil, o português) quanto sons e características do que está sendo sinalizado.

associados à distinção de nomes e verbos em dados de produção espontânea da língua, apenas por meio da morfossintaxe? Sendo a morfossintaxe um modo de interpretar as diferentes categorias de palavra, na Libras interpretamos as categorias pelo contexto sintático ou nos valemos da distinção morfofonológica?

Posto que as pesquisas de Pizzio (2011) e Lavras (2019) analisaram dados de produção eliciada, consideramos ser interessante avaliar o fenômeno em dados de produção espontânea, por se tratar da língua em si, realizada sem estímulos nem monitoramento de fala. Além disso, consideramos que Expressões Não Manuais (ENM) pudessem exercer algum papel na distinção, caso o movimento (M) não o fizesse. Desse modo, nesta pesquisa analisamos também o *mouththing* como uma ENM que também poderia marcar a derivação fonologicamente.

Partimos de uma abordagem morfossintática segundo a qual a grade argumental de verbos, em unidades sintáticas da Libras, ao requerer determinadas categorias gramaticais de palavra, como N e V, para satisfazer sua grade, pode permitir observar se o parâmetro M é uma característica morfológica distintiva que pode ser associada ao processo de derivação na Libras, a exemplo de Ferreira (2021). Desse modo, seria possível, inicialmente, certificar que determinado sinal corresponde a um nome e/ou a um verbo, para então observar se o movimento é compatível com o sugerido por Quadros e Karnopp (2004).

Assim, nosso objetivo foi descrever a possibilidade de distinção entre nomes e verbos via repetição do parâmetro fonológico movimento, observando também se o *mouththing* exerce papel morfológico nessa distinção, para compreender se na Libras há distinção morfofonológica ou apenas a interpretação morfossintática das categorias gramaticais de palavra.

Em outras palavras, é possível afirmar que nosso objetivo também é verificar as hipóteses presentes em Quadros e Karnopp (2004), de que a distinção é marcada pelo M, ou as de Minussi e Takahira (2013), Almeida-Silva (2019) e Santos (2020), de que a distinção é marcada de modo morfossintático, ou seja, interpretada por meio da sintaxe.

Este estudo se justifica por alguns pontos principais: primeiro, por avançar na discussão, a partir da Libras, de um fenômeno linguístico amplamente investigado em diversas línguas de sinais, a exemplo de Abner (2021). Segundo, por contribuir para o que já vem sendo sugerido pela literatura (Quadros, Karnopp, 2004; Pizzio, 2011; Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Lavras, 2019; Santos, 2020; Sobrinho, 2022). Além disso, a partir dos resultados, é possível compreender melhor a morfologia da Libras e,

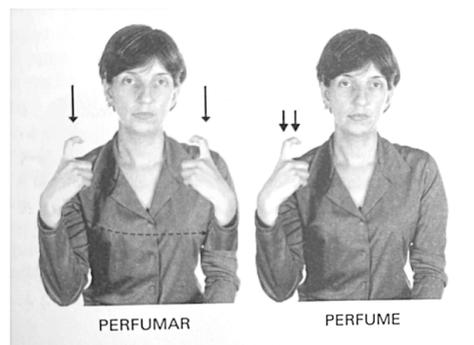
consequentemente, aspectos que revelam características tipológicas da Libras, ou seja, conhecer quais aspectos são semelhantes e distintos em relação a outras línguas de sinais. Assim, os resultados podem contribuir para a descrição das características da Libras e, consequentemente, para seu aprendizado, a partir da explicitação de suas idiossincrasias.

A ATUAL DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM PESQUISAS DA LIBRAS

Para a morfologia do português, um exemplo de derivação pode ser o que ocorre pelo acréscimo de um sufixo. O substantivo “valor”, com o acréscimo do sufixo “-izar”, forma o verbo “valorizar”, por exemplo. Desse modo, tem-se a derivação de um substantivo³ em um verbo ou de uma categoria de palavra em outra.

Dentre as línguas de sinais já investigadas, o estudo de Supalla e Newport (1978) demonstra que a ASL marca a derivação e a distinção de nomes e verbos morfofonologicamente, ou seja, uma alteração no parâmetro fonológico movimento (M) distingue nomes de verbos. Supalla e Newport (1978) observaram que, em geral, verbos possuem um único movimento alongado, enquanto nomes teriam o movimento encurtado e, por vezes, repetido, o que tem sido chamado de reduplicação. A figura 1 apresenta um possível exemplo da Libras.

Figura 1 – Exemplo da Libras da generalização da ASL: a repetição do parâmetro movimento (M) distingue nomes (N) de verbos (V)



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

³ A fim de respeitar e seguir a nomenclatura adotada em outras pesquisas de línguas de sinais, como a de Supalla e Newport (1978), além de outras referências, como Quadros e Karnopp (2004), optamos por usar nome sempre que estivermos tratando de substantivos em línguas de sinais.

Em sua obra seminal para o campo de estudos linguísticos da Libras no Brasil, Quadros e Karnopp (2004) sugerem que essa língua possa marcar a derivação do mesmo modo que a ASL. A figura 1 demonstra o par semântico PERFUMAR / PERFUME na Libras. Para as autoras, o verbo apresenta apenas um movimento longo, enquanto o nome apresenta dois movimentos, curtos e repetidos. Desse modo, assim como em português, sinais que pertencem a diferentes categorias de palavras apresentariam características fonológicas distintas para a morfologia. A partir desse pressuposto, pesquisadores como Pizzio (2011) e Lavras (2019) dedicaram seus estudos à investigação desse fenômeno na Libras. Outros exemplos comuns na literatura podem ser os pares semânticos TELEFONE / TELEFONAR e SENTAR / CADEIRA, conforme figura 2.

Figura 2 – Exemplos de possível derivação na Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Após Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) estudou processos de formação de palavras na Libras. Para a autora, a língua brasileira de sinais é “uma língua flexional, com características de língua aglutinante, por conta dos processos de composição e incorporação” (p. 9). Seu estudo elenca percepções gerais acerca dos processos de formação de palavras na Libras, delineando caminhos a serem explorados por pesquisas futuras.

Pizzio (2011), em sua pesquisa de doutorado, investigou a derivação de nomes e verbos na Libras a partir de dados obtidos por coleta de método eliciado, na região da grande Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Os testes para observar os pares semânticos de sinais consistiram em apresentar imagens para estimular a produção dos sinais correspondentes às categorias N e V, para então observar o parâmetro M. A fim de certificar os resultados, também houve uma comparação dos sinais a partir de seus registros em dicionários. Desse modo, os resultados da pesquisa sugerem que a Libras não apresenta

a distinção morfofonológica para as categorias de palavra nome e verbo, pois não houve consistência nos movimentos para corroborar a sugestão de Quadros e Karnopp (2004).

Apesar de dedicar seu estudo mais especificamente à formação de sinais por meio da composição, vale mencionar a pesquisa de Minussi e Takahira (2013), pois os autores também descreveram o fenômeno da formação de palavras na Libras ao observarem a distinção de nomes e verbos, sob a perspectiva teórica gerativa para a morfologia: a Morfologia Distribuída (MD). A partir de sua análise de dados, os autores propõem a existência de dois tipos de raiz na Libras: um tipo que contém o traço movimento e um que não contém, sendo o traço movimento associado posteriormente. Isso significa que, nessa proposta, o movimento não necessariamente exerce função distintiva das categorias de palavras, mas a distinção seria interpretada sintaticamente, a exemplo do que defende Almeida-Silva (2019).

Outra pesquisa dedicada a investigar o fenômeno foi a de Lavras (2019), realizada na Bahia durante o curso de mestrado da pesquisadora. Os dados analisados, produzidos a partir dos mesmos pares semânticos de Pizzio (2011), também obtidos por meio de testes com produção de sentenças, corroboram os resultados dessa autora, ao apresentar as mesmas inconsistências em relação ao parâmetro movimento enquanto traço distintivo das categorias de palavra.

Santos (2020) realizou um estudo a partir de uma perspectiva gerativa da morfologia, assumindo que categorias gramaticais de palavras são formadas sintaticamente. A partir disso, compreende que a forma fonológica que emerge para a superfície a partir da sintaxe pode passar a ser a mesma para sinais que correspondem a nomes e verbos. Com análise de oito pares de sinais, que considera os mais analisados em pesquisas anteriores, a saber TRABALHO_TRABALHAR, ESCOVA DE DENTES_ESCOVAR DENTES, TESOURA_CORTAR-COM-TESOURA, ESCRITA_ESCREVER, AVIÃO_IR-DE-AVIÃO, CARRO_DIRIGIR-CARRO,FACA_CORTAR-COM-FACA,DANÇA-DANÇAR, a autora, em suas conclusões, sugere que o morfema BOCA atua como um categorizador de palavras e que, quando o movimento não está concatenado à raiz, a marcação de categorias gramaticais ocorre na sintaxe.

Sobrinho (2022), em sua pesquisa de mestrado, investigou os significados de diferentes tipos de movimento (M) na Libras. O autor analisou movimentos de tipo “curto amplo; rápido x lento; tenso x suave; iniciativo x cursivo x terminativo x repetido; durativo/continuativo x iterativo / descontínuo; unidirecional x bidirecional x multidireccio-

nal” (p. 149). O autor selecionou e analisou dados em seu contexto de produção, pois, para ele, não há como analisar esses aspectos apenas olhando para o sinal, uma vez que o contexto de produção colabora para a definição de significados. Sua análise sugere que o tipo do movimento desempenha papel adverbial e de mudança de categoria gramatical de palavra, como o caso de N e V. Para ele, não é apenas a repetição do parâmetro M que expressa fonologicamente o processo morfológico de derivação, mas a intensidade do movimento. Em suas próprias palavras, quando o M é “realizado de forma mais curta e tensa, objetiva e direta, muda de categoria” (p. 150). Ou seja, o autor sugere que tanto a marca morfofonológica quanto o contexto enunciativo são relevantes para distinção de N e V.

Desse modo, essas pesquisas sugerem duas perspectivas para que possamos estender a generalização da ASL sobre o parâmetro M ser associado à derivação e distinção de categorias de palavras na Libras, pois algumas pesquisas (Sobrinho, 2022) corroboram parcialmente a afirmação de Quadros e Karnopp (2004), enquanto outras (Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020) sugerem interpretação na sintaxe ou no contexto (Sobrinho, 2022), para a compreensão da categorização de palavras na língua.

CONTEXTO MORFOSSINTÁTICO DE OBTENÇÃO DOS DADOS

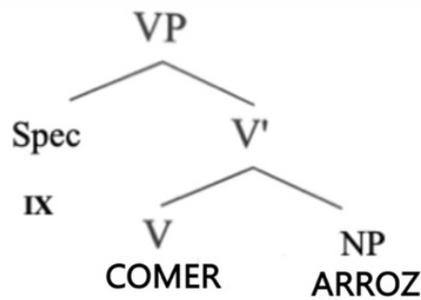
A fim de certificarmos que cada sinal analisado correspondia às categorias nome e verbo, assumimos a proposta de Almeida-Silva (2019), segundo a qual “a língua distingue sintaticamente os verbos de seus argumentos” (p. 101).

A partir disso, é possível compreender que a morfossintaxe, no que diz respeito à grade argumental de itens que estruturam uma Unidade Sintática (US), nos auxilia a minimizar ambiguidades em relação à natureza categorial dos itens lexicais analisados, a exemplo do que é proposto por Ferreira (2021).

Desse modo, conforme discutido por Almeida-Silva (2019) e Ferreira (2021), foram coletadas Unidades Sintáticas (US)⁴ a partir da grade argumental de N e V que aceitam as categorias N e V como argumento interno.

⁴ Royer (2019), define Unidade Sintática (US), como os segmentos do discurso em Libras, por meio de pausas, como ao repousar as mãos, por exemplo (p. 98).

Figura 3 – Representação de unidade sintática da Libras



Fonte: Silva (2020, p. 30)

Um exemplo de US é o apresentado na figura 3, em que é possível observar a grade argumental satisfeita do verbo COMER. Ao coletar um sintagma como esse, foi possível ter certeza de que o sinal que estruturou o sintagma se trata de um verbo, o que torna possível observar se o movimento corresponde à generalização da ASL, bem como se o *mouthing*, quando presente, colabora para distinguir as categorias de palavra.

Cabe registrar que nem sempre uma US tem suas fronteiras claras como no exemplo da figura 3. Para momentos em que coletamos US em sentenças do tipo relativas e/ou QU, usamos estratégias como a de Royer (2019), que considera pausas e repousos de mão como fronteiras, além do exemplo de Figueiredo e Lourenço (2019), que observaram as demarcações de fronteiras sintáticas a partir do movimento de sobrancelhas, em sentenças como relativas e QU.

MÉTODO

A fim de constituir o *corpus* de análise da investigação, dados de produção espontânea do Projeto *Corpus* da Libras – UFSC foram coletados do subprojeto Inventário da Libras, com 24 sinalizantes⁵ da grande Florianópolis que participaram na coleta para o projeto.

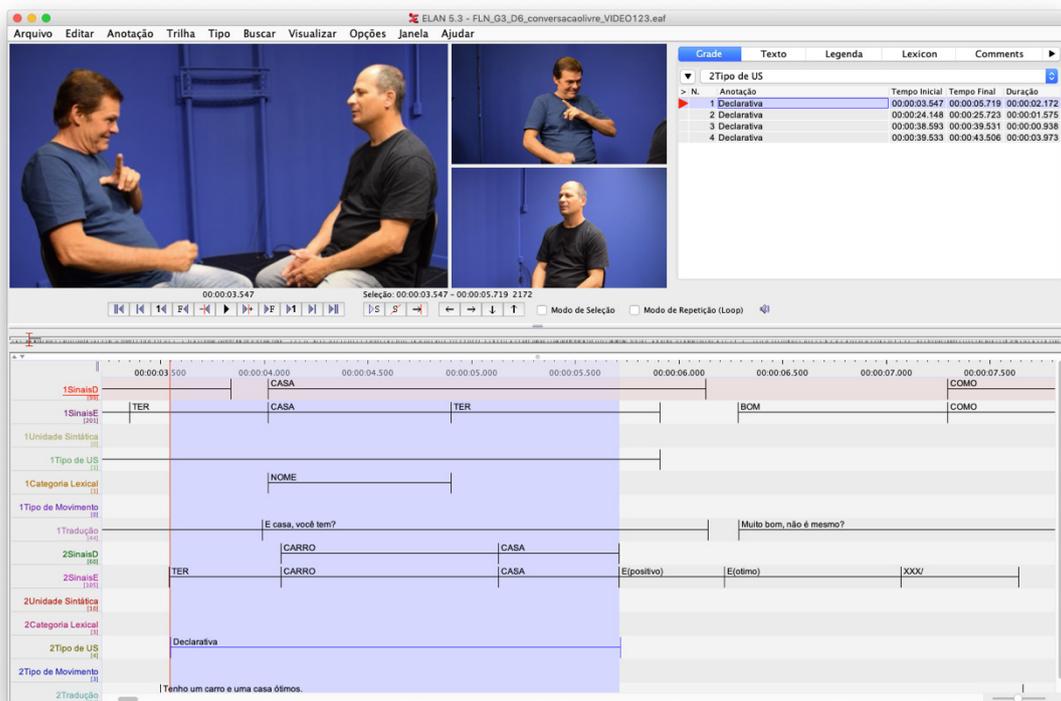
Dos temas de vídeo que constituem esse *corpus*, foram escolhidas as categorias: entrevista, conversação livre, conversação sobre tecnologia. A motivação para escolha desses temas deu-se pelo fato de os participantes estarem mais relaxados, sem reproduzir uma narrativa, por exemplo. Isso significa que a produção da língua é a mais espontânea possível para o momento, de modo que um possível monitoramento seja minimizado. De todo modo, foram excluídos trechos em que o sinalizante aparentava monitorar e con-

⁵ Optamos por nos referir às pessoas que falam em Libras por sinalizantes.

trolar sua sinalização, como ao olhar para a câmera, a exemplo do que preconizou Labov (2008 [1972]).

Para realizar a busca dos pares semânticos estabelecidos por Pizzio (2011), criamos um banco de dados com arquivos .eaf, que correspondem a transcrições de dados do *software* de anotações ELAN. As transcrições básicas que permitiram realizar as buscas e analisar os dados foram realizadas pela equipe do Projeto *Corpus* da Libras – UFSC e coletadas com os vídeos na página da iniciativa.

Figura 4 – Transcrição no software ELAN



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa de Silva (2020).

A figura 4 demonstra como são analisados os sinais encontrados, pois criamos trilhas de transcrição adicionais para descrever aspectos de interesse desta pesquisa, de acordo com seu objetivo, sendo estas: Tipos de US (declarativa, QU, relativa etc.), Categoria Lexical do Sinal (N ou V), Tipo de Movimento (1 longo, 2 repetidos), *mouthing*.

Schwager e Zeshan (2010) destacam alguns problemas metodológicos para a descrição de línguas de sinais, associados ao fator modalidade da língua, já que as línguas de sinais têm sido estudadas mais recentemente em comparação a línguas de modalidade

oral-auditiva. Nesse sentido, buscamos propor alguns critérios, de ordem sintático-semântica, para selecionar dados e para sua posterior análise, conforme resumido no quadro 1.

Quadro 1 – Síntese de critérios para seleção e análise de dados

| Critérios para seleção e análise de dados |
|---|
| 1. Selecionar sinais com ocorrência igual ou superior a quinze. |
| 2. Descartar ocorrências em trilha de tradução e/ou comentários do tradutor. |
| 3. Selecionar verbos manuais e classificadores, incluindo DV. |
| 4. Dar preferência a sinais em estrutura SVO e descartar ocorrências cujo predicador aceite ambas as CGs. |
| 5. Utilizar sentenças de ordem não canônica para analisar apenas verbos. |
| 6. Selecionar USs estruturadas por um nome, como <i>small clauses</i> . |
| 7. Descartar dados com monitoramento de fala. |
| 8. Adequar as transcrições já prontas, quando necessário, de acordo com o conhecimento de língua do pesquisador. |
| 9. Analisar os sinais mesmo sem ser em pares, pois já é possível obter evidências da generalização fonológica associada à CG. |

Fonte: Silva (2020, p.72).

Optamos por selecionar sinais com ocorrência igual ou superior a quinze pois foi a quantidade mínima de um mesmo sinal que encontramos nas buscas. Descartamos ocorrências em trilhas que não fossem de transcrição, pois não eram representação da Libras, mas do português, que não foi objeto de investigação. Buscamos selecionar verbos, classificadores e DVs (descrições visuais – pois podem ser objeto/substantivo) em Unidades Sintáticas (USs) com estrutura SVO, pois é mais evidente pela posição argumental o que vem a ser um V e/ou N. Os critérios 5 e 6 foram elaborados a fim de busca e seleção de dados, mas não foram utilizados, uma vez que não encontramos ocorrências nesse tipo de estrutura.

No que diz respeito à espontaneidade e naturalidade dos dados, foram descartadas ocorrências em que era evidente que o sinalizante havia copiado o sinal do entrevistador, ou estava monitorando sua fala por conta das câmeras. Ou seja, buscamos analisar ocorrências apenas quando era evidente que o sinalizante estava sinalizando sem interferências.

Por fim, alteramos as transcrições que consideramos ser necessárias para a Glosa, o que realmente correspondia ao sinal, pois às vezes se tratava de algo que o transcritor compreendia, e não do que está difundido como o nome do sinal em bancos de sinais,

como o *SignBank* e dicionários. Isso é natural, dado que várias pessoas realizam o trabalho de transcrição no Corpus da Libras – UFSC. Além disso, analisamos sinais mesmo sem seu par correspondente, uma vez que buscamos os pares elencados em Pizzio (2011), pois consideramos que, já que a generalização associa M repetidos a N, avaliá-los a presença / ausência desse traço fonológico dos sinais coletados, assim sem prejuízo para a análise, pois é evidente que o que está em questão é a repetição do movimento desses sinais e se ele corresponde ao proposto para a ASL.

Desse modo, seguindo os critérios estabelecidos, pudemos nos certificar de que os dados do *corpus* elaborado atendem ao objetivo da investigação do fenômeno morfológico derivação em Libras, tendo obtido os sinais apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Sinais analisados e ocorrências no corpus

| Verbo | Ocorrências | Nome | Ocorrências |
|--------------|--------------------|--------------|--------------------|
| COMER | 96 | FUTEBOL | 15 |
| BRINCAR | 134 | CARRO | 228 |
| SENTAR | 141 | TELEFONE | 78 |
| SONHAR | 45 | Total | 336 |
| CASAR | 273 | | |
| CHORAR | 49 | | |
| PENSAR | 399 | | |
| Total | 1154 | | |

Fonte: Silva (2020, p. 69).

Finalmente, é importante salientar que os dados obtidos a partir dos critérios elaborados são reflexo da natureza dos dados escolhidos para análise. Quando a natureza do *corpus* de análise é de produção espontânea, não há como controlar o que será analisado, pois é possível analisar somente o que é encontrado.

ANÁLISE E RESULTADOS

A fim de compreender melhor os resultados, é importante reafirmar que, de acordo com o que foi sugerido por Quadros e Karnopp (2004), V apresentam apenas um movimento longo, enquanto N apresentam o mesmo movimento de forma repetida e encurtada, ou seja, dois movimentos. Nos quadros 3 e 4, podemos observar dados em que o sinal apresenta o tipo de movimento (M) contrário ao sugerido pelas autoras.

Quadro 3 – Representação para US com o verbo COMER em Libras

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|---------------------------------|--------|-------|-------|-------|-------------------|--|--|-------|-------|---------------------------|-------------|--|--|--|---------------------------|-------|--|--|--|--------------------------|----------|--|--|--|------------------|---|--|--|--|--------------------------|--|--|--|--|--|
| VÍDEO: FLN_G3_D6_2entrevista_VIDEOS123 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| NÚMERO DE OCORRÊNCIAS: 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| SINALIZANTE 17 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|  | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| COMER | Link para vídeo | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| <table border="1"> <tr> <td>1SinaiD [830]</td> <td>IX(eu)</td> <td>COMER</td> <td>ARROZ</td> <td>CARNE</td> </tr> <tr> <td>1SinaiE [1329]</td> <td></td> <td></td> <td>ARROZ</td> <td>CARNE</td> </tr> <tr> <td>1Unidade Sintática [1]</td> <td colspan="4">Declarativa</td> </tr> <tr> <td>1Categoria Lexical [1]</td> <td colspan="4">Verbo</td> </tr> <tr> <td>1Tipo de Moviment [1]</td> <td colspan="4">2 curtos</td> </tr> <tr> <td>1Mouthing [1]</td> <td colspan="4">ø</td> </tr> <tr> <td>1Tipo de Mouthing [6]</td> <td colspan="4"></td> </tr> </table> | 1SinaiD [830] | IX(eu) | COMER | ARROZ | CARNE | 1SinaiE [1329] | | | ARROZ | CARNE | 1Unidade Sintática [1] | Declarativa | | | | 1Categoria Lexical [1] | Verbo | | | | 1Tipo de Moviment [1] | 2 curtos | | | | 1Mouthing [1] | ø | | | | 1Tipo de Mouthing [6] | | | | | |
| 1SinaiD [830] | IX(eu) | COMER | ARROZ | CARNE | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1SinaiE [1329] | | | ARROZ | CARNE | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1Unidade Sintática [1] | Declarativa | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1Categoria Lexical [1] | Verbo | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1Tipo de Moviment [1] | 2 curtos | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1Mouthing [1] | ø | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1Tipo de Mouthing [6] | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Fonte: Silva (2020, p. 77)

O V COMER apresenta dois movimentos encurtados, como é possível observar. Já o N TELEFONE apresenta apenas um movimento, conforme representação do quadro 4.

Quadro 4 – Representação para US com o nome TELEFONE em Libras

| | |
|---|---------------------------------|
| VÍDEO: FLN_G2_D6_CONVER_TecnologiaIC_VIDEO123 | |
| NÚMERO DE OCORRÊNCIAS: 3 | |
| SINALIZANTE 12 | |
|  | |
| TELEFONE | Link para vídeo |

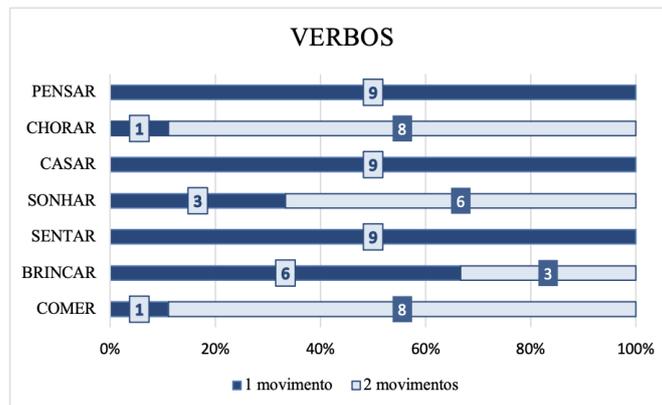
| | | | |
|---------------------------|-------------|----------|-------------|
| 1SinaiD [281] | NOVO | TELEFONE | DESENVOLVER |
| 1SinaiE [154] | | | DESENVOLVER |
| 1Unidade Sintática [1] | Declarativa | | |
| 1Categoria Lexical [1] | Nome | | |
| 1Tipo de Moviment [1] | 1 longo | | |
| 1Mouthing [1] | ø | | |
| 1Tipo de Mouthing [6] | | | |

Fonte: Silva (2020, p. 155)

Em termos de quantidade de todos os sinais encontrados e analisados que correspondem à categoria de palavra verbo, 60% apresentaram apenas um movimento.

Gráfico 1 – Porcentagem de tipo de movimento em cada V

Gráfico 2: Porcentagem de movimento de cada verbo

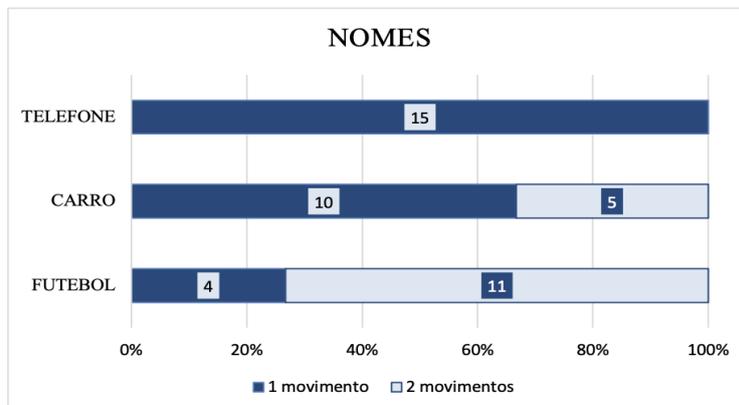


Fonte: Silva (2020, p. 79).

Em relação a nomes, a maioria, 64%, também apresentou apenas um movimento.

Gráfico 2 – Porcentagem de tipos de movimento em N

Gráfico 4: Porcentagem de movimento de cada nome



Fonte: Silva (2020, p. 80).

No que diz respeito ao *mouthing*, dos 24 participantes, apenas sete realizaram a articulação boca. Dos 1490 sinais analisados, apenas dez apresentaram *mouthing*, dos quais apenas seis com função distintiva entre as categorias de palavra, para marcar a categoria verbo.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa podem indicar que a Libras não apresenta distinção categórica a partir do parâmetro fonológico Movimento para verbos e nomes. Porém, deve-se atentar ao fato de que os dados de produção espontânea aqui analisados são de uma amostra local, da grande Florianópolis.

Apesar disso, é interessante comparar os resultados com outras pesquisas, como a de Pizzio (2011) e de Lavras (2019). Essas pesquisas foram realizadas com dados coletados em outras regiões do país, Rio Grande do Sul e Bahia, respectivamente, e tiveram resultados semelhantes, que apontam a falta de distinção categórica associada ao M. Isso sugere que há uma possibilidade de que a falta de padrão de Movimento para sinais que correspondem a N e V possa ser uma característica da Libras de modo geral.

No que diz respeito ao *mouthing*, os resultados da análise apontam que ele não demonstrou exercer função distintiva relevante na amostra investigada. Contudo, não é possível afirmar que a articulação boca não desempenhe papel morfológico na Libras.

É possível que exista uma relação entre a realização do morfema com algumas características dos participantes da pesquisa, como o grau de oralização e de conhecimento da Libras; com o momento em que adquiriram sua L1, no sentido de ter sido uma aquisição precoce ou tardia; outra variável também pode ser o domínio da língua portuguesa associado ao grau de surdez.

Isso significa que outras variáveis, de caráter sociolinguístico, podem estar atuando na ausência ou presença do *mouthing* na amostra, o que requer investigações futuras que levem em consideração esses aspectos dos participantes como fator que possa interferir nos dados.

Em relação às hipóteses iniciais, de que apenas o contexto morfossintático seja relevante para a compreensão e distinção das categorias N e V ou de que a marca morfofonológica seja o que permite a interpretação, os dados demonstram que as afirmações de Minussi e Takahira (2013), Almeida-Silva (2019), Santos (2020) e Sobrinho (2022) estavam corretas. Isso significa que, ao menos no *corpus* analisado nesta pesquisa, o contexto sintático das sentenças em que os sinais foram analisados foi suficientemente relevante

para compreender se os itens lexicais eram nomes ou verbos, já que não há articulação fonológica para distinção das categorias gramaticais de palavra na Libras.

A partir desses resultados e do caráter do *corpus*, é possível concluir que talvez exista uma correlação com aspectos sociolinguísticos, ou seja, que as características sociais dos 24 sinalizantes surdos da amostra de dados proveniente da grande Florianópolis possam estar evidenciando um estado da língua em processo de mudança. Além disso, os resultados também podem estar relacionados à variável idade dos participantes e a seu nível de escolaridade.

No que diz respeito ao perfil de aquisição da língua dos participantes da pesquisa, os dados sugerem poder haver relação com o perfil de aquisição precoce ou tardia dos surdos participantes, atuando como uma variável que pode ter interferido nos resultados.

Apesar de os resultados de caráter sociolinguístico não terem sido de interesse deste estudo, salientamos que pesquisas de duas diferentes regiões do país apresentaram os mesmos resultados: a de Pizzio (2011), com dados do Rio Grande do Sul, e a de Lavras (2019), com dados da Bahia. Isso significa que, independentemente do perfil sociolinguístico do *corpus*, esta pesquisa reforça que a falta de distinção morfofonológica em substantivos e verbos da Libras pode ser algo da língua de modo geral. Porém, apenas a análise de amostras em nível nacional, incluindo de outras localidades, pode realmente assegurar que os resultados não estejam apontando para uma característica local dos dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permite observar, de acordo com seu objetivo principal, qual seja, o de *compreender se na Libras há distinção morfofonológica ou apenas interpretação morfossintática das categorias gramaticais de palavra*, que não há regularidade na distinção morfofonológica entre nomes (substantivos) e verbos. Foi possível compreender que a diferença na natureza dos dados não interferiu nos resultados, que são semelhantes aos de pesquisas com dados de outras regiões do país (Pizzio, 2011; Lavras, 2019). Desse modo, esta pesquisa corrobora o que afirmam outros pesquisadores (Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020; Sobrinho, 2022), que o contexto em que o sinal se encontra é relevante para interpretação de que um sinal é N ou V.

Assim, a partir da pesquisa de Minussi e Takahira (2013), é possível concluir que a abordagem teórica da Morfologia Distribuída explica suficientemente o fenômeno em questão, de que a categorização de palavras ocorre ao longo da computação sintática,

tornando a forma fonológica irrelevante, nesse caso. Essa ideia corrobora o que sugerem outros pesquisadores, como Lourenço (2018), Almeida Silva (2019) e Santos (2020), além de Sobrinho (2022), ainda que este último tenha encontrado também a distinção via movimento em seus dados.

Apesar de os resultados sugerirem que a Libras não evidencia com traço realizado fonologicamente a derivação, em outras palavras, com a articulação repetida do M, o presente estudo permite compreender que outras questões, de caráter sociolinguístico, podem estar atuando para que isso aconteça. Desse modo, o campo de pesquisas da Libras ainda oferece muito a ser explorado no que diz respeito ao nível de análise linguística da morfologia e suas interfaces, bem como ao que pode caracterizar ainda mais sua tipologia.

Referências

ABNER, N. Determiner Phrases: theoretical perspectives. In: QUER, J. *et al.* *The Routledge Handbook Of Theoretical And Experimental Sign Language Research*. New York: Routledge, 2021.

ALMEIDA-SILVA, A. A *(in)definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica*. 2021. 351 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.

FERREIRA, H. C. *A estrutura argumental e a voz reflexiva e reflexiva recíproca na Língua de Sinais Brasileira*. 2021. 229 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

FIGUEIREDO, L. M. B; LOURENÇO, G. O movimento de sobrelhas como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. *Revista da Anpoll*, [S.L.], v. 1, n. 48, p. 78-102, 25 jun. 2019.

JOHNSTON, T. Nouns and verbs in Auslan (Australian Sign Language): an open and shut case? *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 6, n. 4, 2001. p. 235-257.

LAVRAS, E. *A questão da categorização morfológica para nome e verbo na Libras*. Dissertação. (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MINUSSI, R. D.; TAKAHIRA, A. G. R. Observações sobre os compostos da Libras: a interpretação das categorias gramaticais. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 9, n. 1, jun. 2013.

PIZZIO, A. L. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROYER, M. *Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do corpus da grande Florianópolis*. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SANTOS, H. R. Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras. *Scripta*, v. 24, n. 51, p. 488-513, 23 set. 2020.

SILVA, I. V. R. *Aspectos de nomes e verbos na Libras: identificação morfosintática*. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOBRINHO, P. L. S. *Os papéis morfológicos do movimento e seus efeitos sobre o significado em contextos sinalizados em língua brasileira de sinais: algumas reflexões*. 2022, 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In: SIPLÉ, P. (Org.). *Understanding Language through Sign Language Research*. New York: Academic Press, 1978.

SCHWAGER, W; ZESHAN, U. Word classes in sign languages: criteria and classifications. In: ANSALDO, U; PFAU, R. *Parts of Speech*. Empirical and theoretical advances. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 5-42.



POTENCIALIDADES SEMÂNTICO-LEXICAIS NA (RE)CONSTRUÇÃO DO REFERENTE EM LÍNGUAS DE SINAIS

SEMANTICO-LEXICAL POTENTIALS IN THE (RE)CONSTRUCTION OF THE REFERENT IN SIGN LANGUAGES

Leidiani Reis | [Lattes](#) | leidianireis@hotmail.com

UFFS

Ronice Muller de Quadros | [Lattes](#) | ronice.quadros@ufsc.br

UFSC

Resumo: A (re)construção referencial significativa é permeada pela progressão de objetos do discurso, o que implica, por parte dos interlocutores, escolhas lexicais reveladas a partir de atividades cognitivas, sociais e interacionais no próprio entorno discursivo em que esses se encontram (Reis; Quadros, 2023). Nesse sentido, a partir da perspectiva teórica da Linguística Textual e da Semântica Lexical, com enfoque nos estudos das línguas de sinais, esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a (re)construção do referente no espaço discursivo de sinalização e as suas relações semântico-lexicais, especificamente em Libras, diante de ocorrências de anáforas diretas por hiperonímia em recortes textuais da Língua Portuguesa (LP). Com o intuito de atender o objetivo em questão, é assumida como metodologia a pesquisa de natureza básica, de cunho qualitativo, baseada em uma perspectiva de revisão bibliográfica, bem como documental. Assim sendo, a pesquisa é constituída pelo *Corpus* Paralelo Português-Libras, orientado pela Linguística de *Corpus*. Tendo em vista que a Libras, assim como qualquer língua de sinais, é organizada espacialmente, simultaneamente e de forma visual, tivemos poucos casos semelhantes aos que foram adotados na língua de partida (LP). A maioria das análises nas glosas-Libras apresentou características da própria língua na constituição do processo referencial semântico-lexical. Em outras palavras, no que diz respeito à (re)construção do referente no espaço discursivo de sinalização e as suas relações semântico-lexicais em Libras, é possível destacar que os elementos lexicais não se restringem às suas características dadas a priori, mas atualizam-se no espaço discursivo de sinalização, ganhando novos sentidos, revelando, assim, o caráter criativo do encadeamento textual, em que os referentes alcançam diferentes potencialidades semântico-lexicais durante o processo referencial.

Palavras-chave: Língua de sinais; Referenciação; Perspectiva semântico-lexical; Hiperonímia.

Abstract: The significant referential (re)construction is permeated by the progression of discourse objects, which implies, on the part of the interlocutors, lexical choices revealed from cognitive, social and interactional activities in the discursive environment in which they find themselves (Reis; Quadros, 2023). In this sense, from the theoretical perspective of Text Linguistics and Lexical Semantics, with a focus on the studies of sign languages, this work aims to reflect on the (re)construction of the referent in the discursive space of signage and its semantic-lexical expressions, specifically in Libras, in the face of occurrences of direct anaphora due to hyperonymy in textual excerpts from the Portuguese Language (LP). In order to meet the objective in question, research of a basic nature, of a qualitative nature, based on a bibliographical review perspective, as well as documents, is adopted as a methodology. Therefore, the research consists of the Portuguese-Libras Parallel Corpus, guided by Corpus Linguistics. Considering that Libras, like any sign language, is organized spatially, simultaneously and visually, we had few cases similar to those adopted in the source language (LP). Most of the analyzes in the Libras glosses presented characteristics of the language itself in the constitution of the semantic-lexical referential process. In other words, with regard to the (re)construction of the referent in the discursive space of signaling and its semantic-lexical relationships in Libras, it is possible to highlight that the lexical elements are not restricted to their characteristics given a priori, but update them. in the discursive space of signaling, gaining new meanings, thus revealing the creative character of the textual chain, in which the referents reach different semantic-lexical potentialities during the referential process.

Keywords: Sign language; Referencing; Semantic-lexical perspective; Hyperonymy.

Introdução

Partindo da compreensão de língua como atividade sociocognitivainteracional e dos estudos da Linguística Textual acerca da Referenciação, assim como dos trabalhos sobre a Semântica Lexical, compreendemos que os processos referenciais significativos são produzidos na interação, tendo como base atividades cognitivas, sociais e o próprio entorno discursivo em que os falantes se encontram. Assim sendo, tanto em uma modalidade de língua quanto em outra, a Referenciação se configura não apenas como um recurso de retomada de entidades do mundo, ou seja, ela não diz respeito a simples rótulos usados para designar as coisas do mundo (Koch; Marcuschi, 1998), mas, muito além

disso, retrata uma forma de construção e reconstrução de objetos do discurso realizados por sujeitos, em um processo de interação, o que significa dizer que carrega, entre outros aspectos, os interesses e os pontos de vista dos interlocutores envolvidos no processo discursivo. Os objetos do discurso, sendo construídos e reconstruídos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados e como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são desenvolvidos conforme o contexto de interação (Mondada; Dubois, 2003).

Em se tratando da relação entre a LP e a Libras diante dos processos de Referenciação, podemos inferir que há complexidades e singularidades que denotam diferenças relevantes quanto à operação linguística referencial, principalmente no que diz respeito às relações semântico-lexicais imbricadas. Nesse contexto, Ferreira Brito (2010) entende que a “Referência em Libras funciona de maneira similar àquela das línguas orais, tais como o Português. Entretanto, [...] observa-se algumas especificidades que, provavelmente, são devidas à modalidade espaço-visual de língua” (Ferreira Brito, 2010, p. 115), entre elas supomos, por exemplo, a construção do referente em pontos específicos no espaço de sinalização, o qual conduz toda cadeia referencial semântico-lexical, que surge de modo natural com a língua em uso, sendo manifestada por itens léxico-gramaticais e, por isso, se organizam para constituírem um texto sinalizado (SOARES, 2019).

A partir do exposto, buscamos responder, nesse trabalho¹, às seguintes indagações: (i) Como a anáfora direta por hiperonímia que se realiza na Língua Portuguesa ocorre na Libras, considerando-se a diferença de modalidade entre as duas línguas? (ii) Como se dá o processo de significação textual na Libras, tendo em vista as escolhas lexicais do sinalizante no espaço discursivo? Nesse contexto, conforme mencionado, o objetivo desse artigo é refletir sobre a (re)construção do referente no espaço discursivo de sinalização e as suas relações semântico-lexicais especificamente em Libras, diante de ocorrências de anáforas diretas por hiperonímias em recortes textuais da Língua Portuguesa (LP).

Para isso, foi desenvolvido um Corpus Paralelo Português-Libras, orientado pela Linguística de Corpus. Em outras palavras, primeiramente, foram selecionados e coletados recortes textuais escritos, compostos minimamente pela anáfora e seu antecedente em língua portuguesa, extraídos de fontes diversas, a partir de múltiplos gêneros discursivos, a fim de não haver uma motivação de um uso específico de determinada anáfora. Com esses textos selecionados, o próximo passo foi submetê-los ao sujeito surdo - considerado bilíngue - para a tradução em Libras, mediante a filmagem. Com a filmagem do

¹ Este artigo é um recorte da Tese de Doutorado de Reis (2019), desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

recorte textual sinalizado por um surdo nato, o procedimento seguinte foi transcrever esse texto para a glosa-Libras, com auxílio do software ELAN. Com o Corpus Paralelo Português-Libras organizado, foi possível então realizar as análises dos processos referenciais desenvolvidos por sujeitos surdos na Libras diante das ocorrências de anáforas diretas por hiperonímias em recortes textuais da Língua Portuguesa (LP).

Mecanismos Semântico-lexicais de Referência nas Línguas de Sinais

Pizzuto et al. (2006) discutem sobre os fatores específicos das línguas de sinais que afetam a construção referencial no espaço discursivo de sinalização. Esses pesquisadores definem as estruturas dêitico-anafóricas como recurso de coesão textual que permitem a falantes ou sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no discurso, simultaneamente.

A partir de uma análise comparativa de narrativas sucintas produzidas na ASL, na LSF e na LIS, a pesquisa proporciona evidências importantes sobre o processo referencial nas três LSs. Mais especificamente, os dados analisados permitem avaliar a influência das relações entre as línguas a respeito dos referidos fenômenos investigados. Os autores propõem duas grandes classes de dêitico-anafóricos, nas línguas visuoespaciais: (i) Classe ‘padrão’, realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘loci’). Nessa classe, os referentes podem ser simbolicamente atribuídos. Alguns fatores são relevantes para o processo anafórico nessa classe, entre eles: i) a direção do olhar: a anáfora ocorre com a marcação acentuada da direção dos olhos; ii) a soletração (datilologia): o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração, e a relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência, como no exemplo: <ELA M-A-R-I-A>; e iii) a locação: apontamento direcionado no espaço. (ii) A classe de complexas unidades manuais e não manuais, que não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades apresentam características altamente icônicas – denominadas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) ou ‘Transferências’ (Cuxac, 2000) - e são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial (Classificadores²) e por expressões faciais marcadas e/ou modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’.

Conforme a análise desses autores, as LS oferecem duas maneiras de produzir significado: “dizer sem mostrar”, por meio do léxico padrão e da apontação; e “dizer e mostrar”, utilizando-se as EAI/Transferências. Para os pesquisadores:

² Nesse contexto, os Classificadores são caracterizados pelo ato de dizer e mostrar iconicamente ao mesmo tempo/ilustrar o que se diz.

In SL, unlike in verbal languages, there are two ways of signifying: either by ‘telling and showing’, thereby producing HIS or ‘Transfers’ that are unique of the signed modality, or by ‘telling without showing’, using the standard lexicon and pointings, and producing structures that are more comparable to those found in verbal languages (Pizzuto et al., 2006, p. 478)³.

Explicam eles que essas duas formas consistem na opção consciente do sinalizante em ilustrar ou não o que diz. Supomos, então, que esses elementos sejam mais que ilustrações. Podemos considerá-los, com base nas discussões de Pizzuto et al. (2006), como objetos do discurso construídos no espaço físico, para serem retomados por meio do dêitico-anafórico: “These two ways of signifying mirror two different intents a signer can deliberately choose for articulating his/her discourse: an illustrative and a non-illustrative intent (and the resulting structures they produce) are defined ‘Transfers’” (Pizzuto et al., 2006, p. 479)⁴.

Nesse sentido, Cuxac (2000) sugeriu em seus trabalhos que todas as LS devem explorar a capacidade básica que os sinalizantes têm de iconizar sua experiência perceptiva do mundo físico. Um dos efeitos desse processo de iconização é o de dotar as LSs de uma dimensão semiótica adicional com relação às línguas verbais. Assim sendo, as EAIs/Transferências são concebidas como vestígios de operações discursivas e cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (as três dimensões do espaço acrescidas da dimensão tempo). Nessa perspectiva, segundo Pizzuto et al. (2006), diferentes subtipos de EAIs/Transferências podem ser combinados entre si, ou com sinais padrão, para codificar simultaneamente informações referentes a dois - ou até mais - referentes, permitindo uma especificação multilinear da referência dêitico-anafórica, especificidade da modalidade visuoespacial. Desconsiderando-se as diferenças terminológicas entre os autores, evidências semelhantes no processo de construção dessas estruturas na Língua de Sinais Dinamarquesa (DSL) são destacadas por Engberg-Pedersen (2010), que concorda que

³ “As Línguas Sinais, diferentemente das línguas verbais, oferecem duas maneiras de se produzir significado: pode-se ‘dizer e mostrar’, produzindo-se assim EAIs ou ‘Transferências’, que são exclusivas da modalidade sinalizada, ou então se pode ‘dizer sem mostrar’, por meio do léxico padrão e da apontação, produzindo-se estruturas mais compatíveis com as encontradas nas línguas verbais” (Pizzuto et al., 2006, p. 478, tradução de Vasconcellos; Souza; Mendonça, 2006).

⁴ Essas duas maneiras de se produzir significado refletem duas intenções diferentes entre as quais o sinalizante pode optar, conscientemente, a fim de articular seu discurso: a de ilustrar e a de não ilustrar o que se diz. As operações realizadas pelos sinalizantes quando escolhem a intenção de ilustrar (e as estruturas resultantes produzidas) são chamadas de ‘Transferências’ (Pizzuto et al., 2006, p. 478, tradução de Vasconcellos; Souza; Mendonça, 2006).

diversos fatores colaboram para essa construção nas LSs, entre eles as questões discursivas e cognitivas.

Essas classes, ‘padrão’ e ‘de complexas unidades manuais e não manuais’, foram amplamente detectadas nas LSs estudadas, por essa razão, podem representar uma das características que distanciam essas línguas das línguas oroauditivas. Conforme Pizzuto et al. (2006), elas são, aparentemente, muito semelhantes em várias outras LSs do mundo, o que torna plausível supor que elas sejam estruturas universais ou quase universais.

Por considerar o estudo dos referidos pesquisadores relevante, buscaremos aplicar sua proposta, em um viés da Referenciação, pois acreditamos que, quando o sujeito surdo escolhe um determinado tipo de dêitico-anafórico no espaço de sinalização, ele não o faz aleatoriamente, ao contrário, há em sua escolha lexical intenções comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos usuários da LS, em um processo discursivo. Nesse sentido, consideramos, por exemplo, que o dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais por EAI/Transferência pode ser visto como a representação clara do processo de Referenciação nas LSs, devido à sua constituição discursivo-cognitivo no espaço de sinalização. Essa proposta de Pizzuto et al. (2006), desenvolvida na ASL, na LSF e na LIS, pode ser muito produtiva aos estudos dos processos referenciais da Libras. Nesse sentido, consideramos, por exemplo, que a classe de complexas unidades manuais e não manuais vai além do simples ato de retomada, revelando, assim, o caráter criativo da tessitura textual, em que os referentes alcançam diferentes potencialidades semântico-lexicais e discursivas, durante o processo referencial (Reis; Quadros, 2023).

Estratégias semântico-lexicais na Libras: uma análise a partir da língua portuguesa

Conforme mencionado, foi construído, na Tese de Doutorado (2019), um Corpus Paralelo Português-Libras. Desse Corpus, foram selecionadas situações representativas de cada conjunto anafórico: Anáfora pronominal; Anáfora por repetição; Anáfora sinônímica; Anáfora por hiperonímia; Anáfora por nomes genéricos; Anáfora por descrições definidas. Em outras palavras, inicialmente, foram analisadas as anáforas diretas na língua portuguesa, conforme os estudos realizados na perspectiva sociocognitivointeracional da Referenciação, pois foi esse o critério escolhido para a seleção dos recortes textuais coletados. Posteriormente, foi examinado o referido fenômeno linguístico na glosa-Libras, verificando a possível mudança ou não de categoria, além da sua manutenção ou não, a partir das teorias estudadas, notadamente, com relação à perspectiva da Referenciação e

à proposta de análise dos processos referenciais nas línguas de sinais. Vale destacar que devido à limitação de espaço prevista neste artigo, detemo-nos em apresentar as anáforas diretas por hiperonímia na língua de partida (LP), a fim de verificar seu resultado na língua de chegada (Libras).

Anáfora direta por hiperonímia na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

O Conjunto Anafórico (CA) selecionado para análise é o da anáfora direta com regategorização por hiperonímia. Foi nosso interesse observar como a anáfora direta por hiperonímia em LP se estabelece na Libras. O hiperônimo, quando assume papel anafórico, “pode ter a função de retomar um termo pouco usual, atualizando, assim, os conhecimentos do interlocutor” (Kock; Elias, 2006, p. 141). Além disso, a retomada, por meio de um hiperônimo constitui estratégia referendada pela norma, mantendo um mínimo de estabilidade informacional, já que a anáfora por hiperonímia funciona necessariamente por recorrência a traços lexicais (KOCH, 2004), ou seja, o hiperônimo carrega em seu interior todos os traços lexicais do hipônimo. Nessa direção, no quadro 1, apresentamos esse CA retirado do Corpus Paralelo:

Quadro 1 - Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por hiperonímia

| Recorte Textual em Língua Portuguesa | Glosa-Libras |
|---|---|
| (1a) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de <u>gorilas</u> da África. A doença de Ebola já matou mais de 300 desses macacos . | (1b) PERIGO ESPALHAR ef <preocupad@>. <u>GRUPO GORILA</u> ÁFRICA VÍRUS ef <preocupad@> E-B-O-L-A JÁ DESTRUIR sf 300 ef <estarcida> (IX) GORILA MACACO ef<triste>. |
| (2a) O casal está muito feliz com o seu <u>cachorro</u> . O animal é fiel e companheiro. | (2b) HOMEM E MULHER EL@S2 CASAL FELIZ <u>CACHORRO JUNTO</u> ef<sentimento emoção>. (IX) EL@ CACHORRO FIEL AMIGO COMPANHEIRO ef<carinho>. |
| (3a) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o <u>antraz</u> . Para destruir a bactéria , os potenciais novos remédios teriam um alvo específico. | (3b) GRUPO le GRUPO ld PESQUISA PAÍS AMERICANO. EL@S2 GRUPO PESQUISA COMO <QUEM>qu~ ef <interrogativa> VENCER <u>BACTÉRIA NOME</u> <A-N-T-R-A-Z>. EL@S2 PENSAR ESTUDAR FOCO PRÓPRIO REMÉDIO COMO VENCER ef<animado> (IX) BACTÉRIA ESS@ . |
| (4a) Os biólogos avistariam um réptil no rio, mas depois assustaram o animal na margem. | (4b) BIÓLOG@ VER 1 <u>CL</u> (animal rastejando^vários=réptil) ÁGUA^CAMINHO=RIO. (IX) (EL@) JACARÉ SUSTO ef<assustado> AFUNDOU ÁGUA^CAMINHO=RIO. |

| | |
|--|---|
| (5a) O liquidificador está com um barulho estranho. O aparelho deve estar com problemas. | (5b) LIQUIDIFICADOR sf &=motor IX(EL@) LIQUIDIFICADOR BARULHO <QUEM>qu ~ ESTRANHO sf PROBLEMA IX(EL@) LIQUIDIFICADOR ef <preocupado>. |
|--|---|

Fonte: Adaptado de Reis (2019).

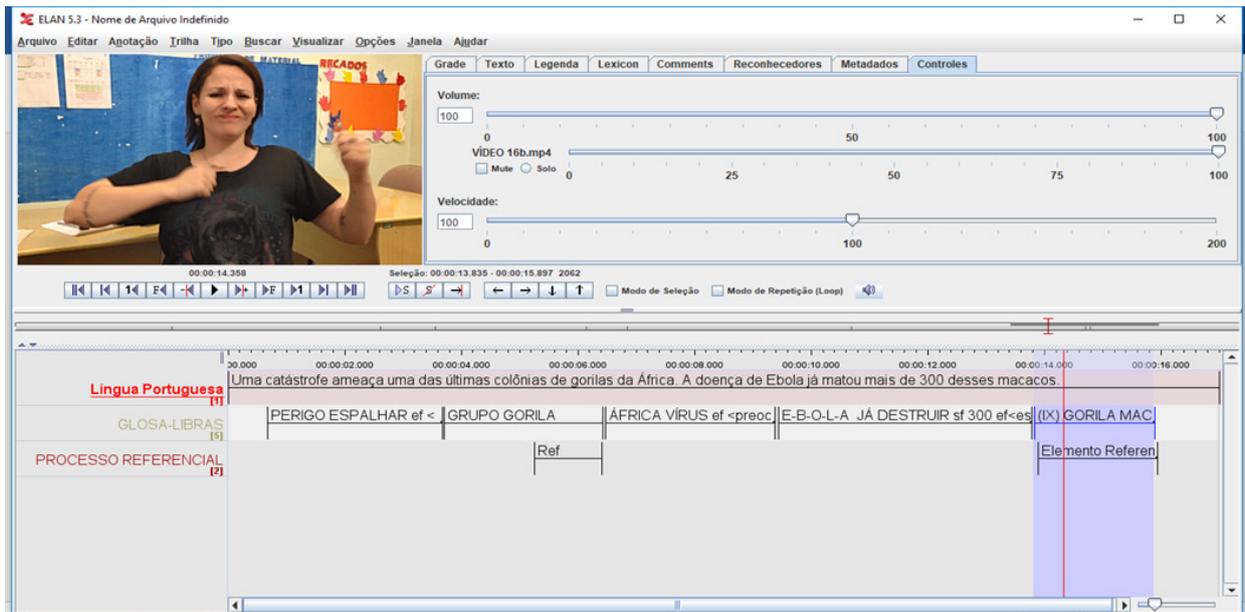
Para iniciar as análises do CA, rerepresentamos os integrantes (1a) e (1b), em formato de quadro, visando melhor ilustração:

| | |
|--|---|
| (1a) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. A doença de Ebola já matou mais de 300 desses macacos. | (1b) PERIGO ESPALHAR EF <PREOCUPAD@>. GRUPO GORILA ÁFRICA VÍRUS EF <PREOCUPAD@> E-B-O-L-A JÁ DESTRUIR SF 300 EF <ESTARRECIDA> (IX) GORILA MACACO EF <TRISTE>. |
|--|---|

O primeiro recorte textual do quadro 1 é o (1a), o qual é constituído pelo objeto do discurso “gorilas”, termo mais específico para um dos grandes primatas, que é retomado pelo termo mais popular e genérico “macacos”. Nesse caso, verificamos uma sequência hipônimo/hiperônimo, em que o processo referencial é realizado por uma anáfora com recategorização por hiperonímia. O hiperônimo carrega em seu interior todos os traços lexicais do hipônimo. Obviamente, essas escolhas lexicais vêm carregadas de intenções e significações, as quais vão sendo compreendidas no transcorrer do processo discursivo. Na glosa-Libras (1b), o surdo nomeia, no espaço referencial, o referente “gorilas” como GRUPO GORILA, representando o plural da LP. Além disso, o sinalizante recorre à retomada por meio de uma repetição, (IX) GORILA, atrelada ao seu hiperônimo, MACACO ef<triste>. Ou seja, diferente do caso em LP, na Libras primeiro a retomada ocorre sem recategorização, não acontecendo uma modificação do referente. Entretanto, em seguida, o surdo sinaliza MACACO ef<triste>, que recategoriza o referente. A nosso ver, esse processo referencial, (IX) GORILA MACACO ef<triste>, além de contribuir para a cadeia referencial, por meio da coesividade, também visa a fortalecer e a enfatizar o referente em questão, até porque temos, na sequência, uma expressão facial afetiva ef<triste>, que atribui a real intenção enfática daquele contexto. Com base nessa análise, denominamos nesta pesquisa essa retomada como anáfora correferencial cossignificativa-hiperonímica.

Na figura 1, para visualização, tem-se a tela do programa Elan referente ao vídeo (1b), tendo em vista as trilhas criadas.

Figura 1 – Tela do Elan com o vídeo 1b



Fonte: Adaptada de Reis (2019)

A seguir, vejamos como sucede o processo referencial em (2a) e (2b), integrantes do CA:

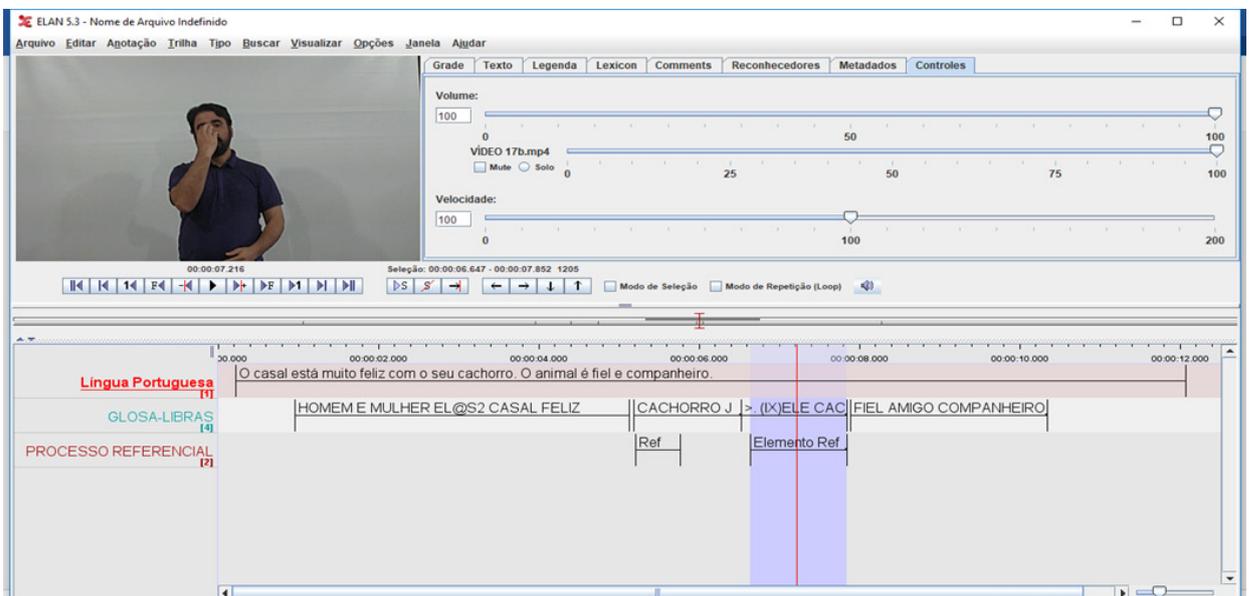
| | |
|--|---|
| (2a) O casal está muito feliz com o seu cachorro. O animal é fiel e companheiro. | (2b) HOMEM E MULHER EL@S2 CASAL FELIZ CACHORRO JUNTO ef<sentimento emoção>. (IX) EL@ CACHORRO FIEL AMIGO COMPANHEIRO ef<carinho>. |
|--|---|

No recorte textual (2a), o referente em LP é “cachorro”, e a retomada é realizada pela anáfora correferencial com recategorização por hiperonímia, “o animal”; ambos fazem parte do mesmo campo semântico. Ressaltamos que o conhecimento cognitivo do produtor do texto é de extrema importância para a seleção lexical apresentada em um discurso, pois o domínio de determinado campo semântico é o que vai lhe permitir construir a cadeia referencial de seu texto e empregar adequadamente os hipônimos e hiperônimos. Na glosa-Libras (2b), o referente “CACHORRO” é retomado por uma anáfora correferencial sem recategorização por repetição, atrelada ao apontamento visual e manual, por meio do pronome “EL@”, com a configuração de mão em G, orientada juntamente com o olhar para o referente no espaço de sinalização; isso leva à composição de um dêitico-anafórico de classe padrão “(IX) EL@ CACHORRO”. Não bastou para

o sujeito surdo retomar somente “(IX) CACHORRO”, foi necessário também localizar o ambiente de marcação desse elemento, uma vez que ele já foi previamente introduzido no espaço discursivo, “(IX) EL@ CHACHORRO”. Nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento são componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal (Schenker, 2016). Funciona como se as coordenadas dêiticas fossem projetadas em espaços anafóricos, por isso, tem-se o dêitico-anafórico (Meurant, 2008). Por todas essas questões, em (2b) temos o que denominamos de dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo.

Na figura 2 visualizamos a tela do programa Elan referente ao vídeo (2b), tendo em vista as trilhas criadas e a imagem em destaque.

Figura 2 – Tela do Elan com o vídeo 2b



Fonte: Adaptado de Reis (2019).

Dando sequência às análises, representamos os integrantes do CA (3a) e (3b):

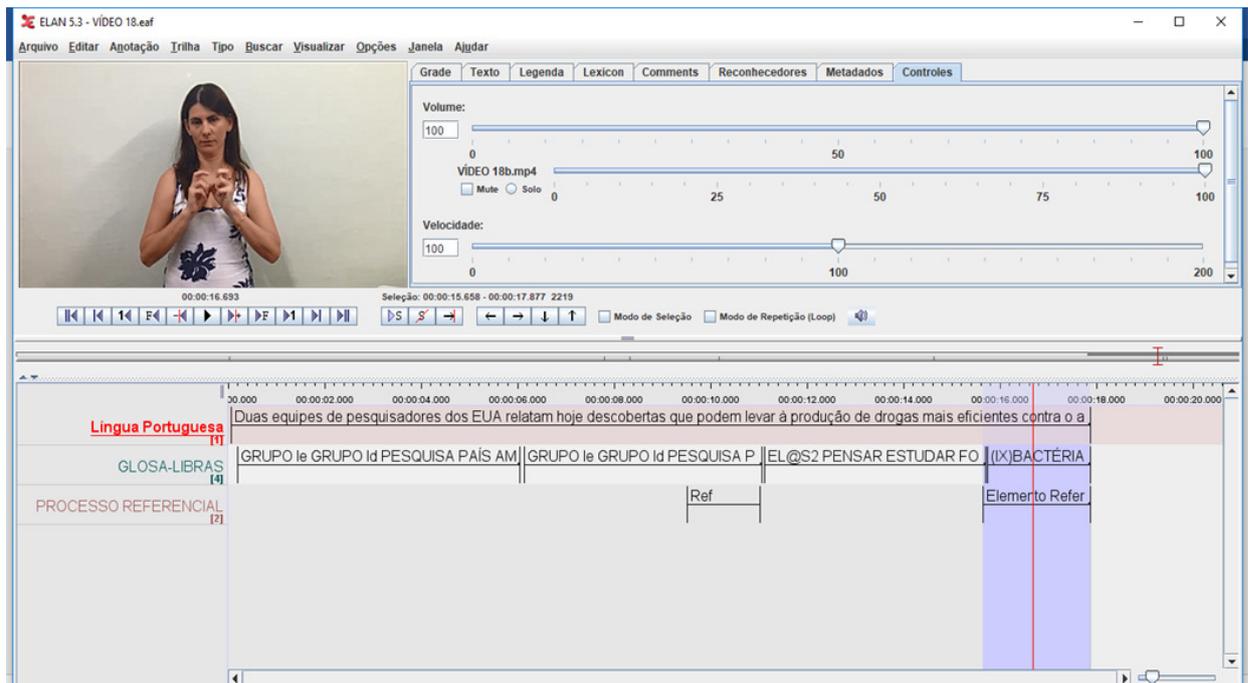
| | |
|--|---|
| <p>(3a) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o <u>antraz</u>. Para destruir a bactéria, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico.</p> | <p>(3b) GRUPO le GRUPO ld PESQUISA PAÍS AMERICANO. EL@S2 GRUPO PESQUISA COMO <QUEM>qu~ ef <interrogativa> VENCER <u>BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z></u>. EL@S2 PENSAR ESTUDAR FOCO PRÓPRIO REMÉDIO COMO VENCER ef<animado> (IX) BACTÉRIA ESS@.</p> |
|--|---|

No recorte textual (3a), o referente é “o antraz”, que é retomado pelo enunciador por uma forma nominal, “a bactéria”. Esse processo referencial é denominado como anáfora correferencial por hiperonímia, com recategorização, haja vista que há uma relação hipônimo/hiperônimo, em que “a bactéria” é hiperônimo e “o antraz” é hipônimo, pois “a bactéria” contém todos os traços lexicais de “o antraz”. Ao escolher utilizar determinado processo de retomada, o produtor do texto tem alguma intenção. Sendo assim, a sua escolha lexical não é feita aleatoriamente, mas motivada por um propósito específico para aquela situação de interação. Nesse sentido, segundo Koch (2006), o uso do hiperônimo, geralmente, tem a função de glosar um termo e atualizar o conhecimento do interlocutor. Na Libras, observamos a seguinte construção referencial em (3b): BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z>. Por não ter sinal específico para a palavra “antraz”, o surdo já caracteriza o referente pelo termo mais comum, que em (3a) é considerado o hiperônimo: BACTÉRIA. Em seguida, acopla-se ao sinal BACTÉRIA, por meio da datilologia, o nome <A-N-T-R-A-Z>, constituindo então BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z>.

Conforme assevera Bernardino (2000), durante o processo referencial, alguns surdos utilizam a escrita do nome relativo ao substantivo (próprio ou comum), realizada por meio do alfabeto manual - datilologia. Isso porque não conhecem todos os sinais correspondentes, levando-os a buscar no inventário lexical da LP os nomes apropriados (quando conhecem), ou a perguntar aos colaboradores (no caso de nomes próprios) antes da realização tradução. Outros criam sinais provisórios a partir de características físicas correspondentes. Em (3b), a retomada é realizada por meio de uma repetição atrelada a um pronome demonstrativo, ou seja, há o apontamento manual com a configuração de mão em G, orientando a cabeça e o olhar em direção ao ponto específico do referente: (IX) BACTÉRIA ESS@. A marcação de pontos específicos espaciais é uma característica típica do processo referencial das línguas visuoespaciais (Ferreira Brito, 2010). Por todos esses fatores, denominamos esse processo referencial na Libras, em (3b), como dêitico-anafórico cossignificativo-pronominal.

A figura 3 demonstra a tela do programa Elan referente ao vídeo (3b):

Figura 3 – Tela do Elan com o vídeo 3b



Fonte: Adaptado de Reis (2019).

Para o próximo processo analítico, com o intuito de uma melhor visualização, rerepresentamos, em formato de quadro, os componentes (4a) e (4b) do CA:

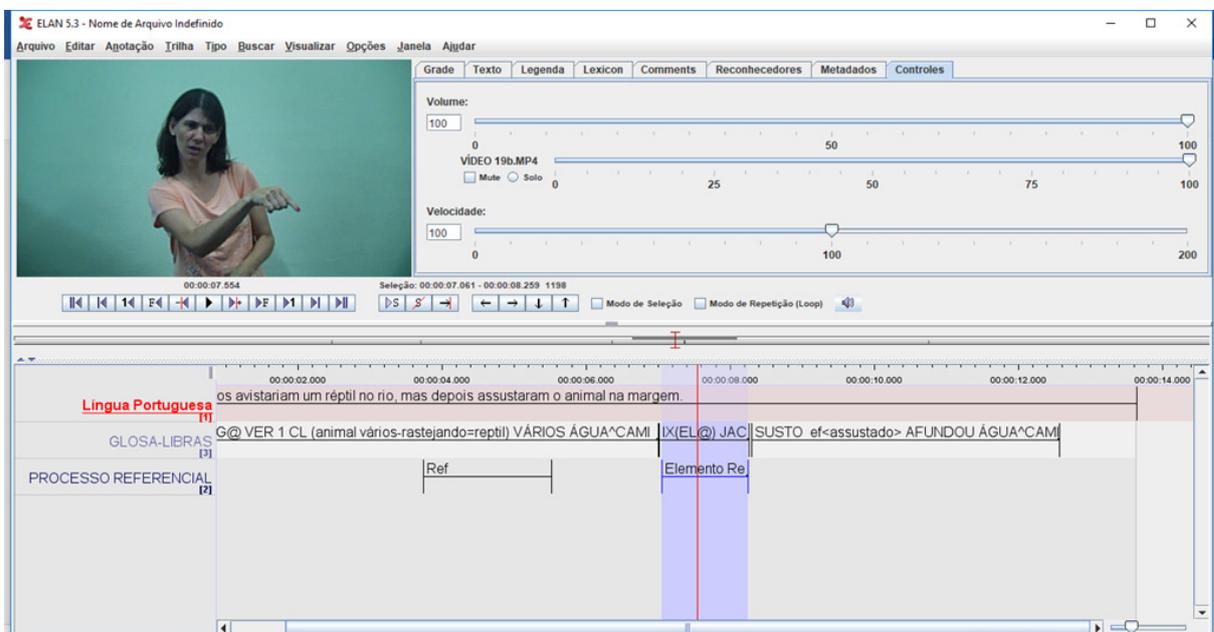
| | |
|--|---|
| <p>(4a) Os biólogos avistariam um réptil no rio, mas depois assustaram o animal na margem.</p> | <p>(4b) BIÓLOG@VER1 CL(animalrastejando^vários=réptil) ÁGUA^CAMINHO=RIO. IX(EL@) JACARÉ SUSTO ef<assustado> AFUNDOU ÁGUA^CAMINHO=RIO.</p> |
|--|---|

O recorte textual (4a), na LP, é composto pelo referente “um réptil”, o qual é retomado por meio de uma anáfora correferencial por hiperonímia. Nesse sentido, “um réptil” é o hipônimo e “o animal” é o hiperônimo, em uma relação semântica, em que “o animal” abarca todas os traços lexicais de “um réptil”. Na glosa-Libras (4b), percebemos um processo referencial inverso: o surdo constrói no espaço discursivo o objeto do discurso CL (animal-rastejando^vários=réptil), por meio de um classificador de entidade, conforme Supalla (1982). Esse referente é representado, nesse contexto, pela configuração de mão 36, com movimentos de animal rastejando, caracterizando um RÉPTIL, o qual é retomado por IX(EL@) JACARÉ. Esse processo referencial é composto por um pronome, com apontamento manual pela configuração de mão em G, com orientação do

olhar para o espaço de sinalização onde o referente foi construído, especificando-o por meio do sinal JACARÉ. Nesse processo referencial há uma especificação ou refinamento de uma categorização por meio da sequência hiperônimo/hipônimo. Em outras palavras, diferente do que aconteceu em (4a), na LP, na Libras, em (4b), o surdo lança primeiro o hiperônimo “RÉPTIL”, termo mais genérico, o qual é em seguida retomado por um dêitico-anafórico de classe padrão atrelado a um hipônimo, termo mais particular: “IX(EL@) JACARÉ”. Nesse caso, denominamos esse processo referencial como dêitico-anafórico pronominal-especificador.

Podemos ver, na figura 4, a tela do Elan com o vídeo (4b), composta pela imagem congelada do apontamento manual e visual, que compõe o processo referencial em evidência:

Figura 4 – Tela do Elan com o vídeo 4b



Fonte: Adaptado de Reis (2019).

Para finalizar o CA, rerepresentamos os constituintes (5a) e (5b) antes do processo analítico:

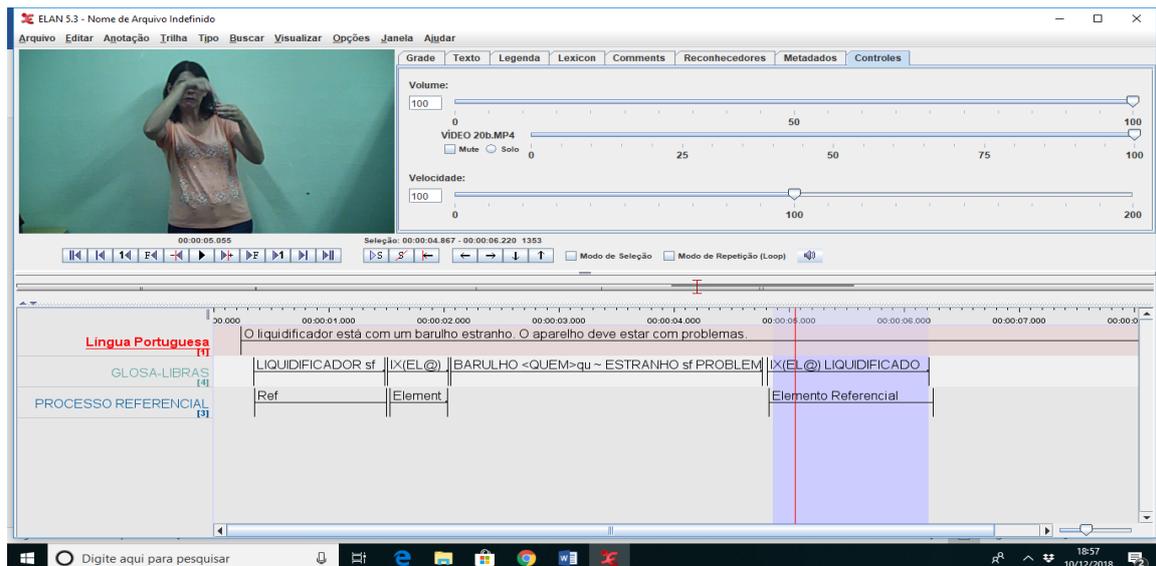
| | |
|---|--|
| <p>(5a) <u>O liquidificador</u> está com um barulho estranho. O aparelho deve estar com problemas.</p> | <p>(5b) <u>LIQUIDIFICADOR</u> sf &=motor IX(EL@) LIQUIDIFICADOR BARULHO <QUEM>qu ~ ESTRANHO sf PROBLEMA IX(EL@) LIQUIDIFICADOR ef <preocupado>.</p> |
|---|--|

O recorte textual (5a) é constituído pelo referente “liquidificador”, o qual é recategorizado por uma anáfora direta por hiperonímia, gerando uma relação semântica hierárquica, conforme observado também em outros exemplos. Na glosa-Libras (5b), o referente é construído no espaço de sinalização da seguinte maneira: LIQUIDIFICADOR sf &=motor. O surdo, no processo tradutório, lança logo a seguir uma primeira retomada, marcada pelo pronomine (IX)(EL@), juntamente com a repetição do objeto do discurso: IX(EL@) LIQUIDIFICADOR. Esse processo referencial merece destaque, uma vez que o surdo constrói os dois sinais simultaneamente no espaço referencial neutro, ou seja,

mantem o braço esquerdo semiflexionado, com a configuração de mão em C (👉²⁹), caracterizando o sinal de LIQUIDIFICADOR; e ao mesmo tempo, realiza o apontamento manual com a mão direita, por meio da configuração de mão em G, com o olhar também direcionado para o referente. Denominamos essa ocorrência como dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo. Além dessa primeira reconstrução do objeto do discurso, dando sequência à cadeia referencial, há outra retomada que se configura na mesma perspectiva da anterior, com acréscimo da expressão facial marcada: IX(EL@) LIQUIDIFICADOR ef <preocupado>. Assim sendo, temos outro caso de dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo.

Vejamos na figura 5, referente ao vídeo (5b), o exato momento do processo referencial em destaque, além das trilhas integrantes:

Figura 5 – Tela do Elan com o vídeo 5b

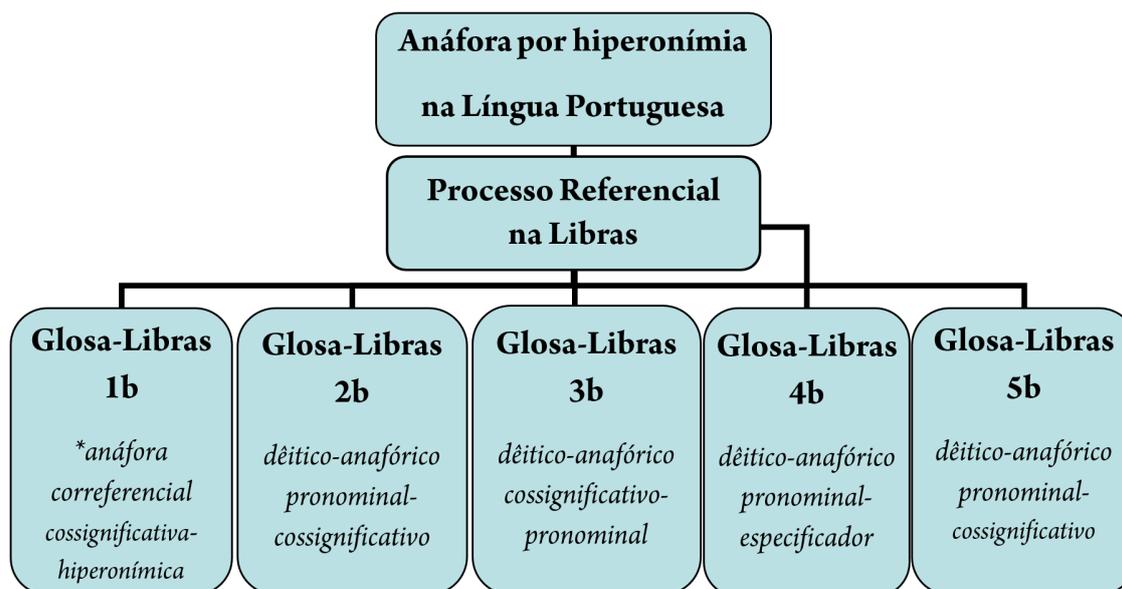


Fonte: Adaptado de Reis (2019).

Resultados gerais

Notadamente, com base nas análises realizadas quanto aos recortes textuais na LP compostos de anáforas diretas por hiperonímia, observamos que tivemos nas glosas-Libras os seguintes casos de processos referenciais:

Figura 6 – Processo referencial na Libras a partir de anáfora por hiperonímia na Língua Portuguesa



Fonte: Adaptada de Reis (2019).

Nesse CA tivemos, nas glosas-Libras, a presença de 4 dêiticos-anafóricos de classe ‘padrão’, realizados por meio de apontações manuais e visuais, a saber, pronominal-cossignificativo; cossignificativo-pronominal; e pronominal-especificador. Tivemos também um caso que se aproximou da LP, sendo denominado, para efeito desse trabalho, como anáfora correferencial cossignificativa-hiperonímica.

Conclusão

Tendo em vista que a Libras, assim como qualquer Língua de Sinais, é organizada espacialmente, simultaneamente e de forma visual, tivemos poucos casos semelhantes aos que adotamos na língua de partida (LP). A maioria das análises nas glosas-Libras apresentou características da própria língua na constituição do processo referencial.

Os dêiticos-anafóricos de classe padrão, assim como os de dêiticos-anafóricos de classe de complexas unidades manuais e não manuais, advindos nas glosas-Libras,

mostraram-se estratégias fundamentais para a condução da cadeia referencial na Libras. Assim sendo, quando sinalizante utilizou determinado processo referencial, ele não o fez aleatoriamente, ao contrário, havia em sua escolha lexical finalidades comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos usuários da língua de sinais, em um processo discursivo (Reis, 2019).

De modo geral, em se tratando especificamente das anáforas diretas por hiperônimos na língua de partida (LP), observamos, com as análises realizadas nas glosas-Libras, como os elementos lexicais não se restringem às suas características dadas a priori, mas atualizam-se no discurso, ganhando novos sentidos, revelando, assim, o caráter criativo da tessitura textual, em que os referentes alcançam diferentes potencialidades semântico-lexicais e discursivas, durante o processo referencial (Reis; Quadros, 2023).

Referências

- BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica?* a produção linguística do surdo. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
- CUXAC, C. La Langue des Signes Française (LSF). Les voies de l'iconicité. *Faits de Langues*, p. 15-16. Paris, 2000.
- ENGBERG-PEDERSEN, E. *Space in Danish Sign Language*. Hamburg: Signum-Verlag, 1993.
- FERREIRA BRITO, L. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1995]2010.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. G. V. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, G. M; SILVA, F.; FIGUEIREDO, O. M. (Orgs.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Vol. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, p. 263-276.
- KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2004.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processo de referenciação na produção discursiva. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.

MEURANT, L. Le regard en langue des signes. *Anaphore en langue des signes française de Belgique (LSFB): morphologie, syntaxe, énonciation*. Namur. Presses Universitaires de Rennes / Presses Universitaires de Namur, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

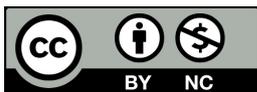
PIZZUTO, E. et al. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R. M de; VASCONCELLOS, M. L. B. (Orgs. e Trad.). *Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais*. Editora Arara Azul. Petrópolis, 2006.

REIS, L. S.; QUADROS, R. M. Tessitura referencial em Libras: uma atividade semântico-lexical e discursiva. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023.

REIS, L. S. *O processo referencial na Libras face às ocorrências anafóricas em língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2019.

SOARES, C. P. *Os mecanismos de coesão gramatical e lexical em Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

SUPALLA, T. R. Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language. Ph.D. thesis, University of California, San Diego, 1982.



DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DE *BLENDS* EM LIBRAS

DESCRIPTION AND CATEGORIZATION OF *BLENDS* IN LIBRAS

Aline Garcia Rodero Takahira | [Lattes](#) | rodero.takahira@ufff.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

Thiago de Abreu Loures | [Lattes](#) | deabreu.thiago3@gmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: No *blend*, acontece a fusão de termos e o apagamento de parte das bases envolvidas, como no português: portunhol < português + espanhol (GONÇALVES, 2003) e na língua de sinais turca: VIZINHO < CASA + PERTO (MAKAROĞLU, 2021). Semelhante ao *blend* tem-se a composição, na qual palavras/sinais são concatenados sem que ocorra apagamento. O presente trabalho objetiva descrever e categorizar a produção de *blends* na Libras e diferenciá-los dos compostos simultâneos dessa língua. O *corpus* foi formado pela busca inicial de sinais elencados na letra A de Capovilla *et al.* (2017), no qual selecionamos sinais formados por duas ou mais partes. Encontramos 139 formações morfologicamente complexas, algumas envolvendo mais de um tipo de *blend*, totalizando 164 *blends* identificados neste trabalho. Nos dados analisados, identificamos os seis tipos de formações, já apontadas como possíveis *blends* em diferentes línguas de sinais (XAVIER; NEVES, 2016; LEPIC, 2016; MAKAROĞLU, 2021). Encontramos também um novo tipo de formação, na qual identificamos que o *blend* se dá pela ocorrência de um sinal já estabelecido e uma expressão não manual de outro sinal ou que remete a sentimentos. Também atestamos a ocorrência de *blends* na formação de novos sinais por composição.

Palavras-chave: *Blends*; Formação de Sinais; Libras.

Abstract: In blend constructions, terms are merged and part of the bases involved in this formation is erased, as in Portuguese: portunhol < português + espanhol (GONÇALVES, 2003) and in Turkish Sign Language: NEIGHBORHOOD < HOME + NEAR (MAKAROĞLU, 2021). Composition is similar to blending, in which words/signs are concatenated without deletion. The present work aims to describe and categorize the production of blends in Libras and to differentiate them from simultaneous compounds

in this language. Our corpus was formed initially by searching for signs presented in letter A in Capovilla et al. (2017), in which we collected signs formed by two or more parts. We found 139 morphologically complex constructions, some of them involving more than one blend, totalizing 164 blends identified in this research. In our analysis, we identified six types of constructions shown as possible blend formations in different sign languages (XAVIER; NEVES, 2016; LEPIC, 2016; MAKAROĞLU, 2021). We have also found a new type of construction in which blend occurs between a sign and a non manual expression of other sign or one related to emotions. We have also identified blends occurring in new signs formation by compounding.

Keywords: Blends; Sign Formation; Libras.

1. Introdução

O início dos estudos linguísticos das línguas de sinais (LSs) deu-se na década de 1960, com uma pesquisa desenvolvida por Stokoe sobre a Língua de Sinais Americana (ASL) e, no Brasil, os primeiros estudos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) são do final da década de 1980 (QUADROS; LEITE; STUMPF, 2013). O estudo da Libras, em seus diversos níveis de análise, é bastante recente e pesquisas das últimas décadas são apresentadas e discutidas em Quadros (2023). Baseados nesses estudos, podemos ver quantos avanços já tivemos na descrição e análise da Libras e quantos temas ainda podemos avançar. O presente artigo explora uma área ainda pouco investigada na linguística das LSs, a formação dos *blends* lexicais ou, simplesmente, *blends*.

O processo de formação de palavras/sinais¹ por *blend*, também conhecido por fusão ou cruzamento vocabular, tem como características marcantes o apagamento de parte das palavras ou sinais fonte, para a formação de um novo termo, e a sobreposição das bases que serviram de *input* para dar origem ao novo termo, não o encadeamento. Como exemplos, tem-se para o português brasileiro (PB) a palavra portunhol < português + espanhol² (GONÇALVES, 2003) e para a Língua Turca de Sinais (TID) o sinal VIZINHO < CASA + PERTO³ (MAKAROĞLU, 2021, tradução própria), conforme Figura 1:

¹ Entendemos palavras e sinais como equivalentes linguisticamente, sendo o primeiro para as línguas orais e o segundo para as LSs. A diferença entre esses termos encontra-se na modalidade da língua, ou seja, na forma fonológica apresentada no momento do *output*.

² Onde há o símbolo (<), como em portunhol < português + espanhol, leia-se: portunhol é uma palavra menor que as partes que a formam, português + espanhol, indicando um *blend*.

³ Optamos por traduzir para o português as palavras do inglês utilizadas para remeter aos sinais de outras LSs. Caixa alta foi empregada quando as palavras do português são usadas como glosa em referência a sinais.

Figura 1 – Formação de VIZINHO na TID



Fonte: Makaroğlu (2021, p. 143, tradução própria).

Todavia, não há uma uniformização do conceito de *blend* na literatura, em especial sobre os *inputs* válidos para desencadear sua formação. Para exemplificar, os *blends* como *matel* < *mato* + *motel* e *chafé* < *chá* + *café* (GONÇALVES, 2003) são validados pela literatura, pois parte de ambas palavras utilizadas como fonte estão presentes no *output*. Porém, em *boacumba* e *bebemorar* (MINUSSI; NÓBREGA, 2014), o papel do *input* e o estatuto dessas formações enquanto *blends* são controversos e motivos de divergências entre os teóricos que investigam esse processo, como observado por Minussi e Nóbrega (2014).

Ademais, vale salientar que a descrição e categorização de *blends* nas LSs são assuntos que carecem de estudos. Em busca pelas palavras-chave “*blend*”, “ *fusão*” e “*cruzamento vocabular*”, combinadas com “*libras*”, “*língua de sinais*” ou “*sign language*” no Google, no Google acadêmico e no portal de periódicos CAPES, encontramos poucas pesquisas sobre *blends* em diferentes LSs. Dentre as disponíveis, apenas duas delas são dedicadas exclusivamente ao tema.

A ocorrência encontrada na Libras através dessa busca ilustra o fenômeno de fusão, como um fenômeno morfológico no qual acontece a fusão da parte de dois sinais realizados simultaneamente⁴, como em LETRAS-LIBRAS < LETRAS + LIBRAS (XAVIER; NEVES, 2016), na Figura 2 abaixo:

⁴ Agradecemos um parecerista anônimo que nos apontou os trabalhos de Oliveira (2015) e Oliveira e Weininger (2016), sendo o primeiro apresentado também em Quadros (2023). Tais pesquisas classificam uma série de dados de morfologia complexa como “*aglomeração*”, formação que se localizaria no meio do *continuum* entre a composição e a derivação. Muitos dos dados que pudemos observar, se enquadram em uma das categorias de *blend* propostas neste trabalho. Vale também ressaltar que encontramos uma menção que apresenta dois dados de *blends* da ASL, nomeando-os como *portmanteau* e mencionando também o termo *clipping*. Tais termos não foram incluídos em nossas buscas nesta pesquisa e uma busca mais extensa deve ser realizada em pesquisa futura. A menção está disponível em: <https://www.handspeak.com/learn/91/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

Figura 2 – Formação de LETRAS-LIBRAS



Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 148).

As outras duas ocorrências que resultaram de nossa busca apresentam possíveis tipos de *blends* nos quais há diferentes elementos envolvidos na formação. Uma delas é sobre a ASL (LEPIC, 2016) e outra sobre a TID (MAKAROĞLU, 2021) e serão norteadoras das nossas discussões nas próximas seções.

Lepic (2016) menciona não ter conhecimento de pesquisas anteriores sobre *blends* nas LSs e Makaroğlu (2021) menciona a pesquisa de Lepic, evidenciando a escassez de pesquisas sobre esse tema. Desse modo, uma pesquisa minuciosa sobre essa temática ainda se faz necessária na Libras para descrever os elementos envolvidos na formação dos *blends* nas LSs, com o intuito de compreender o fenômeno, diferenciá-lo dos compostos simultâneos e buscar uma proposta de categorização e análise.

Os compostos simultâneos se assemelham aos *blends*, uma vez que o fenômeno da simultaneidade está presente nesse tipo de composto e nos diversos tipos de *blends* das LSs, além de ambas as formações partirem da simultaneidade de dois outros elementos. A Libras apresenta compostos sequenciais, simultâneos e simultâneo-sequenciais (RODERO-TAKAHIRA, 2015; RODERO-TAKAHIRA; SCHER, 2020). Nos compostos sequenciais, como no sinal ESCOLA - CASA > ESTUDO⁵, pode acontecer a redução de contatos ou de movimento (M) entre os sinais (KLIMA; BELLUGI, 1979; LIDDELL; JOHNSON, 1986), mas não chega a ocorrer um apagamento, como observado nos *blends*. Nos compostos simultâneos, dois sinais fontes são concatenados simultaneamente sem que ocorra o apagamento de bases, como no sinal MERGULHADOR - ENTIDADE-PLANA1CL>>ENTIDADE-RETA2CL-MERGULHAR, da Língua de Sinais Britânica,

⁵ Além de caixa alta, a anotação apresentada neste artigo usa > para indicar sequencialidade, >> para indicar simultaneidade, hífen para mostrar mais de uma palavra do português que se refere a um único sinal da libras e ENTIDADE-”x” para remeter aos tipos de classificadores especificadores de tamanho e forma estáticos, seguindo a forma de anotação também utilizada em Rodero-Takahira; Scher (2020).

BSL⁶ (BRENNAN, 1990). Nesse exemplo, o primeiro sinal classificador registrado acima é o “chão” e o segundo é uma “pessoa” mergulhando, realizado pelo verbo de movimento “mergulhar”. Esses três elementos são realizados simultaneamente. Assim, também se faz necessário investigar os elementos envolvidos nesses dois fenômenos morfológicos, composição e *blend*, para compreendê-los completamente na modalidade gestual-visual.

Nesse hiato, o presente trabalho tem como objetivos gerais descrever e categorizar a produção de *blends* na Libras. E como objetivos específicos, temos:

- a) organizar um *corpus* de *blends* da Libras;
- b) descrever os elementos envolvidos nos *blends* do nosso *corpus*;
- c) formalizar uma tipologia de *blends* na Libras a partir de estudos anteriores nas LSs e de nosso *corpus*; e,
- d) diferenciar os elementos envolvidos em construções simultâneas por *blend* e por composição na Libras.

Para tanto, fizemos o levantamento de dados a partir da discussão dos 1.375 sinais elencados na letra A de Capovilla *et al.* (2017), número esse que representa, aproximadamente, 10% de todos os sinais apresentados nos três volumes da obra. Como o dicionário escolhido para a construção do *corpus* da pesquisa é o maior registro impresso de sinais da Libras, acreditamos que o número de termos presentes na letra A seja uma amostra adequada para a coleta de dados e para o desenvolvimento de nosso trabalho, representando dados aleatórios.

No campo científico no qual atuamos, um curso de Letras-Libras e algumas licenciaturas, a ocorrência de *blends* é muito presente na sinalização de sinais-termo. Ao selecionarmos dados da letra A do dicionário, nossa expectativa foi de investigar a produção de *blends* fora de um contexto especificamente acadêmico e sem enfoque em uma única variante regional. Como os dados elencados na letra A estão organizados pela ordem alfabética dos registros em PB, além de não terem a influência de um tema específico, também não têm a influência do uso de algum parâmetro específico (como haveria em dicionários organizados por configuração de mão (CM)).

Desse conjunto de sinais, selecionamos exemplos formados por pelo menos dois sinais ou duas partes de sinais realizados simultaneamente, o que indica um sinal morfológicamente complexo e *blend* em potencial. Encontramos 139 produções formadas por *blends*, o que representa 10,1% por cento dos termos analisados e, em algumas dessas

⁶ Esse sinal é realizado da mesma forma em Libras e está ilustrado na subseção 2.3 abaixo.

formações, havia mais de um tipo de *blend*, de modo que chegamos à identificação de 164 *blends* nesta pesquisa.

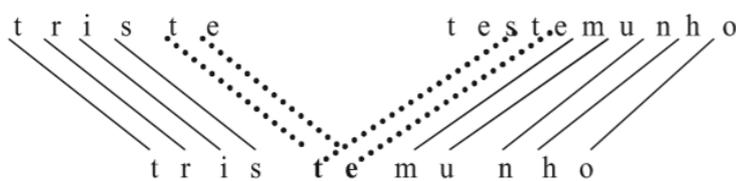
Ao analisar, descrever e classificar esse tipo de formação, esta pesquisa contribui para os estudos morfológicos da Libras, bem como gera insumos para materiais a serem futuramente aplicados ao ensino da língua. Além disso, mesmo que indiretamente, essa pesquisa contribui para reafirmar as LSs como línguas naturais, uma vez que investiga fenômenos morfológicos formadores de sinais na Libras, estabelecendo semelhanças entre as LSs e as línguas orais (LOs) que também apresentam tais fenômenos, revelando características gerais às línguas naturais. Ao passo que traz também peculiaridades ligadas às possibilidades de simultaneidade, estabelecendo diferenças, particularidades das LSs, que são efeitos de modalidade⁷.

A discussão será organizada do seguinte modo: na seção 2, expomos as visões dos principais trabalhos sobre os *blends* em LOs e LSs, bem como discutimos as diferenças e semelhanças entre *blends* e compostos e o contexto de produção de *blends*. Na seção 3, apresentamos a metodologia da pesquisa para organização do *corpus*. Na seção 4, analisamos e categorizamos os *blends* encontrados no *corpus*. Por fim, na seção 5, trazemos as considerações finais da pesquisa.

2. *Blends* nas línguas naturais

Na literatura que aborda os processos de formação de palavras/sinais, tem-se uma ampla definição sobre os *blends*, sobretudo nas LOs. Nesses trabalhos, é consenso que o *blend* é dado pelo apagamento de parte das palavras envolvidas nesse processo durante a fusão das bases, como pode ser observado em *tristemunho* < *triste* + *testemunho*, apresentado abaixo, ou *LETRAS-LIBRAS* < *LETRAS* + *LIBRAS*, apresentado na Figura 2, na Introdução.

Figura 3 – Formação de *tristemunho*



Fonte: Gonçalves (2013, p. 151).

⁷ Veja mais sobre efeitos de modalidade nas LSs em Lillo-Martin e Gajewski (2014).

Enquanto na Figura 3 vemos que no PB há uma linearidade na produção das duas palavras e que as duas se sobrepõem, compartilhando uma sequência fonológica em comum e apagando o início da segunda palavra, na Figura 2, vemos que na Libras há uma simultaneidade na produção dos dois sinais, possibilitada pela modalidade gestual-visual das LSs, de modo que os sinais se juntam com a mão direita realizando parte de um sinal e a mão esquerda realizando parte do outro.

Todavia, o Estado da Arte sobre *blends* também revela que critérios de boa formação e classificação dos *blends* não são consenso entre os teóricos. Esses casos serão debatidos e exemplificados nas subseções que seguem.

2.1. *Blends* no português brasileiro

Uma vez que em nossa revisão da literatura encontramos poucos trabalhos que mostravam a ocorrência de *blends* nas LSs, optamos por buscar outras produções de *blends* do PB para aprendemos o que já se discutiu sobre esse fenômeno nas LOs. Entender os estudos realizados de forma translinguística nos permitiu amadurecer a investigação sobre o processo de *blend*.

Para o PB, Gonçalves (2003) defende que a formação de *blends* lexicais dá-se pela interseção de bases, não encadeamento, e que o apagamento de material fônico durante a fusão é o que caracteriza esse tipo de formação de palavras. Além do mais, o autor considera que o cruzamento vocabular deve ser entendido, unicamente, sobre aspectos estruturais em que palavras morfologicamente complexas são bases livres para funcionarem como *input* durante o cruzamento vocabular em um processo não concatenativo de produção de palavras no PB. Por isso, vocábulos como boacumba e bebemorar não são *blends* para esse autor, visto que “boa” e “bebe” são substituições sublexicais de palavras invasoras e não dos *inputs* responsáveis pela fusão.

Outrossim, Gonçalves (2003) apresenta dois padrões para a formação dos *blends* lexicais “[...] (a) um para os casos em que P1 [palavra 1] e P2 [palavra 2] apresentam algum tipo de semelhança fônica; e, (b) outro para aqueles em que P1 e P2 são totalmente diferentes do ponto-de-vista segmental. Essa (des)semelhança fônica determinará o ponto de quebra” (GONÇALVES, 2003, p.152). Como exemplo do primeiro caso (a), tem-se o *blend* “tristemunho”, já apresentado neste artigo. Nos casos de *blends* que surgem de palavras sem semelhanças fônicas (b), a quebra ocorre nas regiões com maior grau de identidade, como nos casos de “portunhol” (português + espanhol) e “cariúcho” (carioca + gaúcho).

Ainda sobre *blends* no PB, mas sob um novo prisma, os trabalhos de Minussi e Nóbrega (2014) e Nóbrega e Minussi (2015), trazem contribuições para entender e incluir vocábulos como boacumba e bebemorar ao grupo dos *blends*. Para isso, discutem sobre a interface sintaxe-morfologia e sobre a interface sintaxe-pragmática por meio de uma abordagem não-lexicalista, a Morfologia Distribuída. Nessa perspectiva teórica, a interface entre sintaxe e morfologia inexistente, pois a estrutura morfológica é entendida como estrutura sintática. Ademais, Minussi e Nóbrega (2014) adotam para os *blends* do PB a divisão interna para a formação de palavras proposta por Basílio (2005) e por Gonçalves e Almeida (2007), conforme a Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Classificação dos *blends* conforme Minussi e Nóbrega (2014)

| Blends Fonológicos | Blends Morfológicos | Blends Semânticos |
|--|---|--|
| - presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos sobrepostos. | - ausência de quaisquer segmentos fonológicos idênticos nas palavras-fontes; -truncamento de uma ou de ambas as palavras fontes. | - reanálise semântica de uma parte dos segmentos fonológicos de uma das palavras-fontes; - substituição do segmento fonológico reanalisado por segmentos fonológicos equivalentes ao de outra raiz com traços enciclopédicos distintos. |
| Por exemplo: - <i>matel</i> < <i>mato</i> + <i>motel</i> - <i>roubodízio</i> < <i>roubo</i> + <i>rodízio</i> | Por exemplo: - <i>cariúcho</i> < <i>carioca</i> + <i>gaúcho</i> - <i>portunhol</i> < <i>português</i> + <i>espanhol</i> | Por exemplo: - <i>boacumba</i> < (<i>má</i>)- <i>cumba</i> - <i>bebemorar</i> < (<i>come</i>)- <i>morar</i> |

Fonte: Minussi e Nóbrega (2014, p. 168).

Diante dessas concepções para *blends* no PB, temos uma base inicial sobre esse processo de formação de palavras. Na subseção seguinte, será apresentado as concepções sobre *blends* que encontramos para as LSs.

2.2 *Blends* nas línguas de sinais

Em nossa pesquisa inicial, encontramos o conceito de fusão na Libras em um único trabalho, o de Xavier e Neves (2016). Os autores apresentam a fusão como uma das possibilidades de criação de sinais na Libras e apresentam exemplos como LETRAS-LIBRAS, apresentado na Figura 2 anteriormente.

Encontramos o conceito de *blend* em outras duas LSs, em dois trabalhos que tinham por objetivo descrever e analisar os *blends*: Lepic (2016) para a ASL e Makaroğlu (2021) para a TID. Nesses trabalhos, os autores apontam possibilidades para a formação de grupos de *blends* ou famílias de sinais que se tratam de possíveis *blends*.

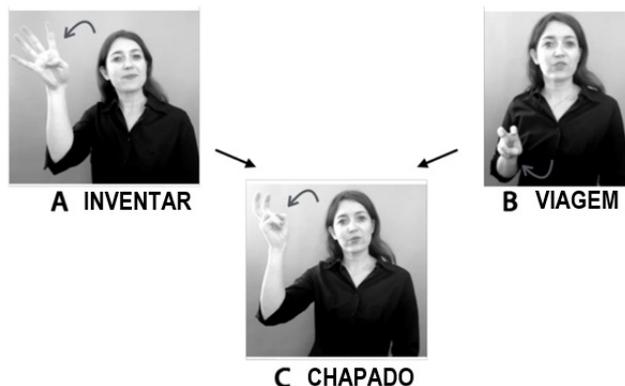
Lepic (2016) trabalha as formações de *blends* tanto na ASL quanto no inglês americano. No entanto, o autor não propõe acomodações tipológicas de formações por *blend* entre línguas diferentes e de modalidades diferentes. O autor explora as possibilidades em cada língua e indica possíveis famílias para acomodar os exemplos que ele debate na ASL.

Makaroğlu (2021) debate e expande o que foi proposto por Lepic (2016). O autor buscou na TID os fenômenos observados por Lepic (2016). Ele divide os sinais encontrados para a TID em quatro grupos: (i) *blend* completo; (ii) *blend* raiz; (iii) *blend* inicializado; e (iv) *blend* simultâneo.

Para Makaroğlu (2021), os *blends* completos podem ser considerados como “fronteira” entre os *blends* de LOs e LSs, pois são formados por partes fonológicas de dois ou mais sinais ou palavras já lexicalizados. As partes fonológicas de ambos os sinais se combinam para a produção de novos sinais. Para exemplificar esse tipo de *blend*, ele apresenta o sinal VIZINHO na TID, apresentado na Figura 1. No exemplo apresentado, Makaroğlu (2021) entende que a Localização (L) é o parâmetro fonológico comum entre os sinais CASA e PERTO na TID e após o cruzamento vocabular, a CM do sinal CASA e o M do sinal PERTO são as partes fonológicas mantidas dos sinais que serviram de *input* para a produção do sinal VIZINHO.

No grupo de *blends* denominado como *Blend Raiz*, é de fundamental importância entender qual o conceito utilizado por Lepic (2016) e Makaroğlu (2021). Para esses autores, raiz é uma localização com significado abstrato bem definido como, por exemplo, nos sinais que são produzidos na ou a partir da cabeça/têmpora e possuem, frequentemente, significados relacionados à memória ou à cognição. Dessa forma, *blends* raiz são sinais resultados da fusão entre um ou mais sinais já lexicalizados na LS com uma L que funciona como uma raiz abstrata ou como algo que se assemelha a um afixo (*affix-like*). Para exemplificar esse tipo de *blend*, tem-se o sinal para CHAPADO (tradução própria) na ASL.

Figura 4 – Formação de CHAPADO



Fonte: LEPIC (2016, p.102, tradução própria).

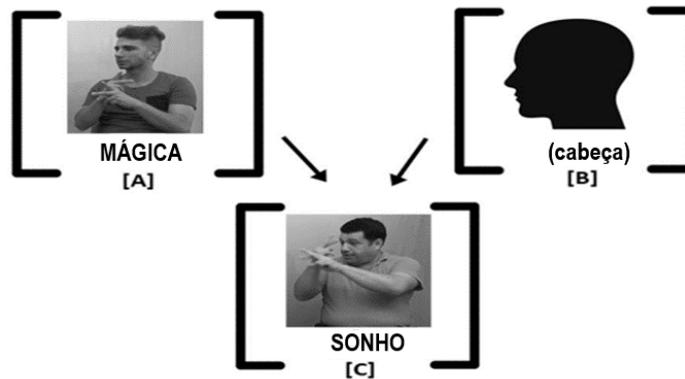
Na formação desse sinal, tem-se a fusão entre (A) INVENTAR, (B) VIAGEM e a L como raiz abstrata, a qual também está presente no sinal INVENTAR. No *blend* (C) CHAPADO, além da raiz abstrata, tem-se o M do sinal INVENTAR, semicírculo saindo da cabeça percorrendo a trajetória correspondente a parte superior de um círculo, como mostrado na Figura 4, e a CM do sinal VIAGEM.

Vale salientar que, mesmo que a L cabeça esteja presente no sinal INVENTAR, deve-se considerar sua participação como um elemento independente no processo de formação do *blend*, visto que

com os parâmetros da ASL, contudo, não é inteiramente claro de qual sinal em particular a localização na testa tem origem. Há muitos sinais lexicalizados na ASL que são sinalizados na cabeça e são relacionados à cognição (Frishberg e Gough 1973/2000; Meir, Padden, Aronoff e Sandler 2013), por exemplo PENSAR, SABER e REFLETIR. (LEPIC, 2016, p.102, tradução própria)

A dificuldade relatada por Lepic (2016) em identificar o primeiro sinal em que a L com sentido abstrato definido foi utilizada é um problema observado nas diversas LSs. O exemplo apontado por Makaroğlu (2021), na TID, simplesmente traz a L “cabeça”, como vemos na Figura 5:

Figura 5 – Formação de SONHO



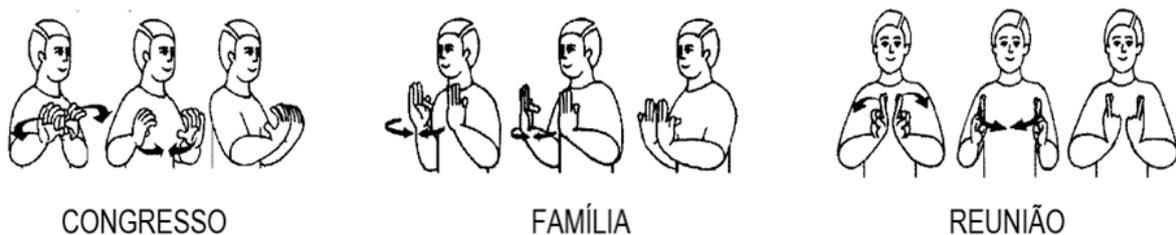
Fonte: Makaroğlu (2021, p.145, tradução própria).

No sinal da TID, (C) SONHO, tem-se o sinal MÁGICA realizado na L cabeça, ilustrando um prototípico *blend* raiz.

O fenômeno de inicialização é um processo muito comum de produção de sinais nas línguas de modalidade gestual-visual. Dentro do grande grupo de sinais inicializados, há os *blends* inicializados, os quais são caracterizados pela fusão entre um sinal ou um grupo de sinais já lexicalizados e a CM do alfabeto manual correspondente à primeira letra da palavra da LO com conceito equivalente ao *blend* formado.

Lepic (2016) baseia-se em Meir (2012) e debate exemplos em ASL para *blends* que remetem a ideia para “grupo-de-pessoas”, FAMÍLIA, ASSOCIAÇÃO, TIME e DEPARTAMENTO que são derivados da fusão do sinal GRUPO (traduções nossas) e a primeira letra da palavra em inglês com conceito equivalente ao dos *blends* formados. Coincidentemente, na Libras há a formação de *blends* na família de sinais que transmitem a ideia para alguns “grupos-de-pessoas” como CONGRESSO, FAMÍLIA e REUNIÃO.

Figura 6 – Sinais CONGRESSO, FAMÍLIA e REUNIÃO



Fonte: Capovilla *et al.* (2017).

Como pode ser observado nas representações dos sinais CONGRESSO, FAMÍLIA e REUNIÃO, esses *blends* inicializados compartilham os parâmetros de M e L, e a parte que os difere são as CMs correspondentes a uma letra do alfabeto manual utilizado na Libras. Para o sinal CONGRESSO, o sinal é inicializado com a CM “C”, para FAMÍLIA, o sinal é inicializado com a CM “F” e, para REUNIÃO, o sinal é inicializado com a CM “R”. Nesse sentido, é possível perceber o cruzamento vocabular no processo de formação desses sinais, em que o M e a L são os elementos que permanecem após a formação do *blend* e a CM é a parte que sofre o apagamento no sinal que serviu de base para a fusão entre o sinal da Libras e a CM do alfabeto manual. No entanto, não apontamos um sinal como a base do processo de formação do *blend*, como feito por Lepic (2016), que apontou o sinal GRUPO, mas partimos do princípio citado por esse mesmo autor que identificar o sinal que deu origem a um grupo ou família de sinais é muito complicado nas LSs⁸.

Os *blends* simultâneos possuem como característica a obrigatoriedade do uso das duas mãos, de forma simultânea, durante a sinalização do sinal formado. Além disso, a CM de uma das mãos deve ser proveniente de um dos sinais fonte e a CM da outra mão deve ser proveniente de um segundo sinal fonte. Esse tipo de cruzamento vocabular é possível nas línguas sinalizadas pela modalidade. Como as LSs possuem mais de um articulador, a saber mão direita, mão esquerda e ENMs, a formação de *blends* simultâneos é possível, como pode ser observado para o sinal ESTADIA-EM-CASA-DE-FAMÍLIA.

Figura 7 – Formação de ESTADIA-EM-CASA-DE-FAMÍLIA



Fonte: Makaroğlu (2021, p.149, tradução própria)

⁸ Essas famílias de sinais, como os exemplificados no texto, bem como o grupo de sinais para cores (VERDE, ROXO, MARROM...), para séries (1º e 2º PERÍODOS, 1º ao 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, 1º ao 3º ANO DO ENSINO MÉDIO), para formação (GRADUAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO, DOUTORADO e PÓS-DOUTORADO), para documentos (LEI, DECRETO, CURRÍCULO, REGULAMENTOS...), entre outros, têm algo que se assemelha a um valor afixal. Faria-Nascimento (2013) trata de alguns desses dados como derivação sufixal.

Na formação desse sinal, tem-se os sinais para CASA e FICAR. Para o sinal CASA, é mantida a sinalização da mão esquerda, sem M, e para o sinal FICAR, é mantida a sinalização da mão direita, com M. Makaroğlu (2021) aponta que “embora as duas mãos se refiram a dois sinais distintos, devido a restrições fonológicas na simultaneidade manual, apenas uma das mãos faz o movimento especificado no tempo adequado” (tradução própria).

Os quatro tipos ou grupos de *blends* apresentados anteriormente foram criados por Makaroğlu (2021) com base em um *corpus* da TID. Entre os referenciais teóricos do autor, tem-se os estudos de Lopic (2016), que não classifica ou subdivide os *blends* em grupos, mas apresenta as possibilidades de formação para esses sinais. Lopic (2016) baseia-se em Klima e Bellugi (1979) e apresenta a alteração do padrão de Movimento de um sinal já estabelecido na língua como uma das possibilidades de cruzamento vocabular. O traço de M é apagado e é substituído por um outro traço de M equivalente ao de outra raiz com traços enciclopédicos distintos. Lopic (2016) traz os exemplos OPRIMIR e PRIVILÉGIO para ilustrar sua argumentação.

Figura 8 – Sinais da ASL para OPRIMIR e PRIVILÉGIO

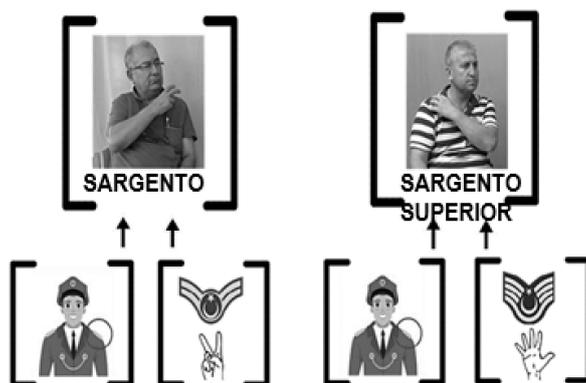


Fonte: Lopic (2016, p.109, tradução própria)

No exemplo apresentado, o padrão de M do sinal OPRIMIR, de cima para baixo, é apagado e substituído por outro padrão de M, de baixo para cima, o que gera um novo termo na ASL, PRIVILÉGIO. Makaroğlu (2021) não encontrou esse tipo de formação no *corpus* adotado da TID.

O papel da iconicidade na produção lexical nas LSs é um fenômeno muito comum e produtivo como atestado por Makaroğlu (2021). O autor chama a atenção para a possibilidade de formação de *blends* pela fusão de elementos linguísticos da TID com alguma representação do mundo real. Para exemplificar esse possível tipo de *blend*, ele traz os sinais utilizados para gradação militar de SARGENTO e SARGENTO SUPERIOR:

Figura 9 – Formação da TID para SARGENTO e SARGENTO SUPERIOR



Fonte: Makaroğlu (2021, p. 153, tradução própria)

Para esse par de sinais, o autor explica que na formação de *blends* icônicos a CM não se restringe a utilização do alfabeto manual e que a utilização da CM relativa ao número de faixas presente na farda na altura do ombro faz a relação entre a representação do mundo real, gradação de patente militar, e um elemento linguístico da LS, a representação numérica. Conseguimos perceber a motivação de produção dos sinais em que a representação de uma cena do mundo real está ligada a um elemento morfofonológico da LS.

2.3 *Blends* ou Compostos Simultâneos?

Os sinais e as palavras classificados como *blends* são, frequentemente, confundidos e classificados como compostos. Essa confusão é recorrente tanto para as LOs quanto para as LSs e pode ser explicada pela tênue diferença entre eles ao pensarmos que essas formações de sinais se encontram em um *continuum* (ANDRADE, 2013). Nesse sentido, é necessário que tenhamos em mente as diferenças entre esses tipos de formação.

A acomodação da composição e da formação de *blends* em um *continuum* é possível pois ambos processos compartilham características, como apontado por Minussi e Nóbrega (2014):

- a) *Blends* são formados por dois elementos com conteúdo semântico;
 - b) *Blends* permitem as mesmas relações gramaticais expressas nos compostos, por exemplo: subordinação, atribuição e coordenação;
 - c) *Blends* combinam as mesmas categorias gramaticais que um composto a fim de formar uma nova palavra,
- (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 165)

Ademais, Minussi e Nóbrega (2014) salientam que Sandmann (1991) define o “*blending* como um tipo de composição, distinguindo-se deste último apenas ‘porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico’” (traduzido por MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p.165).

Makaroglu (2021) ressalta outra dificuldade em diferenciar *blends* nas LSs, a semelhança destes com os sinais simples. Devido aos apagamentos e às modificações fonológicas nos sinais que servem de *input* para a fusão, o termo formado tende a ser uma unidade monossilábica⁹. Essa característica de sinal monossilábico também está presente nos compostos¹⁰ das LSs, o que aumenta a dificuldade de distinguir *blends* de sinais compostos, em especial os compostos simultâneos.

Ressaltamos que, conforme apresentamos na subseção anterior, os *blends* sempre envolvem dois elementos (sinal/parte de sinal + parte de sinal) realizados simultaneamente. Muito parecidos a eles, são os compostos simultâneos (BRENNAN, 1990; MEIR *et al.*, 2010; GÖKSEL, 2014), que são possíveis nas LSs, pois, como explica Meir *et al.* (2010), cada mão pode produzir um sinal diferente, ou ainda, é possível a realização simultânea de sinal manual com sinal não manual, realizado pela boca (RODERO-TAKAHIRA, 2015; RODERO-TAKAHIRA; SCHER, 2020). Para ilustrar essas formações, têm-se o sinal MERGULHADOR na BSL.

Figura 10 – Sinal da BLS para MERGULHADOR



Fonte: Brennan (1990, p. 153, tradução própria)

Nesse exemplo, é possível observar que cada mão produz um sinal diferente. A mão dominante representa um sinal CL ENTIDADE-RETA2CL (“pessoa”) que, nesse caso, é quem mergulha. Já a mão não dominante é o sinal CL ENTIDADE-PLANA1CL (“estrutura plana da qual alguém mergulha”). A produção simultânea desses sinais CLs é necessária para a leitura do significado de MERGULHADOR.

⁹ Entendemos como unidade silábica a hipótese MLMov proposta por Lessa-de-Oliveira (2012).

¹⁰ Para saber mais sobre compostos sequenciais na Libras, veja Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) e Figueiredo Silva e Sell (2011).

É importante observar que nessas formações, cada mão reproduz um sinal inteiro, e não apenas parte de sinais, o que é observado nos *blends*, ou seja, nos compostos simultâneos não há apagamento das partes envolvidas na sinalização. Ainda assim, pode haver dúvidas sobre o estatuto do sinal envolvido nesse tipo de composição. Pode haver questionamentos, por exemplo, se o sinal CL para a “estrutura plana da qual alguém mergulha” seria, de fato, um sinal inteiro. Nesta pesquisa, consideramos os sinais CLs como sinais inteiros, morfologicamente complexos, formados por uma raiz ENTIDADE e um morfema CL¹¹.

2.4 Contextos de criação dos *blends*

O contexto da fala carrega grande importância enquanto motivação para a produção de *blends*. Segundo Makaroğlu (2021), “é amplamente aceito que um *blend* lexical é criado intencionalmente e conscientemente para vários propósitos específicos ou comunicativos” (tradução própria). Dessa forma, esse autor afirma que o uso de *blends* ocorre comumente em: (i) ações de marketing para atrair consumidores e criar uma identidade para os produtos; (ii) em contextos políticos; ou, (iii) para gerar efeito estilístico cômico ou jocoso.

No PB, por exemplo, temos os *blends*: a) chocotone < chocolate + panetone (MINUSSI; NÓBREGA, 2014), que ilustra uma palavra criada para um produto; b) micheque < Michele + cheque, exemplificando uma palavra criada no contexto político; e c) apertamento < apartamento + apertado (MINUSSI; NÓBREGA, 2014), que gera efeito cômico ou jocoso. Ressaltamos que há outros *blends* utilizados em palavras novas, como webinarío < *web* + seminário, que não apresentam caráter jocoso, político ou publicitário.

Na Libras, temos os *blends*: a) que denominam um produto, como o sinal TEQUILA < PINGA + inicialização “T”; b) para termos técnicos, como ÁTOMO (1) (Capovilla *et al.*, p.310) < NÚCLEO (CL) > NÚCLEO (CL) + ELÉTRONS-GIRANDO (CL), no qual a segunda parte do sinal é um *blend* simultâneo, formado por parte do sinal CL NÚCLEO + o sinal ELÉTRONS-GIRANDO (CL); c) em topônimos, como TRÊS-CORAÇÕES > TRÊS + CORAÇÃO - no qual a CM do numeral TRÊS substitui a CM do sinal CORAÇÃO; e d) sinais comuns, que não são de áreas ou temas específicos, como ANIVERSÁRIO (2) (Capovilla *et al.*, p. 208) > ALEGRIA (1) + IDADE (veja Figura 12 adiante), no qual a CM do sinal IDADE substitui a CM do sinal ALEGRE.

De acordo com os autores estudados e a observação do *corpus* analisado nessa pes-

¹¹ Para mais detalhes sobre a perspectiva de sinais classificadores como sinais completos, morfologicamente complexos, veja Rodero-Takahira (2015).

quisa, acreditamos que o caráter jocoso, muitas vezes observado nas LOs, não é recorrente nas LSs. Porém, podemos perceber que esses sinais da Libras parecem de fato ser criados intencionalmente e conscientemente para diferentes propósitos comunicativos, conforme Makaroğlu (2021) aponta como característica dos *blends* de modo geral.

2.5 Considerações da Seção

Nesta seção, discutimos a caracterização de *blends*, passando por uma tipologia de *blends* lexicais atestados em LSs (LEPIC, 2016; MAKAROĞLU, 2021), bem como a diferenciação de *blends* e outra construção simultânea parecida, os compostos simultâneos (BRENNAN, 1990; MEIR *et al.*, 2010; GÖKSEL, 2014; RODERO-TAKAHIRA, 2015; RODERO-TAKAHIRA; SCHER, 2020).

Vimos que, por um lado, os *blends*, em seu processo de formação, são provenientes de palavras bases que são sobrepostas e sofrem apagamento de parte de seus materiais fônicos durante a derivação sintática, o que pode ser observado no momento do *output*. Por outro lado, os compostos simultâneos preservam o material fônico de suas palavras base, ou seja, os traços presentes nos sinais antes da derivação são observados no momento da sinalização.

Na seção 3, a seguir, voltamos para a discussão sobre o levantamento e a organização de nosso *corpus* e, em seguida, trazemos a análise dos nossos dados.

3 Metodologia

Após a revisão da literatura que aborda a formação de *blends* para as LSs (LEPIC, 2016; MAKAROĞLU, 2021), levantamos os possíveis grupos de *blends* já descritos para a ASL e para a TID, assim como os exemplos prototípicos de sinais para cada um desses grupos.

Em seguida, começou-se a busca de possíveis sinais da Libras que poderiam ser *blends*. Para a construção do nosso *corpus*, fizemos o levantamento de dados a partir da discussão de todos os sinais elencados na letra A de Capovilla *et al.* (2017), de onde selecionamos sinais formados por pelo menos dois sinais ou duas partes de sinais realizados simultaneamente ou sinais que pareciam apresentar algum elemento presente em *blends* prototípicos, como ser sinalizado em L com valor semântico ou formado pelo processo de inicialização simultaneamente com outro sinal, o que indica um *blend* em potencial. Além disso, para colocarmos na lista de possíveis *blends*, os sinais deveriam apresentar a simultaneidade como característica obrigatória para sinalizá-los. Desse modo, sinais simples, sintagmas e compostos sequenciais foram excluídos do *corpus* inicial.

Em um segundo momento, voltamos a debater os sinais previamente coletados para verificar se os elementos sinalizados simultaneamente nestes sinais eram pedaços de sinais distintos, inicialização ou L com valor semântico, o que caracteriza um *blend*, ou se eram sinais inteiros produzidos simultaneamente, o que indica um composto.

É importante frisar que para a análise e decomposição dos sinais em seus parâmetros utilizamos as três formas de registro fornecidas pelo dicionário, a saber, descrição da produção do sinal em PB, *SignWriting* e o desenho do sinal. Há casos em que as três formas apresentadas em Capovilla *et al.* (2017) não coincidem. Desse modo, ao fazermos o trabalho de comparação, tanto das formas de registro do mesmo sinal quanto das partes desse sinal com outros sinais relacionados, anotamos as divergências para saber se seria necessário excluir o sinal ou se poderia entrar para o *corpus* e ser contabilizado.

Além disso, contamos com nosso conhecimento de sinalização da Libras, principalmente por convívio em comunidade Surda da Zona da Mata Mineira e da região paulista, para discutirmos detalhes dos sinais. Para o exemplo principal de cada categoria de *blend* apontados na próxima subseção, gravamos um vídeo com a realização do sinal e com a breve explicação da formação morfológica do sinal por *blend*, como forma de esclarecer os resultados encontrados.

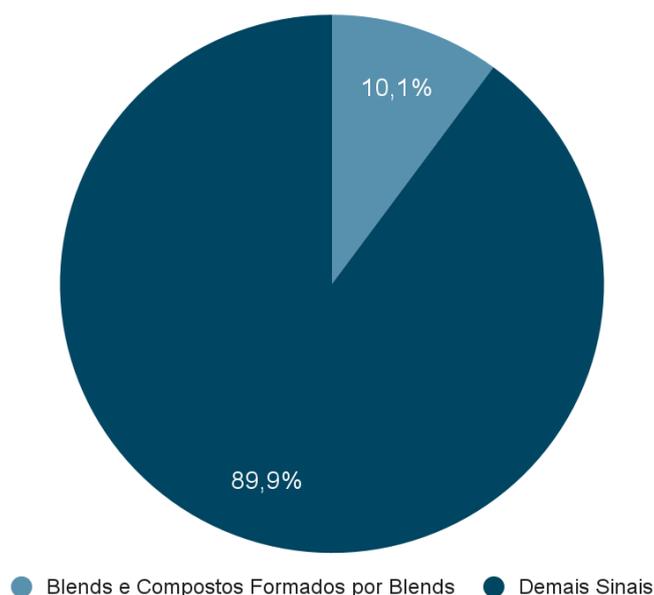
Em seguida, os sinais que foram pré-selecionados para a construção do *corpus*, foram analisados para identificarmos as características das partes que compunham a produção simultânea. Os sinais formados por dois sinais inteiros foram colocados no grupo de compostos simultâneos. Já os sinais que eram produzidos por partes de dois ou mais sinais foram agrupados em um único grupo para posteriormente serem reanalisados e comparados com exemplos prototípicos de *blends* descritos na literatura sobre a ASL e a TID.

No terceiro momento de nossa pesquisa, verificamos se os sinais que classificamos como *blends* eram formados pelos mesmos padrões descritos para os grupos presentes na literatura. Por meio dessa comparação, agrupamos os *blends* detectados em sete grupos, conforme os padrões de formação encontrados, a saber: (i) *blend* simultâneo; (ii) *blend* completo; (iii) *blend* raiz; (iv) *blend* inicializado; (v) *blend* por alteração no padrão de Movimento; (vi) *blend* por iconicidade; e (vii) *blend* por ENM. Nosso *corpus* revelou o sétimo grupo, no qual identificamos a realização de um sinal inteiro ou partes de dois sinais e a ENM de outro sinal.

Para finalizar a construção de nosso *corpus* e os agrupamentos de nossos dados, revisamos novamente todos os sinais elencados na letra A do dicionário.

Ao analisarmos os 1.375 sinais, encontramos 139 produções formadas por duas ou mais partes em que a simultaneidade compunha os sinais e que a presença de *blend* foi atestada, o que representa 10,1% dos termos analisados. Os 89,9% por cento dos sinais descartados eram formações do tipo: sinais simples, morfologicamente complexos, sintagmas e compostos que não apresentavam *blends* em suas formações.

Gráfico 1 – Porcentagem dos sinais simples, morfologicamente complexos, sintagmas ou compostos sem *blends* vs. *blends* e compostos com *blends*



Fonte: Elaboração própria

Munidos de uma classificação tipológica inicial de *blends* nas LSs, com base nos estudos de Lopic (2016) e Makaroğlu (2021), e do *corpus* formado pelos sinais levantados do dicionário de Capovilla *et al.* (2017), analisamos nossos 139 sinais morfologicamente complexos da Libras para confirmar se realmente são formados por um ou mais tipos de *blends* e verificar quais tipos de *blends* estão presentes nessa língua, conforme apresentamos na próxima seção.

4 Apresentação e análise dos dados

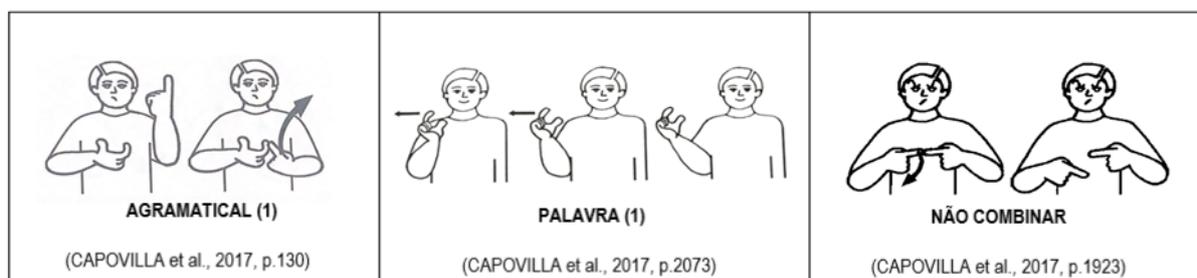
Dentre os tipos de *blends* apresentados, na seção 2 acima, pudemos atestar em nosso *corpus* a presença de formações de todos os tipos. Ainda, encontramos alguns exemplos formados por sinais misturados com ENMs faciais afetivas ou provenientes de outro

sinal, o que nos levou à proposição de um sétimo grupo de *blends*, os *blends* por ENM. A seguir, formalizamos uma proposta de tipologia de *blends* para a Libras, apresentando os grupos de *blends* encontrados e exemplos prototípicos retirados de nosso *corpus*.

4.1 *Blends* Simultâneos

Para esse grupo de *blends*, encontramos quinze sinais que satisfazem os parâmetros de formação propostos por Makaroğlu (2021). Esses *blends* são caracterizados por sinais produzidos por duas mãos e cada uma das CMs são provenientes de sinais distintos. Obedecendo esse padrão de formação, os *blends* simultâneos podem apresentar as seguintes formações: (i) ambos os sinais fontes são sinalizados com duas mãos e o sinal formado apresenta uma CM de cada sinal fonte, como em AVEA (1); (ii) uma das CMs é proveniente de parte de um sinal produzido com duas mãos e a segunda CM vem de um sinal produzido com apenas uma mão, como em AGRAMATICAL (1)¹² (Figura 11).

Figura 11 – Formação de AGRAMATICAL (1)



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla *et al.* (2017)

Listamos a seguir, no Quadro 1, todos os *blends* simultâneos encontrados em nosso *corpus*:

Quadro 1 – *Blends* Simultâneos

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|-----------------|------|------------------------------|
| ABORDAGEM | 61 | PESQUISA + ADICIONAR PONTO |
| AGRAMATICAL (1) | 130 | PALAVRA + NÃO-COMBINAR |
| AIDS (2) | 137 | VÍRUS HIV + PESSOA (CL) |
| ALITERAÇÃO (1) | 162 | PALAVRA + IGUAL (S) repetido |

¹² Formação de AGRAMATICAL (1) em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ls-jvwhCPoI> Acesso em: 21/06/2024.

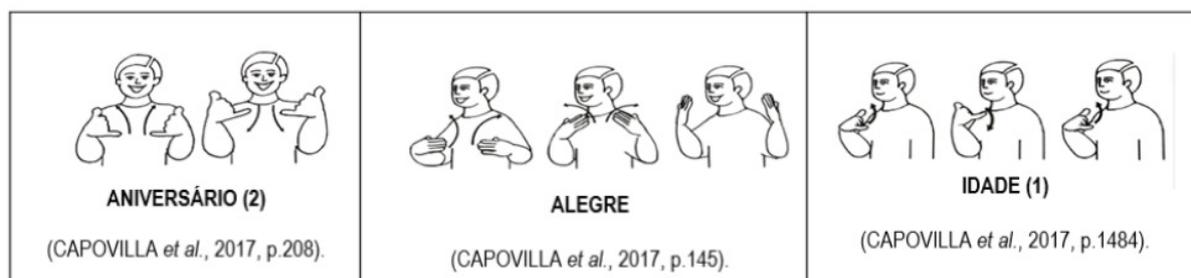
| | | |
|--|-----|---|
| ALITERAÇÃO (2) | 162 | LÍNGUA-DE-SINAIS + IGUAL (S) repetido |
| AMAMENTAR (2) | 175 | BEBÊ + MAMAR (CL) |
| AVEA (1) | 181 | TELA + IMAGEM/ÁREA |
| AVEA (2) | 181 | TELA + IMAGEM/ÁREA |
| ANALISAR (2) / ANÁLISE (2) | 193 | PERCEBER + CAVAR |
| ARQUIDIOCESE | 266 | DIOCESE + ABENÇOAR |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE NATAL | 296 | ASSOCIAÇÃO + NATAL |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE TERESINA | 297 | ASSOCIAÇÃO + TERESINA |
| ATALHO (informática) | 303 | CL atalho/ícone área de trabalho + CLICAR(CL) |
| ATRASAR, ATRASAR-SE, ATRASADO (2) | 315 | RELÓGIO-DE-PULSO + ATRASAR (1) |
| AVEA (ambiente virtual de ensino e aprendizagem) | 330 | TELA + IMAGEM |

Fonte: Elaboração própria

4.2 Blend Completo

Identificamos dez sinais que apresentam as características prototípicas de *blends* completos, conforme o trabalho de Makaroğlu (2021). Salientamos que, nesse grupo, os *blends* encontrados em nosso *corpus* são formados pela CM de um sinal e a L e o M de outro sinal, como pode ser observado em ANIVERSÁRIO (2)¹³.

Figura 12 – Formação de ANIVERSÁRIO (2)



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla et al. (2017)

Ao analisar o sinal ANIVERSÁRIO (2) é possível perceber que, ao formar o *blend*, a CM do sinal IDADE é mantida, assim como o M e a L de ALEGRE. Por exigência fonológica do sinal ALEGRE, o *blend* é sinalizado com ambas as mãos.

¹³ Formação de ANIVERSÁRIO (2) em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4AbfaTcQA0> Acesso em: 21/06/2024.

Listamos a seguir todos os *blends* completos encontrados em nosso *corpus*:

Quadro 2 – *Blends* Completos

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|--------------------------------|------|--|
| À EXCEÇÃO DE | 45 | RETIRAR + MENOS/NEGATIVO (1) / NEGATIVO (2) |
| À VISTA (1) | 47 | PAGAR + DINHEIRO (CL) |
| ABASTADO (2) | 54 | DINHEIRO + ELEVAR |
| ABATIMENTO | 55 | MENOS + ABAIXAR |
| AFORA | 121 | RETIRAR + MENOS/NEGATIVO (1) / NEGATIVO (2) |
| ANFÍBIOS | 201 | SAPO + GRUPO |
| ANIVERSÁRIO (2) | 208 | ALEGRIA (1) + IDADE |
| ANTEONTEM (1) | 216 | ONTEM + 2 (CM) |
| ANTEONTEM (2) | 216 | ONTEM + 2 (CM) |
| AUDIOMETRIA (3)* ¹⁴ | 318 | AUMENTAR-O-VOLUME-DO-SOM + ELEVAR(MD) + L ouvido direito +DIMINUIR-O-VOLUME-DO-SOM + ABAIXAR(ME) + L ouvido esquerdo |

Fonte: Elaboração própria

Dentro dos 139 sinais analisados, encontramos dez *blends* completos, dos quais um deles possui mais de uma classificação, AUDIOMETRIA (3) (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 318), que possui a manutenção das CMs de AUMENTAR-O-VOLUME-DO-SOM e DIMINUIR-O-VOLUME-DO-SOM e o M de ELEVAR(MD) e ABAIXAR(ME), caracterizando-o como *blend* completo, e marcação da L referencial, na orelha, caracterizando-o também como *blend* raiz.

4.3 *Blend* Raiz

Encontramos vinte e nove sinais que satisfazem as características prototípicas para um *blend* ser classificado como raiz, conforme Makaroğlu (2021). Para esse grupo de *blends*, as formações que encontramos apresentam o cruzamento vocabular entre um sinal e uma L com significado abstrato bem definido.

¹⁴ Os sinais com essa marcação (*) presentes nos Quadros 2 a 7 são casos de sinais morfologicamente complexos que possuem dois tipos de *blends* em sua formação e, por isso, fazem parte de duas tipologias e serão repetidos e contabilizados nos Quadros de cada tipologia às quais eles pertencem.

Para ilustrar um *blend* raiz para a Libras, temos o sinal ABERTURA¹⁵ (mente aberta).

Figura 13 – Formação de ABERTURA (mente aberta)



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla *et al.* (2017)

Para a formação desse *blend*, tem-se o cruzamento vocabular entre os sinais ABERTURA e a L na cabeça, indicando o campo do pensamento.

Listamos a seguir, no Quadro 3, todos os *blends* raiz encontrados em nosso *corpus*:

Quadro 3 – *Blends* Raízes

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|------------------------------|------|--|
| ABARROTADO | 54 | APERTAR + L nariz |
| ABENÇOAR (1)** ¹⁶ | 57 | Inicialização “A” + L boca + gesto de abençoar |
| ABENÇOAR (2)* | 57 | L acima da cabeça (DIVINO) + gesto de abençoar |
| ABENÇOAR (3)* | 58 | L acima da cabeça (DIVINO) + gesto de abençoar |
| ABERTURA (mente aberta) | 58 | ABRIR + L testa |
| ABORRECIDO (1)* | 62 | ABSORVER + L peito + ENM |
| ABORTAR (1) / ABORTO (1)* | 62 | PROJETAR (morfema genérico) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (2) / ABORTO (2)* | 62 | ABRIR (morfema genérico) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (3) / ABORTO (3)* | 62 | PROJETAR (morfema genérico) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (5) / ABORTO (5)* | 63 | PUXAR (1) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (6) / ABORTO (6)* | 63 | PUXAR (1) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (7) / ABORTO (7)* | 63 | PUXAR (1) + ENM + L barriga |
| ABSTRAIR | 70 | PEGAR + L testa |

¹⁵ Formação de ABERTURA (mente aberta) em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z5LiMjiAgsk>. Acesso em: 21/06/2024.

¹⁶ Os sinais com essa marcação (**) presentes nos Quadros 3 a 7 são casos de sinais morfologicamente complexos que possuem três tipos de *blends* em sua formação e, por isso, fazem parte de três tipologias e serão repetidos e contabilizados nos Quadros de cada tipologia às quais eles pertencem.

| | | |
|-------------------------------|-----|---|
| ACNE | 87 | ESPRESSO + L rosto |
| AFONIA | 120 | VAZIO (1)(2) + L |
| ALERGIA (4) | 148 | COÇAR + L nariz |
| ALIVIAR (1) * | 163 | DIMINUIR + L testa + ENM alívio |
| ALIVIAR (2) ** | 163 | SENTIMENTO L peito + inicialização “A” + ENM alívio |
| ALIVIAR (3) * | 163 | RETIRAR + TESTA + ENM alívio |
| AMARGO (3) ** | 175 | GOSTAR alteração M + ENM amargo + L boca |
| ANENCEFALIA | 200 | VAZIO + L testa/cabeça |
| ANGÚSTIA (1) * | 203 | ABSORVER + L peito + ENM |
| ANGÚSTIA (2) * | 203 | AGITAR + L peito + ENM |
| ANZOL (1) | 222 | L boca + ANZOL/GANCHO-CL |
| APAE (1) | 224 | LOGO + L peito |
| APEGADO | 232 | SEGURAR + L peito |
| ASFIXIAR (1) | 281 | TAPAR + L boca/nariz |
| ASFIXIAR (2), ASFIXIAR-SE (2) | 282 | APERTAR + L garganta |
| AUDIOMETRIA (3) * | 318 | AUMENTAR-O-VOLUME-DO-SOM + ELEVAR(MD) + L ouvido direito + DIMINUIR-O-VOLUME-DO-SOM + ABAIXAR(ME) + L ouvido esquerdo |

Fonte: Elaboração própria.

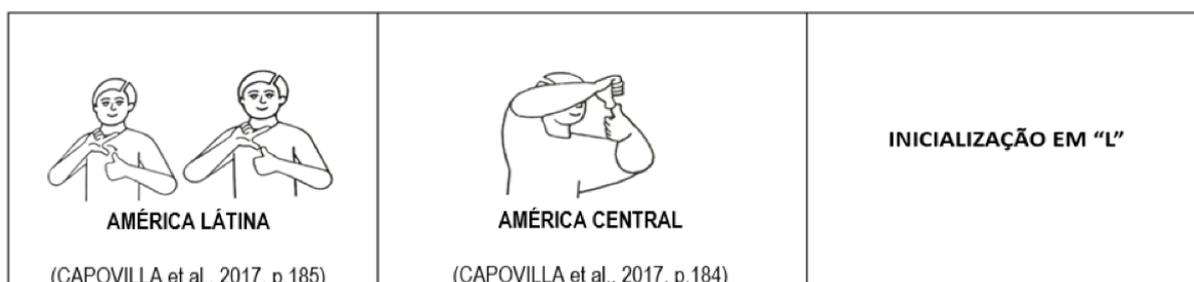
Dentro dos 139 sinais morfológicamente complexos analisados, encontramos 29 *blends* raiz, dos quais 14 possuem mais um tipo de *blend* em sua formação, e 3 possuem outros dois tipos de *blend* em sua formação, de modo que também aparecem em outros grupos, como o sinal AUDIOMETRIA (3), discutido na subseção anterior.

Vale ressaltar que, conforme pode ser observado nos dados acima, na Libras, identificamos sinais nos quais a L que compõe o *blend* é: (i) na cabeça, indicando algo relacionado ao campo do pensamento ou da cognição; (ii) no ouvido, indicando algo relacionado ao som ou à audição; (iii) no nariz, indicando aroma; (iv) na boca, indicando o paladar ou a fala; (v) na garganta, indicando fala, voz; (vi) no peito, indicando sentimentos; (vii) na barriga, indicando o sistema digestivo ou o sistema reprodutor; e (viii) acima da cabeça, indicando algo divino.

4.4 *Blends* Inicializados

Para o grupo de *blends* classificado como *Blends* Inicializados, encontramos quatorze sinais que satisfazem as proposições de Lepic (2016). Esse grupo de *blends* é o resultado do cruzamento vocabular entre um sinal ou um grupo de sinais da Libras e a CM do alfabeto manual correspondente à primeira letra da palavra em PB com conceito equivalente ao *blend* formado. Nesse sentido, a utilização do alfabeto manual não é arbitrária e a CM utilizada para a produção do novo sinal é responsável pela produção do novo significado.

Figura 14 – Formação de AMÉRICA LATINA



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla *et al.* (2017)

No sinal AMÉRICA LATINA¹⁷ (Figura 14), tem-se como sinal base AMÉRICA CENTRAL em que a CM da mão superior é apagada e substituída pela CM “L” que vem do termo “latina”, em PB.

Listamos no Quadro 4 a seguir todos os *blends* inicializados encontrados em nosso corpus:

Quadro 4 – *Blends* Inicializados

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|----------------|------|--|
| ABENÇOAR (1)** | 57 | Inicialização “A” + L boca + gesto de abençoar |
| ABRIL | 66 | ENFORCAR + inicialização “A” |
| AGENDA (1) | 124 | PAPEL/JORNAL (mão base) + inicialização “A” |
| AGOSTO | 128 | GOSTAR + inicialização A |
| ALGORITMO | 156 | PAPEL (mão base) + inicialização “A” |

¹⁷ Formação do sinal AMÉRICA LATINA em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hSQXwzOSXB0>. Acesso em: 21/06/2024.

| | | |
|---|-----|---|
| ALIVIAR (2) ** | 163 | SENTIMENTO L peito + inicialização “A” + ENM alívio |
| AMÉRICA LATINA | 185 | AMÉRICA-CENTRAL + inicialização “L” |
| APARECIDA DO NORTE * | 227 | MANTO + inicialização “A” |
| ARARAQUARA (SP) | 256 | TREM + inicialização “A” |
| ASSEMBLEIA LEGISLATIVA (2) | 290 | REUNIÃO + inicializações “A” e “L” |
| ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DO DEFICIENTE AUDITIVO (APADA)* | 294 | Iconicidade logo + inicializações “A” e “P” do símbolo da associação (CL) + L coração (parte da logo) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE ALAGOAS* | 295 | Iconicidade logo + inicializações “A” e “L” do símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE IMPERATRIZ (ASSIM)* | 296 | Iconicidade logo + inicializações “A” e “I” do símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE OLINDA* | 297 | Iconicidade logo + inicializações “O” e “L” símbolo da associação (CL) |

Fonte: Elaboração própria.

Dentro dos 139 sinais analisados, encontramos 14 *blends* inicializados. Entre esses sinais, encontramos 5 que possuem características de duas tipologias e 2 que possuem características de três tipologias de *blends*. Para exemplificar, tem-se o *blend* ALIVIAR (2) (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 163), que possui inicialização “A”, o que o caracteriza como inicializado, a presença da ENM de alívio, o que permite sua classificação como *blend* por ENM, e M e L provenientes do sinal SENTIMENTO, o que o caracteriza como um *blend* raiz.

4.5 *Blends* por alteração no padrão de Movimento

Os *blends* por alteração no padrão de Movimento são citados por Lepic (2016) como uma possível formação na ASL. Essa tipologia não é encontrada no *corpus* utilizado por em Makaroğlu (2021) na TID. Na base de dados que utilizamos na Libras, foi possível identificar dez *blends* por alteração do padrão de Movimento, de modo que optamos por formalizá-lo como o quinto grupo de *blends* apresentado aqui. Para exemplificar, temos a formação de ANTÔNIMO¹⁸.

¹⁸ Formação do sinal ANTÔNIMO em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ouVbL576Mpg>. Acesso em: 21/06/2024.

Figura 15 – Formação de ANTÔNIMO



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla et al. (2017).

No sinal VOCABULÁRIO, temos um M simples da mão dominante. Quando acontece uma alteração no padrão de Movimento, com a incursão de um M oposto, o *blend* ANTÔNIMO é formado.

Listamos a seguir todos os *blends* por alteração no padrão de Movimento encontrados em nosso *corpus*:

Quadro 5 – *Blends* por alteração no padrão de Movimento

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|----------------------------|------|--|
| AMARGO (3)** | 179 | GOSTAR alteração M + ENM amargo + L boca |
| ANALISAR (1) / ANÁLISE (1) | 192 | PERGUNTAR + alteração M |
| ANDAR-À-TOA | 196 | ANDAR (1) + alteração M |
| ANDAR DE MODO LEVE E SUAVE | 197 | ANDAR (1) + alteração M |
| ANO PASSADO (2) | 210 | ANO + alteração M |
| ANTAGÔNICO | 213 | IGUAL + alteração M |
| ANTÔNIMO | 220 | VOCABULÁRIO + alteração M |
| AO CONTRÁRIO | 223 | IGUAL + alteração M |
| APRESSAR, APRESSAR-SE (1) | 245 | RÁPIDO + alteração M |
| ASSISTENTE SOCIAL (1) | 292 | AJUDAR + alteração M |

Fonte: Elaboração própria.

Dentro dos 139 sinais analisados, encontramos dez *blends* por alteração do padrão de Movimento. Entre esses sinais, encontramos um que possui três tipologias de *blends* diferentes, a saber, AMARGO (3) (CAPOVILLA et al., 2017, p. 179). A formação desse sinal dá-se pelo apagamento do M do sinal GOSTAR, que é substituído por um M opo-

to, o que o classifica como *blend* por alteração no padrão de Movimento. É empregada a L boca, que carrega sentido amplo que remete à alimentação ou ao paladar, o que coloca AMARGO (3) no grupo de *blends* raiz. Ainda no processo de formação desse *blend*, há uma ENM que remete à expressão de algo que está amargo, o que coloca esse sinal no grupo de *blends* por ENM também.

4.6 *Blends* Icônicos

Os *blends* icônicos, como os *blends* por alteração no padrão de Movimento, são apresentados como possíveis nas LSs. Makaroğlu (2021) identificou esse tipo de formação na TID, mas não propôs um grupo para esse tipo de formação por não ter encontrado nenhum exemplo no *corpus* de sua pesquisa. Para justificar esse tipo de formação, ele utiliza exemplos de fora do *corpus*, como SARGENTO e SARGENTO SUPERIOR, apresentados anteriormente na Figura 9.

Para que um *blend* seja classificado como icônico, o processo de fusão deve ocorrer entre um sinal já estabelecido na LS e um sinal CL ou outro elemento da LS, como CM do alfabeto manual ou representação de números, que remetem a uma representação do mundo real. Para exemplificar esse tipo de *blend*, tem-se o sinal para o algarismo romano V (cinco)¹⁹:

Figura 16 – Formação de ALGARISMO ROMANO V



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla et al. (2017)

No sinal para algarismo romano V, tem-se o sinal base ALGARISMO ROMANO, que sofre apagamento das CMs, inicial e final, que são substituídas pela CM “V”. Nesse processo de formação de *blend*, são satisfeitas as necessidades de um sinal base, o qual sofre algum apagamento durante o processo de fusão, e a substituição do elemento apagado,

¹⁹ Formação do sinal ALGARISMO ROMANO V em Libras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_hQ8pQLojI Acesso em: 21/06/2024.

nesse exemplo, a CM do sinal por uma CM que remete a algo mais icônico. Ao utilizar a CM “V” ao invés da CM utilizada para o numeral cinco em Libras, tem-se a representação icônica proveniente do mundo real. Na linha de Wilcox (2004), a utilização da CM “V” é mais do que uma simples representação do mundo real já que, nos contextos que se utilizam algarismos romanos, a forma em “V” possui uma relação cognitiva com a ideia de quantidade que o próprio “V” representa.

Listamos a seguir todos os *blends* icônicos encontrados em nosso *corpus*:

Quadro 6 – *Blends* Icônicos

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|----------------------|------|--|
| ABENÇOAR (1) ** | 57 | Inicialização “A” + L boca + gesto de abençoar |
| ABENÇOAR (2) * | 57 | L acima da cabeça (DIVINO) + gesto de abençoar |
| ABENÇOAR (3) * | 58 | L acima da cabeça (DIVINO) + gesto de abençoar |
| ALGARISMO ROMANO I | 153 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO II | 153 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO III | 154 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO IV | 154 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO V | 154 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO VI | 154 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO IX | 155 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO X | 155 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO L | 155 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO C | 155 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |

| | | |
|--|-----|---|
| ALGARISMO ROMANO D | 155 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO M | 155 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| APARECIDA DO NORTE * | 227 | MANTO + inicialização “A” |
| ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DO DEFICIENTE AUDITIVO (APADA) * | 294 | Iconicidade logo + inicializações “A” e “P” do símbolo da associação (CL) + L coração (parte da logo) |
| ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) | 294 | Iconicidade logo + CM símbolo da APAE (CL) + L coração (L da logo no uniforme) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE ALAGOAS * | 295 | Iconicidade logo + inicializações “A” e “L” do símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE CAMPINA GRANDE | 295 | Iconicidade logo + CM símbolo da AACG (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE IGUATU | 295 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE IMPERATRIZ (ASSIM) * | 296 | Iconicidade logo + inicializações “A” e “I” do símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE JOÃO PESSOA | 296 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE MARACANAÚ | 296 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE OLINDA* | 297 | Iconicidade logo + inicializações “O” e “L” símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE PATOS | 297 | Iconicidade logo + parte do sinal PATO do símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE PERNAMBUCO | 297 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE SANTA QUITÉRIA | 297 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DO CEARÁ (ASCE) | 298 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DO MARANHÃO (ASMA) | 298 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO DE SURDOS EVANGÉLICOS DO CEARÁ | 298 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) + L coração |

| | | |
|---|-----|--|
| ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (ASSP) | 298 | Iconicidade logo + CM símbolo da associação (CL) |
| ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL PARA MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS (AHIMSA) | 299 | Iconicidade logo da associação + CM símbolo da associação (CL) |

Fonte: Elaboração própria

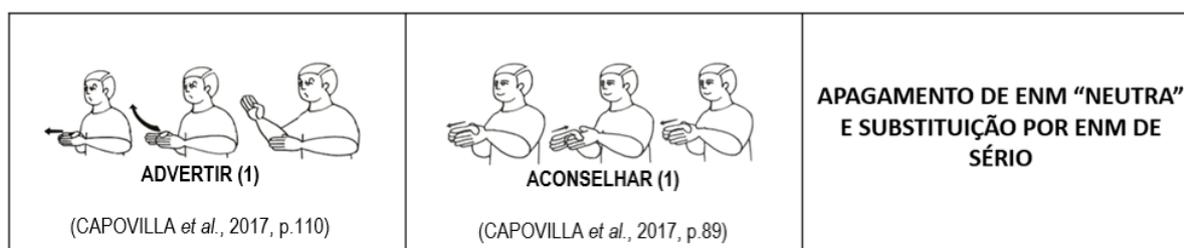
Dentro dos 139 sinais analisados, encontramos 33 *blends* icônicos, dos quais um se enquadra em três tipologias diferentes e sete enquadram-se em uma segunda tipologia.

4.7 *Blends* por ENM

Ao analisarmos nosso *corpus*, observamos um tipo de formação de sinais que apresenta como característica a fusão de dois sinais onde um deles sofre o apagamento do parâmetro ENM, o qual é substituído pela ENM de um outro sinal. Frisamos que não encontramos registro desse tipo de formação na literatura.

Como nesse tipo de formação ocorre a fusão entre dois sinais bases, apagamento de parte do material fônico de ambos os sinais e o sinal formado apresenta parte de ambos sinais bases, propomos um novo grupo de *blends*, a saber, os *blends* por ENM. Para exemplificar esse grupo, tem-se o sinal ADVERTIR (1)²⁰:

Figura 17 – Formação do termo ADVERTIR (1)



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla *et al.* (2017)

O sinal ADVERTIR (1) é formado pelo sinal ACONSELHAR (1), que perde sua ENM neutra, ganhando a ENM de sério. Essa ENM contribui para o significado do sinal. Esse sinal, bem como alguns outros no quadro abaixo, como ACUAR e AGRAMATICAL (2), entre outros, parece apresentar também uma alteração na qualidade do M (frequên-

²⁰ Formação do sinal ADVERTIR (1) em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kxbdXVuJJTM> Acesso em: 21/06/2024.

cia, intensidade ou padrão). A ENM nesses sinais contribui com o significado da formação, por isso, os classificamos como *blends* por ENM. A alteração na qualidade do M não nos pareceu contribuir significado específico. Em dados como AGRAMATICAL (2), é possível que a alteração de M seja simplesmente o espelhamento da ENM realizada pelo queixo. No entanto, uma pesquisa mais detalhada, com um *corpus* de sinalização real será de extrema importância para que as nuances de movimento e suas possíveis contribuições morfológicas sejam esmiuçadas, inclusive para verificar se há diferença entre alterações de M que se caracterizam como derivação sufixal (FARIA-NASCIMENTO, 2013) e alterações de M contribuindo significado e formando *blends* (como M oposto que aparece no sinal ANTÔNIMO, na figura 15 acima). Essa discussão deve seguir em pesquisa futura.

Listamos a seguir todos os *blends* por ENM encontrados em nosso *corpus*:

Quadro 7 – *Blends* por ENM

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|----------------------------|------|---|
| ABORRECIDO (1) * | 62 | ABSORVER + L peito + ENM |
| ABORTAR (1) / ABORTO (1) * | 62 | PROJETAR (morfema genérico) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (2) / ABORTO (2) * | 62 | ABRIR (morfema genérico) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (3) / ABORTO (3) * | 62 | PROJETAR (morfema genérico) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (5) / ABORTO (5) * | 63 | PUXAR (1) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (6) / ABORTO (6) * | 63 | PUXAR (1) + ENM + L barriga |
| ABORTAR (7) / ABORTO (7) * | 63 | PUXAR (1) + ENM + L barriga |
| ABSORVER (2) (líquido) | 69 | PEGAR/RECOLHER + ENM (sugar) |
| ACUAR | 95 | VAGA + ENM neg. |
| ADMOESTAR (1) | 105 | ACONSELHAR (1) + ENM |
| ADVERTIR (1) | 110 | ACONSELHAR (1) + ENM |
| AGRAMATICAL (2) | 130 | FRASE + ENM de irregular/fora do padrão |
| ALIVIAR (1) * | 163 | DIMINUIR + L testa + ENM alívio |
| ALIVIAR (2) ** | 163 | SENTIMENTO L peito + inicialização “A” + ENM alívio |
| ALIVIAR (3) * | 163 | RETIRAR + TESTA + ENM DE ALIVIAR |
| AMARGO (3) ** | 175 | GOSTAR alteração M+ ENM amargo + L boca |
| AMBIÇÃO (1) | 181 | OLHOS-ABERTOS (CL) + ENM |
| AMIGDALITE (1) | 186 | AMIGDALAS (CL) +ENM como em doente |
| AMOR-À-PRIMEIRA-VISTA | 188 | VER (duas pessoas se olhando) + ENM paquerar |

| | | |
|-----------------------------|-----|--------------------------------------|
| ANDAR-CAMBALEANDO | 196 | ANDAR (2) + ENM bebado |
| ANGÚSTIA (1) * | 203 | ABSORVER + L peito + ENM |
| ANGÚSTIA (2) * | 203 | AGITAR + L peito + ENM |
| APIMENTADO | 235 | ABANAR + ENM neg. com língua de fora |
| APODERAR-SE | 238 | PEGAR + ENM neg. |
| APODRECER, APODRECER-SE (2) | 238 | SUJO + ENM |
| APOSTAR (1) | 241 | PODER + ENM positiva |
| APROVEITAR-SE (2) | 247 | APROVEITAR (M duplicado) + ENM neg. |
| ARDIDO | 260 | ABANAR + ENM neg. com língua de fora |
| ARRITMIA | 271 | CORAÇÃO + ENM neg. |
| ASMA (2) | 283 | RESPIRAR + ENM |
| ASNÁTICO | 283 | BURRO + ENM neg. |
| AVANÇAR SINAL DE TRÂNSITO | 329 | CL carro andar + ENM neg. |

Fonte: Elaboração própria.

Dentro dos 139 sinais analisados, encontramos 32 *blends* por ENM, dos quais onze possuem duas tipologias e dois classificam-se em três tipologias. Para exemplificar, tem-se os sinais AMARGO (3) (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 175) e ALIVIAR (2) (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 163) já analisados acima como *blends* que se enquadram em mais de uma tipologia.

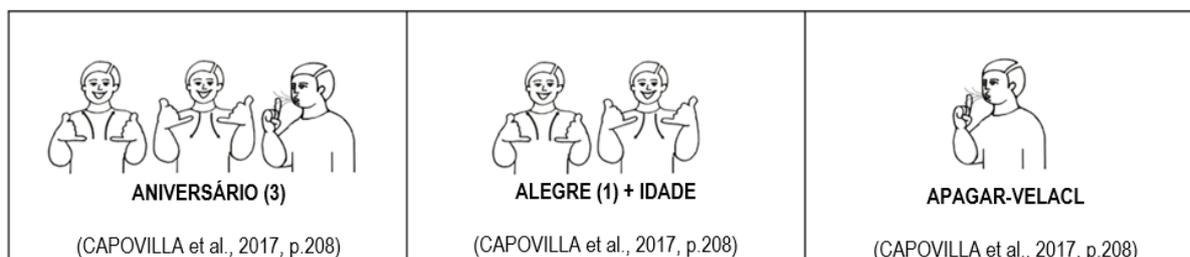
4.8 Compostos simultâneo-sequenciais formados por *blends*

Compostos simultâneo-sequenciais, segundo Rodero-Takahira (2015), “são realizados com um sinal e, na sequência, dois sinais CLs realizados simultaneamente, não necessariamente nessa mesma ordem”. Trazemos essa definição, pois encontramos durante o levantamento de nossos dados compostos simultâneo-sequenciais em que, pelo menos, uma das partes do composto simultâneo-sequencial é formado por um *blend*. Os *blends* nas LSs são, por natureza, formações simultâneas. Nesse sentido, todo composto em que, pelo menos, um dos sinais é um *blend*, é classificado como composto simultâneo-sequencial.

Além do mais, é importante destacar que, em nossa busca na literatura sobre compostos e *blends*, não encontramos registrado a ocorrência de compostos formados por *blends*. Para exemplificar sinais com esse tipo de formação, trazemos o sinal ANIVERSÁRIO (3)²¹.

²¹ Formação do sinal ANIVERSÁRIO (3) em Libras: https://www.youtube.com/watch?v=HN_A2JwKd6Q
Acesso em: 21/06/2024.

Figura 18 – Formação de ANIVERSÁRIO (3)



Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Capovilla *et al.* (2017).

Ao analisar o sinal ANIVERSÁRIO (3) é possível perceber que, sua primeira parte, ANIVERSÁRIO, é um *blend* completo no qual a CM do sinal IDADE é mantida, assim como o M e a L de ALEGRE. Na segunda parte, temos o sinal morfologicamente complexo APAGAR-VELACL.

Listamos a seguir todos os compostos simultâneo-sequenciais formados pelos diferentes tipos de *blends*:

Quadro 8 – Compostos simultâneos-sequenciais formados por *blends*

| Nome do sinal | Pág. | Anotação do sinal |
|-----------------------|------|---|
| ABAIXAR A VOZ | 50 | ABAIXAR-CL > L pescoço + PROJETAR (morfema genérico) + inicialização “V” |
| ABAFAR | 50 | APERTAR + L nariz > A + R |
| ABAJUR (3) | 52 | CL base abajur > CL base abajur + LUZ-PROJETAR (morfema genérico) |
| ÁFRICA DO SUL (1) | 122 | ÁFRICA (2) > SUL (ROSA DOS VENTOS + inicialização “S” |
| ÁFRICA DO SUL (2) | 122 | ÁFRICA (3) > SUL (ROSA DOS VENTOS + inicialização “S” |
| ÁFRICA DO SUL (3) | 122 | ÁFRICA (3) > SUL (ROSA DOS VENTOS + inicialização “S” |
| ALGARISMO ROMANO VII | 154 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano > ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ALGARISMO ROMANO VIII | 154 | ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano > ALGARISMOS ROMANOS + CM da representação escrita do algarismo romano |
| ANAMNESE (1) | 194 | ANALISAR (1) > MÉDICO |
| ANIVERSÁRIO (3) | 208 | ALEGRE + IDADE + APAGAR-VELA (CL) |

| | | |
|------------------------------------|-----|---|
| ANO FISCAL | 209 | FISCAL (ADMINISTRAÇÃO + SALÁRIO) + ANO |
| ANO PASSADO (1) | 210 | ANO + alteração M > PASSADO |
| APÓSTOLO(S) (1) | 242 | NUMERAL 12 > SEGUIR + CM D |
| ÁREA DE TRABALHO (informática) | 260 | TELA + ÁREA > TRABALHAR |
| ASMA (1), ASMÁTICO | 283 | CL bombinha + L boca (<i>blend</i> raiz) > OFEGANTE |
| ASSEMBLEIA LEGISLATIVA (1) | 289 | ASSEMBLEIA > LEI (CL papel + inicialização “A”) |
| ÁTOMO (1) | 310 | NÚCLEO (CL) > NÚCLEO (CL) + ELÉTRONS-GIRANDO (CL) |
| ATUALIZAÇÃO (informática) | 317 | TELA (parte) + NOVO (reduplicado) > TELA (parte) + COLOCAR (reduplicado) |
| AUDIÇÃO | 317 | OUVIDO > PEGAR + L ouvido |
| AUDIOMETRIA (2) | 318 | FONOAUDIÓLOGO > AUMENTAR-O-VOLUME-DO-SOM + ELEVAR(MD) + L ouvido direito + DIMINUIR-O-VOLUME-DO-SOM + ABAIXAR(ME) + L ouvido esquerdo |
| AUMENTAR O PESO DE UMA PESSOA (CL) | 320 | PESAR > PONTEIRO-DA-BALANÇA (CL) balança + SUBIR (L-A) (L-B) + ENM de GORDO |

Fonte: Elaboração própria.

Dentro dos 139 sinais analisados, encontramos 21 compostos simultâneo-sequenciais formados por *blend*. Nesse grupo, também foi identificado a presença de dois *blends* com mais de uma tipologia formando compostos. Para exemplificar, tem-se os sinais AUDIOMETRIA (2) (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 163), que é o sinal FONOAUDIÓLOGO produzido sequencialmente ao sinal AUDIOMETRIA (3) (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 318), já analisado acima como *blend* completo e como *blend* raiz.

Os *blends* dentro dos compostos simultâneo-sequenciais não foram divididos na tipologia de *blends* apresentada acima, pois esses dados apresentam morfologia e estrutura morfossintática mais complexas e serão analisados em pesquisa futura. Para os propósitos deste artigo, apenas os contabilizamos como 21 dados do tipo composto simultâneo-sequencial nos quais há *blends*.

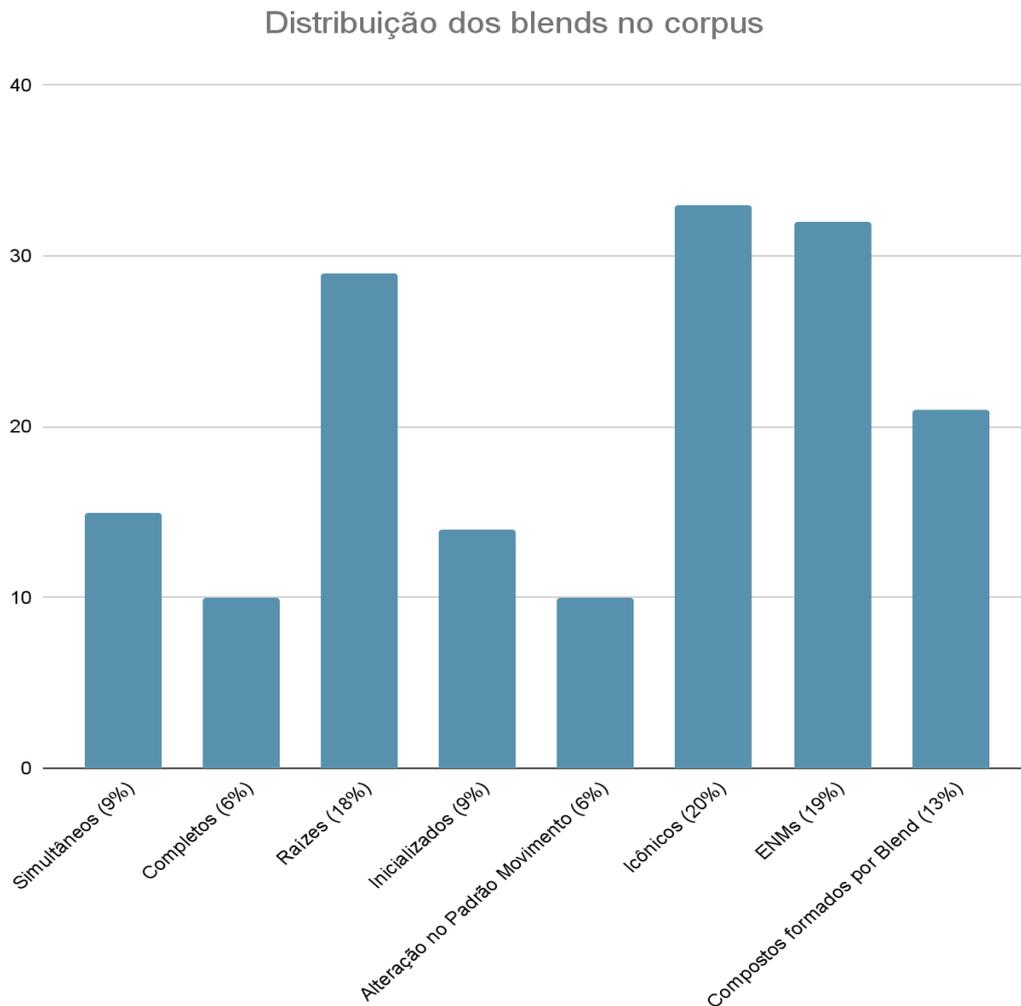
4.9 Resultados finais da seção

Dos 1375 sinais observados a partir da seleção entre os sinais elencados na letra A de Capovilla *et al.* (2017), identificamos 139 formações nas quais há *blends*, que com-

põem o nosso *corpus*, conforme apresentado nas subseções acima. A presença de *blend* foi atestada em 10,1% dos sinais observados e 89,9% dos sinais foram descartados.

Os 10,1% dos dados analisados são formados por *blends* dos diversos tipos apresentados acima, conforme podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Número total e a porcentagem (%) de cada tipo de *blend* identificado



Fonte: Elaboração própria.

Observamos que os diversos tipos de *blends* ocorrem na Libras. Eles são produtivos não só dentro dos subtipos identificados, mas também na formação de compostos simultâneo-sequenciais, que perfazem 13% do nosso *corpus*.

Dos 139 sinais morfológicamente complexos em Libras investigados em nosso corpus, todos apresentam pelo menos uma formação de *blend* (ou são *blends* ou compostos formados por *blends*). Dentre eles, encontramos 19 dados que apresentaram duas tipologias de *blends* e três que apresentaram três tipologias de *blends* totalizando 164 ocorrências de *blends* em nosso corpus.

5 Considerações finais

Essa pesquisa lançou luz no processo de formação de sinais por *blend* na Libras. Pudemos mostrar que, por um lado, os dados do corpus analisados como *blends* se assemelham aos compostos simultâneos, ao passo que ambos são processos de formação de novos sinais a partir de duas partes realizadas simultaneamente. Por outro lado, pudemos diferenciá-los, uma vez que enquanto os compostos simultâneos apresentam dois sinais inteiros, sejam sinais manuais ou sinais boca, realizados simultaneamente, os *blends* apresentam propriedades específicas, são formados por sinais e partes de sinais, muitas vezes com componentes com valor (quase) afixal.

Este trabalho nos permitiu formalizar uma proposta de tipologia de *blends* para a Libras. Dividimos as formações de sinais por *blend* em sete subgrupos:

- (i) *blend* simultâneo (9% dos dados) - se dá pela fusão de segmentos de sinais distintos em que cada mão realiza parte de um sinal (e.g., AGRAMATICAL (1) < PALAVRA (mão esquerda) + NÃO-COMBINAR (mão direita));
- (ii) *blend* completo (6% dos dados) - se dá entre segmentos distintos no qual a CM de um sinal é mantida completamente e o M é proveniente de outro sinal (e.g., ANIVERSÁRIO (2) < ALEGRE (L e M) + IDADE (CM));
- (iii) *blend* raiz (18% dos dados) - realizado com a L da produção do sinal possuindo valor semântico e parte de outro sinal (e.g., ANGÚSTIA (2) < AGITAR (CM, O, M) + L peito + ENM);
- (iv) *blend* inicializado (9% dos dados) - o *blend* acontece entre uma inicialização misturada com sinal já estabelecido (e.g., AMÉRICA LATINA < AMÉRICA CENTRAL + Inicialização "L");
- (v) *blend* por alteração no padrão Movimento (6% dos dados) - ocorre com um sinal em que a O da palma adquire uma direcionalidade oposta durante a realização do M de um sinal já estabelecido (e.g., ANTÔNIMO < VOCABULÁRIO (2) + alteração M);

- (vi) *blend* por iconicidade (20% dos dados) - se dá com um gesto e uma CM do alfabeto ou de numeral (e.g. ALGARISMO ROMANO V < ALGARISMOS ROMANOS (L e M) + CM “V” - indicando a representação escrita do algarismo romano V);
- (vii) *blend* por ENM (19% dos dados) - ocorre com a realização de sinal já estabelecido com ENM de outro sinal ou que remeta a sentimentos (e.g., ADVERTIR (1) < ACONSELHAR (1) + ENM de sério).

A partir da observação do *corpus* e de dois trabalhos encontrados sobre *blends* nas LSs (MAKAROĞLU, 2020; LEPIC, 2016), pudemos atestar a recorrência de sinais em todos os grupos, inclusive nos grupos (v) e (vi), que Lepic (2016) e Makaroğlu (2021) apontavam como possibilidade, mas sem observar muitas formações na ASL e na TID. Pudemos identificar um sétimo grupo formado por ENM. Também identificamos 13% dos *blends* formando compostos simultâneo-sequenciais. Dentro do *corpus* com 139 dados com *blends*, 19 deles apresentaram duas tipologias de *blends* e três apresentaram três tipologias totalizando 164 ocorrências de *blends* no *corpus*.

Em pesquisa futura, pretendemos investigar a estrutura morfossintática dos diferentes tipos de *blends*, considerando os cortes observados nos sinais e a simultaneidade superficial recorrente na modalidade sinalizada. Pretendemos investigar também o caráter quase afixal de alguns dos elementos envolvidos nas formações apresentadas nesta pesquisa, como as L, as alterações de M e as ENM. Os *blends* dentro dos compostos simultâneo-sequenciais não foram divididos nas tipologias apresentadas. Esses compostos apresentam estrutura morfossintática complexa e também serão analisados em pesquisa futura.

Referências

ANDRADE, K E. *Proposta de um Continuum Composição-Derivação para o Português do Brasil*. 2013. 162 f. Tese (Doutorado em Letras Vernaculares) - Curso de Letras Vernaculares, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BRENNAN, M. *Word-Formation in British Sign Language*. Stockholm: Stockholm University Press, 1990.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes. (Org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais I*. 1ed. Florianópolis: Insular, 2013, v. 1, p. 79-116.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil. A Libras em suas Mãos. v. I, II e III.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2017.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. *Etd - Educação Temática Digital*, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 200-217, 13 nov. 2008. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>.

SILVA, M. C Figueredo; SELL, F F S. Algumas notas sobre compostos em português brasileiro e em Libras. In: OLIVEIRA, R. P. de; MIOTO, C (Org.). *Percursos em Teoria da Gramática.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 17-41.

GÖKSEL, A. *Compounding.* Curso ministrado durante o evento Venice Summer School. Organized by the European Cooperation in Science and Technology. Università Ca' Foscari Venezia, 2014.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas, Juiz de Fora*, v. 7, n. 1, p. 149-165, jan. 2003.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *The Signs of Language.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LEPIC, R. Lexical blends and lexical patterns in English and in American Sign Language. In: Mediterranean Morphology Meeting, 10, 2016. *Proceedings [...]*. San Diego, 2016, p. 98-111.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 4, n. 8, p. 445-513, 1986.

LILLO-MARTIN, D. C.; GAJEWSKI, J. One grammar or two? Sign Languages and the Nature of Human Language. *Wiley interdisciplinary reviews. Cognitive Science.* v. 5, n. 4, p. 387-401, 2014.

MAKAROĞLU, B. Blend formation in Turkish Sign Language: are we missing the big picture? *Journal Of Language And Linguistic Studies*, Ankara, v. 17, n. 1, p. 139-157, 30 mar. 2021.

MEIR, I. Word classes and word formation. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B (Org.). *Sign Language: an international handbook.* Berlim: De Gruyter Mouton, 2012, p.77-112.

MEIR, I.; ARONOFF, M.; SANDLER, W.; PADDEN, C. Sign language and compounding. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (Eds.). *Cross-disciplinary issues in compounding.* Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 301-322.

MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 161-184, 21 jul. 2014.

NÓBREGA, V. A.; MINUSSI, R. D. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos blends fonológicos. *Revista Letras*, Curitiba, v. 91, n. [S.I.], p. 158-177, maio 2015.

OLIVEIRA, J. S. de. Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras. 2015. 425 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, J. S. de; WEININGER, M. J. Processos morfológicos de formação de itens lexicais em Libras: o caso particular da aglomeração. *Revista Sensos*, Porto, v. 6, n. 2, p. 99-112, 2016.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; SILVA, J. B. da; ROYER, M.; SILVA, V. R. *A Gramática da Libras*. Rio de Janeiro: INES, 2023.

QUADROS, R.; STUMPF, M.; LEITE, T. (Orgs.). *Estudos da língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 262-276, 2010.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. Compostos na língua de sinais brasileira. 2015. 203 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RODERO-TAKAHIRA, A. G.; SCHER, A. P. Classificando os Compostos da Libras. *Porto das Letras*, [S.l.], v. 6, n. 6, p. 152-180, 2021.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. *The linguistics of British Sign Language: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G. Descrição de Aspectos da Morfologia da Libras. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130-151, 2016.



ATUALIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO TERMINOLÓGICO DA ELETRICIDADE EM LIBRAS: OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E OS NEOLOGISMOS DERIVACIONAIS

UPDATE AND EXPANSION OF THE TERMINOLOGICAL REPERTOIRE OF THE ELETRICITY IN LIBRAS: THE LINGUISTIC BORROWINGS AND THE DERIVATIONAL NEOLOGISMS

Brandon Jhonata Cardoso Santana | [Lattes](#) | santana.bjc@gmail.com
UFPI/UFMA/IFMA

Georgiana Márcia Oliveira Santos | [Lattes](#) | georgiana.marcia@ufma.br
UFMA

Resumo: Este artigo é um recorte da dissertação de Santana (2022), desenvolvida no âmbito do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), intitulada “A terminologia da eletricidade em Libras: uma proposta de glossário semibilíngue Português/Libras com dados do IFMA/Monte Castelo, em São Luís”. A partir dos dados dessa pesquisa, esse artigo objetiva identificar e analisar os principais processos de criação dos sinais-termo usados para ampliar e para atualizar o repertório terminológico da eletricidade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Para a construção teórico-metodológica desse artigo, foram utilizados estudos de Santana (2022), de Felten e Finatto (2021), de Krieger e Finatto (2020), de Prometi e Costa (2018), de Felten (2016), de Faria-Nascimento (2009), entre outros. Os sinais-termo analisados foram recolhidos junto a seis sujeitos surdos sinalizantes de Libras, homens e mulheres, alunos/as e egressos/as dos cursos de Eletrotécnica, de Eletrônica, de Eletromecânica e de Engenharia Elétrica, do IFMA/Monte Castelo, em entrevistas individuais realizadas via *Google Meet*. Os resultados da análise evidenciam que a atualização e a ampliação do repertório da eletricidade em Libras, usado no IFMA, ocorre basicamente por empréstimos linguísticos e por criações de sinais-termo que derivam de outros sinais ou de sinais-termo pre-existentes, ou seja, pelo processo chamado de neologismo derivacional. Constatou-se, ainda, que a escrita da língua portuguesa influencia a Libras por meio de empréstimos por transliteração e que alguns neologismos são derivados de sinais ou de sinais-termo que já constituem o repertório da eletricidade, como é o caso do sinal-termo *eletricidade*.

Pelo apresentado, espera-se contribuir para a ampliação dos estudos terminológicos em Libras, sobretudo para as análises dos processos morfológicos de formação dos sinais-termo e para a comunicação especializada dos profissionais eletricitas e aspirantes surdos do Brasil.

Palavras-chave: Terminologia; Libras; Português; Morfologia; Eletricidade.

Abstract: This article is an excerpt from Santana's dissertation (2022) developed within the scope of the Academic Master's in Letters, from the Postgraduate Program in Letters at the Federal University of Maranhão (UFMA), entitled "The terminology of electricity in Libras: a proposal for a semi-bilingual glossary Portuguese/Libras with data from IFMA/Monte Castelo, in São Luís". Based on the data from this research, this article aims to identify and analyze the main processes of creating term-signs used to expand and update the terminological repertoire of electricity at IFMA. For the theoretical-methodological construction of this article, studies by Santana (2022), Felten and Finatto (2021), Krieger and Finatto (2020), Prometi and Costa (2018), Felten (2016), Faria-Nascimento (2009), among others. The term-signs analyzed were collected from six deaf signers of Libras, men and women, students and graduates of courses in Electrical Engineering, Electronics, Electromechanics, and Electrical Engineering at IFMA/Monte Castelo, in individual interviews conducted via *Google Meet*. The results of the analysis show that the updating and expansion of the repertoire of electricity in Libras, used at IFMA, occur basically through linguistic borrowings and by creating term-signs derived from other signs or pre-existing term-signs, that is, through the process called derivational neologism. It was also found that the writing of the Portuguese language influences Libras through borrowings by transliteration and that some neologisms are derived from signs or term-signs that already constitute the repertoire of electricity, as is the case with the term-sign *electricity*. Based on the presented information, it is expected to contribute to the expansion of terminological studies in Libras, especially for the analysis of morphological processes of term-sign formation and for the specialized communication of electrician professionals and deaf aspirants in Brazil.

Keywords: Terminology; Libras; Portuguese; Morphology; Electricity.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem origem na dissertação de Santana (2022), intitulada “A terminologia da eletricidade em Libras: uma proposta de glossário semibilíngue Português/Libras com dados do IFMA/Monte Castelo, em São Luís”, cujo objetivo principal foi elaborar um glossário especializado da eletricidade, semibilíngue português/Libras.

Os dados da referida dissertação foram coletados mediante a realização de entrevistas individuais, via *Google Meet*, feitas com seis sujeitos surdos sinalizantes de Libras: alunos e egressos do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), *campus* Monte Castelo/São Luís, dos cursos de Eletrônica, de Eletrotécnica, de Eletromecânica e de Engenharia Elétrica. Para a elaboração do questionário usado nas entrevistas, foram selecionados 38 termos em português que possibilitaram a coleta de 82 sinais-termo em Libras. Os resultados desse estudo evidenciaram, além de casos de variação terminológica, alguns processos de criação de sinais-termo.

Neste artigo, são apresentados os processos de criação de sinais-termo que se mostraram mais frequentes quando da elaboração do glossário especializado da eletricidade, semibilíngue português/Libras, a saber, os casos de empréstimos linguísticos do português para a Libras e os casos de neologismos derivacionais, as inovações terminológicas a partir de sinais e de sinais-termo já existentes.

Espera-se que este trabalho contribua para a qualidade da comunicação de surdos ocorrida no contexto da eletricidade, em especial, pretende-se contribuir com os estudos dedicados a analisar e a descrever morfológicamente os sinais-termo utilizados por surdos em suas interações ocorridas nesse contexto, principalmente, os fenômenos aqui evidenciados. Consequentemente, se intenciona colaborar para a ampliação dos estudos terminológicos na área da Libras, de forma geral.

No que tange à estruturação deste trabalho, são apresentados, inicialmente, os conceitos básicos de Terminologia e de Libras, de sinal-termo e de termo; são feitas algumas considerações teóricas sobre o processo de criação e de formação de sinais-termo em Libras; evidenciam-se os procedimentos metodológicos adotados para a construção deste estudo; apresentam-se os resultados obtidos, indicando os processos de formação de sinais-termo da eletricidade; são tecidas as considerações finais e, em seguida, apresentadas as referências que serviram de base para a construção deste estudo.

TERMINOLOGIA EM LIBRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os estudos terminológicos desenvolvidos em Libras têm avançado cada vez mais. Estudiosos da linguagem como Faria-Nascimento (2009), Costa (2012), Prometi

(2013), Felten (2016), Prometi e Costa (2018), Santana (2019; 2022), Felten (2016), Tuxi (2017), Felten e Finatto (2020) e outros têm realizado importantes pesquisas sobre as terminologias em Libras, nas mais diferentes áreas de especialidade.

Esses estudos têm contribuído para o registro e para a divulgação de repertórios terminológicos utilizados em diversos campos do conhecimento, como a música, a história, a eletricidade e outros. Além disso, essas pesquisas contribuem para a própria interação do povo surdo em contextos especializados e para a construção e o reforço da identidade profissional desses sujeitos em suas áreas.

De acordo com Barros (2004) as terminologias constituem objeto de análise e de produção para os terminólogos, matéria-prima para a produção de obras terminográficas. As terminologias são, segundo essa autora, elementos preciosos para a comunicação especializada dos usuários de uma língua em contextos específicos.

Krieger e Finatto (2020) afirmam que as terminologias compreendem as dimensões cognitiva e linguística, pois transmitem conhecimentos especializados, saberes específicos de uma área de especialidade, como também cristalizam esses conhecimentos em unidades constituintes de um léxico especializado.

Costa (2012) foi quem pela primeira vez denominou de “sinal-termo” essas unidades constituintes do léxico especializado no contexto da Libras. O sinal-termo é um signo linguístico especializado constituído de duas metades, a denominação e o conceito. A denominação diz respeito à forma, que pode ser icônica ou arbitrária, enquanto o conceito diz respeito ao conteúdo, ao saber especializado que carrega aquela denominação, ou seja, o sinal-termo é, na Libras, a equivalência do termo, objeto de estudo da Terminologia.

Pode-se dizer, ainda, que termos e sinais-termo são unidades representativas dos saberes de uma comunidade, pois imprimem a realidade científica, social, cultural, histórica, geográfica, econômica dos sujeitos. De acordo com Silva (2009, p. 41), “o termo, já que é inerentemente especializado, é o elemento essencial da identidade linguístico-cultural de uma comunidade”. Os termos e sinais-termo reverberam a forma como sujeitos interagem, interpretam e conceptualizam o mundo em contexto de uso especializado.

1.1 Processo de criação terminológica em Libras

O léxico de uma língua é um conjunto complexo que se encontra em constante atualização e expansão. Esse processo ocorre de diversas formas – empréstimos, neologismos, inovações, derivações – e por diferentes motivos – necessidade de nomeação,

adequação a contexto sintático, intenções do usuário da língua. (Basílio, 1987 *apud* Gonçalves, 2019, p. 124).

Correia e Almeida (2012, p. 35) afirmam que “uma das características da linguagem humana é, precisamente, o fato de todas as línguas possuírem mecanismos de gerar novas palavras, tornando-se aptas para a denominação e comunicação de quaisquer realidades”. Essas autoras afirmam, ainda, que esse processo de criação de palavras parte de elementos linguísticos preexistentes e de bases regidas por princípios internalizados e compartilhados pelos usuários de uma língua.

Gonçalves (2019) explicita os fatores que Basílio (1987) elenca como motivação para a criação de novas palavras. O primeiro fator diz respeito à necessidade que o falante tem de cristalizar as suas novas experiências de mundo, podendo manifestar-se por meio de empréstimos linguísticos, como “*shopping*”, “*flex*” e “*I Love You*” (em Libras, na Figura 1), ou por meio dos chamados neologismos derivacionais, como “*cristolândia*”, “*paraibolândia*”. Nesse caso, a função é nomear, denominar, rotular.

Figura 1 – Sinal *I Love You*, empréstimo da Língua de Sinais Americana



Fonte: Santana (2022).

O segundo refere-se à necessidade de uma mudança categorial, como é o caso de “zoação” que é uma inovação derivada do verbo “zoar”. Segundo Gonçalves (2019, p. 127), a criação de um novo termo ou de uma nova palavra, fazendo uma mudança categorial, é uma forma de ampliar o léxico “sem sobrecarregar a memória”.

Por sua vez, o terceiro fator diz respeito às inovações advindas da necessidade do falante de “expressar carga emocional variada a partir do uso de processos morfológicos” (Gonçalves, 2019, p. 127), como por exemplo, o uso do diminutivo para expressar compaixão, “tadinho”, ou para expressar coisas de pouco valor, “namorico”. Em suma, consti-tuem os julgamentos dos falantes expressos intencionalmente em inovações lexicais.

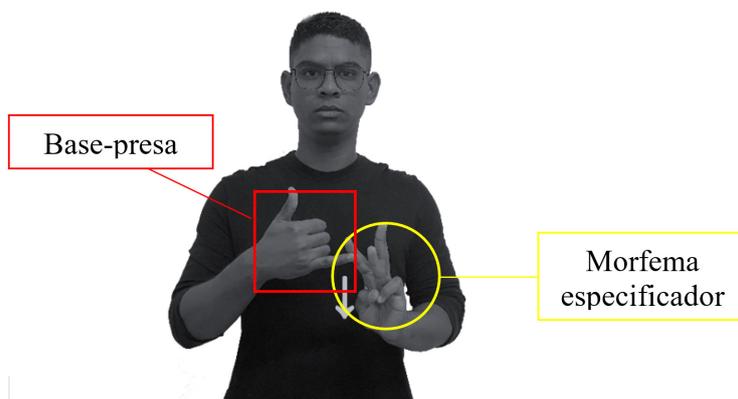
Em consonância com Correia e Almeida (2012), a criação de novas palavras – e, aqui, estende-se esse processo aos termos – não ocorre de modo aleatório e parte de elementos preexistentes. Não diferentemente, os sinais-termo são criados a partir de elementos visuais preexistentes que expressam, de maneira icônica ou arbitrária, os saberes especializados e a maneira como os sujeitos sinalizantes interpretam esses saberes.

Isso posto, observa-se, a partir do que Gonçalves (2019) apresenta como principais motivações para a criação de novas unidades lexicais, que os processos de empréstimo linguístico do português para a Libras são os casos mais frequentes e que há, também, uma forte tendência a neologismos derivacionais, isto é, à criação de sinais-termo a partir de formativos de um outro sinal ou um sinal-termo do léxico da Libras.

Felten (2016) fala sobre formativos, elementos menores que compõem o sinal e que podem aparecer de duas maneiras: livres ou presos. Segundo ele, o formativo preso possui um valor de base e é executado pela mão não-dominante ou mão passiva, enquanto o formativo livre é executado pela mão dominante ou mão ativa.

Na mesma perspectiva Felten (2016), Faria-Nascimento (2009), ao abordar a constituição de um sinal-termo, denomina o formativo preso de base-presa ou de morfema-base e o formativo livre de morfema especificador. Para ilustrar o que esses autores apresentam, segue o sinal-termo abaixo.

Imagem 1 – Sinal-termo Watt



Fonte: Esquema feito pelo autor com imagens de Santana (2022).

A Imagem 1 apresenta o sinal-termo *Watt* que possui como base-presa a Configuração de Mão (CM) em Y e como morfema especificador uma CM em W. Mais à frente, será percebido que vários sinais-termo seguem esse padrão e possuem alterações apenas no morfema especificador.

Em suma, a criação de termos/sinais-termo/palavras que geram a ampliação e atualização lexical não ocorrem de modo aleatório, seguem regras preexistentes e internalizadas que, inconscientemente, são compartilhadas pelos usuários da língua e servem de bases para a criação dessas inovações.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo, de cunho essencialmente qualitativo, foi desenvolvido a partir da análise dos dados da dissertação de Santana (2022), realizada com alunos e com egressos surdos do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), *campus* São Luís/Monte Castelo. Esse *locus* foi selecionado devido ao quantitativo de sujeitos surdos inseridos no contexto da eletricidade, o que viabilizou uma coleta de dados pertinente ao propósito estabelecido.

No que tange aos sujeitos participantes da pesquisa, foram selecionados seis sujeitos surdos sinalizantes de Libras, quatro homens e duas mulheres. Vale ressaltar que a diferença nesse quantitativo se deu exclusivamente em função do IFMA/Monte Castelo possuir apenas duas mulheres no curso de eletricidade. Os homens possuem entre 22 e 30 anos, todos surdos sinalizantes de Libras e residentes em São Luís. Todos são do nível técnico, um do curso de Eletrônica, dois de Eletrotécnica e um de Eletromecânica. As mulheres¹ são surdas sinalizantes de Libras, uma de 21 e outra de 25 anos de idade, residentes em São Luís. Uma delas é do curso técnico em Eletrônica e a outra da graduação em Engenharia Elétrica.

Foram selecionados 38 termos para a investigação que resultaram em 82 sinais-termos, consideradas as variantes terminológicas. Os termos foram selecionados em pré-testes, seguindo os seguintes critérios: serem termos usados em mais de um curso e possuírem sinal-termo equivalente em Libras. Os resultados foram validados por uma comissão composta por dois intérpretes e por dois sujeitos surdos. Vale mencionar que a validação não teve cunho prescritivo, isto é, não foi feita para determinar o sinal-termo “certo” ou “errado”, mas, sim, para determinar quais daqueles resultados estavam, de fato, em circulação no *locus* pesquisado.

Na análise, são adotadas siglas para os parâmetros da Libras que podem constituir um sinal-termo. A saber: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da Palma (OR) e Expressões Não-Manuais (ENM).

¹ A participante de graduação em Engenharia Elétrica faz uso de implante coclear e usa, além da Libras, o português.

UM RECORTE DOS RESULTADOS

Os resultados recortados da dissertação de Mestrado de Santana (2022) mostraram que o processo de atualização e de ampliação lexical do repertório da eletricidade investigado ocorre por empréstimos linguísticos da língua portuguesa e por derivação de outros sinais (termos)² já existentes.

Para garantir e para facilitar a compreensão, os resultados são apresentados em dois tópicos. Assim, inicia-se com os dados influenciados pela língua portuguesa e, em seguida, apresenta-se os casos de neologismos derivacionais.

Empréstimos linguísticos do português para a Libras

Os dados coletados e analisados confirmam que a escrita da língua portuguesa é um fator de grande influência sobre o repertório terminológico da eletricidade em Libras. Isso ocorre, possivelmente, pelo fato de os sujeitos eletricitistas sinalizantes de Libras estarem em constante contato com as duas línguas, português e Libras.

É válido reforçar que o contato dos sujeitos desta pesquisa com essas duas línguas é ainda mais intenso, pois, sendo profissionais em contexto de formação acadêmica/profissional, estão em contato direto e frequente com as terminologias da eletricidade tanto por meio dos textos escritos em português quanto da sinalização em Libras feita pelos intérpretes. Entende-se que esse contato constante com as duas línguas favorece o uso e a criação de sinais-termo relacionados ao termo em português, haja vista que, pela inexistência de um sinal-termo específico para um dado fim ou pela falta do domínio da terminologia por parte de alguns sujeitos, muitos sinais-termo são criados no momento do contato do indivíduo surdo com a terminologia em português.

Pelos dados, nota-se que a influência do português ocorreu em forma de empréstimos linguísticos, principalmente, pelo que Faria-Nascimento (2009, p. 66) chamou de “empréstimo por transliteração da letra inicial” – também conhecido por “empréstimo linguístico por inicialização” – e por “empréstimos por transliteração”. O primeiro processo consiste em incorporar ao sinal ou ao sinal-termo uma CM do alfabeto manual³ que faz menção à escrita em português. Por sua vez, o segundo processo consiste em incorporar a escrita total do termo por meio do alfabeto manual, o que configura um sinal-termo datilografado/soletrado⁴.

² Adota-se essa denominação com o intuito de especificar que se trata de uma unidade que não se restringe ao uso em interações especializadas, que é uma unidade usada tanto em discursos especializados quanto em discursos não especializados.

³ Conjunto de formas assumidas pelas mãos que representam visualmente, no espaço, a grafia do alfabeto das línguas orais.

⁴ Entende-se por sinal-termo datilografado/soletrado a unidade terminológica que é executada letra a letra usando o alfabeto manual.

Para melhor entendimento desses dois processos, tem-se, a seguir, duas formas denominativas para se referir a *Volt*:

Quadro 1 – Sinais-termo *Volt*

| | |
|--|--|
|  |  |
| Sinal-termo constituído pelo processo de empréstimo por transliteração da letra inicial. | Sinal-termo constituído pelo processo de empréstimo por transliteração. |

Fonte: Esquema feito pelo autor, com imagens de Santana (2022).

Esses exemplos ilustram dois casos: a) o primeiro é considerado empréstimo por transliteração da letra inicial, pois consiste em um sinal-termo que incorpora a CM em V, que se refere à inicial da escrita do termo; e b) o segundo configura-se como um caso de processo por transliteração, pois não se trata de um sinal-termo com a letra V, mas sim, da incorporação da própria letra V, como a simbologia do termo *Volt* (V).

O empréstimo por transliteração da letra inicial ocorreu na maioria dos casos. Por outro lado, o empréstimo por transliteração ocorreu apenas nas unidades de medidas e nas siglas: *Volt* (V), *Watt* (W), *Ampere* (A), *Corrente contínua* (CC) e *Corrente alternada* (CA). Possivelmente, pelo fato de o contato com essas unidades ocorrer por meio de cálculos e de medições e elas serem escritas como “220 V”, “5 A” ou “40 W”, por exemplo, os sujeitos optaram por uma datilologia⁵, o que acabou sendo incorporado à Libras como um sinal-termo. Isto é, levanta-se a hipótese de que, no hábito de soletrar “220 V”, por exemplo, os sujeitos desta pesquisa adotaram a redução de volt para V (simbologia da unidade de medida) como um sinal-termo, assim também ocorrendo com outras unidades de medidas.

Esses resultados mostraram que, principalmente em casos de referentes não palpáveis, como as unidades de medidas e as grandezas, em que os sujeitos surdos interagem

⁵ A datilologia, também chamada de soletração manual, trata-se de uma soletração por meio do alfabeto manual da língua sinalizada.

com os conceitos por meio da escrita em português, há uma tendência maior ao uso dessa escrita como referência para a criação e para o uso dos sinais-termo. Ressalta-se que os casos de referentes concretos, além dos não palpáveis, também atestaram a influência da escrita, no entanto, o que se depreende, aqui, é que os casos de referentes não palpáveis se mostraram mais propícios às interferências citadas.

Sobre os casos de empréstimo por transliteração, nota-se que, nos casos de abreviaturas ou de reduções terminológicas, há uma maior disposição à incorporação total da escrita.

1.2 Os neologismos derivacionais

Além dos casos de influência do português, os dados apresentaram casos de derivação, mais especificamente, casos de neologismos derivacionais (Gonçalves, 2019, p. 126), ou seja, alguns dados da pesquisa mostraram evidências de que sua criação ocorreu a partir da derivação de um outro sinal ou de um sinal-termo preexistente. Entende-se que, por se tratar de uma área especializada, os sinalizantes da Libras foram motivados à criação de novos sinais-termo pela “necessidade de nomeação” de referentes do âmbito da eletricidade.

Observou-se que a maioria dos casos de neologismo derivacional advieram do sinal(termo) *Eletricidade*, sendo que para a formação desses neologismos, em muitos casos, foi incorporada a CM em Y e/ou o M angular. Suscita-se, aqui, a hipótese de que, pelo fato de a eletricidade ser o objeto central de estudo nos cursos técnicos em que os sujeitos desta pesquisa estão inseridos, eles adotaram a criação de sinais-termo derivados do sinal(termo) *Eletricidade*.

Quadro 2 – Descrição dos parâmetros do sinal(termo) *Eletricidade*

|  | Parâmetros | |
|---|------------|-----------------------------------|
| | CM | Y. |
| | PA | Frente à boca. |
| | M | Angular unidirecional para baixo. |
| | OR | Para o lado. |
| | ENM | Sem expressão. |

Fonte: Santana (2022).

Como já mencionado, constatou-se que o parâmetro CM foi um dos formativos que deu origem aos sinais-termo derivados. Esse parâmetro serviu de morfema-base a uma

série de outros sinais-termo, como *Tensão*, *Volt*, *Bobina*, *Carga*, *Resistor*, *Indutor*, *Circuito*, *Energia*, *Fase*, *Neutro*, *Alta tensão*, *Baixa tensão*, *Watt* e outros. Seguem alguns exemplos:

Imagem 2 – Sinal-termo *Tensão*, *Watt* e *Bobina*



Fonte: Santana (2022).

Como é possível perceber, nos três exemplos acima, houve uma derivação a partir da CM em Y que serviu de morfema-base para esses e para muitos outros sinais-termo. Esse exemplo ratifica o que ilustra a Imagem 1, que os sinais-termo podem ser constituídos de um morfema-base e um morfema especificador, conforme aponta Farias-Nascimento (2009). Como é possível perceber, a constituição desses sinais-termo difere-se apenas pelos morfemas especificadores executados pela mão dominante.

Além da CM, o parâmetro M também teve protagonismo na influência da criação de outros sinais-termo. Notou-se que o M angular, mesmo M do sinal(termo) *Eletricidade*, apareceu em muitos outros sinais-termo, como foi o caso de *Circuito elétrico*, *Resistor*, *Alta tensão*, *Baixa tensão*, *Volt* etc.

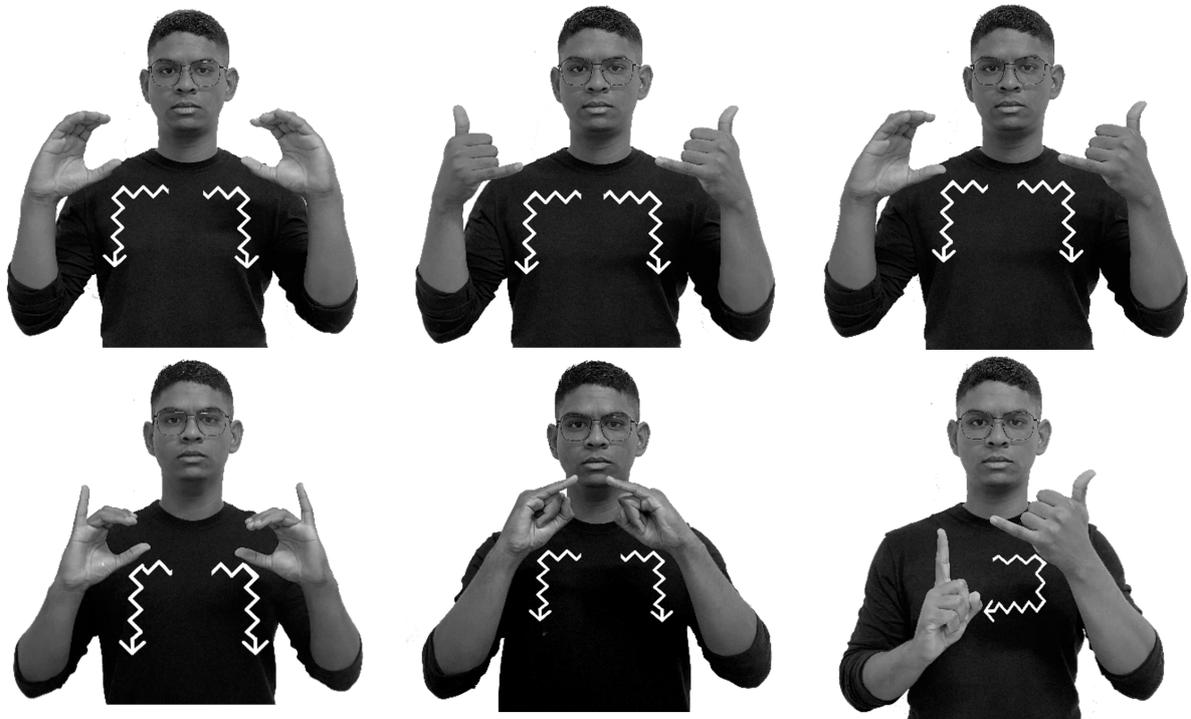
Imagem 3 – Sinais-termo *Volt*, *Resistor* e *Alta tensão*



Fonte: Santana (2022).

Um fato interessante sobre o termo *Circuito elétrico* é que, mesmo tendo sido o termo com mais equivalências em Libras – seis ao todo –, os sinais-termo coincidiram no parâmetro M: todas as variantes são constituídas do M angular. Segue imagem 4.

Imagem 4 – Os seis sinais-termo equivalentes a *Circuito elétrico*



Fonte: Santana (2022).

Esse dado possibilitou resultados interessantes que mostraram derivação do sinal(termo) eletricidade em M e, em alguns casos, em CM. Além disso, houve casos de empréstimo por transliteração da letra inicial e de derivação do M de *Eletricidade*.

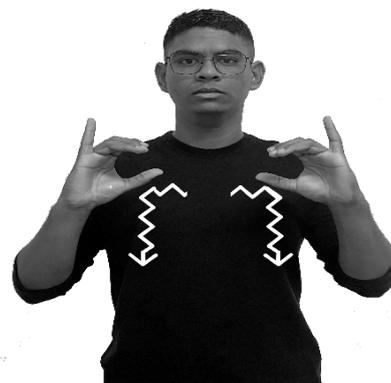
Outro fato interessante foi a criação de uma CM para o sinal-termo *Corrente elétrica* que também aparece em *Circuito elétrico*, conforme mostram as imagens a seguir.

Imagem 6 – Sinal-termo *Corrente elétrica*



Fonte: Santana (2022)

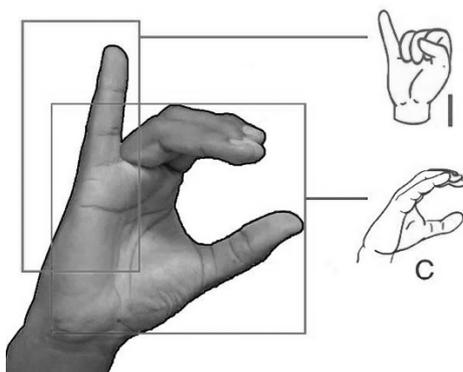
Imagem 7 – Sinal-termo *Circuito elétrico*



Fonte: Santana (2022)

Nesses casos, nota-se o uso de uma CM que não se encontra catalogada, que sugere um caso de aglutinação das CM I e C, remetendo à junção da simbologia I (corrente elétrica) e da letra C (das escritas dos termos).

Figura 2 – Esclarecimento da CM I+C



Fonte: Santana (2022).

Esses resultados atestam que, embora sejam duas línguas sem nenhuma relação de interdependência⁶, existe uma influência do português sobre a Libras, oriunda do fato de que, por serem línguas em contato⁷, pois dividem o mesmo território, os sujeitos surdos brasileiros estão expostos constantemente a essas duas línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre atualização lexical e, mais especificamente, sobre constituição de sinais e de sinais-termo mostram que há uma série de motivações que levam à criação de novos termos, de sinais-termo, de palavras e de sinais.

Especialmente tratando do léxico especializado da eletricidade, notou-se a forte influência da escrita dos termos em português sobre o repertório terminológico em Libras, sobretudo, em forma de empréstimos linguísticos. Os dados atestaram que a inicialização foi o processo mais usado, aparecendo na maioria dos resultados, se comparado aos empréstimos por transliteração da escrita total.

⁶ Vale ressaltar que os sinais-termo da eletricidade, e a Libras de modo geral, não existem em função do português. Trata-se de duas línguas diferentes e independentes uma da outra.

⁷ Por oportuno, cumpre dizer que se entende, aqui, que o contato entre essas línguas gera uma influência apenas do português sobre a Libras, mas não o contrário. Isso pois o português é a língua majoritária do Brasil.

É possível depreender, aqui, que os resultados encontrados se justificam pelo fato de os sujeitos da pesquisa serem profissionais em formação, inseridos em um contexto de educação inclusiva, que lidam constantemente com materiais de apoio, com aulas e com atividades em língua portuguesa. São sujeitos que têm seus primeiros contatos com os termos em forma escrita e não diretamente com os objetos, os processos e as técnicas denominados, cenário que favorece a criação de sinais-termos a partir de empréstimos linguísticos.

Além da influência do português, houve casos de neologismos derivacionais. Como visto, a maioria dos casos foi de derivação do sinal-termo *Eletricidade*, principalmente, a partir da configuração de mão em Y, que serviu de morfema-base a outros sinais-termo, e do movimento angular, que também foi um parâmetro que apareceu em diversos sinais-termo, como o caso de *Circuito elétrico*, por exemplo.

Este trabalho não esgota os estudos sobre a criação de sinais-termo ou a ampliação e a atualização de léxicos especializados, e nem teve essa pretensão. Tratou-se de um recorte com os dados coletados na pesquisa de mestrado de Santana (2022), na qual os empréstimos e os neologismos derivacionais foram os protagonistas, entretanto, sabe-se que existem outras motivações e fatores que geram a ampliação e a atualização do léxico especializado.

Pelo exposto, espera-se contribuir para os estudos terminológicos, sobretudo, para os estudos morfológicos dos léxicos especializados em Libras, para os estudos linguísticos em Libras, para a comunicação especializada de surdos e para a educação profissionalizante de surdos em contexto inclusivo ou bilíngue (Libras/português). Almeja-se, ainda, fomentar outras pesquisas nessa perspectiva e instigar outros pesquisadores a desenvolverem pesquisas terminológicas no Maranhão e no Brasil.

Referências

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSTA, M. R. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2012

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2009.

FELTEN, E. F. *Glossário sistêmico bilíngue português-libras de termos da história do Brasil*. Dissertação (Mestrado em linguística). Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2016.

FELTEN, E. F.; FINATTO, M. J. B. A Definição Terminológica em Libras: Rumos e Frentes de Pesquisa. *Revista Porto das Letras*. v. 06, n. 06, p. 123-151, 2020.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria & prática*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

PROMETI, D. *Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de sinais dos termos da música*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2013.

PROMETI, D.; COSTA, M. R.; TUXI, P. Sinal-termo, língua de sinais e glossário bilíngue: atuação da universidade de Brasília nas pesquisas terminológicas. In: *Anais do I Congresso Nacional de LIBRAS da Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia*, 2015.

SANTANA, B. J. C. *A terminologia da eletricidade em Libras: uma proposta de glossário semibilíngue Português/Libras com dados do IFMA/Monte Castelo, em São Luís*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Maranhão, 2022.

SILVA, A. J. da. *O léxico do tambor de mina: uma proposta de glossário da linguagem afro-religiosa em São Luís*. Dissertação (Mestrado em linguística). Universidade Federal do Ceará – UFC, Ceará, 2009.

TUXI, P. S. *A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*. Tese (doutorado em linguística), Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2017.



**UM ESTUDO DE VARIAÇÃO LEXICAL EM LIBRAS ENTRE SURDOS
RESIDENTES DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO LUÍS,
MARANHÃO**

A STUDY OF LEXICAL VARIATION IN LIBRAS AMONG DEAF PEOPLE IN THE
METROPOLITAN REGION OF SÃO LUÍS, MARANHÃO

Wendel Silva dos Santos | [Lattes](#) | wendel.silva@ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Renan Pires Azevedo | [Lattes](#) | renan.pires@discente.ufma.br
Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Partindo-se da compreensão de que as línguas de sinais atravessam processos de variação e mudança linguística próprios das línguas naturais, esta pesquisa analisa a variação lexical para *camaleão* na Libras, produzida nas cidades de São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar, todas no Maranhão. O aparato teórico-metodológico é o da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]), da Dialetoлогия (Cardoso, 2010) e dos estudos sobre a língua de sinais (Stokoe, 1960; Quadros; Karnopp, 2004). Discute-se que a variedade sociolinguística do português maranhense já vem sendo sistematicamente descrita, mas que o mesmo não ocorre com a variedade da língua de sinais utilizada por maranhenses. De cada uma das localidades foram recrutados um homem e uma mulher, totalizando 08 surdos entrevistados, todos com ensino médio completo e fluentes em Libras. Os resultados revelam que os informantes apresentaram bastante variação na sinalização de camaleão, de maneira que não se permite afirmar que se tratam de variantes de uma mesma variável, nos termos de Labov (2008[1972]) e nem as distintas realizações para o mesmo item lexical denominados de *classificadores* (Quadros; Karnopp, 2004). Acrescenta-se que, para uma definição a favor de um ou outro termo, faz-se necessária a ampliação do número de participantes, para que se obtenha um retrato mais fiel da realidade sociolinguística das comunidades analisadas. Isso evidencia a importância de que estudos sociolinguísticos mais sistemáticos, que se voltem para a análise de produção linguística em Libras, precisam ser desenvolvidos.

Palavras-Chave: Libras. Variação Lexical. Sociolinguística. Maranhão.

Abstract: Starting from the understanding that sign languages undergo processes of variation and linguistic change similar to natural languages, this research analyzes the lexical variation for “chameleon” in Libras (Brazilian Sign Language), produced in the cities of São Luís, São José de Ribamar, Raposa, and Paço do Lumiar, all in Maranhão. The theoretical-methodological framework used includes Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]), Dialectology (Cardoso, 2010), and studies on sign language (Stokoe, 1960; Quadros; Karnopp, 2004). It is discussed that the sociolinguistic variety of Maranhão Portuguese has already been systematically described, but the same does not apply to the variety of sign language used by people from Maranhão. One man and one woman were recruited from each locality, totaling eight deaf participants interviewed, all with completed high school education and fluent in Libras. The results reveal that the informants showed a lot of variation in the signing of “chameleon” to the extent that it is not possible to affirm that they are variants of the same variable, in Labov’s terms (2008 [1972]), nor are the different realizations for the same lexical item called classifiers (Quadros; Karnopp, 2004). It is added that in order to decide in favor of one term or another, it is necessary to increase the number of participants to obtain a more accurate picture of the sociolinguistic reality of the analyzed communities. This highlights the importance of more systematic sociolinguistic studies focusing on the analysis of linguistic production in Libras that need to be developed.

Keywords: Brazilian Sign Language. Lexical Variation. Sociolinguistics. Maranhão.

Introdução

Ao longo da história da sociedade é visível o fato de que os surdos tiveram seus direitos cerceados, incluindo-se a compreensão de que se comunicam efetivamente, uma vez que, desde os primórdios da organização dos homens em sociedade, eram reconhecidos como indivíduos desprovidos de pensamento. Honora e Frizanco (2011) explicam que tal atribuição se dava porque, por muito tempo, o mundo só era visto a partir da comunicação realizada por meio da oralidade, e que, enquanto pensadores como Aristóteles atribuíam à fala o poder de cognição do ser humano e de articulação do pensamento, outros, como Charles L’Épée, já previam que a adoção de uma linguagem baseada em sinais e gestos facilitaria, por exemplo, o ensino de francês, possibilitando, assim, o desenvolvimento cognitivo e comunicativo dos surdos.

Com as profundas mudanças pelas quais vêm passando as sociedades de um modo geral, a inclusão de grupos historicamente excluídos dos debates sociais, a exemplo do

reconhecimento dos direitos das pessoas surdas, levou à necessidade de uma legislação que tratasse dessa temática. Assim, a partir da promulgação da Lei nº 10.436/2002, que advoga sobre a Língua Brasileira de Sinais (daqui em diante, Libras), na qual o sistema linguístico é de natureza visual-motora, transmitindo ideias e fatos por meio de sua própria estrutura gramatical, houve uma grande mudança na percepção da língua de sinais, pois efetivou-se o reconhecimento legal da forma de comunicação da comunidade surda. Essa lei é regulamentada pelo decreto nº 5.626/2005, que apresenta a conceituação da surdez, bem como a diferenciação entre surdez e a deficiência auditiva. Também discorre a favor da inclusão da disciplina obrigatória de Libras nos cursos de formação de professores, contribuindo sobremaneira para o uso e a difusão da Libras não apenas nos espaços de produção de conhecimento, mas também na sociedade de modo geral.

Assim, a compreensão da Libras como uma língua viva, e, como toda língua natural, atravessada por variação, um fato universal dos sistemas linguísticos, é que se chega à urgência da promulgação e regulamentação da lei da Libras, língua representativa dos seus usuários, indivíduos diferentes que compartilham características linguísticas próprias de sua comunidade. Esse compartilhamento de regras evidencia a heterogeneidade estruturada nesse sistema linguístico, tal como se observa nas línguas orais, ainda que se diferenciem, especialmente no que tange ao canal de comunicação e recepção¹. Desse modo, há uma sistematicidade que deve ser objeto de interesse de áreas de pesquisa como a sociolinguística.

Além disso, o estudo da variação em uma língua como a Libras se impõe como um desafio, por tratar-se de um sistema linguístico cuja descrição não apresenta ampla tradição nos estudos linguísticos (Quadros, 2012). Ademais, como bem afirmam Xavier e Barbosa (2017, p. 987), o desafio de se descrever uma língua como a Libras é ainda maior quando se pensa que “há uma evidente falta de clareza quanto a natureza dessa variação [...]: idioletal, estilística, socioletal, dialetal”.

É no contexto dessa discussão inicial que este artigo traz resultados para a variação lexical, no que diz respeito à sinalização do termo *camaleão*, realizada por 8 indivíduos surdos da ilha de São Luís, Maranhão, incluindo as cidades de São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar (vide figura 1, a seguir). Apoiar-se na teoria da variação e mudança linguística (Labov, 2008[1972]; Eckert, McConnell-Ginet, 1992), com o interesse de descrever os fatos linguísticos no espaço geográfico abaixo demonstrados,

¹ Enquanto as línguas orais são recebidas pelos ouvidos e produzidas pelo aparelho fonador (oral-auditivo), as línguas de sinais são percebidas pelos olhos e produzidas pelas mãos (visual-motor; visual-espacial ou gestual-visual).

bem como no tempo em que ocorrem (Cardoso, 2010; 2016), o que justifica o alinhamento deste estudo às orientações metodológicas da Dialetoleologia.

Figura 1: Imagem da Região Metropolitana da Ilha de Upaon-Açu



Fonte: IPEA (2014, p. 11).

Além do fato de carecer de maior descrição, a realização de tal trabalho se justifica porque se entende que o estudo da variação lexical em Libras, como a aqui proposta, contribui para a compreensão de como funciona esse sistema linguístico. Metodologicamente, incorpora avanços para o estudo do léxico dessa língua, gerando impactos importantes para a investigação da variação lexical na produção do sinal, a unidade conceitual semântica das línguas de sinais. Especialmente, avança ao aplicar modelos teórico-metodológicos tão consolidados nos estudos de línguas oralizadas, como o modelo do estudo da variação e da mudança linguística proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1966]), ao estudo de línguas de sinais².

Além do objetivo geral acima elencado, este estudo possibilita, de maneira prática, descrever a variação na sinalização para o item lexical em questão, ao observar se há diferenças nas sinalizações realizadas pelos homens e mulheres participantes da pesquisa, bem como verificar se a percepção na variação desses sinais configura-se como distintas maneiras de referir-se ao mesmo elemento, no sentido de variantes de uma mesma variável (Labov, 2008[1972]), ou se se tratam de produções de sinais diferentes. Ou seja, interessa verificar se as diferentes maneiras de sinalização para o mesmo item lexical cum-

² É bem verdade que tal modelo teórico-metodológico já vem sendo utilizado por pesquisadores, a exemplo de Lucas (2004), que estuda a sociolinguística das línguas de sinais. De todo modo, como bem afirmam Xavier e Barbosa (2017), essa trajetória ainda carece de mais contribuições. É o que se pretende com este trabalho.

prem os requisitos que levam ao entendimento do que se propõem para o estabelecimento das variantes de uma mesma variável: i) são intercambiáveis no mesmo contexto e; ii) mantém o mesmo significado referencial/representacional (Coelho et al, 2015, p. 17).

O artigo está organizado do seguinte modo: na primeira seção, discute-se brevemente a variação linguística na Libras, bem como a abordagem dos estudos de variação, especialmente o nível de variação lexical, além de revisão de literatura sobre estudos que se ocuparam do mesmo fenômeno. Os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa são apresentados na seção intitulada Método da Pesquisa. A seção Resultados e Análises, por sua vez, traz as análises obtidas a partir dos resultados alcançados. O artigo se encerra com a apresentação das referências movimentadas ao longo do estudo.

A Variação Linguística na Libras

Os estudos linguísticos que compreendem as línguas como fontes naturais para processos de variação e mudança surgiram, sobretudo, como uma resposta ao entendimento linguístico-científico, vigente até a década de 1960, de que a ciência linguística instaurada por Saussure, no início do século XX, deveria se interessar, primordialmente, por um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala completamente homogênea (Chomsky, 1975). Essa concepção de língua, que não considera os aspectos sociais, começou a ser duramente criticada especialmente pela sociolinguística, área dos estudos linguísticos que recorre às informações extralinguísticas dos usuários da língua para explicar a variação e a mudança por que passam cada uma delas.

A área dos estudos em sociolinguística avança quando, de uma forma mais sistemática, busca evidenciar quais aspectos linguísticos e sociais são relevantes para a explicação da variação e das mudanças que ocorreram, bem como as possíveis mudanças que possam ocorrer na língua (cf. Martelotta, 2011). As pesquisas em sociolinguística pensam a língua como “uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (Martelotta, 2011, p. 141), revelando, portanto, a necessidade de que os usos de todos os indivíduos que fazem parte da denominada comunidade sejam igualmente descritos.

A teoria da variação e da mudança linguística (Labov, 2008[1972]) será abordada no sentido de possibilitar a discussão de que as sinalizações feitas pelos participantes da pesquisa são fruto da variação própria da língua de sinais, em sua correlação sistemáti-

ca com as informações sociais dos usuários dessa língua, especialmente o sexo/gênero desses indivíduos, bem como a localidade em que estão inseridos (São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa).

Por sua vez, a proposta de abordagem dialetológica do estudo se dá, especialmente, entendendo que a dialetologia proporciona a identificação da “variedade que uma língua apresenta” em seu plano espacial (Cardoso, 2016, p. 14), evidenciando, diatopicamente, que os usos revelam distinções entre localidades, assim como a sociolinguística variacionista entende que a realização de certas variantes, para a mesma variável, não se explicam/justificam do ponto de vista geográfico, apenas, mas estão estritamente correlacionadas a informações sociais dos usuários de uma determinada variedade linguística³.

Na esteira da discussão a respeito da noção de comunidade que melhor aborda os interesses dos estudos de variação em Libras, Azevedo (2023, ms) propõe a ampliação desse debate, para se estabelecer uma noção de comunidade que englobe os estudos de variação sociolinguística em Libras. Isso quer dizer que se deve partir da discussão em torno do conceito de comunidade de fala, aqui entendida como “um grupo unido por valores comuns associados ao uso da língua”, da noção de comunidade de práticas, proposta por Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 490), que se refere a “um agregado de pessoas que se reúnem em torno de um engajamento mútuo em algum esforço comum”, bem como do conceito de comunidade surda (Perlin, 1998, p. 12), tomada como “um grupo que habita uma região determinada, marcado por características específicas, porém não isolado, vivendo no meio de pessoas ouvintes que são maioria. Nestas características entram os aspectos antropológicos: história, língua, cultura e arte”.

O trabalho, cujo desenvolvimento é aqui apresentado, coaduna-se com a noção de comunidade de prática proposta por Eckert e McConnell-Ginet (1992), por compreender que essa proposta acolhe mais coerentemente as comunidades surdas, comparativamente à compreensão de comunidades de fala, em que esses mesmos indivíduos compartilhariam o conhecimento de regras socialmente impostas para a conduta e a interpretação da fala, o que requer o conhecimento de, pelo menos, uma forma de fala (Gumperz, 1972; Hymes, 1974). Além das abordagens expostas, cabe a necessidade da compreensão de comunidade surda, que parece não incluir os usos linguísticos pelos surdos. Procura-se, portanto, adotar a proposta de Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 8) para a noção de comunidades de prática, uma vez que, ao contrário da noção de comunidade de fala, entende-se que os usuários de uma língua se agregam “em torno do engajamento mútuo

³ Informações sociais dos participantes da presente pesquisa estão detalhadas no tópico *Método da Pesquisa*, a seguir.

em algum empreendimento comum. Modos de fazer, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em suma, práticas – emergem no curso de sua atividade conjunta em torno desse empreendimento”⁴. Para Eckert e McConnell-Ginet, uma comunidade de práticas se organiza diferentemente do construto em torno da noção tradicional de comunidade de fala, já que as comunidades de práticas são simultaneamente definidas pelos membros e pelas práticas em que esses membros estão engajados, enquanto a comunidade de fala agrupa os usuários em torno do compartilhamento das regras e das normas para o uso da língua (Eckert; McConnell-Ginet, 1992).

Enquanto a sociolinguística, como a área dos estudos linguísticos que entende “o desenvolvimento de uma mudança linguística”, levando em conta “a vida social da comunidade em que ela ocorre”, e que tal processo de variação e mudança faz parte da heterogeneidade estruturada da língua (Labov, 2008[1972], p. 16; 21), a dialetologia é tomada como o “ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p. 15). Acrescenta-se, ainda, com base em Coseriu (1982, p. 79), para quem a geografia linguística pode ser designada como

o método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Para essa proposta de Coseriu (1982), acrescentamos os sinais utilizados pela comunidade surda das localidades visitadas, ampliando, assim, aquele que pode ser, também, palco do interesse de áreas dos estudos linguísticos, como a sociolinguística e a dialetologia. Alguns estudos já vêm se dedicando à descrição da língua de sinais brasileira, e, com isso, pavimentando a estrada para a consolidação dos estudos nessa área de pesquisa.

Xavier e Barbosa (2017), por exemplo, objetivaram analisar a variação na realização concreta de seis itens lexicais (*brincar, farmácia, querer, normal, fusca e elevador*) por 12 sinalizantes surdos da cidade de São Paulo. As realizações por esses sinalizantes foram ana-

⁴ Tradução própria para o trecho “aggregate of people who come together around mutual engagement in some common endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations - in short, practices - emerge in the course of their joint activity around that endeavor”. Assumimos todas as falhas em torno da tradução.

lisadas com base na configuração de mão, localização, movimento, orientação, marcações não-manuais, número de mãos, atividade da mão não-dominante, contato, junta e morfologia. A anotação dos dados foi feita no ELAN, software que permite anotações sincronizadas com vídeo. As anotações tabuladas permitiram que os autores observassem 36 realizações para cada sinal analisado, o que permitiu identificar variantes e não variantes nas 216 produções (6 realizações x 3 repetições para cada realização x 12 participantes).

No geral, esses autores observaram que, para *brincar*, houve variação em três parâmetros: configuração de mão, movimento e nas marcações não-manuais. Para o sinal *querer*, foram observadas variações no movimento, na marcação não-manual e em seu número de mãos. Para *fusca*, sinalização com maior marca de variabilidade, houve variação inter e intra-sujeito na configuração de mão, localização, movimento, marcação não-manual, contato e estrutura morfológica. Para o item *farmácia*, houve variação sobretudo entre a configuração de mão e a marcação não-manual. O sinal *normal* foi expresso com presença de variação na movimentação, na configuração de mão e na localização. Por fim, o sinal *elevador* foi expresso envolvendo variação na configuração de mão, na orientação, na localização, na repetição do movimento, nas marcações não-manuais e na estrutura morfossintática. Esses autores explicam (p. 1002) que a realização concreta e variável dos sinais apresentados funcionam como “realizações possíveis e típicas dessa língua” e não comprometem a comunicação entre os usuários dessa forma de comunicação.

Junior (2011) e Costa (2021) parecem se aproximar de Xavier e Barbosa (2017), no que concerne à compreensão de que as formas variantes de expressar sinais em Libras seja a evidência de que essa língua passa por complexos processos de variação linguística estruturada. O primeiro analisou a variação lexical de seis termos da terminologia política brasileira (*lei, decreto, constituição, direito, direito coletivo e direito difuso*), enquanto o segundo objetivou elaborar material digital, bilíngue, acessível, com sinais-termo, do campo das ciências naturais, especificamente sobre os sistemas do corpo humano, com foco nos sistemas cardíaco, respiratório e reprodutor.

Junior (2011) realizou a pesquisa com 39 sinalizantes, que revelaram padrões distintos para a sinalização dos termos focalizados na pesquisa. Costa (2021), por sua vez, demonstra, em seu material denominado *Proposta Enciclopédica: EncicloSigno* em contexto, as formas variantes para a sinalização dos termos propostos, conforme se pode verificar no exemplar demonstrado abaixo.

Figura 2: Sinalização para a Estrutura do Coração

| Termos | Sinais-termo | Morfemas-base | Morfemas-base conectados 1 | Morfemas-base conectados 2 | Configuração de Mãos |
|-------------------------|---|---|---|--|---|
| 01 Aorta descendente |  |  |  |  |  |
| 02 Apice do coração |  |  |  |  |  |

Fonte: Costa (2021, p. 74).

O trabalho que aqui se desenvolve dialoga diretamente com essas duas últimas propostas, já que também se ocupa em analisar variação lexical em língua de sinais brasileira. Assim, será possível propor encaminhamentos para o estabelecimento de padrões de variação mais sólidos nos participantes da pesquisa produzida no âmbito da variedade maranhense da Libras, ampliando-se, sobremaneira, o número de participantes surdos, para que se estabeleçam padrões reveladores o mais próximo possível dos usos efetivos dos sujeitos que se comunicam nessa língua.

Vale destacar a necessidade de ampliação, cada vez mais, da produção de pesquisas que busquem descrever sociolinguisticamente a língua brasileira de sinais, a fim de se obter uma fotografia mais bem delineada dessa variedade linguística, associando-a aos estudos que discutem, por exemplo, o histórico do uso do termo Libras por pesquisadores nacionais de estudos surdos, comparativamente ao termo recorrentemente utilizado pela lei que regulamenta a Libras no país, de modo a construir uma historiografia dos estudos surdos no Brasil (Menezes, 2019), bem como aquelas pesquisas que analisam políticas linguísticas para a inclusão de surdos no ensino regular (Lacerda, 2006; Silva; Favorito, 2009; Muttão; Lodi, 2018).

O estudo aqui proposto contribui, assim, para dirimir um pouco mais essa lacuna. Nessa direção, propõe um método de trabalho que é melhor descrito no item a seguir.

Método da Pesquisa

O trabalho cujo desenvolvimento vem sendo apresentado busca trazer resultados para a variação na sinalização do item lexical *camaleão*, produzido por 8 surdos maranhenses, selecionados com base nas seguintes informações sociais: um homem e uma

mulher de cada uma das cidades analisadas neste estudo, a saber, São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar; com idade entre 30 e 50 anos; surdos desde o nascimento e que fossem fluentes em Libras, ou seja, que sinalizem desde criança; e tenham contato com outros surdos desde a infância, durante o período de aquisição desse sistema linguístico. Em geral, os participantes desta pesquisa foram contactados via Centro de Apoio à Pessoa com Surdez – CAS. No que diz respeito à escolaridade, todos os oito participantes possuem ensino médio completo.

Evidencie-se o fato de que o Maranhão tem a variedade do seu português falado amplamente descrito (cf. Alves, 2015; Santos, 2015; 2020; Barbosa, 2016, entre outros), e, do ponto de vista da dialetologia, os trabalhos desenvolvidos pelo Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA (cf. Ramos; Bezerra; Rocha; 2005; 2006; 2010; Ramos et al, 2019) mostram a solidez de pesquisas baseadas nos dados coletados para a elaboração desse Atlas. Por outro lado, não se têm notícias de pesquisas nessa mesma proporção que deem conta da descrição da língua de sinais nesse Estado.

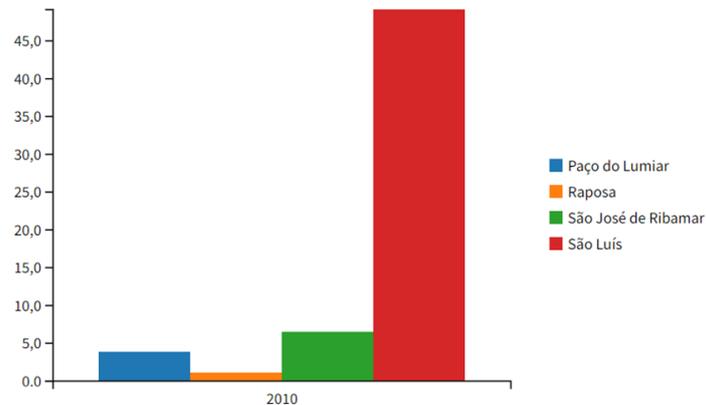
Diante disso, este trabalho contribui para a compreensão do sistema linguístico da Libras e do estudo da variação lexical na sinalização da comunidade surda presente nas cidades de São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar. Ressalta-se que a escolha dessas cidades da região metropolitana da Ilha de São Luís, Maranhão, se dá pelo fato de possuir um considerável contingente de pessoas com deficiência auditiva (vide tabela 1 e gráfico 1, a seguir), ainda que se compreenda o fato de haver um grande número de indivíduos com surdez, esse quantitativo não se refere necessariamente à quantidade de indivíduos sinalizantes.

Tabela 1: Tabela do quantitativo populacional de pessoas com deficiência auditiva na região metropolitana da Ilha de São Luís

| Divisões territoriais | 2010 |
|------------------------------|-------------|
| Paço do Lumiar | 3.918 |
| Raposa | 1.150 |
| São José de Ribamar | 6.533 |
| São Luís | 48.972 |

Fonte: Adaptado do IBGE, Censo Demográfico 2010.

Gráfico 1: Gráfico populacional de pessoas com deficiência auditiva



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

A escolha do item lexical *camaleão* deu-se pelo fato de não ter o registro deste sinal no dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), considerado nacionalmente basilar pelos usuários desta língua. Tal sinalização para o item lexical é, no entanto, registrada no Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (Honora; Frizanco, 2011), conforme se verifica na figura 3. Assim, a justificativa para a análise desse item em questão baseia-se na compreensão de que importa verificar se os surdos participantes da pesquisa se aproximam do registro apresentado no Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais, ou se, de outro modo, apresentam diferentes maneiras de produção desse item lexical.

Figura 3: Sinal de *camaleão* do Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais



Fonte: Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais, 2011.

O item aqui analisado é parte de um trabalho mais amplo, que se interessa por catalogar os sinais produzidos por surdos maranhenses de diversos animais, a exemplo de cupim, sanguessuga, urubu e tamanduá. Para o caso específico do réptil focalizado neste

artigo, foi apresentado a cada um dos informantes a seguinte pergunta escrita em papel A4: “Qual animal que muda de cor de acordo com o lugar?”. Paralelamente à apresentação da pergunta escrita em papel, foi apresentada a imagem relativa ao animal em questão (vide figura 4, a seguir), para que cada informante respondesse com o sinal correspondente ao item lexical. A produção de cada sinal foi capturada por câmera de vídeo, para fins de análise.

Figura 4: Item lexical *camaleão* aplicada na coleta dos dados

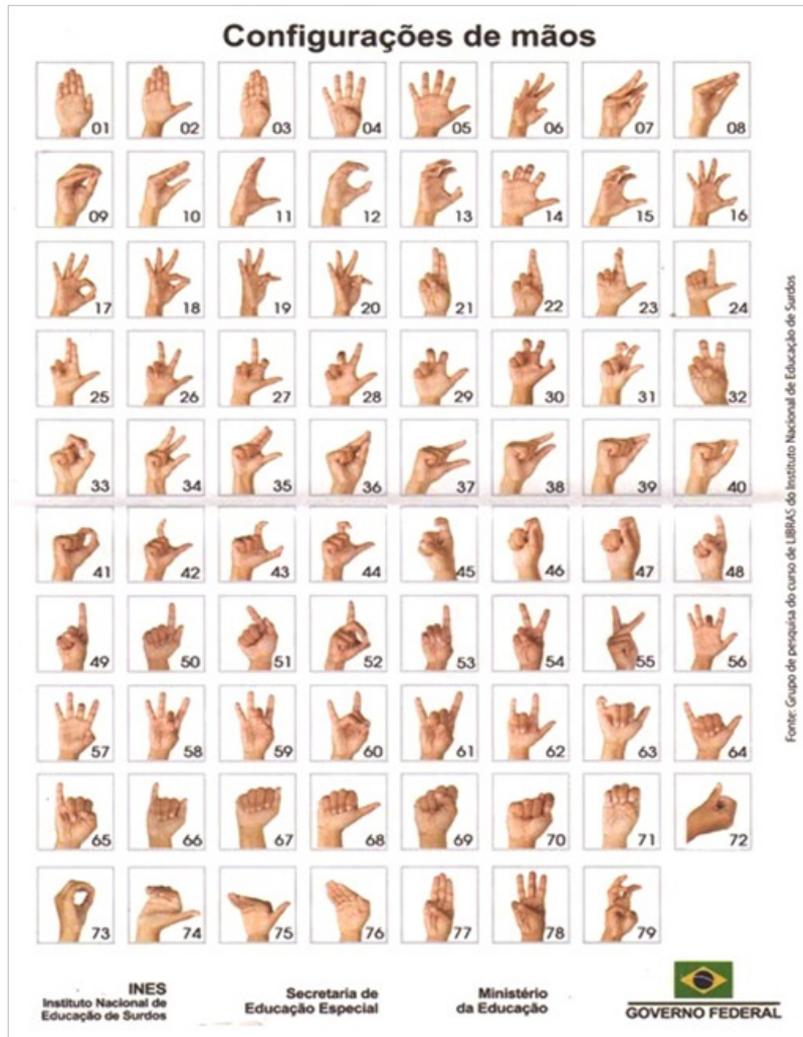


Fonte: Klima Naturali, 2012.

Para cada indivíduo surdo, informante da pesquisa, foi disponibilizado um termo de consentimento livre e esclarecido para ser assinado, permitindo a gravação e posterior análise dos sinais produzidos, garantindo, porém, a preservação de sua identidade. Tal explicação é necessária porque nenhum dos participantes autorizou a divulgação de sua imagem para os fins deste trabalho, de modo que a solução encontrada foi a de tentar replicar, o mais fidedignamente possível, a partir das gravações feitas, os sinais produzidos pelos participantes.

No que diz respeito à descrição dos dados, informa-se que o parâmetro adotado foi o da tabela com as configurações de mãos proposta pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Figura 5: Conjunto de Configurações de Mãos proposto pelo INES



Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2013.

Uma vez detalhado o método da pesquisa, passa-se à apresentação dos resultados obtidos a partir da aplicação do questionário.

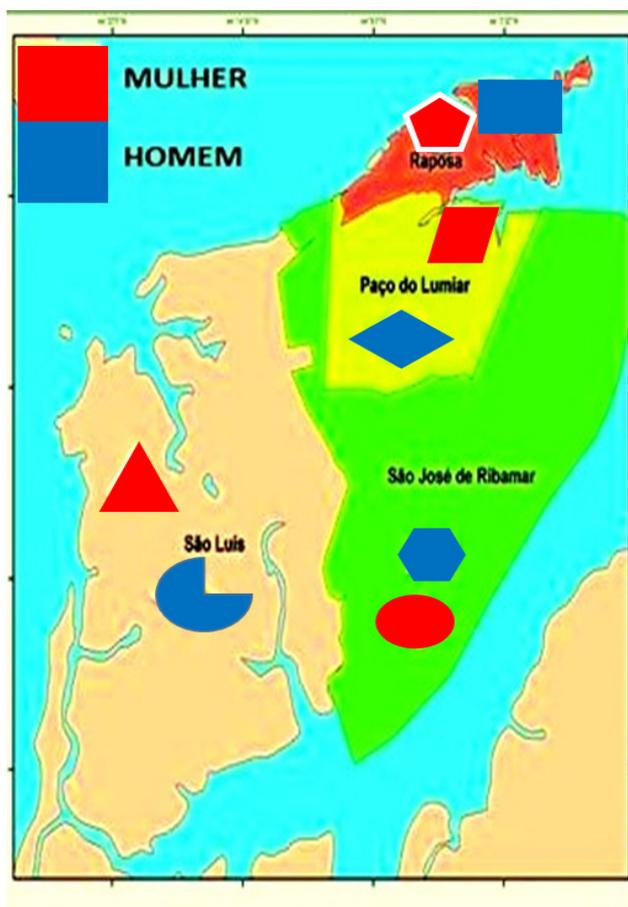
Resultados e Análises

Esta pesquisa busca identificar os sinais produzidos por oito sujeitos surdos, residentes na região metropolitana de São Luís, área que abrange a capital do Estado, além das cidades de São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar. O interesse na realização deste estudo é o de contribuir para a descrição da língua de sinais brasileira realizada no Maranhão.

Mediante a coleta dos sinais produzidos pelos surdos residentes das 04 regiões estudadas aqui, passou-se à análise do campo semântico, conforme a carta linguística abaixo. Cabe ressaltar que todos os informantes, sem exceção, souberam responder ao que foi pedido quando da aplicação do questionário.

Campo semântico: Animal ⇒ Camaleão.

Figura 6: Carta Linguística da distribuição dos dados por sexo/gêneros dos participantes



Fonte: elaborada pelos autores.

A ilustração da carta linguística acima revela que todos os participantes atribuíram sinais distintos para o mesmo animal. Tal informação não quer dizer que se esteja diante de variantes de uma mesma variável, nos termos de Labov (2008[1972]).

De fato, a quantidade mínima de participantes não possibilita o estabelecimento

de padrões na realização para *camaleão*, em Libras, mas leva ao questionamento de se as distintas referências são casos de “variantes de mais de uma palavra”, seguindo Xavier e Barbosa (2017, p. 1001), ou se se caracterizam como *classificadores*, isto é, as configurações de mãos, as quais funcionam como morfemas que expressam determinadas características de objetos em uma dada língua de sinais, como sugerem Quadros e Karnopp (2004).

Ainda que não seja possível avançar na definição de um ou de outro termo, destacam-se, a seguir, as distintas variantes produzidas pelos participantes das localidades investigadas. Além da sinalização feita pelos participantes, e reproduzida por outro pesquisador, as sinalizações são reproduzidas em vídeos que podem ser acessados por meio de *QR code*, disponibilizado ao lado da imagem de cada produção das variantes, clicando duas vezes sobre ele, ou fazendo a sua leitura do código, utilizando-se a câmera do celular.

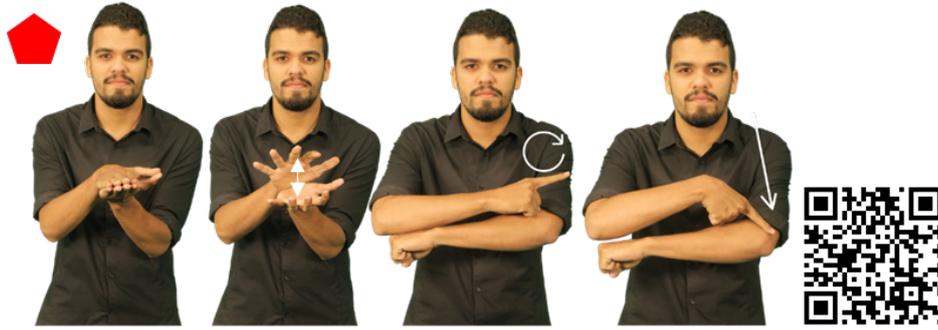
Variante 1



Variante 2



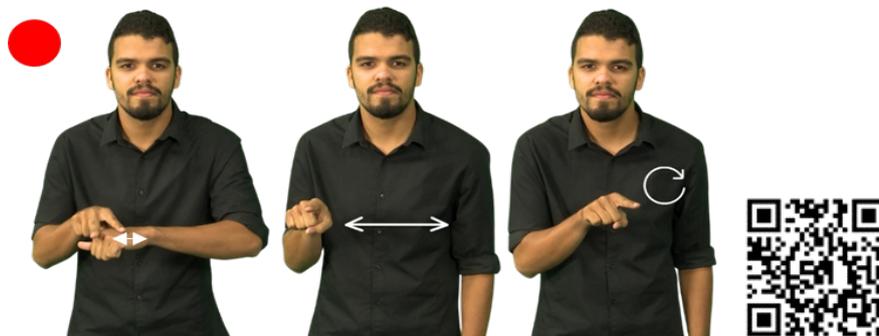
Variante 3



Variante 4



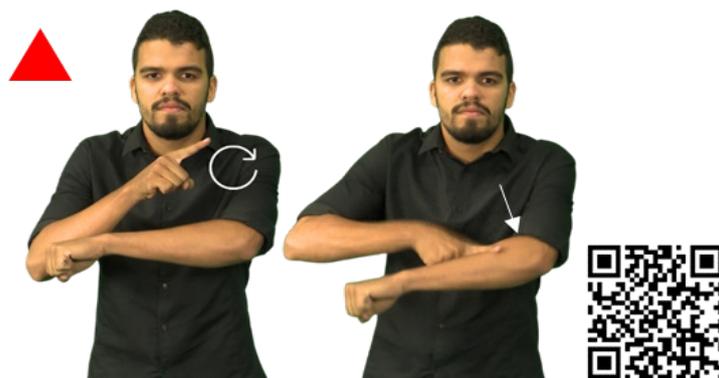
Variante 5



Variante 6



Variante 7



Variante 8



Nas variantes, os símbolos em azul referem-se às sinalizações feitas pelos homens, e, em vermelho, às sinalizações produzidas pelas mulheres. As formas geométricas significam as cidades em que as sinalizações foram coletadas: por exemplo, as formas em *paralelogramo* e *losango* significam que os dados são de Paço do Lumiar; as formas em *pentágono* e *retângulo* evidenciam os dados da cidade de Raposa; as formas em *círculo* e *hexágono*, por sua vez, mostram que os dados são de São José de Ribamar; por fim, as formas em *triângulo* e *pizza* significam que os dados são de São Luís.

Todas essas formas geométricas referem-se à produção da lexia *camaleão* nas cidades foco deste estudo, e mostram que, embora limítrofes geograficamente falando, os participantes das quatro cidades da região metropolitana de São Luís variam na forma de se referir ao animal em questão, o que leva às distribuições a seguir.

Glossário ⇒ **Campo Semântico:** Animal ⇒ **Sinal Coletado:** Camaleão.

Localidade: Paço do Lumiar

Informante: Feminino



Descrição do sinal: mão dominante e mão não dominante com configuração 05 (vide Instituto Nacional de Educação de Surdos) e orientação vertical para baixo, no espaço neutro à frente do corpo; em seguida, movem-se ambas as mãos com movimento semi-circular para frente alternadamente bem lento e com expressão facial de lentidão, demora.

Informante: Masculino



Descrição do sinal: mão não dominante com configuração 03 e orientação horizontal para o lado, localizada no espaço neutro à frente do corpo; mão dominante com configuração 45 acima do dorso da mão não dominante com orientação para baixo e direcionalidade para o lado, iniciando-se no dorso da mão e finalizando-se no antebraço; expressão facial neutra. Posteriormente, mão dominante com configuração 54, com orientação para baixo, localizada em frente ao queixo. Move-se a mão retilinearmente para frente e para trás repetidamente e, concomitante à expressão facial, utilizando-se a língua para frente e

para trás, acompanhando simultaneamente o movimento da mão. Em seguida, realiza-se o sinal de *verde* com configuração da mão não dominante 03, orientação horizontal para baixo, mão dominante com configuração 54 em cima do dorso da mão não dominante, com orientação para baixo e com movimento retilíneo para os lados.

Localidade: Raposa

Informante: Feminino



Descrição do sinal: Ambas as mãos com configuração 05, tocando-se pela palma de cada uma das mãos, localizadas à frente do corpo. Após, move-se a mão não dominante para baixo e a mão dominante para cima. Posteriormente, move-se a mão não dominante com configuração 69, localizada horizontalmente à frente do corpo; movimenta-se circularmente a mão dominante, acima do antebraço da mão não dominante. Todo o movimento é realizado com expressão facial neutra.

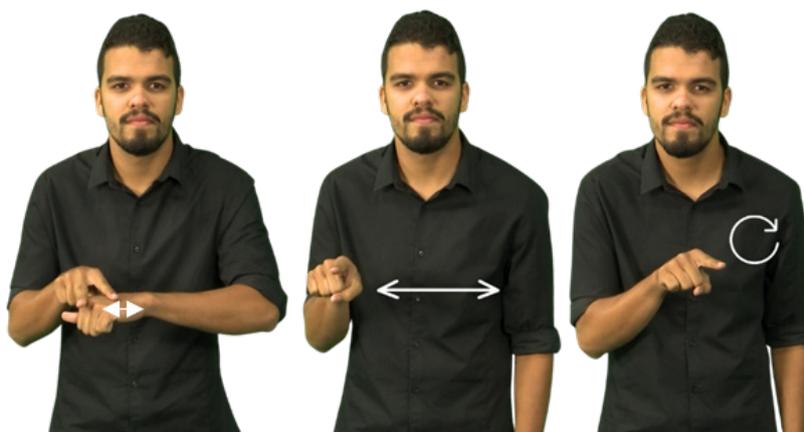
Informante: Masculino



Descrição do sinal: mão dominante em configuração 32, com orientação para baixo, movimento angular para frente, no espaço neutro. Após, realiza-se o sinal de **cor**, com a mão dominante em configuração 05, orientação para trás, localizada em frente a boca, tocando-se e balançando os dedos. Após, realiza-se o sinal de **vários**, com a mão dominante e mão não dominante em configuração 21, com orientação para trás, localizada no espaço neutro à frente do corpo. As mãos devem estar dispostas uma ao lado da outra. Em seguida, deve-se movê-las para os lados opostos, balançando-se os dedos. A sinalização é feita com expressão facial neutra.

Localidade: São José de Ribamar

Informante: Feminino



Descrição dos sinais: primeiramente, realiza-se o sinal para *verde*, com a mão não dominante com configuração 67, localizada horizontalmente no espaço neutro à frente do corpo e a mão dominante com configuração 54 em cima do dorso da mão não dominante. Em seguida, deve-se mover a mão dominante retilineamente para os lados. Logo após, posiciona-se a mão dominante na configuração 49, à frente do corpo, movimentando-a circularmente de um lado para o outro. A produção do sinal é feita com expressão facial neutra.

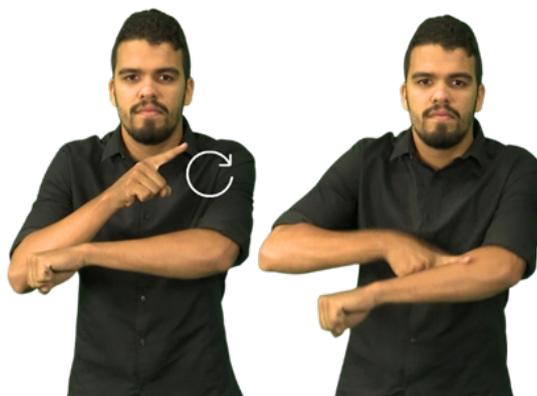
Informante: Masculino



Descrição do sinal: ambas as mãos em configuração 73 girando em frente aos olhos. Após, a mão não dominante é posicionada de acordo com a configuração 76, curvada, na horizontal, e a mão dominante em configuração 53, em cima do antebraço, fazendo-se um movimento reto até o cotovelo, e o dedo indicador com movimento angular.

Localidade: São Luís

Informante: Feminino



Descrição do sinal: mão não dominante com configuração 69 com orientação vertical para baixo no espaço neutro à frente do corpo e a mão dominante, em configuração 49, com orientação para baixo. Faz-se um único movimento circular com a mão dominante, e, logo após, procede-se com um movimento retilíneo para baixo e para cima tocando pontualmente o antebraço da mão não dominante. A expressão facial é neutra, quando da produção desse sinal.

Informante: Masculino



Descrição do sinal: mão dominante com a configuração 21 no espaço neutro à frente do corpo e com a orientação da palma da mão para frente. Move-se a mão dominante com direção para cima, em movimento angular. A expressão facial é neutra.

As descrições feitas até aqui revelam a multiplicidade de sinais produzidos pelos sujeitos surdos participantes da pesquisa em questão, no que diz respeito à variação lexical em Libras. Mostram a diversidade presente no sistema heterogêneo mas ordenado dessa língua, comprovando que a língua de sinais sofre a influência da variabilidade intra e inter-falantes, como propõem Xavier e Barbosa (2017).

Nos casos aqui analisados, observa-se variação quanto à configuração de mão, bem como quanto aos movimentos realizados. No que diz respeito aos informantes da cidade de Paço do Lumiar, observa-se que a configuração de mão da informante é a configuração 05, enquanto a do informante são as configurações 03, 45 e 54 na realização deste sinal. Quanto ao parâmetro movimento, a informante possui movimento semicircular e o informante o realiza com movimento retilíneo.

Para os informantes da cidade de Raposa, considera-se que, enquanto a mulher produz o sinal para *camaleão*, configurando a mão nas posições 05 e 69 na produção deste sinal, movimentando-a circularmente e retilineamente, o homem, por sua vez, o realiza com configuração de mão em 32, 05 e 21, com movimento angular e retilíneo.

Por sua vez, em São José de Ribamar, a informante produz o sinal para *camaleão* com a configuração da mão em 67, 54 e 49, enquanto o homem utiliza as configurações 73, 76 e 53. No que tange ao movimento, a informante produz o sinal para o item em

questão com movimento retilíneo e circular, enquanto o informante o realiza com movimento retilíneo.

Em São Luís, de certa maneira, a descrição da sinalização feita pelos dois informantes participantes da pesquisa parece corroborar as diferenças entre homens e mulheres. No caso dos primeiros, na capital maranhense, o informante sinaliza *camaleão* com configuração da mão 21, com movimento angular, enquanto, para o caso da mulher, a informante faz referência ao mesmo animal por meio da sinalização que considera a configuração da mão em 69 e 49, com movimento circular e retilíneo.

De modo geral, todos os informantes coincidem na realização do sinal para referir a *camaleão* quando recrutam o mesmo sinal utilizado para produzir o verbo *mudar*, conforme descrito no dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), o que pode ser explicado pelo fato de que os informantes compartilham a compreensão de que uma das características desse tipo de réptil é a sua mudança de pele.

De modo geral, esses resultados apontam para o fato de que são bem distintas as sinalizações existentes entre os oito informantes participantes desta pesquisa, o que impede, de um lado, que se afirme tratar-se de uma caracterização própria das localidades investigadas, mas permite sustentar, por outro lado, que os indivíduos possuem conhecimento profundo do seu sistema linguístico, a ponto de recorrerem a diversas possibilidades de referência aos fatos linguísticos. Destacam-se, aqui, os resultados obtidos por Xavier e Barbosa (2017, p. 1001) para o item lexical *elevador*. Nesse caso específico, os autores observaram que havia um alto grau de variabilidade na sinalização desse item entre os paulistanos surdos. Eles explicam que o alto grau de variabilidade sofrido na sinalização para o mesmo item lexical pode sugerir um indício de que as diferentes sinalizações feitas representam mais do que variantes de uma mesma variável, mas, na verdade, podem referir-se “a variantes de mais de uma palavra que, sinonimamente, expressam o conceito *elevador* nessa língua” [grifos originais].

A solução para a definição do que de fato representa a alta variabilidade encontrada, de modo a explicar o funcionamento dos diferentes sinais produzidos para o mesmo item lexical como variantes de uma mesma variável, acrescentam os autores, é que sejam observados, paralelamente ao elemento linguístico em foco, a configuração e o movimento das mãos durante a produção desses sinais, bem como seja recrutada uma quantidade de informantes que seja representativa da comunidade a ser analisada.

À pesquisa aqui apresentada, as orientações de Xavier e Barbosa (2017) são bastante adequadas, uma vez que, como se observa, o número de participantes revela, por um lado, o alto grau de variabilidade de sinais para o mesmo item lexical, mas, ao mesmo tempo, não permite que sejam estabelecidos maiores padrões de uso dessas formas. Azevedo (2023, ms) vem trabalhando no sentido de ampliar sua amostra, a fim de verificar a sistematicidade na heterogeneidade da língua de sinais brasileira, em sua variedade maranhense.

Por outro lado, pode-se pensar como Quadros e Karnopp (2004), para quem o sistema de *classificadores* é representativo do léxico nativo da Libras. Esses classificadores estariam, para essas autoras, profundamente envolvidos na formação lexical da Libras, fortemente favorecidos pela modalidade espaço-visual própria da língua de sinais. Tal definição parece envolver, de qualquer modo, o mesmo desafio que se impõe para definição de variantes de uma mesma variável, qual seja a análise de uma quantidade maior de dados, bem como um maior número de participantes na pesquisa proposta.

Considerações Finais

O trabalho aqui desenvolvido traz aspectos de variação lexical na sinalização de 8 sinalizantes, residentes na região metropolitana de São Luís, e, a despeito do campo semântico selecionado para ser apresentado, este estudo evidencia o fato de existirem variações lexicais em diferentes municípios, mesmo tão próximas, dentro de uma mesma região do Estado, e que, ainda assim, essa variação é passível de ser padronizada, em virtude de os oito participantes compartilharem nuances nas sinalizações que não permitem afirmar se tratar de variantes de uma mesma variável, no sentido proposto por Labov (2008[1972]), no entanto, revelam o profundo conhecimento que os usuários da língua possuem de seu sistema linguístico.

No que diz respeito ao sexo dos informantes, evidenciam-se nos resultados que as mulheres e os homens apresentaram, cada um, 4 sinais variantes para se referirem ao mesmo item lexical. Esses resultados se coadunam com as discussões levantadas por Junior (2011) e Costa (2021), ao mostrarem que os sujeitos surdos se comunicam, ainda que os sinais se diferenciem em seus detalhes.

Conforme a figura 3, sinal de *camaleão*, extraído do livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (Honora; Frizanco, 2011), é possível considerar se tratar do mesmo sinal utilizado para produzir *mudar*, conforme o dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), o que pode ser

explicado pelo fato de os informantes compartilharem a compreensão de que uma das características desse tipo de réptil é a sua mudança de pele.

Outro aspecto importante a ser destacado diz respeito ao fato de que todos os sinais realizados pelos informantes surdos residentes das cidades investigadas, para o mesmo item lexical, fazem referência às características físicas do item lexical investigado, o que pode revelar um indício de que os sinais possuem motivações diferentes para designar o mesmo valor de verdade, fato este explicado pela quantidade de variantes do mesmo item lexical. Para tanto, reafirma-se, cabe a ampliação na quantidade de participantes para melhor definir tal proposição.

Por fim, mas não menos importante, espera-se que este estudo contribua para a percepção de que a língua de sinais possui uma heterogeneidade passível de ser ordenada, de modo a consolidar a compreensão a respeito da complexidade dessa língua e da necessidade de ser ela alvo da sociolinguística, cujo entendimento sobre as informações sociais dos usuários da língua importam para explicar o uso de diferentes sinais linguísticos para se “dizer” o mesmo referente, em todos os níveis linguísticos.

Referências

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

AZEVEDO, Renan Pires. *A cartografia dos sinais: um estudo sociolinguístico da Língua Brasileira de Sinais em São Luís e Bacabal – MA*. Projeto (Mestrado em Letras) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, 2023, ms.

BARBOSA, Alana B. *A indeterminação do sujeito no falar ludovicense*. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPR, Curitiba, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 1 maio 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 1 maio 2023.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos*. 3 volumes. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia. In: MOLLICA, Maria Cecília; JUNIOR, Celso Ferrarezi. *Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Sucessor, 1975.

COELHO, Izete L.; GÖRSKI, Edair M.; NUNES de SOUZA, Christiane M. N; MAY, Guilherme. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. A Geografia Linguística. In: COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

COSTA, Messias Ramos. *EncicloLibras: produção sistematizada de sinais-termo em língua de sinais brasileira em novos eixos temáticos - LSB e LGP* (“Proposta Enciclopédica: EncicloSigno em contexto”). 198f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: where language, gender, and power all live. *Language and Gender*. Cambridge University Press, 1992.

GUMPERZ, John. J. The Speech Community. In: GIGLIOLI, PIER P. (ed.). *Language and Social Context*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 219-231.

HONORA, M.; FRIZANCO, Mary L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. Vol. 3. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

HYMES, Dell H. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

JUNIOR, Glaucio de Castro. *Variação linguística em língua de sinais brasileira: foco no léxico*. 123f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LACERDA, Cristina Broglia F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

LUCAS, Ceil. *The Sociolinguistics of Sign Languages*. Cambridge University Press: Cambridge/UK, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MENEZES, Ronny Diogenes. Libras: uma reflexão a respeito do histórico de uso do termo. In: *Revista Educação, Artes e Inclusão*, vol. 15, n° 2, abr-jun, 2019, p. 125-144.

MUTTÃO, Melaine Duarte Ribeiro; LODI, Ana Claudia Balieiro. Formação de professores e educação de surdos: revisão sistemática de teses e dissertações. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 22, 2018, p. 49-56.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice M. O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos. In: LODI, Ana Cristina B.; LACERDA, Cristina Broglia F. (Org.). *Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização*. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2012, pp. 187-200.

QUADROS, Ronice M. de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. *O português falado no Maranhão: estudos preliminares*. São Luís: EDUFMA, 2005.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. *A diversidade do português falado no Maranhão: o atlas lingüístico do Maranhão em foco*. São Luís: EDUFMA, 2006.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima. *O português falado no Maranhão: múltiplos olhares*. São Luís: EDUFMA, 2010.

RAMOS, Conceição de Maria de A et al (Orgs.). *Estudos sociodialetais do Estado do Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 2019.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo*. 240f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Ivani Rodrigues; FAVORITO, Wilma. *Surdos na escola: letramento e bilinguismo*. Campinas: Rever, 2009. (Coleção Linguagem e Letramento em Foco).

STOKOE, W. *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Studies in Linguistics: Occasional Papers, 8, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1960.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Felipe Venâncio. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. *Domínios de Linguagem*. vol. 11, nº 13. Uberlândia. jul-set. 2017, p. 983-1006.



THEONYMY IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: THE SIGNS OF ORISHAS

TEONÍMIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: OS SINAIS DOS ORIXÁS

Gabrielly Oliveira Moreira | [Lattes](#) | gabrielly.moreira@sou.ufac.br
Universidade Federal do Acre

Alexandre Melo de Sousa | [Lattes](#) | alexandre.sousa@fale.ufal.br
Universidade Federal de Alagoas

Abstract: Name-giving and organizing the world through concepts and categories are human acts underlying lexicon production in any language. The lexicon of a language includes proper nouns, which particularize people, places, or things. Onomastics is the field of Linguistics devoted to studying proper names. This article focuses on the proper names of Orishas in Brazilian Sign Language (Libras). It analyzes 10 signs that name Orishas in Libras as to their formal and semantic-motivational aspects and taps into the iconicity underlying the relationships between these signs and their referents that might have influenced their creation. This qualitative, applied study is based on descriptive and documentary methods and draws theoretically on Castro (2001), Sousa (2019; 2022a; 2022b; 2023), and Vidigal and Teixeira (2014). Findings indicate that 7 out of the 10 signs are classified as morphologically simple, while the remaining are compound and constituted by Libras-only formants, i.e., without borrowing from the Portuguese language. Iconicity was found in all signs except for NANAN-BURUKU in the semantic-motivational analysis. Findings point to a strong relationship between the naming of Orishas in Libras and the visual experience of the deaf, especially through the iconic relationship between the signs and their referents.

Keywords: Brazilian Sign Language; Onomastics; Theonymy; Candomblé.

Resumo: O ato de nomear e organizar o mundo por meio de conceitos e categorias é uma característica humana que proporciona a geração do léxico de uma língua. No universo lexical de uma língua estão os nomes próprios, que particularizam as pessoas, os lugares ou as coisas com um nome. A área da Linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios é a Onomástica. Neste artigo, interessam-nos os nomes próprios atribuídos aos Orixás do Candomblé na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nosso objetivo é

analisar dez sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé em Libras quanto aos aspectos formais e semântico-motivacionais e verificar fatores de iconicidade que mostrem as relações entre o sinal e os referentes que possam ter influenciado a sua criação. Para fundamentar nosso estudo – de natureza aplicada, abordagem qualitativa e de procedimento descritivo e documental – tomamos por base os estudos de Castro (2001), Sousa (2019; 2022a; 2022b; 2023) e Vidigal e Teixeira (2014). Os resultados apontam que, quanto à classificação morfológica, dos dez sinais analisados, sete são do tipo simples e três do tipo composto, constituídos somente por formantes da Libras, sem empréstimo da língua oral. Quanto ao aspecto semântico-motivacional, a iconicidade é perceptível em todos os sinais, exceto no sinal NANÃ. Os dados evidenciam a forte relação das nomeações dos Orixás do Candomblé em Libras com a experiência visual dos surdos, especialmente por meio da relação icônica dos sinais com seus referentes.

Palavras-chave: Libras; Onomástica; Teonímia; Candomblé.

Introduction

The act of name-giving is part of the human experience and an important part of social interaction. It occurs in all cultures and in all languages, whether oral-auditory or visual-spatial. By giving names to people, places, and things, humankind owns these entities while also becoming part of them. As a result, the names of things reflect the world-views and cultures of their name-givers.

This study focuses on how the Orishas¹ in Candomblé (an African diasporic religion that is widespread in Brazil) are named in Brazilian Sign Language (Libras) – a language officially recognized through Act No. 10436, as of 2002, and used by the Brazilian deaf community, especially by those who live in urban centers. As every language reflects its culture and every culture is projected into the lexicon of a language, this study also analyses how visual aspects are reflected in the names of Orishas in Libras.

The lexicon in Libras reflects not only the specific characteristics of this sign language, but also traces of the visual experiences of deaf people, their culture and their identity (Sousa, 2022a). It also reflects influences of the linguistic contact of deaf people with the Portuguese language – which is present in society, in schools, in religious spaces, etc. (Sousa, 2022a).

Particularly, this article analyzes 10 signs in Libras that name Orishas in Candomblé. The analyses focus on both formal aspects and semantic-motivational aspects of the lex-

¹ Orishas are Yoruba Deities.

ical items. It particularly aims to tap into iconicity factors evincing the relationships between these signs and their referents that might have influenced their creation.

To this end, it first discusses the 1) act of name-giving and. 2) Onomastics and its relationship with culture in general and African diasporic religions in particular. Subsequently, it describes the study design and reports on the analysis of the following signs: ÈṢÙ (EXU)², ỌYA (IANSÃ), YEMOJA (IEMANJÁ), NANAN-BURUKU (NANÃ), ÒGÚN (OGUM), ỌBALÚWÁIYÉ (OMOLU), ÒRÌSÀN LÁ (OXALÁ), ÒṢÓṢÌ (OXÓSSI), ỌṢUN (OXUM), and ṢÀNGÓ (XANGÔ).

The act of name-giving

The act of naming things is inherent to human interaction. It is a process whereby the lexicon of a language is built. The investigation of the lexicon of a people's language – whether an oral language or a visual-gestural language – also requires a study of the cultural and ideological identity of its speakers, as lexicon and culture are inseparable (BIDERMAN, 1998).

The act of name-giving does not occur in the same way everywhere:

As expected, different peoples and cultures have established different practices and customs with regard to name-giving, whether to animate entities (such as people and animals) or to inanimate entities (such as places and institutions). Thus, onomastic studies – i.e., studies of proper names – must also include an anthropological component.³ (LOURENÇO; CUNHA, 2022, p. 117)

Conceptualizing or giving meaning to things are ways of organizing the world; as such, giving names to people, objects, feelings, places, real or fictional beings etc. means making them exist and become part of the world we live (BIDERMAN, 1998). Therefore, the lexicon of a language reflects the cultural aspects of a linguistic community as a result of shared experiences among its speakers.

The lexicon of a language can be seen as an extensive repertoire of words, i.e., a set of lexical items available to its speakers, who use them to meet their interaction needs (ANTUNES, 2012). As a matter of fact, it is the lexicon of a people that informs us about their culture, beliefs, and customs as part of a social and linguistic group.

² Convention: Name in Yoruba (name in Brazilian Portuguese).

³ Original in Portuguese: “Como não poderia deixar de ser, diferentes povos e culturas estabeleceram práticas e costumes diversos no que diz respeito à atribuição de nomes próprios, seja a entidades animadas (como pessoas e animais), seja a entidades inanimadas (como lugares e instituições). Por esse motivo, os estudos onomásticos – isto é, os estudos que se dedicam aos nomes próprios – devem possuir, também, um componente antropológico.”

Culture entails the set of experiences lived and shared by a given human group. Worldviews are culturally formed and established in communicational contacts and throughout history in different contexts, including the religious (spiritual) context.

Thus, human experiences are named and categorized through the lexicon (BIDERMAN, 1998; 2002). In the lexicon, proper names have always had a meaning that goes beyond the sign itself (the lexical unit); it can even bear a magical dimension in several cultures.

Onomastics

Onomastics is the field of Linguistics devoted to studying proper names (AMARAL; SEIDE, 2020). A proper name individualizes and singles out its referent (SOUSA, 2022a). It can be given not only to individuals and places, but also to different beings and things in the world, such as works of art, means of transport, animals, commercial centers, festive events, supernatural beings, or anything else that is meant to be singled out.

This process also occurs in sign languages whenever deaf people give names to people, places, soccer teams, pets etc. by ascribing to them a sign that identifies them in the deaf community (SOUSA, 2022b). In giving a proper name, the name-giver resorts to knowledge from different domains, including Linguistics, History, Geography, Biology, Theology, Sociology, and Anthropology.

Sousa and Dargel (2017, p. 6) explain that

Onomastics, a field within Linguistics, draws on other areas of knowledge according to the orientation of the study carried out. This convergence of areas makes the science dedicated to the analysis of proper names fundamentally interdisciplinary, despite being in principle part of Linguistics. It analyzes the name, a language element (or onomastic item) that is subject to several conditions beyond those aspects related to language itself.⁴

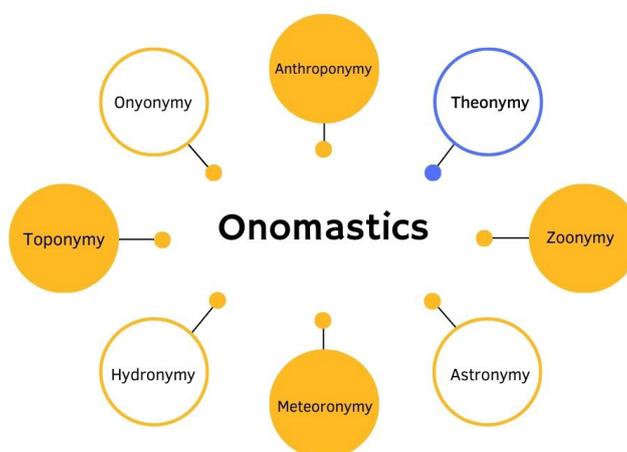
Although the best-known sub-areas of Onomastics are Anthroponymy (study of people's proper names) and Toponymy (study of place names), there are other sub-areas of equal importance within Onomastics:

⁴ Original: "A Onomástica, área do saber inserida na Linguística, dependendo do viés do estudo realizado, recebe subsídios de outros ramos. Essa convergência de áreas faz com que a ciência dedicada à análise dos nomes próprios seja fundamentalmente interdisciplinar, apesar de ser, em princípio, parte da Linguística porque se parte da análise do nome, elemento da língua (ou item onomástico) para os outros condicionantes que o envolvem além dos aspectos relacionados à linguagem."

As one can see, we have several classes of “proper names”. The philologists have agreed to refer to the section of Glottology that address them (origin, reason for use, form, evolution, etc.) as “Onomatology”, which, should be broken down into three secondary disciplines according to those classes: 1) study of place names, or “Toponymy”, which also includes liquid elements (rivers, lakes, etc.) and other products of nature, such as trees and rocks that frequently give names to places (“Toponymy” is, therefore, geographic Onomatology); 2) study of the name of people, or “Anthroponymy”, an expression [...] first proposed and used in 1887, in *Revista Lusitana*, I, 45; and 3) study of various other proper names, such as stars, winds, animals, supernatural beings, ships, things: “Panteonym” (from the Greek *pantoĩos*, which means “of all kinds”, “varied”). In the study of the names of supernatural beings, nothing prevents us from giving the name Theonymy to the study of the names of gods.⁵ (LEITE DE VASCONCELOS, 1928, p. 57)

Focusing on Libras, Sousa (2022a) described each sub-area of Onomastics and provided examples of signs used by the Brazilian deaf community to single out the name-given referents. Figure 1 shows the sub-areas of Onomastics.

Figure 1 – Onomastics and its sub-areas



Source: Adapted from Sousa (2022a, p. 14).

⁵ Original: “Temos como se vê, muitas espécies de “nomes próprios”. A secção da Glotologia que trata d’eles (origem, razão de emprego, forma, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por “Onomatologia”, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias: 1) Estudo de nomes locais, ou “Toponímia”, na qual se inclui igualmente o elemento líquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos que dão freqüentemente nomes a sítios (a “Toponímia” é pois Onomatologia geográfica). 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou “Antroponímia”, expressão que [se propôs] pela primeira [...] e [se] empregou em 1887, na “Revista Lusitana”, I, 45. 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: “Panteonímia” (de pantóios, que quer dizer “de toda a espécie”, “variado”). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar “Teonímia” (Theonymia) ao dos nomes de deuses.”

Astronymy studies the names given to heavenly bodies (planets, stars, comets, etc.); Metereonymy, the names of natural phenomena (hurricanes, typhoons, tsunamis, etc.); Ononymy, the names of commercial and financial establishments and goods (stores, banks, brands, etc.); Zoonymy, the names of animals (pets, for example); and Theonymy – the focus in this study – the names of gods and spiritual entities in various religions.

Because sign languages are mostly used by people who understand the world visually, its sign/name-giving processes usually consider visual peculiarities. This is, for instance, the case of the physical, social, or behavioral aspects of an individual, or the physical characteristics of the environment or some of the cultural characteristics related to a geographic space. In general, this results in an iconic relationship between the name-sign and its referent, as shown by Sousa (2019; 2022b; 2023) and Sousa and Quadros (2021).

Onomastics and culture

Defining what culture is entails considering several variables, as it encompasses several features. The universal notion of culture is: “that complex whole which includes knowledge, belief, art, law, morals, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society” (CANEDO, 2008, p. 4).

Onomastics is undoubtedly linked to culture (SOUSA; DARGEL, 2017). Sign language speakers express their culture through the lexicon while also projecting their visual perceptions of the world and their referents in the creation of onomastic signs, as “language is, above all, a cultural and social product, and it must be understood as such”⁶ (SOUSA; DARGEL, 2017, p. 26).

Giving a name to a person is something present in all cultures, and having a name is essential for the process of socialization between individuals (SUPALLA, 1992). There may be a different system for forming and using proper names in each culture (SUPALLA, 1992). In sign languages, naming things is particularly motivated by the visual input and the relationships cognitively established between the referent and the signs ascribed by the deaf.

Biderman (1998, p. 81-82) points out that “the name is not arbitrary, as there is a bond between the name and the thing or object that it designates, i.e., we cannot separate the word from the referent that it names.”⁷ The following applies to the Yoruba culture:

⁶ Original: “a língua é, sobretudo, um produto cultural e social, e assim deve ser entendida”.

⁷ Original: “o nome não é arbitrário, pois existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa, ou seja, não podemos separar a palavra do referente que ela nomeia”.

giving name to a newborn is a ritual, a festivity celebrated in the community by relatives, friends, neighbors, acquaintances. The name-giving ceremony is a symbolic initiation of the baby into society and life. Through this ceremony, the newborn is introduced into the value system of the Yoruba society. The name given to the newborns clearly evinces that they are seen as a reflection of the social order, as the events, values, and beliefs of the family or the community provide the rules for creating the baby's name. The name for the Yoruba is identified with the essence of the individual.⁸ (BIDERMAN, 1998, p. 113-114)

Menezes (2021), W. Souza (2022) and T. Souza (2023) showed the influence of extralinguistic aspects – physical aspects, behavioral aspects, and a strong influence of oral languages – in the conceptual formation of a person's name-sign used in the deaf community. Carmo (2021) identified other motivations in the creation of name-signs of places: their physical characteristics or their relationships with anthropologic and cultural aspects. Similarly, Miranda (2020) and Chaibue (2022) pointed to the influence of extralinguistic factors and the occurrence of Portuguese language loans in the formation of onomastic signs in Libras.

Sousa (2023) found that the lexical items used by deaf people from the cities of Rio Branco (state of Acre) and Campinas (state of São Paulo) for giving proper names to their pets were influenced by their physical characteristics (anatomical factors), their behavior and temperament (ethological factors), as well as externalities, such as accessories and metaphors (extrinsic factors). The study highlights the influence of the visual experience of the deaf in the naming of their pets.

As a study within Theonymy, this article focuses on the name-signs that designate Orishas in the Candomblé religion. The study set out to describe the formal aspects of name-signs and analyze the relationships between their structure and the named referents. However, before describing the methodology and reporting the analyses, the next section discusses African diasporic religions in Brazil.

⁸ Original: Na cultura iorubá, a nomeação de uma criança recém-nascida é um ritual, uma festividade celebrada em comunidade por parentes, amigos, vizinhos, conhecidos. A cerimônia de nomeação constitui uma iniciação simbólica do bebê na sociedade e na vida. Através dessa cerimônia, a criança é introduzida no sistema de valores da sociedade yoruba. O nome que é atribuído à criança evidência claramente que ela é vista como um reflexo da ordem social, pois são os eventos, valores, e crenças da sua família ou comunidade que fornecem as regras para a criação do nome do bebê. Ora, o nome para o yoruba se identifica com a essência da pessoa.

African diasporic religions

For over three centuries, thousands of Africans were brought to Brazil for slave labor in sugar mills, cocoa plantations, and coffee crops (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014). Despite being native to the same continent, those individuals spoke several languages and did not share the same customs, nor did they worship the same gods.

The resulting miscegenation spawned a new culture in the slave quarters (SOUSA, 2007), one which also included a religion known for its joy, its colors, its dances, and its magic. This religion has gained several names – for instance, it is known as *Xangô* in the states of Alagoas and Pernambuco, *Tambor de Minas* in the state of Maranhão, *Batuque* in the state of Rio Grande do Sul, and *Candomblé* in the state of Bahia.

Each Afro-Brazilian religion is “a type of social and religious organization based on common patterns of the African traditions, on a system of beliefs, way of worship, and language”⁹ (CASTRO, 2001, p. 80). The customs of these religions are associated with the nations that has predominantly influenced the religious language of Candomblé. The main African peoples that have influenced the Afro-Brazilian vocabulary are the nations Ewe-Fon, Bantu, and Yoruba.

The religious language of Candomblé (also named *língua-de-santo*, i.e., language-of-saint in literal translation) is a circumscribed system, i.e., limited to an African-based lexical system related to the religious context where the rituals take place (CASTRO, 2001). It has undergone modifications in its very origin due to the influence of the Brazilian Portuguese language:

This repertoire, called *língua-de-santo* (language-of-saint, in literal translation) in the state of Bahia, comprises the lexical systems of ancient African languages used in Brazil and is part of a language that contains a sacred component, but one which is not overtly supernatural in nature. [...] As a result, one sings to *Vodun* in Ewe-Fon, to the *Orishas* in Yoruba, to the *Nkishi* in Bantu.¹⁰ (CASTRO, 2001, p. 82)

The religious discourse of Candomblé is a fundamental part of the initiation process, as knowledge about this religion is passed on orally following an initiatory and participatory process (CASTRO, 2001). In the initiation process, the *iaô* (Ìyàwó) – generic name given to novices, regardless of gender – are “isolated” from the world for three to

⁹ Original: “um tipo de organização sócio-religiosa baseada em padrões comuns de tradição africanas, em um sistema de crenças, modo de adoração e língua”.

¹⁰ Original: “Esse repertório, chamado língua-de-santo na Bahia, compreende sistemas lexicais de antigos falares africanos no Brasil, vindo a constituir uma língua de aspecto sagrado, mas não declaradamente de natureza sobrenatural. [...] Desta maneira, canta-se para *vodum* em jeje-mina, para o *Orixá* em nagô-queto, para o *inquire* em congo-angola.”

seven weeks, alone or in groups, forbidden to speak to anyone and even to each other without the permission of their priest (*pai-de-santo* – father-of-saint in literal translation) or priestess (*mãe-de-santo* – mother-of-saint in literal translation). They undergo numerous rituals, such as baths and head shaving, and acquire an extensive, complex code of symbols and gestures, which are associated with a specific linguistic repertoire of the religion used in the sacred ceremonies of each *terreiro* (the place for religious encounters) (CASTRO, 2001).

To deal with the linguistic components in the *terreiros*, it is necessary, above all, to characterize these spaces as a place of speech, one which has different characteristics compared to other linguistic environments (OLIVEIRA, 2019). The speech of the *ialOrisha* (priestess) or the *babalOrisha* (priest) is considered to have *axe* (*àşę*) – a divine force that sustains the *terreiros*. It is through the speech that priests and priestesses become mediators between the human beings and the divine. From the very beginning, followers can perceive the power of speech, even if they are yet to go through the initiation process.

Upon the initiation process, Candomblé followers, now known as *filhos-de-santo* (children-of-saint, in literal translation) gather to celebrate and get in touch with the entities through a ritual governed by the sound of drums. In this ritual, they receive the entities, enter a state of trance, and dance according to the characteristics of each Orisha.

It is believed that the Orisha own the body of the children-of-saint and are “on land” at this moment of dance. Each Orisha has their own greetings and characteristics, such as the colors of their garment, their way of dancing, their gestures and their accessories:

Each gesture performed by a child-of-saint, each piece of clothing, each necklace, each corner says something about a particular Orisha. For Candomblé followers, each mortal has a deity that protects them and transfers some personality characteristics to them. It is “one Orisha per head”, as they say in the *terreiros* (only a few people have more than one).¹¹ (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014, p. 12)

The Orishas are believed to influence the personalities of the children-of-saint. For instance, the children of Şàngó, the god of fire, are considered restless people; the children of Òrìşànlá, the creator of the mankind, are usually calm.

Another Afro-Brazilian religion is Umbanda, which emerged in the state of Rio de Janeiro in the 1920s. It is, however, much more Brazilian than African, as it combines elements of Spiritism and Catholicism. In the *tendas*, the sacred place for Umbanda reli-

¹¹ Original: “Cada gesto realizado pelo filho-de-santo, cada peça de roupa, cada colar, cada canto diz algo sobre um determinado Orixá. Para os adeptos do Candomblé, cada mortal possui uma divindade que lhe protege e que lhe transfere algumas características de personalidade. É “um Orixá por cabeça”, como se costuma dizer nos terreiros (raras pessoas têm mais de um).”

gious meetings, the mediums receive spirits that can be from Indians, caboclos (a person of mixed Indigenous Brazilian and European ancestry) and pretos-velhos (archetype of African elders).

As an act of resistance in this article, it should be noted that Afro-Brazilian religions have long faced religious intolerance. African diasporic religions have been daily attacked by pastors and church members who, without the slightest respect, often refer pejoratively to Candomblé followers as *macumbeiros* (dark witches or sorcerers), refer to the Orishas as demons, and even utter exorcist words referring to the entities, which, according to them, would be evil spirits. This prejudiced discourse that refers to Candomblé as something evil and labels the Orishas as demons and their followers as *macumbeiros* is the racist, ignorant reflection of those who do not know the history of their own country, those who do not know how to live with nor respect the difference.

As deaf people have a totally visual perspective of the world, it is worth reflecting on how deaf people understand these religions and the information about what each religious entity represents and how this knowledge is reflected in the creation of signs for Orishas. However, the present study is limited to the linguistic fact and aims to analyze Orisha signs in Libras, in their formal and semantic-motivational aspects.

Methodology

The present descriptive, applied research seeks to contribute to a reflection that opens ways to new scientific studies. Descriptive research is interested in describing the characteristics of a given population or phenomenon (GIL, 2008). Meanwhile, the fundamental feature of applied research is its interest in the application, use and practical consequences of knowledge as a contribution to expanding scientific knowledge, especially by suggesting new research questions (GIL, 2008).

More specifically, this research aims to analyze 10 theonymic signs that name Orishas in Candomblé, with a view to describing their phonological structure, classify them based on morphological types, and describe their iconic features, if any. The signs were selected from a YouTube channel entitled “Axé Libras”, which provides different videos with signs related to Candomblé and to Afro-Brazilian and African cultures. The YouTube channel is managed by the teacher Wermerson Silva, who also manages the Instagram account @axelibras.

The video chosen for data collection contains 24 signs of Orishas. The selection of signs for study was based on Sousa’s (2007) description of lexical items in oral languages. The following signs were analyzed: ÈŞÙ, OYÁ, YEMOJA, NANAN-BURUKU, ÒGÚN, ÒBALÚWÁIYÉ, ÒRÌSÀNLÁ, ÒŞÓÒSÌ, OŞUN, and ŞÀNGÓ.

As the video is available on a private account, the selected signs were recorded and stored in theonymic lexicographical forms. The videos can be accessed using the QR Code shown in the figures in the analysis that follows.

Data analysis

The present data analysis follows a threefold structure.

Firstly, it provides the analysis of each sign in a subsection, starting with information about the Orisha, especially regarding their characteristics. Each description is accompanied by a representative image of the named referent.

Secondly, it describes each sign as to its phonological formation, its morphological type, and the possible motivations for its creation. The sign handshapes are presented according to their corresponding number in the appendix.

The morphological classification considers four types of formation (SOUSA, 2022b), namely:

- *simple*: the sign has a single formant¹² in Libras,
- *simple hybrid*: the sign presents a formant in Libras but also incorporates a morphological element influenced by the Portuguese or Yoruba,
- *compound*: the sign has more than one formant (in Libras),
- *hybrid compound*: the sign has more than one formant, but at least one of them incorporates morphological elements influenced by the Portuguese or Yoruba.

The formal descriptions are accompanied by a figure containing a signing image, the sign in SignWriting, and a QR-Code with the video corresponding to the Orisha sign.

Thirdly, this section analyzes the semantic-motivational characteristics reflected in the lexical items: the possible characteristics of the Orishas that might have influenced the name-giver in the sign creation. This entailed an analysis of iconicity, i.e., “the direct relationship between the form of a word and its meaning”¹³ (TRASK, 2004, p. 141). Iconicity “can motivate the formation of various signs”, especially at the phonological level and in the lexicon production in Libras (QUADROS, 2019, p. 115-116).

Iconicity can be considered as a part of a language system that reflects a relationship between a linguistic form and its meaning (PERNISS, 2007). The basis for an iconic sign is the “image” of the referent that it represents.

Bearing this in mind, the analysis presents some characteristics of the Orishas to understand the relationship between the signs and their referents, and it also involves cultural aspects to analyze whether there is an iconic reference or not in the data.

¹² The formant is a free form of a word (CÂMARA Jr., 1970).

¹³ Original: “a relação direta entre a forma de uma palavra e seu significado”.

ÈŞÛ sign

Èşù is the messenger Orisha between the mortals and the gods. He has a strong personality and is highly respected by Candomblé followers. He is considered the Orisha of communication and the guardian of villages, cities, and residences. It is believed that one cannot make an offering to another entity without first pleasing him (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

Figure 2 – Representation of the Orisha Èşù



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 6).

His symbols are the trident, the iron spear, and the *Ogó* – a wooden staff or cane with a phallic structure containing a great power. In some rituals, he is called *Bongbogirá* (CASTRO, 2001).

Figure 3 – ÈŞÛ sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The Èşù sign is performed in neutral space, with the active hand in handshape #2 and the passive hand in #51b. The sign follows a straight-line movement that goes diagonally upwards. The active hand, representing the *Ogó* (artifact used by Èşù), passes

through the passive hand, and the sign materializes with the passive hand holding the forearm of the active hand (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The ÈŞÙ sign is classified as morphologically simple because it is formed by a single formant in the native language (SOUSA, 2019). Iconicity, which most often implies semantic motivation, can be perceived through the representation of holding or wielding the *Ogó*, which is one of the Orisha's symbols.

QYA sign

Qya is the Orisha of storms, winds, and sensuality. She symbolizes fighting, fearless people. She is also known as the mother of lightning and thunder. Seduction and will-power are considered her greatest weapons (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

Figure 4 – Representation of the Orisha Qya



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 8).

Her symbols are the cutlass, which is a kind of small sword, a buffalo horn at waist height, and a thunderbolt and a fan with feathers in her hands (CASTRO, 2001).

Figure 5 – QYA sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The OYA sign is produced in a neutral space in front of the body (QUADROS; KARNOPP, 2004). Initially, with the palms of the hands facing each other, both hands are in handshape #2 and the wrists touch each other twice in a straight-line movement. Then, the hands take on different shapes in a circular movement: handshape #32 for the active hand, and handshape #64 for the passive hand.

The sign can be classified as morphologically compound, as it consists of two natural language formants (SOUSA, 2019). The semantic motivation of the sign is in what the Orisha symbolizes, as she is the queen of winds and storms. This shows in the handshapes that have the same form used for the signs WIND and STORM, and points to an iconic relationship between the sign and its referent through cultural aspects associated with OYA.

YEMOJA sign

Yemoja is a discreet Orisha related to motherhood. She is considered the mother of sea waters, absolute ruler of homes, and protector of the family. She gives meaning to our family and, thus, makes us understand the feeling of love, of union between those who live under the same roof (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

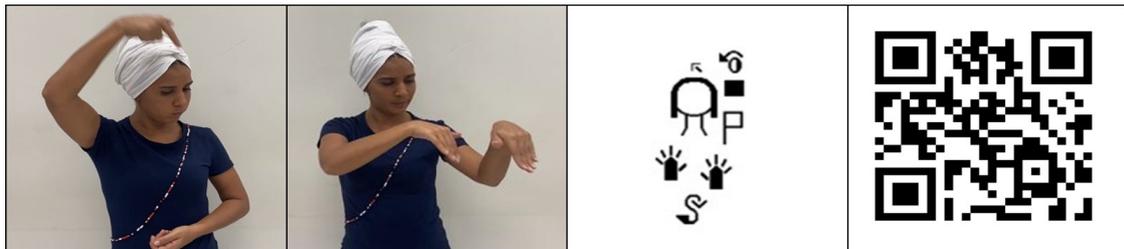
Figure 6 – Representation of the Orisha Yemoja



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 7).

Her symbols are the *adê* (a crown) accompanied by fringes of beads and a silver *abebé* (a circular fan with a cutout in the center in the shape of a mermaid). She also receives the names: Inaê and Queen of the Sea. She is associated with Our Lady of the Conception (CASTRO, 2001)

Figure 7 – YEMOJA sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The sign is produced as follows: the dominant hand takes on different forms from the beginning of the sign, as shown in the video. Initially, the active hand is closed in handshape #3 and makes a semicircular movement next to the face, passing over the head. Then, it assumes handshape #9, producing a straight-line movement downwards, with the palm of the hand turned to the face. Finally, both hands assume handshape #62 in neutral space with a sinuous movement (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The YEMOJA sign can be classified as compound, as it has more than one formant in the native language (SOUSA, 2019). The semantic motivation of the sign may be related to iconicity both in the physical aspects of the representations of Yemoja (accessories and symbols) and in the cultural characteristics associated with the Orisha.

In physical terms, Yemoja wears a crown with fringes, which explains the hand that passes in front of the face. In cultural terms, she is the queen of the waters, which can be related to the handshapes and movements at the end of the YEMOJA sign. This makes reference to water and establishes an iconic relationship between the referent and the sign.

NANAN-BURUKU sign

Nanan-Buruku is the Orisha of clay, goddess of mud and still water. She was one of the first deities to appear in the world. In Candomblé legends, she is the oldest among the water goddesses, thus gaining the status of “grandmother” in the hierarchy of deities (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

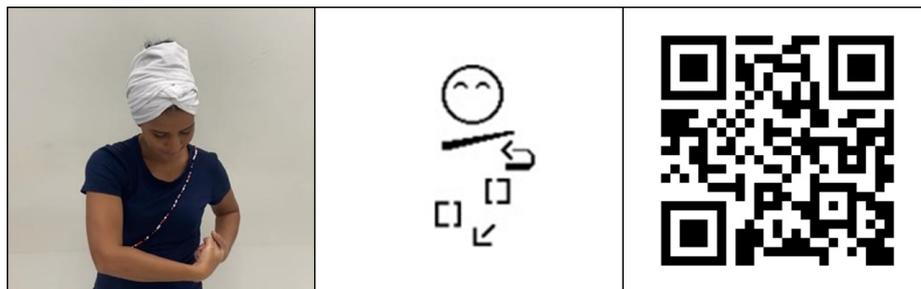
Figure 8 – Representation of the Orisha Nanan-Buruku



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 7).

Nanan-Buruku's symbols are the *adê* (a crown), the *dilogó* (a scepter with a handle decorated with whelks), and the *ebile* (a kind of broom made from the veins of palm leaves) (CASTRO, 2001).

Figure 9 – NANAN-BURUKU sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The NANAN-BURUKU sign is produced as follows: the hands take on handshape #2, and with closed fists, the back of both hands, specifically the fingers, are joined. Then, a straight-line movement to the right is performed in a neutral space, with the hands together; the arms are taken backwards while the body leans forward (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The NANAN-BURUKU sign is morphologically simple type, as it contains one

single formant in the native language (SOUSA, 2019). There seems to be no semantic motivation for the sign, nor any iconic relationship between the sign and its referent.

ÒGÚN sign

Ògún is the Orisha of war. His characteristics are leadership and determination, but also impulsiveness and violence, due to the legends told about him. Ògún is considered one of the oldest entities, the eldest son of Oduduwa (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

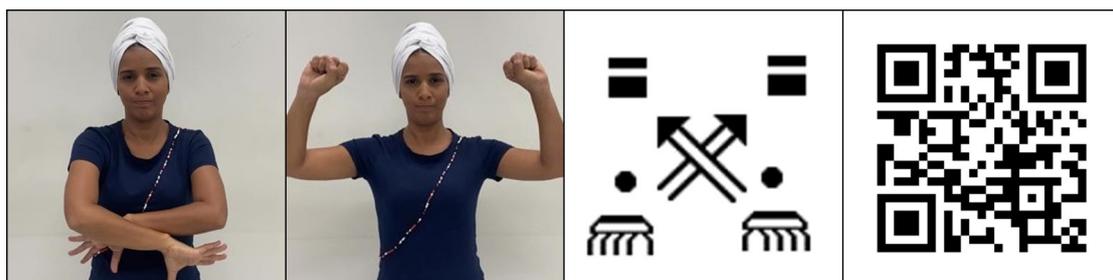
Figure 10 – Representation of the Orisha Ògún



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 9).

Ògún's symbols are the *guaia* (a kind of rattle), the *mariô* (an artifact made with shredded oil palm fringes), and the sword-of-Ògún, also known as *gumbaça* (CASTRO, 2001).

Figure 11 – ÒGÚN sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The ÒGÚN sign is performed in a neutral space, i.e., in front of the body. The hands are initially crossed and with the palms facing forward and assuming handshape #64. Then, they are uncrossed taking on handshape #2 (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The sign can be considered morphologically simple (SOUSA, 2019), as it is formed by a single formant in the native language. It semantically refers to Ògún's insignias – as he is considered a great warrior, the iconicity present in this sign might be related to the act of wielding swords.

ỌBALÚWÁIYÉ sign

Ọbalúwáiyé is the Orisha of the Earth, of life and death, of healing and illness. He is considered a young, strong Orisha, but manifests himself in some rituals as an old man who can barely walk. He is also called Omolu (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

Figure 12 – Representation of the Orisha Ọbalúwáiyé



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 7).

His symbols are the straw clothes, called “straws from the coast” and by the *xaxará* (a small scepter), which serves to show him as “King of the Earth” and lord of the portal between the world of the living and the world of the dead (CASTRO, 2001).

Figure 13 – ỌBALÚWÁIYÉ sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The ỌBALÚWÁIYÉ sign is produced with both hands in handshape #1, and its starting point is on the forehead. Then, with palms of the hand backwards, both hands assume handshape #64 through a straight downward movement in neutral space. The eyes and the head also move and follow the hands, which are initially facing forward and end up downwards (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The sign can be considered morphologically simple, as it consists of a single formant in the native language (SOUSA, 2019). Its semantic motivation is very clear if one knows a little about this Orisha, who is known for his clothes that cover his entire body, including his face, as shown in Figure 12. Therefore, the semantic motivation can be associated with the Orisha's "physical" aspects, as it is possible to perceive the iconicity between the image that represents the referent and the sign in Libras.

ÒRÌSÀNLÁ sign

Òrìsànlá is the Orisha of peace, serenity, and wisdom. He is considered the supreme deity of creation and the creator of all Orishas (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

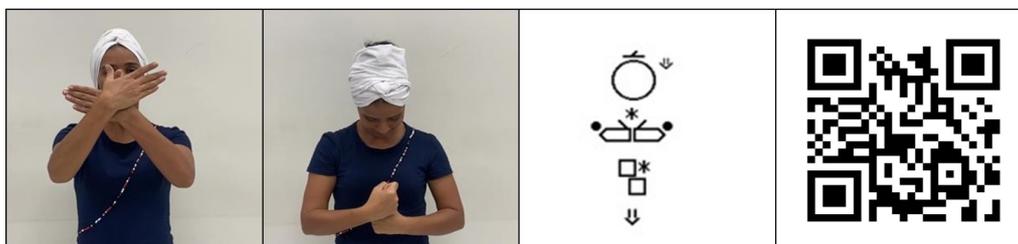
Figure 14 – Representation of the Orisha Òrìsànlá



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 6).

The color that represents Òrìsànlá is white. His symbols are a white dove, which symbolizes peace, and a silver staff, named *paxorô* (CASTRO, 2001).

Figure 15 – ÒRÌSÀNĹÁ sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The ÒRÌSÀNĹÁ sign is made in neutral space, with the palms of the hands facing the body. Initially, both hands take on handshape #63, and the thumbs touch each other as shown in Figure 15. Then, with a straight movement downwards, the hands assume handshape #2 and touch each other, one on top of the other. The head also makes a straight-line movement downwards (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The sign is considered morphologically compound because it consists of two formants in the sign language (SOUSA, 2019). Its semantic motivation seems to be twofold and iconicity-bounded: at first, the hands assume a shape that makes us create a pictorial mental image of a bird, which in this context represents the white dove; then, the hands take on a shape as if they were holding the *paxorô*. Meanwhile, the head is moved downwards, as if bowing to something.

ÒŞÓÒŞÌ sign

Òşóòşì is the Orisha of hunting. He is considered the king of the forests. His characteristics are joy and the pursuit of plenty. He is also known for holding a single arrow and never missing his target (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

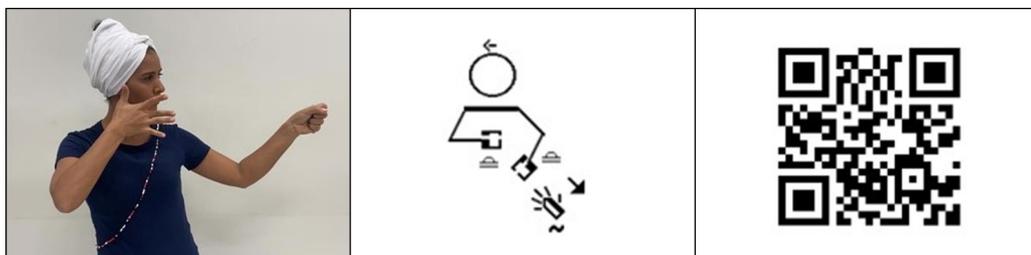
Figure 16 – Representation of the Orisha Ọ̀ṣọ̀ọ̀ṣì



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 9).

The colors that represent Ọ̀ṣọ̀ọ̀ṣì are green and blue. His symbols are the bow and arrow, known by the African people (Yoruba) as *damatá* and *ofá* (CASTRO, 2001).

Figure 17 – Ọ̀ṢỌ̀Ọ̀ṢÌ sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The Ọ̀ṢỌ̀Ọ̀ṢÌ sign is produced as follows: with the arm at chest level and the palm of the hand facing forward, the passive hand assumes handshape #2, while the dominant hand also takes on handshape #2 and makes a circular movement at the face height. Then, the active hand releases the fingers progressively until it assumes handshape #64 as shown Figure 17 (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The sign is classified as morphologically simple, as it consists of only a single formant in the native language (SOUSA, 2019). Iconicity is present as a semantic motivation and is related to a characteristic of the Orisha: the bow and arrow.

ỌŞUN sign

Ọşun is the Orisha of rivers, waterfalls, and all fresh water. Considered the Orisha of splendor, her main characteristics are beauty, vanity, sensuality, and determination (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

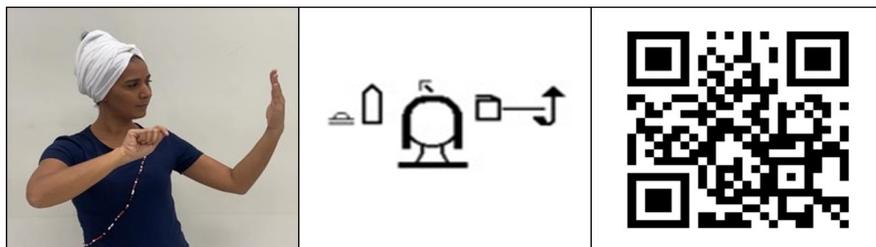
Figure 18 – Representation of the Orisha Ọşun



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 8).

Ọşun is represented by the colors golden yellow and gold. Her symbols are the *abebé* (a circular fan that has a cutout in the shape of a mermaid in the center, like Yemoja's, except for the fact that it is made of brass) and the *idé* (a bronze or metal bracelet) (CASTRO, 2001).

Figure 19 – ỌŞUN sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The OṢUN sign is produced with different handshapes. With the arm at chest level and the palm of the hand towards the signer (more precisely, towards the face), the passive hand is in handshape #62 while the dominant hand is in handshape #4 and makes circular movements next to the face (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The sign is considered morphologically simple because it has a single formant in the native language (SOUSA, 2019). Its semantic motivation seems to be related to a specific characteristic of the Orisha: the comb and the mirror. As mentioned previously, Oṣun is vain, and these artifacts are part of her symbols. Thus, there is iconicity between the referent and the sign.

ṢÀNGÓ sign

Ṣàngó is considered the Orisha of lightning and thunder, life, protection, justice, and fire. He is complemented by Oya: he is the lightning, while she is the storm. His main characteristics are beauty, virility, passion, and a strong sense of justice (VIDIGAL; TEIXEIRA, 2014).

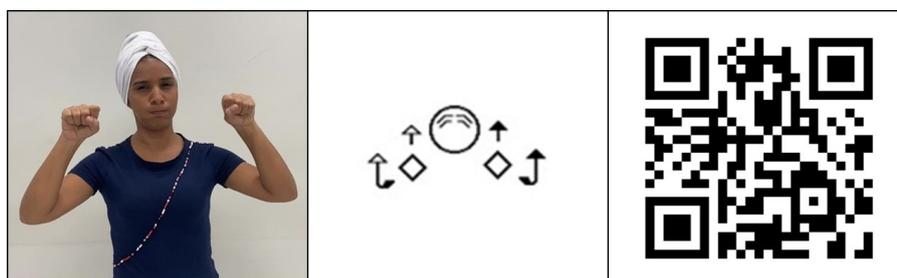
Figure 20 – Representation of the Orisha Ṣàngó



Source: Vidigal and Teixeira (2014, p. 8).

His symbols are the *oxê* (a carved ax with two faces, i.e., two edges) and the *xerê* (a metal or gourd rattle with small grains inside) (CASTRO, 2001).

Figure 21 – ŞÀNGÓ sign and its equivalent in SignWriting



Source: the authors.

The ŞÀNGÓ sign is performed in neutral space. With both hands in handshape #2, the sign follows a straight movement upwards and facial expressions such as frowning (QUADROS; KARNOPP, 2004).

The sign can be considered morphologically simple, as it is formed by a single formant in the native language (SOUSA, 2019). Its semantic motivation points to a relationship of iconicity between the sign and its referent based on particular characteristics of Şàngó when manifested in the sons-of-saint: the way of dancing. Another characteristic that can be represented through facial expressions is his seriousness, as he is considered a virile entity with a strong sense of justice.

Final remarks

This research aimed to study the signs of the Candomblé Orishas in Libras. Considering that the lexicon of a language is an inexhaustible resource and is constantly evolving, with some lexical items appearing and others falling into disuse, it is appropriate also to consider the lexicon of sign languages, specifically Brazilian Sign Language (Libras).

As mentioned before, we can have access to the culture of a people through the lexicon (ANTUNES, 2012). However, analyzing a lexicon entails consideration of several factors such as culture, history and especially how this lexicon has been formed. Recent studies dealing with both the lexicon in Libras and the lexicon used by people-of-saint have contributed significantly to this research.

Within Onomastics as the area of Linguistics dedicated to the study of proper names in general, Anthroponymy and Toponymy have been the most known sub-areas, but Panteonymy also stands out. Panteonymy studies the proper names of the stars,

winds, animals, and particularly the gods and entities, which are specifically named through Theonymy.

Onomastic studies of Libras have shown an interdisciplinary relationship between the study of proper names and other areas of knowledge such as Biology, Geography, and Religion. In fact, understanding the act of name-giving, which is an innate characteristic of human beings, in both oral and sign languages requires understanding the motivations that lead a linguistic community to ascribe a name to a person, a place, an animal, a star, or a religious entity.

Findings indicate that 7 out of the 10 signs are classified as morphologically simple, while the remaining are compound and constituted by Libras-only formants, i.e., without borrowing from the Portuguese language. Iconicity was found in all signs except for NANAN-BURUKU in the semantic-motivational analysis. Findings point to a strong relationship between the naming of Orishas in Libras and the visual experience of deaf people, especially through the iconic relationship between the signs and their referents.

References

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. *Nomes próprios de pessoas: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.

ANTUNES, I. *Território das palavras*. Estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 1, n. 2, 1998, p. 81-118. Available at: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>. Accessed on: 22 Feb. 2023.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CANEDO, D. P. *Cultura, democracia e participação social: um estudo da II Conferência Estadual da Cultura da Bahia*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CASTRO, Y. P. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. São Paulo: Academia Brasileira de Letras, 2001.

CHAIBUE, K. *Onomástica em Libras de Formosa (GO)*. 2022. 500 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *Libras em contexto: curso básico*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Especial, 2007.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEITE DE VASCONCELOS, J. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: imprensa Nacional, 1928.

LOURENÇO, L; CUNHA, E. L. T. P. Onomástica antropológica: o ato de nomear a partir de uma perspectiva intercultural. In: DORES, M.; CORDEIRO, M. (org.). *Estudos do léxico: diferentes olhares e perspectivas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022, p. 116-133.

MENEZES, K. C. S. O. *Antroponímia em Libras: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre*. 2021. 47 f. Junior Thesis (Undergraduate Program in Libras) – Teacher Degree in Libras, Federal University of Acre, Rio Branco, 2021.

MIRANDA, R. G. *Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais dos municípios de Tocantins*. 2020. 186 f. Dissertation (Master's in Letters) – Graduate Program in Letters, Federal University of Tocantins, Porto Nacional, 2020.

OLIVEIRA, O. L. de. *O léxico da língua de santo: a língua do povo de santo em terreiros de candomblé da Rio Branco, Acre*. Rio Branco: Edufac, 2019.

PERNISS, P. *Space and iconicity in German Sign Language (DGS)*, 2007. Available at: <http://hdl.handle.net/2066/30937>. Accessed on: 5 Feb. 2023.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. M. *Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SOUSA, A. M. Entre terreiros e encruzilhadas de Fortaleza: estudo léxico-semântico do vocabulário umbandístico. *Revista Philologus*, v. 39, p. 40-55, 2007.

SOUSA, A. M. *Toponímia em Libras*. 2019. 74 f. Report (Post-Doctorate in Applied Linguistics/Libras) – Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras; *In*: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. *Perspectiva para o ensino de línguas* 6. Rio Branco: EDUFAC, 2022a. p. 7-20.

SOUSA, A. M. *Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022b.

SOUSA, A. M. *Zoonímia em Libras: como os surdos nomeiam os animais de estimação e proposta taxionômica*. 2023. 124 f. Thesis (Full Professor) – Centro de Educação, Letras e Artes, Federal University of Acre, Rio Branco, 2023.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. *Revista GTLex.*, v. 3, n. 1, p. 7-22, 2017. Available at: <https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1>. Accessed on: 14 Aug. 2022.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language): formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre. *Sign Language Studies*, v. 22 n. 1, p. 75-105, 2021.

SOUZA, T. S. *Antroponímia em Libras: sinais-nome dos participantes do Big Brother Brasil 22: análise da formação morfológica e semântico-motivacional dos sinais*. 2023. 42 f. Junior Thesis (Undergraduate Program in Libras) – Teacher Degree in Libras, Federal University of Acre, Rio Branco, 2023.

SOUZA, W. L. *Os sinais-nome dos jogadores de futebol da seleção brasileira: análise formal e semântico-motivacional*. 2022. 76f. Junior Thesis (Undergraduate Program in Libras) – Teacher Degree in Libras, Federal University of Acre, Rio Branco, 2022.

SUPALLA, S. J. *The book of name signs: naming in American Sign Language*. San Diego: DawnSignPress, 1992.

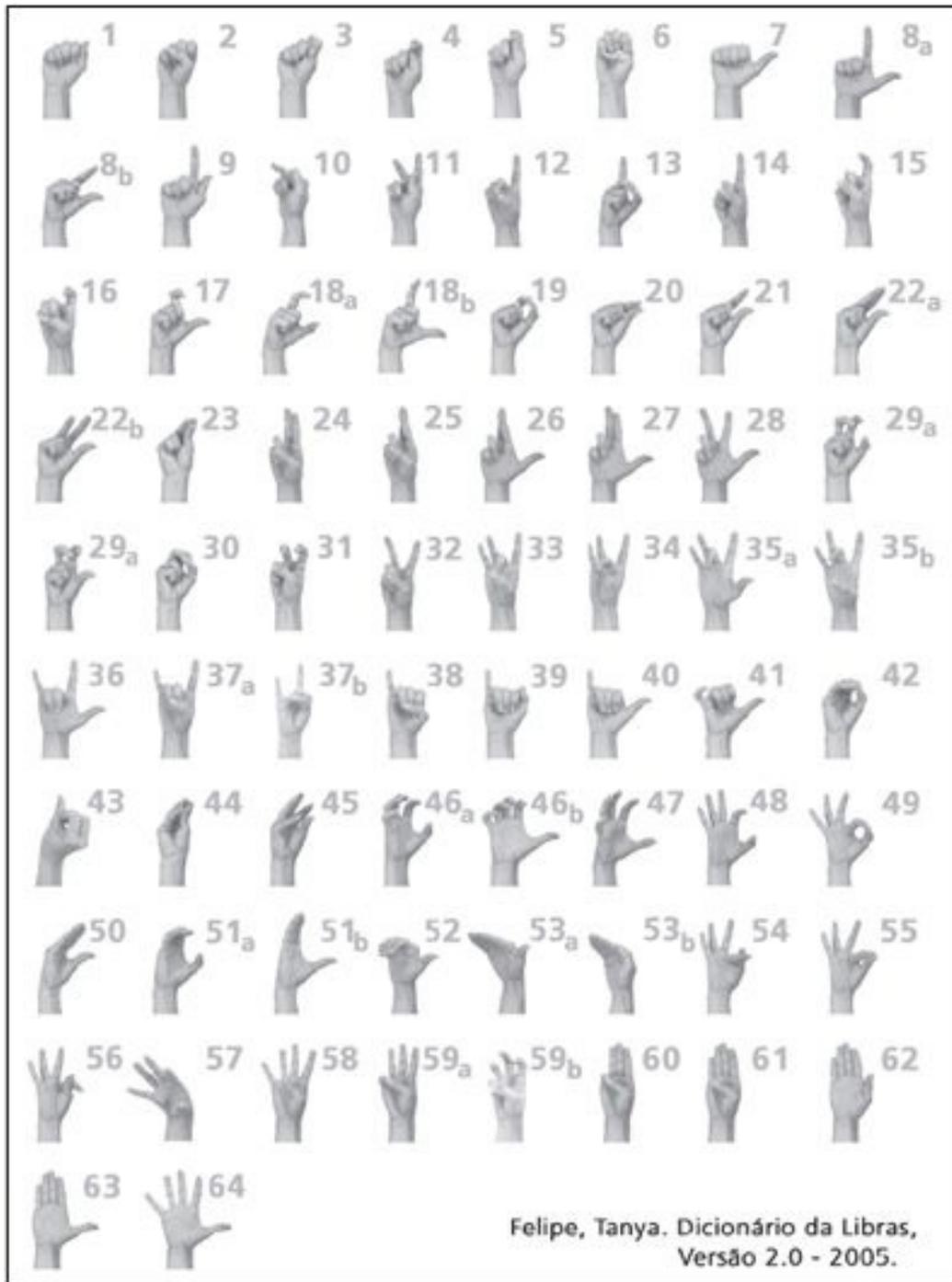
TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

VIDIGAL, J; TEIXEIRA, D. *Divindades Afro-Brasileiras*. São Paulo: Editora: Abril, 2014.



ATTACHMENT

The sign handshapes



Source: Felipe and Monteiro (2007, p. 21).

SIGN LANGUAGE LITERARY TRANSLATIONS - LINGUISTIC, DRAMATIC AND TECHNOLOGICAL ASPECTS

TRADUÇÕES LITERÁRIAS EM LÍNGUA DE SINAIS - ASPECTOS LINGUÍSTICOS, DRAMÁTICOS E TECNOLÓGICOS

Rachel Sutton-Spence | [Lattes](#) | suttonspence@gmail.com

Ananda Loiola Simões Elias | [Lattes](#) | loiolaananda@gmail.com

Marcos Alexandre Marquioto | [Lattes](#) | markquioto@gmail.com

Ricardo Heberle | [Lattes](#) | cado_145@yahoo.com.br

UFSC

Abstract: The research reported here considers how norms of Libras (Brazilian Sign Language) literature (Sutton-Spence, 2021) operate with deaf translation norms (Stone, 2005) and literary translation norms (Toury, 1995) to create some potential norms of deaf literary translation. Presenting some considerations upon the concept of the “visual” in Libras literature and translation, we draw upon translations in three different genres of literature, made by three deaf translators, to understand better the key multimodal relationships between signed literature, written texts, images and video editing in literary translation. Analyzed in terms of the linguistic, dramatic and technological elements (Bartolomei; Perreira, 2021), we show how the translations create acceptable target language texts by focusing on the visual esthetics of the texts.

Keywords: Deaf literature; Deaf translation; Literary translation; Libras translation.

Resumo: A pesquisa aqui relatada considera as normas da literatura em Libras (Língua Brasileira de Sinais) (Sutton-Spence, 2021) que operam com normas surdas de tradução (Stone, 2005) e normas de tradução literária (Toury, 1995) para criar potenciais normas de tradução literária surda. Apresentamos algumas considerações sobre o conceito de “visual” na literatura em Libras e na tradução literária para Libras. Recorremos a traduções em três diferentes gêneros literários, feitas por três tradutores surdos, para compreender melhor as relações multimodais fundamentais entre literatura sinalizada, textos escritos, imagens e edição de vídeo na tradução literária para Libras. Baseamos a análise em termos dos elementos linguísticos, dramáticos e tecnológicos (Bartolomei; Perreira, 2021). Mostramos que as traduções criam textos aceitáveis na língua-alvo ao focar na estética visual dos textos.

Palavras-chave: Literatura surda; Normas de tradução; Tradução literária; Tradução para libras.

Introduction

Literary translation is a widespread practice and it is generally accepted that translated literature has an established and significant role in many cultures (for example Even-Zohar 2004, Munday 2001). Literature written in spoken languages is frequently translated into sign languages, and since Ramos' (1995) pioneering work on cultural translation of a literary text from Portuguese into Libras (Brazilian Sign Language), there have been attempts to understand the processes and products of the activity. Concomitantly, literature in Libras, created and performed by deaf people, has experienced a boom in the last quarter century. As different genres are developed, taught, discussed and researched within the deaf community and by scholars, a clearer picture is emerging of contemporary deaf literary norms with respect to Libras literature. The research presented here shows how deaf translators applied norms of Libras literature (Sutton-Spence, 2021), deaf translation norms (Stone 2005) and literary translation norms (Toury, 1995) to create some potential norms of deaf literary translation. Three deaf translators (authors of this paper) worked cooperatively to translate texts from three different creative language genres into Libras to explore the processes and products of what we may term deaf literary translation norms in an attempt to identify and highlight what these norms may be.

Sign language literature and translation

Deaf literature is the body of creative language work of deaf communities. It includes both fiction and non-fiction, in the form of storytelling, poetry, jokes and other creative pieces. Generally, it is created and or performed by deaf people, is aimed at deaf audiences, has content that relates to the experiences of deaf people, and is performed in sign language as the visual language of deaf people. This last characteristic leads to the complementing concept of sign language literature. Sign language literature is the body of creative and artistic sign language composed and performed by deaf people within the norms of what the deaf community considers appropriate for the literature of deaf people. It includes original deaf-authored work and translation of literature in other languages into sign language. The creative language used in signed literature aims to do more than simply communicate information because it is particularly aesthetic, creating emotions and experiences by appealing to the senses through its powerful visual images. Creative sign language allows signers to increase the significance or communicative power of the message and prioritizes the visual image, reflecting the visual world experience of deaf people. Importantly, it often plays with sign language, exploring its creative potential, pri-

marily for the audience's pleasure (SUTTON-SPENCE, 2021).

Emphasis of the visual aspects of sign language literature should be fundamental to any translation into sign language. In certain ways, this key characteristic is shared by concrete poetry. As Waldrop (1982, cited in REIS, 1998, p52) observes: "Familiar shapes in familiar surroundings are invisible. We do not usually see words, we read them, which is to say we look through them at their significance, their contents. Concrete poetry is first of all a revolt against this transparency of the word."

In a similar way, in everyday signing, we also do not focus especially on the form of the signs, but instead on their meaning. However, in sign language literature, as in concrete poetry, signs also have this reduced "transparency" because we look at the signs as well as through them for their meaning, appreciating their visual form.

Bartolomei and Pereira (2021) have proposed that videosigned¹ pieces are formed and carried by an ultimately inseparable triad of language, body and machine, and thus that analysis of original artistic Libras works may be divided into the compositional elements of linguistic, dramatic and technological. By understanding how these elements make up the norms of deaf literature we may draw upon them in our quest to understand how to create translations into Libras that follow deaf norms – in other words, norms of deaf literary translation. Especially, we focus upon the linguistic, dramatic and technological aspects that contribute to an acceptable translation (using TOURY's 1995 term) into Libras that satisfies deaf audiences.

The linguistic elements of creative sign language identified by Bartolomei and Pereira (2021) include conventional vocabulary signs, classifier constructions, "mimetic" signing (within which we include what may be termed constructed action or embodiment), speed of signing and pauses, symmetry of signing and repetition.

Classifier constructions consist of handshapes that represent a referent and the location, orientation, and movement of the handshape (that is, the entire classifier construction) to show directly, analogously with the real referent, what that entity/referent does in the event the signer is conveying (GLÜCK; PFAU, 1998; ZWITSERLOOD, 2012). Although the location, orientation and movement of the handshape are determined by the real-world position and movement of the referent, the handshape is usually conventionalized. In creative sign language, there is an opportunity for signers to produce novel classifier handshape to present a new perspective of something familiar. Using classifiers in creative sign language produces clear visual images for audiences to enjoy.

Constructed action allows the signer to take on a role, either of someone or some-

¹ Sign language recorded on video. This term is translated from Silva's (2017) term "videossinalizada".

thing mentioned in the text or of a narrator observing and reacting to the other information conveyed in the manual signs (GOSWELL, 2011; METZGER, 1995). Constructed action occurs in many registers across sign languages, not only in literary, creative work, but is especially found there (CORMIER ET AL., 2015; JANTUNEN, 2017; RAYMAN, 1999; VAN BRANDWIJK, 2018). Because the signer inhabits the character, it blurs the boundary between what may be termed narrative (according to the mainstream European and American literary norms of hearing societies) and drama, a point that needs to be considered in deaf literary translation.

These linguistic elements have long been recognized as essential for good storytelling in sign languages. Stephen Ryan (1993) described a range of visual storytelling strategies in American Sign Language (ASL) (whether of original, translated or adapted stories) similar to the linguistic elements described here. Particularly relevant to our emphasis on the importance of creating a highly visual production, he suggested that when telling a story from a picture book (a form of translation), signers should draw upon both the illustrations and text for inspiration, adding that “If your story does not come from a picture book, imagine that you are an illustrator bringing the most important visual moments to life.” (RYAN, 1993, p146). He recommended that characters should be created as they are introduced into the story, by using gestures to define each character’s physical attributes and clothes. The story should mix conventional signs with classifiers and embodiment or constructed action, again, especially with the use of non-manual elements. He also recommended that storytellers should:

Flesh out the characters. Imagine their appearance. Experiment with gestures, mime, signs and facial expression [...] Role shifting indicates who is speaking. It shows the style or special feature of each character (e.g., walk, facial expression, emotions). By changing your body position so that each character faces a different direction, you help the audience understand which character is doing the action. (RYAN, 1993 p146-147)

These linguistic elements described by Ryan need to be performed. The dramatic, performance elements of a story, poem or joke move beyond what is conventionally termed “linguistic” (if only in the more structuralist sense of a language), to include the performance space that the artist (or in a translation, the translator artist) uses, especially their positioning on screen in a recorded piece, and the use of non-manual elements, including body movement and direction of gaze, often in constructed action. Ryan highlighted the importance of exaggeration of facial expression, noting that an “inadequa-

te facial expression is like telling a story in a monotone” (RYAN, 1993, p147). The role of the torso in creative sign language should also be highlighted (NAPOLI; SUTTON-SPENCE, 2024). Batista Silva (in preparation) demonstrates the importance of theatre training for deaf and hearing translators of literary work, as it encourages them to use their whole body, not just the hands and face to create the maximum visual output for audiences. She drew upon theories from theatre studies by Eugenio Barba, Konstantin Stanislavski, Jerzy Grotowski and Étienne Decroux, all of which emphasize the use of the whole body to create meaning, to show how it can increase the emotional and visual impact of literary translation in Libras.

The linguistic and dramatic elements of a literary translation are essential to a good-quality, acceptable translation for deaf audiences, as they draw upon the language and performance competences of the translators, relying upon their linguistic and extra-linguistic knowledge and abilities (especially to know when to narrate information and when to present it directly). The multimedia elements of translations, which may be termed the technological elements, occur outside the language skill set. They may occur live or only in videosigned translations.

For many years, in literary recordings in sign languages such as ASL and Libras, the artist simply performed the literary work and a camera recorded it. The performances sometimes used props, special backgrounds (for example, recorded in the street), lighting or costumes, but the signing did not change. From the beginning of the 21st century, edited videos increasingly have used images in the background or embedded on the screen. In recent years, advanced editing effects have become accessible to non-professionals, and we now see the widespread technological manipulation of recordings (as special effects and visual effects) especially the insertion of images in many short stories, poems and other literary works by deaf people (SUTTON- SPENCE, 2021; BARTOLOMEI, 2021; RIBEIRO, 2020; BARROS; VIEIRA, 2020; NICHOLS, 2016).

Special effects are those that are added during filming. They include interaction with props or other people, use of lighting, real effects (such as smoke) and camera work such as the angle, proximity, focus and length of camera shots, the speed of filming (for example altering the number of frames per second to create slow-motion effects when played back), sound and some graphic elements. On the other hand, visual effects are edited into the video after filming. They may include light filters, changes in speed and size of the images filmed and addition of images of various types, with which the signer may interact. Images may be static drawings or photographs, moving film or cartoons,

words or numbers. Visual effects are only possible in videosigned translations because, by definition, they cannot be performed live (Petry and Fisher 2014).

Graphic elements are particularly important as part of multimodality in a text and are highly relevant to sign language literary translations. Kelm (2021, p. 37) defines multimodality as the distinct forms and modes of representation used in the linguistic construction of a given message, such as words, pictures, colors, text formats, typography, graphic arrangement, gestures, intonation patterns and gaze behavior. Although widespread, multimodality is particularly noticeable in children's literature. Kirchof, Bonin and Silveira (2014) observed that hearing children's first experiences of written literature are multimodal, as they hear the story told, while they look at the written words and the accompanying pictures. Deaf children also experience multimodality when they see a signed story, read the printed words of its written translation and study any accompanying pictures.

According to Anstey and Bull (2010), a multimodal text combines two or more semiotic systems. They outline five semiotic systems:

1. Linguistic: comprising aspects such as vocabulary, generic structure and the grammar of oral and written language
2. Visual: comprising aspects such as colour, vectors and viewpoint in still and moving images
3. Audio: comprising aspects such as volume, pitch and rhythm of music and sound effects
4. Gestural: comprising aspects such as movement, speed and stillness in facial expression and body language
5. Spatial: comprising aspects such as proximity, direction, position of layout and organisation of objects in space. (ANSTEY; BULL 2010, np)

Of these five, only audio is not directly relevant to deaf audiences, but many sign language translations of a written text have an audio track of the text read aloud, and a musical track is often added.

Images, as illustrations and graphics, have long been important for children's stories (TOPPER, 1984; GANNON, 1991; NODELMAN, 1982; BOOKER, 2012). The first version of Aesop's fables printed in England in 1476 included woodcut illustrations (BUSH, 1984). Translations aimed at deaf children need to provide pictures that children can link to the signs they see, to help their understanding of the text, making them part of the cultural adaptation of the translation (HESSEL, KARNOPP, ROSA, 2007; ROSA, 2011; MOURÃO, 2011; NICHOLS, 2016). Images are less crucial for understanding

translations aimed at mature language users but when done well they are appreciated in works for older viewers, too.

Nodelman (1982) cautions that simply inserting a picture into a text does not necessarily illustrate it. He claims that

pictures by themselves convey little. Just as our understanding of language depends on our knowledge of the grammar that gives it shape, our understanding of pictures depends on our knowledge of the conventions by which they operate [...] conventions which include how they are used in relation to words in a text. (NODELMAN, 1982, p57).

He adds “pictures can be a distraction, a pretty way of ruining good stories. Intelligent illustrators, however, understand and make use of the contradictory pull of words and pictures so that the two together tell a story that depends on their differences from each other.” (Nodelman 1982, p62). These are considerations for any sign language translator who opts to use supporting images.

To help us appreciate this “contradictory pull of words and pictures”, Booker (2012) draws our attention to suggestions by Nikolajeva & Scott (2001) of ways in which text and images may interact:

1. symmetry – the words and pictures are equal;
2. Complementary – each element provides information;
3. enhancement – each extends the meaning of the other;
4. counterpoint – the text and image tell a different story;
- and 5. contradiction – the words and pictures assert the opposite of each other.” (Booker 2012, p2)

Booker presents these text-image relationships in the context of teaching children who are engaging with picturebooks, but we would add that they are also extremely useful for translators working from illustrated texts into sign language, who need to decide how much information that is carried in the text or in images to translate. We will see that the deaf translators in our research used a range of translation approaches to the graphic images in their source texts.

Deaf translators and deaf translation norms

Translation is usually distinguished from interpretation in that translations are prepared ahead of time and are written, while interpretations occur in real time and are spoken. Sign language literary translation can occur in the written form, using a writing

system such as SignWriting (BARROS, 2020; BARROS; SUTTON-SPENCE, 2022) but most translations are signed and filmed. Silva (2019) has highlighted the register of “videodesigned”² productions, in which the signer establishes a recognized relationship with the camera, whether or not other multimedia resources are used. Videodesigned productions have developed and follow their own norms, equivalent to the norms of written forms of spoken languages.

When we translate a literary piece from a written to a signed language, we are looking to achieve equivalence in the target language. Stone (2005) observes that:

Equivalence is achieved by the translator (or interpreter) by drawing upon their understanding of not only the text, but also their knowledge of how this information is represented culturally in a relevant way in an appropriate register or discourse style. (STONE, 2005, p33)

To achieve this, the translator needs to know the literary norms of the target Deaf community. Studies of sign language literature have progressed considerably in this century and can greatly help translators. Study of the canonical texts or original sign language productions by recognized deaf storytellers, poets and comedians, reveals the creative elements that their deaf community values, which translators can draw on to create acceptable, domesticated, satisfying literary translations that are closer to deaf literary norms. “Adequate translations” (Toury 1995) that follow hearing literary norms may convey some meaning and some elements that make the piece literary in the source text, but it’s highly unlikely that the translated text will create the same pleasurable, aesthetic effect in deaf audiences.

Competence in the literary norms of the target culture is essential, so literary translators are usually authors and poets in the target language of their translation (TOURY, 1995). Stone (2005, 2009) described the rationale of the deaf translator in his work on deaf translation norms:

The Deaf translation norm draws upon the Deaf T/Is ability to think like other Deaf people, relying primarily on their visual experience of the world and visual conceptualisation of information, to construct the TL as cultural insiders. (STONE 2005, p 237)

Toury remarks, translators who are not members of the target culture can “tentatively assume that role” (1995, p 179) and Stone makes it clear that hearing translators can

² In Portuguese “Videossinalizada”.

perform successful translations that are appreciated by deaf audiences, but only if they engage sufficiently with the deaf community. Thus, hearing translators need to understand deaf literary norms and translation norms. Our focus in this research is on the productions of three deaf translators who have made in-depth study of deaf literary norms, have master's degrees in Translation Studies, are experienced translators and are recognized as creative signers in their deaf community. They are “cultural insiders” who can show others the potential for deaf literary translation norms.

Materials and method

The translators of our selected texts were the second, third and fourth authors of this paper, working collaboratively on their translations under the academic supervision of the first author. Each translator selected several texts of a different literary genre, with the intention of creating satisfyingly visual forms of translations into Libras acceptable to the deaf community. We used two main methods: commented translation in the initial phase of creating the translations and, following a method described by Ribeiro (2020), subsequent interviews with target deaf audiences where we asked for their feedback on the translations, prior to further refinements.

We selected written literary texts from three genres, aimed at different types of target audience with different objectives. Frequently, literary texts are translated into sign language within the objectives of “accessibility” for deaf people who do not read easily, especially deaf children and the aim of developing literacy in the written language. Such translations generally have a didactic purpose and frequently privilege the position of the written language in a translation, leading to bilingual texts but limiting the potential for different translation approaches. This was not our aim, but rather to use the source texts to explore the potential of literary Libras in new contexts for visual readers to enjoy new forms of art in their language.

Source texts

The first point of fundamental importance concerning the source texts is that the deaf translators chose the texts that they considered suitable for deaf audiences. This is not always the case and many translations are carried out without consulting members of the relevant deaf community to find out if the text is of interest or perceived relevance. Ananda Elias chose two story books written principally for younger audiences, although her translation was specifically aimed at teenagers rather than children. Her intention

was to help young deaf people, many of whom have only recently begun to learn Libras after an oralised school life, to learn about the beauty and potential of visually expressive creative Libras so that they can produce it themselves. The two books, *Where the Wild Things Are* by Maurice Sendak (1963) and *Flicts* by Ziraldo, have protagonists who do not fit easily into society. Max is a boy whose behavior leads his mother to declare him a monster and who runs away to find other monsters like him, while *Flicts* is a color that cannot fit in with other colors on Earth and finally finds its place on the far side of the moon. These are themes that can be expected to resonate with young deaf people looking for their own place in the world. Both books already have a strong emphasis on the visual. *Where the Wild Things Are* is a picturebook and *Flicts* uses abstract images, blocks of color and symbolic or conventionalized uses of color (such as in flags and traffic lights).

The aim was to translate texts that already used visual devices to explore the possibilities of creating strong images in Libras for a target audience of young deaf people who already know how to read Portuguese (even not always with a level of comfort) but who don't know Libras well because they are late learners. They like to watch Libras videos with strong and entertaining images, where there is not necessarily a lot of Libras vocabulary but more visual linguistic elements of constructed action and classifiers. Dramatic elements are mixed with editing effects. In *Where the Wild Things Are*, we included some the images from the books, presenting each image after the signed translation. In *Flicts*, we chose to represent the images (principally the colors) through direct editing effects. The translation of *Where the Wild Things Are* is 13:24 long (available at <https://youtu.be/X3-c1eNstlA>). The translation of *Flicts* is 12:20 long (for copyright reasons, a brief clip is currently available at <https://youtu.be/X34Zi--2Lj0>).

Marcos Marquioto chose to translate into videosigned Libras two concrete poems and two visual poems, three written in Portuguese and one written in Libras (thus producing both interlingual and intralingual translations). Unlike in the illustrated stories translated by Ananda Elias, the entire text of the concrete and visual poems is visible at a single glance, and the visual illustrations they include are of a very different nature. He selected four concrete poems: *Lua na Água* ("Moon in the water") by Paulo Leminski (1982), *LINGUAVIAGEM* (translated as "Tongue Voyage" by Nancy Perloff, 2021) by Augusto de Campos (1967), *Reconnais-toi* ("Recognise yourself") by Guillaume Apollinaire (1918), a calligram poem originally written in French but translated into Portuguese before its translation into Libras), and *Ser* ("To Be") by Kácio Lima (2018). These texts were translated for an audience of mature signers, with an aim to identify the

characteristics of concrete poetry in Libras and develop the art form to open the way for composition of original Libras concrete poetry. They may all be found at <https://www.youtube.com/@profmarquioto4902/playlists> (in the playlist “Poesia”)

Lua na água presents the words in the phrase “LUA NA ÁGUA” written in black letters on a white background. Some letters are arranged in a standard and conventional way, while others are written upside down, suggesting the reflection of the moon in water. Additionally, the poem is accompanied by two black circles and a black semicircle, which evoke the idea of the moon and the phases of the moon, while (following the idea of reflection and the reverse) the white color of the moon on the black background of the sky has been inverted to create black moons in a white sky. All this information must be processed with time, but the whole image is available synoptically (Figure 1).

Figure 1 – Lua na Água.



Source: *Toda Poesia*.

LINGUAVIAGEM is a poem made of a single word, written in white on a black background. It was originally designed to be presented on folded paper, on which it is possible to read three words “viagem”, “língua”, “linguagem” (journey, language or tongue, language or discourse – Campos himself observed that the words do not translate willingly into English) with “via” as a key to the other words, travelling through language (Figure 2).

Figure 2 – LINGUAVIAGEM.



Source: *Revista Rosa*.

Reconnais-toi is a love-letter addressed a woman in an elegant hat. It is a visual poem in which the words about the woman are arranged on the page to create an image of this woman. The aesthetic effect of the poem lies mainly in the organization of the words. The words exist independently of the image, but without the words, the image does not exist, being created by the words themselves. It takes a while to read the words, but the effect of arranging them on the page is immediately noticeable (Figure 3).

Figure 3 - *Reconnais-toi*.

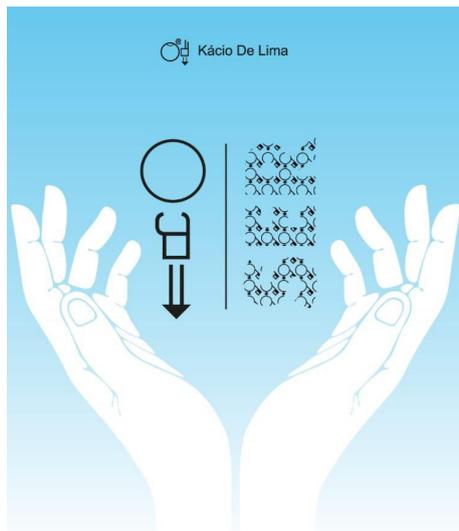


Source: *Caligramas. Instituto Distrital de las Artes–Idartes, 2015*.

Ser is a bilingual poem constructed from written Libras and written Portuguese. The written Libras sign deaf (“surdo” in Portuguese) in SignWriting is repeated and organized on the page in the shape of the letters S, E and R, creating the image of the Portuguese

word “ser” (to be) by blocks of SignWriting graphemes of the sign deaf. Thus, it generates the sense of “To be deaf”. As with Apollinaire’s visual poems, the word “ser” does not exist without the graphemes “deaf”, suggesting that the being of the deaf person does not exist without the deafness (Figure 4).

Figure 4 – Ser.



Source: www.signwriting.org

Ricardo Heberle chose the three humorous comic-strip cartoons from the book *Sourds et Quiproquos* (“Deaf people and misunderstandings”) by the deaf Swiss author Megias Nicolas Jr (2007). The aim of these translations is not to help deaf people understand the original – the source texts are completely accessible as they are almost entirely non-verbal (apart from the French titles) – but rather to provide enjoyment and entertainment through the aesthetic form of deliberately humorous signing.

Each cartoon strip has three images in sequence. Two strips show events in the three images by chronological time. The third shows three types of situations sharing a common feature. *Un coiffeur distrait* (“A distracted hairdresser”) shows 1) a hairdresser at work who is 2) distracted by deaf people signing so that he 3) accidentally cuts his customer’s hair into the shape of a hand (Figure 5). *Amour crémeux* (“Suncream love”) shows 1) a clearly unathletic man on a beach who enviously watches a beautiful woman on the arm of a beefcake bodybuilder. 2) While applying his suncream, he has an idea and in the final picture 3) the woman is running from the humiliated beefcake towards the man who has tanned his body leaving an untanned outline of the handshape conven-

tionally used in many deaf communities to mean “I love you” (Figure 6). Chute de bébé (“Drop the baby”) shows 1) a woman speaking while she holds her baby with two hands, 2) a woman signing cued speech with one hand while she holds her baby with the other and 3) a woman signing with two hands, so that she drops the baby (Figure 7).

Figure 5 – A Distracted Hairdresser.



Source: Megias Nicolas Jr (2007).

Figure 6 – Suncream Love.



Source: Megias Nicolas Jr (2007).

Figure 7 – Drop the Baby.



Source: Megias Nicolas Jr (2007).

The translations are available at <https://youtu.be/sr8FV8ORPYI>. After each signed translation of the cartoon, the original image appears.

Method

The translators studied the texts in detail, thinking about the socio-cultural context and using close reading to understand the linguistic elements of the original texts before translating them (NORD, 2016, ALBRES, 2020). Working collaboratively and alone, the translators created a visual translation, some with technological effects made at the time of recording, with and without images. The typical process was to film a draft translation, bring the version to a collaborative group for feedback, revise it and film again before returning for further feedback. This process went through several iterations. Some translations used professional editors (in the case of Ananda Elias' two translations) and a professional videographer (for LINGUAVIAGEM by Marcos Marquoto). In the case of the concrete poems, although one final version was selected for three of them, we refer here to several different versions as different translations emphasized different elements of the source text and different translation solutions. There are two final translations of the written Libras poem *Ser*, one a concrete poem in a mosaic format and one a more narrative recreation that uses deaf literary norms to describe the oppression and liberation of deaf people.

All of the translations aimed to be acceptable, target-culture-oriented texts. The degree of adaptation varied, but all showed considerable departure from the source texts, by using addition, omission and reordering to a considerable extent. The results section below details many of these alterations. For the concrete poems, Marcos Marquoto followed ideas of transcreation by Haroldo de Campos (2011), keeping the essence of the form of the source texts but adapting the target texts extensively to appeal to deaf audiences, while seeking parallel devices in Libras to those used in written concrete poems. Ananda Elias and Ricardo Heberle's translations had the option to translate elements of the visual images in the source texts into Libras by intersemiotic processes, in this case translating from a non-verbal system to a verbal system. In some cases, the translations faithfully recreate the images using classifiers and constructed action – a recognized and highly valued literary device in Libras - so that when audiences saw the source text images, they could derive satisfaction from seeing how closely the translators managed to match source and target text. (Most consumers of translated texts have little or no interest in the source text, as they frequently do not know its language.) Ananda Elias' translations aimed to provide these faithful visual recreations (akin to the symmetrical use of text and image described by Nikolajeva & Scott 2001) to showcase Libras' ability to

do this. In other cases, the translations deviated further from the source (more like the enhanced or counterpoint relationships between the text and images). Ricardo Heberle's translations provided many additions to make more of a story of the cartoons, for example, *A Distracted Hairdresser* starts with the added information that both hairdresser and client had many Instagram followers and ending with the client being delighted with her new cut. *Drop the Baby* required the greatest adaptation because of cultural differences between Swiss/European deaf culture and Brazilian deaf culture. In some European countries, the cued speech system is well-known and needs no explanation to be accessible to readers. It was felt that Brazilian deaf people would not be sufficiently familiar with it to follow the structure of the original cartoon. The adaptation was based on form rather than the meaning of the source text. The moving hand in the "cued speech" panel of the cartoon inspired the translator to add an entire thread to a story about mothers smoking in the presence of their babies so that the joke became a comparison of only deaf and hearing cultures, omitting cued speech entirely and relying instead on the final punchline, when using sign language causes the mother to drop her baby.

We showed all the final translations to deaf audiences and received positive feedback.

Results

The translations of all three genres used linguistic, dramatic and technical elements, selected and used to produce what the deaf translators understand to be acceptable, entertaining Libras translations for members of their deaf community, showing how they follow deaf norms of literary expression and setting norms for deaf literary translation. We describe them here with selected examples. All the images in the figures in this section are taken from the translations.

Linguistic elements

We begin with the linguistic elements the translators used to create visually appealing translations that satisfied their deaf audiences, beginning with some of the linguistic elements described by Ryan (1993) and highlighted by Bartolomei and Pereira (2021).

Classifier constructions

In *Where the Wild Things Are*, the monsters bow to Max who has declared himself their king. Ananda Elias' translation followed the illustration in the book and uses manual classifier signs to show the several monsters bowing towards Max (while embodying one of the monsters as it bows) (Figure 8).

Figure 8 - manual classifier signs showing the monsters in *Where the Wild Things Are*.



The colors in Flicts are personified and the text shows them speaking. The translation built on this personification by using classifiers that give them human form, for example in the sign several-colors/people-look-down, showing that the red color is with the other colors of the rainbow that are above Flicts (Figure 9).

Figure 9 – Classifier signs showing the personified colors in Flicts.



Marcos Marquoto's translations of concrete poems also make extensive use of linguistic elements. Classifier handshapes placed and moved in creative ways are used extensively in *Lua na Água*, showing the full and half moon (Figure 10):

Figure 10 – classifier signs showing the moon in *Lua na Água*.



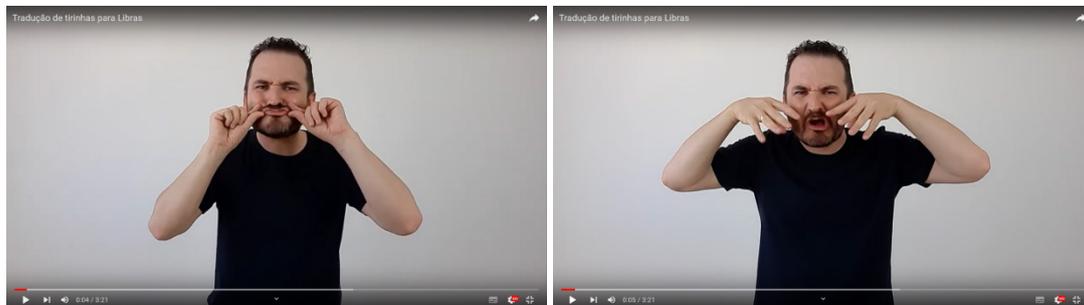
They also occur in *Reconnais-toi* showing the poet and the addressee looking at each other in the mirror, positioning the mirror and in the application of perfume (Figure 11).

Figure 11 – classifier signs showing the two characters in *Reconnais-toi*.



Following deaf literary norms (and as recommended by Ryan, 1993) Ricardo Heberle's translation of *A Distracted Hairdresser* uses classifiers to describe the physical characteristics of the hairdresser, for example detailing the size and shape of his moustache. Additionally, in keeping with norms of deaf humor, the size of the moustache is exaggerated (Figure 12).

Figure 12 – classifier signs showing a moustache in *A Distracted Hairdresser*.



Constructed action

The translation of *Where the Wild Things Are* embodies Max as he tries to be a monster, showing him ready to devour his mother with a huge mouth. The handshape is the wide-open hand with the fingers crooked, as if they were teeth of a monster. However, as Max is only a boy and does not have the body of a monster, the translation uses exaggeration of the hands and movement to highlight this (Figure 13).

Figure 13 – Constructed action showing Max as a monster in *Where the Wild Things Are*.



In *Flicts*, constructed action also allows the translator to show the personified colors through anthropomorphism. We should note that the entire translated story is told, not in the third person of the original (which begins, “Once upon a time, there was a very rare and very sad color who was called *Flicts*...”) but as direct first-person presentation (beginning with “I am *Flicts*”). This translation follows deaf literary norms of embodying characters and is made possible by extensive anthropomorphic constructed action. In this example, Red is shown as strong and muscular, even though a color does not have a body or muscles. The color *Flicts* is also anthropomorphised, looking on in dejection at his own physical weakness (Figure 14).

Figure 14 – *Flicts* and Red anthropomorphised through constructed action in *Flicts*.



The same approach is taken in *Where the Wild Things Are*, whose original text opens with “The night Max wore his wolf suit and made mischief of one kind and another his mother called him ‘WILD THING!’” but is translated with the opening signs “I am Max” and a clear visual description of the boy in his wolf suit as he makes mischief.

The source text of *Reconnais-toi*, a visual calligram, refers to a human form, which Marcos Marquoto exploits because it already chimes with deaf literary norms of cons-

tructed action (although he plays with the reader by embodying both the observer and the observed, and as it is all in a mirror, we cannot tell at any moment who is who). All the translations of the other concrete poems embody characters, shown through constructed action, even though they are not present in the source texts (apart from a faint hint in Ser). As in Ananda Elias' translations, the poems start immediately with embodiment and no narration, in keeping with deaf literary norms.

In *Lua na Água*, the head and face show the anthropomorphised moon that finds itself in the water. This anthropomorphisation of the moon is not present in the source text (Figure 15).

Figure 15 – The anthropomorphised moon in *Lua na Água*.



In *LINGUAVIAGEM* the human character is also embodied, travelling from outside the television into the imaginary space between languages, shown here, entering the television screen. The single word of the source text makes no direct reference to any human form (Figure 16).

Figure 16 – constructed action showing the human traveller in *LINGUAVIAGEM*.



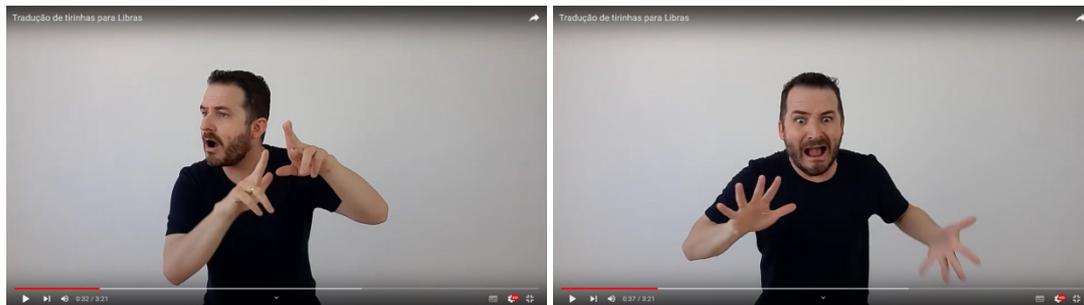
The source text of *Ser* is written in SignWriting ideograms, which are motivated by the human form. In its translation, the protagonist suffering oralist interventions and discovering a deaf identity is permanently embodied. In the examples below, we can see that the non-manual elements are also exaggerated (Figure 17).

Figure 17 - constructed action showing exaggerated non-manual elements in *Ser*.



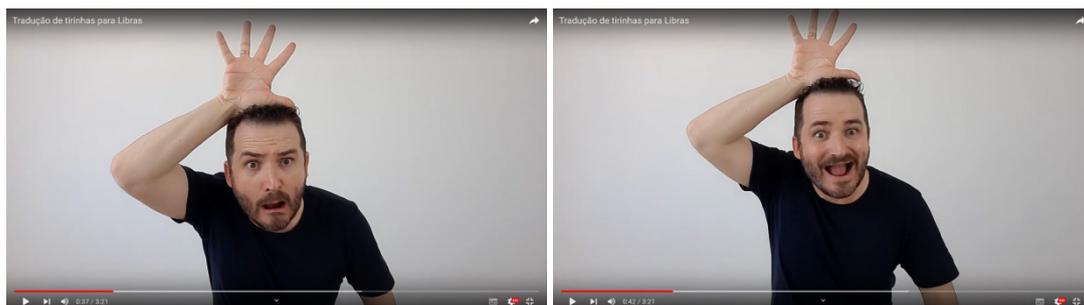
There is also considerable use of constructed action in the humorous texts, for example as the hairdresser abstractedly cuts the client's hair while watching the deaf people signing and his horror when he realizes what he has done (Figure 18).

Figure 18 –Constructed action in A Distracted Hairdresser



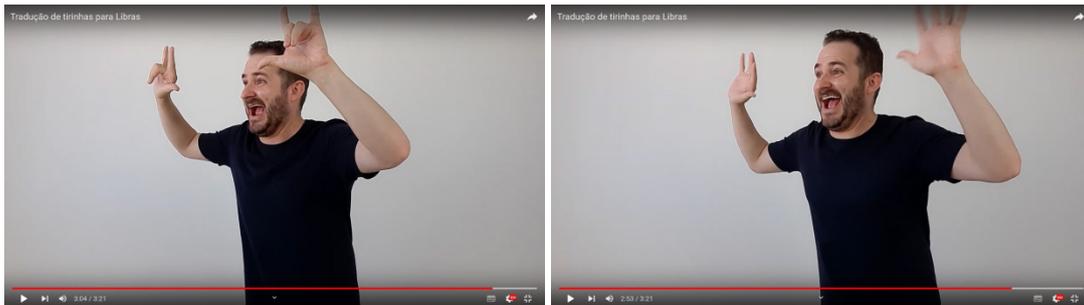
There is careful blending of the classifier sign for the shape of the haircut and the reaction of the two people. In the first picture, the facial expression is of the embodied character of the hairdresser, looking aghast at the haircut while, using partitioned space, the classifier for the haircut on the signer's head is understood to be on the client's head. This partitioning is resolved when the role shifts to the client being delighted by her cut, so the hand, head and face all refer to the client (Figure 19).

Figure 19 – a) the hand shows the client's hair and the facial expression shows the hairdresser's; b) the hand and facial expression both refer to the client.



After the initial scene-setting vocabulary signs explaining that the action happens at the beach, Suncream Love does not use narration and is told entirely through constructed action (Figure 20).

Figure 20 – constructed action in *Suncream Love*



Conventional signs

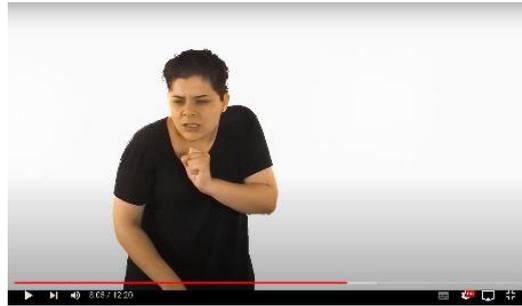
There were relatively few conventional signs in the translation of *Where the Wild Things Are*. The sign translating the original English text's words "wild rumpus" uses the established Libras sign meaning "mess" or "rowdiness". However, given the degree of rowdiness, the translator opted to intensify the size of the sign and the non-manual features to go with it (Figure 21).

Figure 21 – Intensification of the conventional sign ROWDINESS.



The translation in *Flicts* uses conventional signs, such as "alone" or "old", but the nature of the literary translation always required extra facial and/or body expression because the objective was a translation that focused on translational aesthetics. The sign "old" was made with a raised shoulder and a sad facial expression, creating a highly emotional and visual scene, that goes beyond merely identifying the term "old" (Figure 22).

Figure 22 – Conventional sign OLD with additional non-manual elements.



Although concrete poetry aims to rupture the form of the lexical word, there are conventional signs in the poems translated by Marcos Marquioto, such as travel, language (tongue), language (discourse), sun, moon, stars in *LINGUAVIAGEM*. Following deaf literary norms, the translation uses a single handshape throughout (Figure 23).

Figure 23 – Conventional signs in *LINGUAVIAGEM* using the same handshape



The translations, however, also deliberately include linguistic borrowing, such as the ASL signs whirlwind in *LINGUAVIAGEM* and community in *Ser*. There was also deliberate foreignization, for example, when maintaining the form of the Portuguese word “ser” in the mosaic translation of the signs (Figure 24) or in *LINGUAVIAGEM* when gradually revealing the words of the source text: “viagem”, “língua” and “linguagem” (Figure 25).

Figure 24 – The mosaic translation of *Ser* retaining the source text word.



Figure 25 – Revealing elements of the source text in *LINGUAVIAGEM*.



Ricardo Heberle's translations of the three cartoons into humorous Libras used the greatest number of conventional Libras signs of all the translations described here because his aim was to use signed narratives to explore the humorous devices of the language. When the translations use a narrative role (which we see in both *A Distracted Hairdresser* and *Drop the Baby*), there are many vocabulary signs.

The examples described here show clearly the importance of the deaf translators' extensive knowledge of, and skills in using, Libras. Their translations draw on their in-depth knowledge of the language's vocabulary and its variants, as well as their ability to create and use classifier constructions and constructed action in original, entertaining and aesthetically appealing ways. These highly advanced language skills are essential for choosing and using linguistic elements in the translations.

Dramatic elements

Although it is possible to separate linguistic and dramatic effects completely (because we cannot separate language from the body in signed Libras), we will now turn to the key dramatic elements that highlight the use of the body, including the positioning of the body in space and the production of non-manual elements that are outside what classical structuralist linguistics understand to be part of language.

Ananda Elias' translations show dramatic elements in unusual positioning of the body. For example, in *Flicts*, the signer enters from the side of the frame, rather than beginning in the center of the screen, as expected in most videosigned pieces, including translations (Figure 26).

Figure 26 – Unusual body positioning in *Flicts* (entering from the side).



In the beginning of the translation of *Where the Wild Things Are*, the translator appears as the narrator of the story, emerging from below the screen, as though climbing a rope. This paratext is added to the translation for the entertainment of the audience and to get their attention by the unusual maneuver, although it presages the vines that grow later in the forest in Max's bedroom (Figure 27).

Figure 27 – Unusual body positioning in *Where the Wild Things Are* (entering from below)



Later, when Max's boat is blown across the water by the sea monster, the translator performer moves sideways across the filming space while embodying Max in the boat, until she leaves the screen completely (Figure 28).

Figure 28 – Unusual body positioning in *Where the Wild Things Are* (leaving from the side)



Marcos Marquioto's translations of concrete poems also use dramatic elements, with positioning the body in space, facial expression and body movement. *LINGUAVIAGEM* opens with the character watching television and then running through sand dunes to get to a beach. Although there is no signing in this introductory paratext, it sets the context with the signer's body moving in a way that would not be expected in another style of translation.

Ricardo Heberle's translations of the cartoons position the body in different places within the screen space to show the different characters in *Suncream Love* (Figure 29).

Figure 29 – Different positions in space showing two characters in *Suncream Love*.



In the translation of *Flicts*, Yellow shines with a happy expression, representing light, while *Flicts* (wearing black) is the opposite, showing darkness, sadness and loneliness. The original text did not describe the characteristics of each color, but they were added in the translation. The figure below shows the body twisted away from the front and angled forward and backward to show the characters' emotions (Figure 30).

Figure 30 - Enhanced facial expression and body movement in *Flicts*.



Reconnais-toi uses classifiers on the hands and embodiment of the character, but with exaggerated body movement and facial expression in signs like putting on a hat and opening a fan. The exaggerated non-manual elements in the embodied signs highlight the esthetic impact of the translation (Figure 31).

Figure 31 - Enhanced facial expression and body movement in *Reconnais-toi*



In *Lua na Água* the facial expression is more neutral when the signer is in the role of narrator and is much more pronounced when he is in the role of the moon, afraid to enter the rough water and looking at its reflection. The wink at the end of one version may be seen as dramatic rather than linguistic (Figure 32).

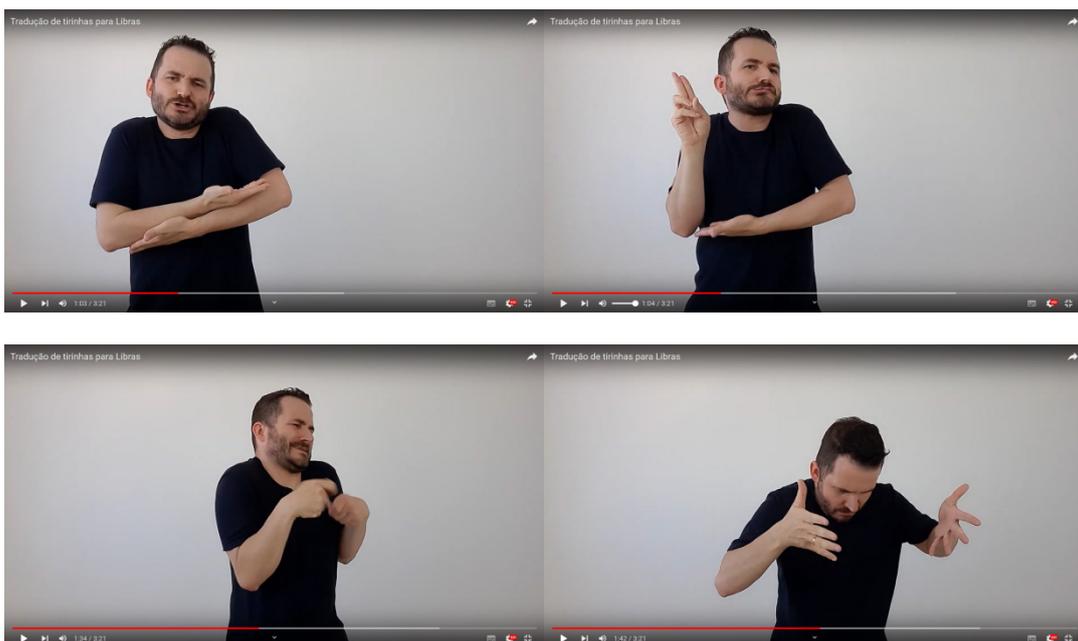
Figure 32 - Enhanced facial expression and body movement in *Lua na Água*.



In *Ser*, the translation uses extensive body movement to show the imposition of a non-deaf identity and the character's resistance to it. The exaggerated body and head movements and facial expression (as shown in the figures above) add emotional impact to the translation. The original text has no implied emotion, being made of only two words "be" and "deaf", but these emotions are added to appeal more to the deaf audience.

The dramatic elements contribute vastly to humorous Libras. Exaggerated non-manual elements are key to Ricardo Heberle's translations of the cartoon strips. In each role that he takes, any facial expression or body movement is amplified to generate more humor. The examples here show the hearing person rocking the baby and smoking and the deaf person signing so that she drops the baby, all with exaggeration (Figure 33).

Figure 33 - Enhanced facial expression and body movement in *Drop the Baby*.



The examples from the translations described in this section clearly show that enhanced facial expression and body movement may be considered the principal aspect of all the dramatic elements, and the translator's performance skills work with their linguistic skills to produce the highly visual translations. However, other performance elements such as position and movement of the whole body also contribute.

Technological elements

The technological elements of these translations have been implicitly shown in many of the examples shown above. Now, however, we will focus upon them. Special effects are present in the translations, although not always especially evident, and visual effects are used in all three. although they are less apparent in Ricardo Heberle's humorous translations. Advanced video editing technique is an integral part of Ananda Elias' translations, especially in Flicts. Marcos Marquoto makes extensive use of visual effects in his translations of concrete poems because he uses the disruption that they create as an analogy with the disruptions caused in written concrete poetry with typographical effects.

Clothing and props were rarely used as special effects in these productions. All three translators performed their work in the black t-shirts that light-skinned signers are expected to wear in videosigned pieces, following this translation norm. However, literary translation can go against these clothing norms and in LINGUAVIAGEM Marcos Marquoto wears a white t-shirt and torn dungarees, a hat and jacket, and carries a backpack (which he throws down) (Figure 34).

Figure 34 – Clothing added to the translation of LINGUAVIAGEM.



The paper on which the source text is reproduced is held as a prop, which the translator-performer interacts with as he unfolds it to reveal the different elements of the poem. The sea is also used as a type of prop at the end of the film, as it washes over the word LINGUAVIAGEM, as though taking it further on its travels (Figure 35).

Figure 35 – The sea and a piece of paper as props in LINGUAVIAGEM.



Not all backgrounds are a significant part of the translation. Ricardo Heberle's translations, for example, are performed against a plain white wall, simply for clarity of the signing. However, different backgrounds may be chosen when filming as meaningful special effects in the translation. In *Where the Wild Things Are*, Ananda Elias wears a black t-shirt against a black background to emphasize the darkness of the story full of monsters. In contrast, the translated text of *Flicts* uses a white background in keeping with the white pages of the book. Many of the pages of the source text are of different colors but studio conditions did not permit filming against all the different colors, so only white was used. Marcos Marquoto's concrete poem translations usually use visual effects for the backgrounds (which we will address next), but in *LINGUAVIAGEM* the translation is performed at a beach as a holiday location where one could travel to.

Visual effects are used in all the translations. These include changes in speed and size of the images filmed, zooming in on certain parts of the image, light filters, and addition of images of various types. The only translations to use speed changes as a visual effect here are those in Ricardo Heberle's cartoon strip pieces where editing increases the speed of the signing. It is well-recognized that increased speed of a film can increase humor (as seen in the great black and white comedy films of Charlie Chaplin, Buster Keaton and Harold Lloyd and in subsequent comedy, such as the *Benny Hill Show*) and the translations exploit this. The size of images is altered in *Flicts* and in the cartoon strip translations. The size of the signer was shrunk using editing effects, rather than at the time of filming. Shrinking the signer in the frame showed the humiliation and low self-esteem that the *Flicts* character felt – literally “feeling small” – rather than signing this information (Figure 36).

Figure 36 – Shrinking the signer in *Flicts* to show humiliation.



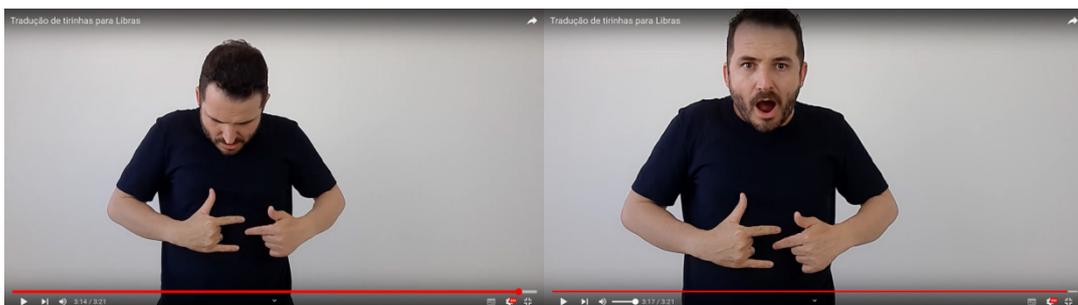
Conversely, the size of the image is increased in two of the cartoon strip translations. In *A Distracted Hairdresser*, the image is increased when the hairdresser realizes what he has done to his client's hair, which adds to the climax of the joke. Zoom at this moment emphasizes the dramatic elements and allows the audience to see what the hairdresser has just noticed (Figure 37).

Figure 37 – Enlarging the signer in *A Distracted Hairdresser* for emphasis.



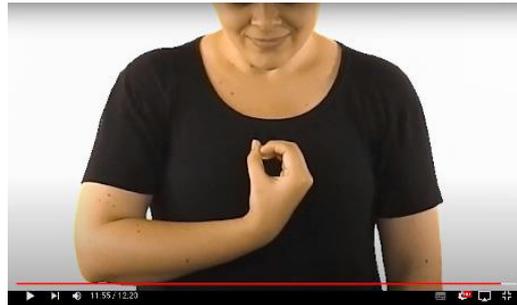
At the end of *Suncream Love*, it is also used to show the pride of the ordinary man when he realizes that he has unwittingly “got his girl”. Again, there is no need to sign “proud” because the visual effects give this information (Figure 38).

Figure 38 – Enlarging the signer in *Suncream Love* to show pride.



Cutting off parts of the image of the signer is an editing effect to focus the shot on a sign. This is seen in the final sign “Flicts”, where the focus is essentially on the hands to emphasize that the character finally has its own identity as Flicts, but there is just enough of the translator’s face visible to see that the character is smiling peacefully (Figure 39).

Figure 39 – Focusing on the hand and lower part of the face in *Flicts*.



The same device of cutting out parts of the image of the signer is used in *Lua na Água*. In the editing and addition of other graphics, there are cuts to only the arms or face, disrupting the grammar of the concrete poems, highlighting certain elements of the signs and metaphorically hiding and revealing different parts, as the phases of the moon hide and reveal it (Figure 40).

Figure 40 – Cutting out parts of the signer in *Lua na Água*, metaphorically hiding and revealing.



Graphic elements take various forms and can be added in various ways. All three translators used images, inserted in different ways. The target texts of *Where the Wild Things Are* and all three cartoon strips presented the source text of the intersemiotic translations as images edited into the whole screen – but always after its signed translation, not during it, to allow complete focus on the signing. After the translation of *Lua na Água*, the source text and images (which are both part of the concrete poem) are edited in.

The background images against which Marcos Marquoto presents his translations are important for setting the scene. The background of the Eiffel Tower in Paris for *Reconnais-toi* has no relevance to the content of the poem but contextualizes the poem as being of French origin, even though it is presented in Libras. The different phases of the moon in the background (and the images of the sea of some versions) of *Lua na Água* directly refer to the images and words in the source text. (Figure 41).

Figure 41 – Images of the moon and sea as background in *Lua na Água*.



The background color in *Ser* changes from black (while the poem deals with the question of oppression of deaf identity) to blue (when it describes deaf liberation). This edit to change background color is a deliberate metaphorical device, referring to the blue of the Deaf Pride movement, which is also the background color of the source text.

Other graphic elements include words, for example to show the translator’s name in the paratexts. In *Flicts*, the translator interacts with the graphic elements, such as when she looks up at the rainbow (Figure 42).

Figure 42 – The signer interacts with graphics in *Flicts*.



Editing adds a “glitch” effect to the film to give the translation of *Where the Wild Things Are* an old-fashioned appearance. Color effects also allowed each color character to be colored accordingly. The figure below shows this and a further effect of “shining” illumination (Figure 43).

Figure 43 – The “shining” effect in *Flicts*.



This shot of *Flicts* and *Yellow* shows a further visual effect of superimposition of multiple images. It also allowed all the colors of the rainbow to enter the same shot, despite being filmed (and colored) separately (Figure 44).

Figure 44 – Superimposed images of the colors in *Flicts*.



Marcos Marquoto's creation of the mosaic version of *Ser* is entirely dependent on visual effects of editing as the gif file that shows the sign “deaf” is repeated multiple times across a single screen, arranged in the shape of the letters S E and R (See Figure 24). Significantly for this translation, the person signing deaf is deaf. In the abstraction of SignWriting, the deaf status (or otherwise) of the source text author is not apparent or necessarily relevant. In the videosigned target text, it is clear and central.

The examples above show that special and visual effects are not essential for a Libras literary translation to be effective. However, translators use them to enhance the aesthetic effect of the linguistic and performance elements or to substitute linguistic elements in a highly visual way. Once again, we can see that the contributions from film and editing technology allow the deaf translators to produce translations that conform to deaf literary norms of multimodality.

Conclusion

These examples of literary translations into Libras by three deaf translators highlight some deaf norms of literary translation in a range of creative genres. All translators were working into their first language, as recommended for most literary translations. Whether we consider the linguistic, dramatic or technological components of the translations, the objective is always to create highly visual esthetic images that are calculated by the deaf translators to be acceptable to deaf audiences. The examples support Stone's (2005) observation that deaf translators not only understand the source text but also know how to transfer and represent the literary information in a culturally relevant way. The translations analyzed provide concrete, practical examples of ways in which this culturally relevant, appropriate translation can be produced. The translators' understanding of the aesthetic elements used in Libras literature provides a crucial basis for translations that satisfy deaf audiences. The three genres we chose here are only a small subset of the literary genres in Brazilian Portuguese and further study of other genres will reveal more examples of norms of translations that satisfy deaf audiences. It is clear, however, that studying the processes and products of deaf translators reveals certain deaf translation norms in the field of literature, which can guide hearing translators for whom Libras is not their first language and novice deaf translators. Thus, we can hope to see more literary translations that satisfy the literary expectations of deaf audiences.

References

- ANSTEY, M.; BULL G. 2010. Helping teachers to explore multimodal texts. *Curriculum & Leadership*, 8, 16, np.
- BARROS, R. O. "Tradução de poesia escrita em libras para a língua portuguesa". Dissertação (Mestrado em Tradução - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2020.
- BARROS, R. O.; SUTTON-SPENCE, R. Tradução intralingual e interlingual de Pato do amor, um haicai em Libras escrita. *Revista Belas Infêis*, 11, n1, p. 01-21, 2022.
- BARROS, R. O.; VIEIRA, S. Z. The Relationship between Text and Image on Literary Productions in Libras. *Sign Language Studies*. 20, 3, 2020. p. 392-410.
- BARTOLOMEIN, P. R. "Produções performáticas em libras: o uso do corpo e da máquina em produções literárias em Língua Brasileira de Sinais". Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em estudos de linguagem PPGEL/UFMT. 2021.

BARTOLOMEI, N. P. R.; PEREIRA V. C. Produções performáticas em libras: o uso do corpo e da máquina em produções literárias em língua brasileira de sinais. In MORAES DA COSTA, A.; Marques, G.; Moraes, P. E. B. (eds) *Reconfigurações da literatura contemporânea: abordagens críticas*. Porto Velho, RO: Coleção Pós Graduação da UNIR EDUFRO, 2021, p52-64.

BOOKER, K. Using Picturebooks to Empower and Inspire Readers and Writers in the Upper Primary Classroom. Practical Strategies. *Literacy Learning: the Middle Years*, 20, 2, i-xiv. 2012.

BRANDWIJK M. v. “Visual Vernacular: An Inter and Intra Sign Language Poetry Genre Comparison”. Bachelor Thesis, BA Linguistics – Language and Cognition Leiden University. 2018.

BUSH, J. Fables and Illustrations. *Children’s Literature Association Quarterly*, 9, 2, 1984, pp. 70-72.

CAMPOS, H. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CORMIER, K., SMITH, S.; SEVCIKOVA-SEHYR, Z. Rethinking constructed action. *Sign Language & Linguistics* 18(2). 167–204. 2015.

ELIAS, A. Translation of *Where the Wild Things Are*: <https://youtu.be/X3-clNstIA>. 2023

ELIAS, A. Translation of *Flicts*. for copyright reasons, a brief clip is currently available at <https://youtu.be/X34Zi--2Lj0>. 2023

EVANGELISTA, K. L. *Ser*. Fortaleza: [s. n.], 2018.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. In: Venuti, L. (Org.) *The Translation Studies Reader*, 2004, p. 199–204.

GANNON, S. R. The Illustrator as Interpreter: N. C. Wyeth’s Illustrations for the Adventure Novels of Robert Louis Stevenson. *Children’s Literature*, 19, 1991, pp. 90-106.

GLÜCK, S.; PFAU, R. On classifying classification as a class of inflection in German Sign Language. In CAMBIER-LANGEVELD, T.; LIPTÁK, A.; REDFORD, M. (Eds.), *Proceedings of ConSole VI 1998*. p. 59-74.

GOSWELL, D. Being there: Role shift in English to Auslan interpreting. In LEESON, L.; WURM, S.; VERMEERBERGEN, M. (eds.) *Signed language interpreting: Preparation, practice and performance*. Manchester UK: St. Jerome Publishing. 2011, p. 67-92.

HEBERLE, R. Tradução de tirinhas para Libras. <https://youtu.be/sr8FV8ORPYI>. 2023

HESSEL, C. S.; KARNOPP, L. B.; ROSA, F. S. Cinderela Surda. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

JANTUNEN, T. Constructed action, the clause and the nature of syntax in Finnish Sign Language. *Open Linguistics* 3. 65–85. 2017. Open access: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opli-2017-0004/html?lang=en>

KELM, G. “O trabalho em equipe de intérpretes educacionais no ensino superior: estratégias adotadas no processo de atuação.” Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

KIRCHOF, E.R.; BONIN, I. T.; HESSEL SILVEIRA, R, M. Trabalhando com livros de imagem: Possibilidades e desafios. In: *Guia 3 PNBE na escola. Literatura fora da caixa. Educação de Jovens e Adultos*, 2014. P. 51-70. <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/publicacoes?id=20407>.

LEMINSKI, P. Toda Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARQUIOTO, M. Translations of *Lua na Água* https://youtu.be/NI87zacylJI?si=G8_pZoWrcOMQE--5, <https://youtu.be/NI87zacylJI?si=FX349UuhrzFoD9p6>, <https://youtu.be/87U9SbWWxkk?si=yWYE3QjBTjF9YGXY>. 2023.

MARQUIOTO, M. Translation of *LINGUAVIAGEM* https://youtu.be/bBCm-WHrvTH8?si=btodUdkKveHK_Ha6. 2023.

MARQUIOTO, M. Translation of *Reconnais-toi*. https://youtu.be/GZH99pxOs_0?si=N_H8g9bLtY_PXVHA. 2023.

MARQUIOTO, M. Translation of *Ser* <https://youtu.be/vN9b9KTOST8?si=c1FxEhunKcHPAhRd>, <https://youtu.be/RPI7Erpwcbl?si=Rf-ZpWn2OnxzQyCT>. 2023.

MOURÃO, C. Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Ed.) *Cultura Surda na contemporaneidade*. Canoas RS: Editora ULBRA, p. 71-90. 2011.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. 2. ed. London: Routledge, 2001.

NAPOLI, D. J.; Sutton-Spence, R. Torso articulation in sign languages. *Sign Language & Linguistics*, 27:1, 1–34, 2024.

NICOLAS, Megias Jr. *Deaf Vs Hearing – Sourds et Quiproquos*, n°3, Wanimas – 3D, Suíça, 2011.

NICHOLS, G. Literatura Surda: além da língua de sinais. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2016.

NICOLAS, M. Jr. *Deaf Vs Hearing – Sourds et Quiproquos*, n°3, Wanimas – 3D, Suíça, 2011.

NODELMAN P. How Picture Books Work. *Children’s Literature Association Quarterly*, 1981 Proceedings, 1982 pp. 57-68

PERLOFF, N. Linguaviagem: Corresponding with Augusto de Campos. 1º número do volume 3 da *Revista Rosa* em 26/2/2021. *Revista Rosa*, 2021. <https://revistarosa.com/3/linguaviagem@en>

PETRY, D B; FISCHER G D. Entre Méliès e Hollywood: Pistas para pensar os efeitos visuais no cinema a partir da arqueologia das mídias. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática* 13 (25). 2014.3.

PINTO, Ziraldo Alves. *Flicts*. [S.l.]: Melbooks, 1990.

RAMOS, C. Língua de sinais e literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Letras, Departamento de Ciência da Literatura), Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995

RAYMAN, J. Storytelling in the visual mode: A comparison of ASL and English. In WINSTON, E. (Ed.) *Storytelling & conversation: Discourse in deaf communities*. Gallaudet University Press. 1999, pp. 59–82.

REIS, Pedro. *Poesia Concreta: Uma Prática Intersemiótica*. Porto: Edições UFP. 1998

RIBEIRO A C. “Literatura de cordel contemporânea: Uma tradução prazerosa do par linguístico Português – Libras”. Dissertação (Mestrado em Tradução - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2020.

RYAN, S. Let’s Tell an ASL Story. In Gallaudet University College for Continuing Education (Ed.) *Conference Proceedings, April 22-25, 1993*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press. 1993, 145-150.

SENDAK, Maurice. Onde vivem os monstros. Tradução Heloísa Jahn. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SILVA, R. C. “Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise.” Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

STONE, C. “Toward a Deaf translation norm”. Unpublished doctoral dissertation. University of Bristol, UK. 2005.

STONE, C. *Toward a Deaf translation norm*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press. 2009.

SUTTON SPENCE, R. *Literatura em Libras*. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul. 2021.

TOPPER, David. On Some Burdens Carried by Pictures. *Children’s Literature Association Quarterly*, 9, 1, 23-25. 1984.

TOURY, Gideon. 1995. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins

ZWITSERLOOD, I. Classifiers. In R. Pfau, M. Steinbach, & B. Woll (Eds.) *Sign language: An international handbook*. De Gruyter. 2012, pp. 158–186.



A LÍNGUA INDÍGENA DE SINAIS MAKUXI (RORAIMA)

THE INDIGENOUS MAKUXI SIGN LANGUAGE (RORAIMA)

Jaelson da Silva Santos | [Lattes](#) | jaelson.aakan@hotmail.com
UNICAMP

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, apresentar uma breve descrição linguística dos aspectos gramaticais de uma língua de sinais emergente, usada/falada por dez surdos indígenas da etnia Makuxi. A Língua Indígena de Sinais Makuxi (LIS Mak) é uma língua de sinais emergente usada no município de Uiramutã, no estado de Roraima, e pertence ao grupo de línguas indígenas de sinais ainda sem descrição. Este estudo faz parte da pesquisa de doutorado e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dada a natureza visual-espacial da LIS Mak, os dados foram coletados por meio de entrevistas em vídeo, posteriormente anotados e transcritos utilizando o *software* ELAN para permitir uma análise detalhada dos sinais. Como resultados, descrevemos aspectos lexicais, fonético-fonológicos e morfossintáticos da LIS Mak que possibilitam novos olhares para a emergência de descrição desta língua, que já se encontra em risco de extinção.

Palavras-chave: Língua de sinais emergente; descrição linguística; língua indígena de sinais Makuxi; Roraima.

Abstract: This article presents a brief linguistic description of the grammatical aspects of an emerging sign language used/spoken by ten indigenous deaf people of the Makuxi ethnic group. The Makuxi Indigenous Sign Language (Mak LIS) is an emerging sign language used in the municipality of Uiramutã, in the state of Roraima, and belongs to the group of indigenous sign languages that have not yet been described. This study is part of the doctoral research and was approved by the Research Ethics Committee (CEP), the National Indian Foundation (FUNAI) and the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). Given the visual-spatial nature of Mak LIS, data were collected through video interviews, later annotated and transcribed using ELAN software to allow a detailed analysis of the signs. As a result, we describe lexical, phonetic-phonological and morphosyntactic aspects of Mak LIS that allow new perspectives on the emergence of the description of this language, which is already at risk of extinction.

Keywords: Emerging sign language; linguistic description; Makuxi indigenous sign language; Roraima.

Introdução

Os estudos descritivos sobre as línguas de sinais têm aumentado significativamente nos últimos anos. E, dentre esses estudos, uma área vem ganhando destaque nos estudos linguísticos: a descrição de línguas de sinais emergentes, principalmente de comunidades indígenas. No Brasil, temos alguns trabalhos dedicados a essa temática, tais como os de Vilhalva (2009), que trabalhou especificamente com as comunidades indígenas Guarani de Jaguapiru e Bororó, do município de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul; Sumaio (2014), que descreve aspectos da língua Terena de sinais falada nos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo; dentro dessa área, mas com foco em comunidades não indígenas, temos alguns trabalhos como o de Adriano (2010), que se dedicou a identificar os sinais caseiros e a emergência dos sinais usados por surdos do interior do Ceará. Há também o trabalho de Pereira (2013), no campo da antropologia, no qual descreve a Cena, nome dado à língua de sinais da comunidade de Várzea Queimada, localizada no estado do Piauí, região Nordeste.

Mais recentemente, na região Norte do país, Costa (2017) mapeou os sinais relacionados ao contexto familiar nos Sinais Paiter Suruí; por seu turno, Eler (2017) se dedicou a mapear os sinais usados por surdos no contexto da educação escolar indígena também dos Sinais Paiter Suruí. Ambas as pesquisas foram realizadas na aldeia Gapgir, da Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal, estado de Rondônia.

Há pouco tempo, Araújo e Oliveira (2021) fizeram uma publicação com indícios da existência de uma língua de sinais emergente, contudo, tal pesquisa não apresenta dados linguísticos sobre a referida língua. Assim, este artigo tem por objetivo promover uma descrição linguística preliminar (com foco no léxico, fonética e fonologia e sintaxe) da Língua Indígena de Sinais Makuxi, uma língua de sinais emergente (LSE) utilizada por dez surdos de uma mesma família, localizada no município de Uiramutã, no sul do estado de Roraima.

O município de Uiramutã fica a aproximadamente 315 km de Boa Vista, capital de Roraima, é formado majoritariamente por ouvintes bilíngues (Português/Makuxi) e, nele, há esse grupo de surdos, pertencentes à mesma família, com faixa etária entre 29 e 49 anos. A progenitora dessa família é bilíngue em Português/Makuxi, era ouvinte e ficou surda depois de adquirir meningite. Depois disso, todos os filhos que vieram, na sequência, nasceram surdos; contudo, apenas estudos mais específicos podem atestar esta informação.

A língua indígena de sinais Makuxi faz parte daquilo que os linguistas Le Guen, Safar e Coppola (2020) têm chamado de línguas de sinais emergentes, ou seja, línguas

que surgem nos contextos em que a comunidade surda está, por alguma razão, isolada da oferta de *input* de outra língua de sinais estável, em um local em que se identifica uma alta incidência de surdez hereditária (Almeida-Silva e Nevins 2020).

Línguas de sinais x línguas de sinais emergentes

Durante muito tempo, a tarefa dos pesquisadores das línguas de sinais tinha por objetivo atestar que tais línguas eram línguas naturais e não apenas mímica ou apenas gestos como muitos acreditavam.

Dessa forma, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 30), William Stokoe é considerado o pai da linguística das línguas de sinais, pois, em 1960, “percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína”. Os estudos de Stokoe sobre a *American Sign Language* (ASL) revolucionaram os estudos linguísticos, uma vez que, até então, todos os estudos da linguística se voltavam apenas para as línguas de modalidade oral. Esse marco deu, às línguas de sinais, visibilidade na comunidade científica e, aos poucos, os próprios surdos começaram a pesquisar as peculiaridades das línguas de sinais. Portanto, os estudos de Stokoe (1960) tornaram-se a base para que outras pesquisas em distintos países, inclusive no Brasil, fossem desenvolvidas e, assim, para que a descrição linguística das diferentes línguas de sinais existentes tenha sido iniciada.

Por mais que a Libras seja a língua de sinais reconhecida oficialmente, o Brasil possui também outras línguas de sinais que são raramente registradas e, no entanto, pelo menos duas dessas línguas já puderam ser minimamente documentadas: a língua de sinais Urubu-Kaapor (Kakumasu, 1968), utilizada pela etnia indígena dos Kaapor, situada no estado do Maranhão, na região nordeste do Brasil (Godoy, 2020) e a língua de sinais conhecida como “Cena” (Pereira, 2013), falada na cidade de Jaicós, no povoado de Várzea Queimada, no interior do Piauí, também na região nordeste do país.

Todavia, o levantamento realizado por Souza et al. (2018), aponta que há aproximadamente 12 (doze) línguas de sinais emergentes utilizadas pelas comunidades surdas e por comunidades isoladas no Brasil, identificadas nas zonas rurais e comunidades indígenas.

Além disso, segundo Formigosa-Marie-Rose (2015), há dois tipos de Língua de Sinais (LS) no contexto da Libras: a LS regional e a LS emergente. Conforme a autora, a LS regional apresenta as características específicas que a língua assume em cada região brasileira. Já uma LS emergente é desenvolvida, por exemplo, por uma criança com sur-

dez de nascença, profunda ou severa, de família ouvinte, que não consegue adquirir a língua dos pais e cria seu próprio código gestual, aceito e compartilhado pela família ou por membros da comunidade, como é o caso da língua da comunidade indígena da região de Água Fria, no município de Uiramutã, no estado de Roraima. Dito isso, na subseção a seguir, apresentaremos algumas considerações sobre as línguas de sinais emergentes (LSE).

LSE emergentes

Segundo Le Guen, Safar e Coppola (2020), Fusillier (2001) e Brentari e Goldin-Meadow (2017), LSE são línguas de sinais recém-criadas que surgem espontaneamente dentro de comunidades surdas, normalmente entre crianças surdas que não estão expostas à língua de sinais dominante em sua região. Essas línguas de sinais surgem na ausência de entrada de linguagem formal e, muitas vezes, exibem características únicas e padrões gramaticais não encontrados em línguas de sinais estabelecidas. Eles também podem evoluir e mudar rapidamente ao longo do tempo. Exemplos incluem a Língua de Sinais Nicarágua e a Língua de Sinais Beduína Al-Sayyid.

A Libras é a língua usada por surdos nos grandes centros urbanos do Brasil; contudo, em suas pesquisas, Vilhalva (2009) fez um estudo das línguas de sinais emergentes em comunidades indígenas brasileiras de algumas regiões do Mato Grosso do Sul. A autora destaca ainda que há inúmeras comunidades que vivem isoladas do contato direto com a Libras. Assevera também que essas línguas podem desaparecer se mantiverem contato com a Libras, língua de maior prestígio; por isso, é importante registrar quantas forem possíveis.

Apesar dos estudos de Vilhalva (2009), que muito contribuíram para dar visibilidade para algumas línguas de sinais emergentes do Mato Grosso do Sul, ainda há regiões do país, e consequentemente línguas, sobretudo na região Norte, principalmente em virtude da distância e dificuldade de acesso, quase inexploradas, como é o caso da Língua Indígena de Sinais Makuxi.

Destaque-se ainda que tais usuários criaram uma forma de comunicação própria, contudo, por meio da interação, e que outros membros da família começaram a usar esses mesmos sinais ao ponto de, hoje, primas e algumas crianças as usarem naturalmente.

Ao mesmo tempo, Goldin-Meadow (1991) define a criação de sinais por crianças surdas como “sinais caseiros”, uma vez que a configuração desse comportamento comunicativo se manifesta, em princípio, no ambiente familiar. Para Dvos e Pfau (2015), os sinais caseiros são formas intermediárias de comunicação gestual em que apenas um ou

dois surdos desenvolvem um sistema de sinais caseiros em interações com sua rede auditiva relativamente limitada.

Nesse sentido, esses sinais são comumente chamados de sinais caseiros, mas alguns autores, dentre eles Fusillier (2001), reconhecem essas variedades como “língua de sinais emergentes” ou “rurais”, pois apresentam muitas das características gramaticais dos sinais comunitários na Libras. Ou seja, tais sinais foram criados no auge da necessidade comunicativa.

Na concepção de Meir et al. (2010), as novas línguas de sinais, sobre as quais os linguistas começaram a estudar, se enquadram em duas categorias diferenciadas pelas condições sociais de sua formação; nesta concepção, há duas possibilidades de nomes para essas LS: línguas de sinais de aldeia (emergente) e línguas de sinais da comunidade surda (língua de sinais consolidada – reconhecida pela comunidade surda). A principal diferença entre as duas reside na homogeneidade social de suas origens. Uma língua de sinais de aldeia (emergente) surge em uma comunidade relativamente insular na qual nascem várias crianças surdas. Uma língua de sinais da comunidade surda, por outro lado, surge quando um grupo de surdos, geralmente de lugares diferentes, é reunido (geralmente para fins educacionais, como em uma escola residencial) e forma uma comunidade.

Em relação às línguas de sinais emergentes, Le Guen, Safar e Coppola (2020) asseveram que:

[...] são línguas com uma duração de existência relativamente curta (geralmente não mais do que 2 ou 3 três gerações, ou seja, ligadas à presença de sinalizantes surdos). (2) Eles têm um número relativamente (inicial) pequeno de usuários primários, tão pequeno quanto no caso de um de um único sinalizante de sinais caseiros. (3) Não são línguas institucionalizadas, ou seja, nenhuma instituição externa decide sobre a evolução da língua. (4) Devido ao seu estado de emergência, essas línguas de sinais podem exibir altas taxas de mudança que não são observadas em línguas “consolidadas” que existem há centenas de anos e são usadas por uma grande comunidade. (5) Em muitos casos, especialmente para “línguas de sinais compartilhadas” (Nyst 2012), o número de sinalizantes ouvintes é maior do que os surdos sinalizantes, o que significa que as práticas gestuais que foram/são utilizadas como pano de fundo para a língua de sinais ainda são visíveis (Le Guen; Safar; Coppola, 2020, p. 4).

Nesse sentido, para Vilhalva (2009), as línguas de sinais emergentes são usadas, normalmente, por comunidades surdas isoladas linguística e geograficamente dos grandes centros urbanos. A descrição tipológica dessas línguas pode se dar no cotejo de aspectos gramaticais de outras línguas de sinais e, inclusive, de línguas orais. Todavia, há que se considerar situações de contato tendo em vista a localização geográfica e o estatuto sociolinguístico dos surdos dentro dessas comunidades.

No contexto de línguas de sinais emergentes em aldeias, as pessoas compartilham

uma cultura e um ambiente social comuns de forma muito próxima desde o início. Este compartilhamento de contexto, expectativas e conhecimento facilita a comunicação entre elas, em comparação com pessoas de origens diversas. Esse nível de familiaridade permite que elas sejam menos explícitas verbalmente, mas ainda assim consigam se comunicar efetivamente sobre diversos tópicos, desde que compartilhem o mesmo contexto. Em outras palavras, elas podem usar menos palavras ou sinais para transmitir uma ideia, pois o contexto compartilhado e a familiaridade entre elas já proporcionam uma compreensão mútua. Este entendimento implícito torna desnecessário ser muito detalhado ou específico na comunicação, porque as pessoas já têm um conhecimento comum que facilita a interpretação das mensagens. Por outro lado, a grande diversidade que caracteriza os usuários de novas línguas de sinais em comunidades surdas pode acelerar o desenvolvimento de estruturas linguísticas sistemáticas (Meir et al., 2010).

Ainda para Meir et al. (2010), os sinais caseiros são um sistema de comunicação básico criado dentro de uma família com um ou poucos membros surdos. A diferença óbvia entre esse sistema (que pode ser convencionalizado para a criança solitária que o cria) e a linguagem de sinais é o número de pessoas para as quais a linguagem visual-manual é primária. Nos sinais caseiros, é um, enquanto em uma aldeia ou em uma comunidade de surdos a língua de sinais é grande, e essa diferença leva a diferenças estruturais nos dois tipos de linguagem. No entanto, a distinção não é categórica, mas gradiente. Os sistemas de sinais caseiros podem surgir em uma família com mais de um filho surdo. Nesses casos, a comunidade conta com vários indivíduos. Se o sistema de comunicação emergente se parece mais com um sinal caseiro criado por um indivíduo ou com uma língua de sinais é uma questão empírica que deve ser estudada para cada caso.

A forte semelhança das formas gestuais produzidas por diferentes crianças, provenientes de várias origens culturais, revela um processo de iconicidade da experiência baseada na descrição dos contornos da forma e/ou na recuperação gestual icônica de formas salientes de referentes categorizados. A exemplo disso, recentemente, em seu trabalho de conclusão de curso, Moura (2019) identificou alguns sinais emergentes usados por surdos indígenas de uma comunidade localizada na região de Canauanim, no município do Cantá, no estado de Roraima. Vale ressaltar que os dados da pesquisa de Moura (2009) mostraram que há, mesmo entre os sinais caseiros, características que os assemelham/aproximam dos parâmetros das línguas de sinais.

Diante disso, de acordo com Coppola e Senghas (2010), ao observarmos quaisquer línguas de sinais, é possível identificar gestos/sinais familiares, tais como: acenos, sinais de mãos e até mesmo expressões faciais embutidas no fluxo da língua.

Pfau e Steinbach (2011) argumentam, com base em dados de uma ampla variedade de línguas de sinais, que os caminhos típicos tomados pelos itens lexicais, à medida que

são transformados em elementos gramaticais, são os mesmos nas línguas de sinais e nas línguas orais.

Meir et al. (2010) destacam ainda que os estudos sobre as línguas de sinais emergentes ainda são novos e que, como observamos, as línguas de sinais emergentes se desenvolvem sob dois contextos distintos: dentro de pequenas comunidades ou aldeias onde a transmissão ocorre dentro e entre famílias e sob circunstâncias em que os usuários não relacionados de diferentes origens são reunidos em locais como escolas.

No Quadro 1, apresentamos uma lista com as línguas de sinais emergentes espalhadas pelo mundo. Tais dados têm por base as pesquisas de Dvos e Pfau (2015), Souza et al. (2018), Silva e Quadros (2019) e Ferrari (2022).

Quadro 1 – Lista das línguas de sinais emergentes no mundo

| | Língua de sinas emergente | Localidade |
|-----|----------------------------------|--|
| 1. | LS Adamorebe | Gana |
| 2. | LS Al-Sayid Beduína | Israel |
| 3. | LS de Judeus argelinos | Originalmente, Argélica, agora França e Israel |
| 4. | LS Alipur | Índia |
| 5. | LS Ban Khor | Tailândia |
| 6. | LS Maia Yucatec | México |
| 7. | LS Kata Kolok | Bali, Indonésia |
| 8. | LS Koinchri Sain | Jamaica |
| 9. | LS Inuit | Nunavut, Canadá |
| 10. | LS Mardin | Turquia |
| 11. | LS de Martha's Vineyrd | Nordeste dos Estados Unidos |
| 12. | LS das Ilhas de Providência | Colômbia |
| 13. | LS Ka'apor | Brasil |
| 14. | LS de Sateré-mawé | Parintins – Manaus, Brasil |
| 15. | LS Kaingang | Xanxerê – Santa Catarina, Brasil |
| 16. | LS Terena | Mato Grosso do Sul, Brasil |
| 17. | LS Guarani Kaiowá | Mato Grosso do Sul, Brasil |
| 18. | LS Pataxó | Aldeia Coroa Vermelha – Bahia, Brasil |
| 19. | Cena | Várzea Queimada – Piauí, Brasil |
| 20. | Acenos | Cruzeiro do Sul – Acre, Brasil |
| 21. | LS da Fortalezinha | Pará - Brasil |
| 22. | LS da Ilha de Marajó | Ilha de Marajó (Ilha de Soure) – Pará, Brasil |
| 23. | LS de Porto de Galinhas | Porto de Galinhas – Pernambuco, Brasil |
| 24. | LS de Caiçara | Sítio Caiçara – Várzea Alegre – Ceará, Brasil |
| 25. | LS Omágua-Kambebe | São Paulo de Olivença – Amazonas - Brasil |
| 26. | Sinais Paiter-Surui | Rondônia – Brasil |
| 27. | Sinais Akwe (Xerente) | Tocantins – Brasil |
| 28. | LS Xukuru | Serra do Ororubá – Pernambuco, Brasil |
| 29. | LIS Makuxi | Uiramutã – Roraima, Brasil |

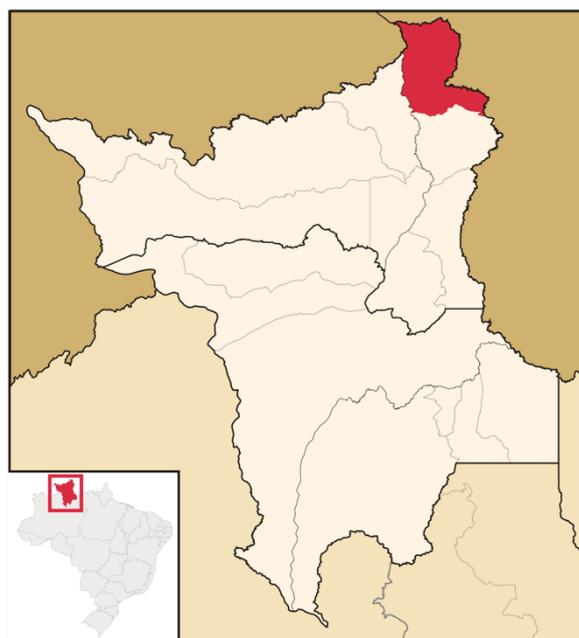
| | | |
|-----|--|--|
| 30. | LS de San Juan Quiahije Chatino | México |
| 31. | Sinais de Zinacatan | Chiapas – México |
| 32. | Sinais de Nebaj | Guatemala |
| 33. | LS K'iche de Naulá | Guatemala |
| 34. | LS das Ilhas da Baía | French Harbour/Jonesville – Honduras |
| 35. | LS Brunca | Costa Rica |
| 36. | LS Bribri | Costa Rica |
| 37. | LS Central Taurus | Cadeias montanhosas no centro-sul da Turquia |
| 38. | Sinais Maxakalí | Minas Gerais |
| 39. | LS de São Tomé e Príncipe | São Tome e Príncipe |
| 40. | LS do único surdo da Ilha Renne (compartilhada com os falantes ouvintes) | Ilha de Rennel – Ilhas Salomão, Polinésia |
| 41. | Sinais dos surdos das ilhas Amami | Ilhas Amami – Japão |

Fonte: Adaptado de Almeida-Silva e Nevins (2020)

A Língua Indígena de Sinais Makuxi – LIS Mak

A região na qual se encontra a família em questão é de difícil acesso. A comunidade fica a aproximadamente 315 km de Boa Vista, capital de Roraima, é formada majoritariamente por ouvintes bilíngues e, nela, há esse grupo de surdos que vivem praticamente isolados da comunidade, pertencentes à mesma família com faixa etária entre 29 e 49 anos. A Figura 1 apresenta o município de Uiramutã:

Figura 1 – Mapa do município de Uiramutã



Fonte: Associação dos Municípios de Roraima (AMR)

A população atual do povo Makuxi, segundo dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, corresponde a um total de 28.912 indivíduos residentes no estado de Roraima. Desses, 7.769 vivem fora das Terras Indígenas. Ainda de acordo com o censo, na região do Uiramutã vivem cerca de 7.382 indígenas, contudo, não há especificação se são ou não da etnia Makuxi. Destaque-se ainda que esses surdos não têm contato com outros surdos usuários de outras línguas de sinais.

Vale destacar que alguns membros não surdos da comunidade já iniciaram o aprendizado dessa língua de sinais emergente, inclusive crianças; na família, há pelo menos três que sinalizam, além de alguns primos e esposa de um deles que também sinalizam.

Metodologia

A primeira viagem à comunidade se deu em 2018, antes da pandemia, e já percebemos que ali havia uma língua praticamente consolidada, visto que a variação que normalmente acontece em línguas que estão se estruturando, não é presente na língua de sinais Makuxi. Contudo, devido à pandemia, só foi possível retornar à comunidade em 2023. O primeiro contato se deu com o progenitor que é ouvinte e nos apresentou suas netas¹ ouvintes e usuárias da língua de sinais Makuxi, as quais nos auxiliaram inicialmente na comunicação com eles. É importante ressaltar que o presente estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número 5.918.471, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) sob o número: 08620.002817/2023-21, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Inicialmente, os sinais usados por eles eram muito discretos (quase como acenos), pois sinalizavam muito rápido e discretamente. Após algumas horas de convivência, começamos a aprender alguns sinais. Vale destacar que, dos dez surdos presentes na casa, apenas as três mulheres se mostraram interessadas nas interações com os ouvintes e na pesquisa, mas depois os outros se aproximaram e interagiram normalmente.

Os sinais aprendidos eram anotados em cadernos e, depois de algum tempo, perguntávamos sobre os sinais anotados; assim, tínhamos a confirmação se eram realmente aquilo que tínhamos anotado. Além disso, gravamos, com o consentimento deles, conversas, léxico básico (nomes e verbos), além de algumas histórias.

Assim, com o auxílio de imagens, dispostas em um livro, começamos a apontar e levantar dados sobre o léxico da língua. Em uma das conversas, ao perguntarmos para uma das adolescentes como ela se referia à sua mãe quando esta não estivesse presente na situação de comunicação, ela fez um sinal que logo identificamos como sinal pessoal, e,

¹ Agradecemos imensamente as duas pela cooperação e colaboração na interação com os adultos surdos.

para comprovar, atestamos com os outros irmãos que logo apontavam para a pessoa sobre a qual o sinal se referia. Algo que chamou a atenção foi que, assim que chegamos, eles já tinham nos dado um sinal na língua deles.

Os dados coletados somam mais de 127 sinais. Vale destacar que a maioria dos sinais faz referência aos elementos do entorno do grupo, mas não significa dizer que só esses elementos são suficientes, pois, assim que outros elementos entram em cena, naturalmente eles darão um sinal para eles, demonstrando assim que o léxico, a exemplo do que ocorre em outras línguas, está em constante expansão.

Após a viagem de campo, os dados obtidos foram transcritos com o auxílio do *software* ELAN e posteriormente os dados foram revisados pelos colaboradores surdos.

Vale mencionar que os dados apresentados a seguir foram obtidos a partir da pesquisa de campo conduzida após as devidas autorizações.

Algumas considerações sobre a Língua indígena de Sinais Makuxi

A Língua Indígena de Sinais Makuxi (LIS Mak) é uma língua fascinante e complexa que oferece uma visão única da cultura e da identidade do povo Makuxi. O léxico da LIS Mak é um elemento fundamental dessa língua e merece ser estudado e valorizado. Com esse intuito, essa seção irá apresentar algumas das razões pelas quais o estudo do léxico da LIS Mak é importante, para a linguística e a comunidade surda Makuxi.

Como já mencionamos anteriormente, a maioria dos sinais faz referência ao cotidiano do grupo. É salutar destacar que os usuários dessa língua se orientam por meio do sol; existem várias línguas indígenas que se referem à posição do sol em seus termos de direção. Algumas línguas dos povos aborígenes da Austrália, por exemplo, como a língua Yolngu, usam termos que se referem ao nascer e pôr do sol como pontos de referência para descrever a posição das coisas.

Assim, os sinais destinados a ONTEM e a AMANHÃ possuem respectivamente as seguintes características:

Figura 2 – Sinal ONTEM



Fonte: Elaborada pelo autor

Para a compreensão do sinal ‘acima’ é importante levar em consideração a posição do poente do sol, pois o sinal para ONTEM faz referência ao pôr do sol. Já o sinal para AMANHÃ, indica o nascer do sol, apontando para o lugar em que o sol ‘nasce’.

Figura 3 – Sinal AMANHÃ



Fonte: Elaborada pelo autor

Como podemos observar, ainda levando em consideração a realidade em que os usuários da língua estão inseridos, os sinais destinados aos dias da semana fazem alusão ao transporte que passa na rua que dá acesso às casas da família, com exceção do sinal para domingo e segunda-feira. Assim, o sinal referente ao domingo é realizado da seguinte maneira:

Figura 4 – Sinal DOMINGO

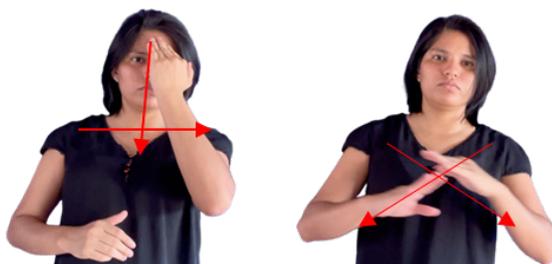


Fonte: Elaborada pelo autor

Nota-se que há a execução de um único sinal: o SINAL DA CRUZ. Tal sinal remete a uma questão cultural, haja vista que a família é de religião católica e, normalmente, aos domingos vão à igreja, por essa razão, o sinal em língua de sinais Makuxi se faz como a saudação inicial das missas.

Por sua vez, o sinal que faz alusão à SEGUNDA-FEIRA pode ser traduzido livremente como “domingo que acabou”, como podemos ver na Figura 5:

Figura 5 – Sinal SEGUNDA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Como podemos observar, o sinal da Figura 5 é composto, pois é formado pela junção dos seguintes sinais: de DOMINGO + ACABAR = SEGUNDA-FEIRA.

Vale destacar que os sinais da Figura 6 fazem referência ao transporte que faz linha para o município; assim, todos os sinais indicam a ida ou a vinda desse ônibus para a comunidade Água Fria, Uiramutã e para Boa Vista, como poderemos visualizar a seguir. O sinal para TERÇA-FEIRA é realizado da seguinte maneira (Figura 6):

Figura 6 – Sinal TERÇA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Na primeira imagem, temos o sinal referente a ÔNIBUS, e na segunda imagem, o sinal que representa a passagem desse ônibus para outra comunidade chamada Água Fria.

Por seu turno, o sinal que faz referência a QUARTA-FEIRA é executado conforme a Figura 7 a seguir:

Figura 7 – Sinal QUARTA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Nos sinais da Figura 7, que representam a QUARTA-FEIRA, observamos que o movimento faz alusão ao retorno do ônibus da comunidade Água Fria

Já o sinal referente a QUINTA-FEIRA é realizado conforme a Figura 8 a seguir:

Figura 8 – Sinal QUINTA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Vale destacar que, para a compreensão desse sinal, é importante considerar a localização geográfica da sede do município de Uiramutã, pois o sinal faz menção ao ônibus que se desloca da comunidade Água Fria para a cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima.

Por seu turno, o sinal que faz alusão ao que seria a SEXTA-FEIRA é realizado conforme se apresenta na Figura 9:

Figura 9 – Sinal SEXTA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Tal sinal (Figura 9) indica a volta do ônibus de Boa Vista para a comunidade Água Fria. Por fim, o sinal indicativo de SÁBADO é produzido de acordo com a Figura 10:

Figura 10 – Sinal SÁBADO



Fonte: Elaborada pelo autor

Assim, percebemos que os sinais indicativos de TERÇA e SÁBADO são idênticos em razão da movimentação do ônibus que faz a linha para a comunidade Água Fria. Como podemos visualizar, a partir do sinal para TERÇA-FEIRA, todos são seguidos do sinal para ÔNIBUS mais a direção deste em relação ao município de Uiramutã, a comunidade Água Fria e à Boa Vista.

Nível fonético-fonológico

No que diz respeito ao nível fonético-fonológico, a língua de sinais Makuxi apresenta uma fluidez mais acelerada que, por exemplo, na Libras, significa dizer que é comum o uso de sinais empregados com o auxílio de apontamentos e gestos que ajudam na transmissão da mensagem.

Além disso, é uma língua que não possui um alfabeto manual, logo, os sinais não apresentam referências às letras do português. Araújo e Oliveira (2020) apresentam, como exemplo de par mínimo, os sinais de PROFESSOR e ALUNO; além desses, identificamos mais alguns dos quais destacaremos os seguintes sinais: BONITO e NOITE (Figura 11).

Figura 11 – Sinal BONITO



Fonte: Elaborada pelo autor

O sinal da Figura 11 significa BONITO. Logo a seguir, temos o sinal para NOITE. Como podemos observar, o sinal é realizado com as duas mãos em frente ao corpo e terminam no espaço neutro. Por outro lado, o sinal de NOITE ocorre de maneira inversa, ou seja, com as mãos abertas no espaço neutro e terminam com as mãos juntas em frente ao corpo, conforme se examina na Figura 12 a seguir.

Figura 12 – Sinal NOITE



Fonte: Elaborada pelo autor

Assim, se comparamos os dois sinais, notamos que os dois são bastante similares, diferenciando-se apenas em relação ao movimento.

Nível morfossintático

O nível morfossintático de uma língua de sinais emergente refere-se à sua estrutura gramatical, incluindo as regras para formação de palavras e frases e como as diferentes partes da frase são relacionadas entre si. Em geral, as línguas de sinais emergentes tendem a ter uma estrutura gramatical mais simples do que as línguas de sinais consolidadas, mas isso pode variar dependendo do nível de desenvolvimento da língua e da comunidade que a usa.

Algumas características comuns de línguas de sinais emergentes incluem a falta de um sistema de gênero, a tendência para a concisão e a flexibilidade na ordem das palavras na frase. No entanto, mesmo entre as línguas de sinais emergentes, há uma grande variedade na estrutura morfossintática e isso pode ser influenciado por vários fatores, como a cultura e a linguagem de origem da comunidade surda, bem como a interação com outras línguas de sinais e línguas faladas.

Em geral, é importante continuar descrevendo e estudando o nível morfossintático das línguas de sinais emergentes para entender melhor as estruturas linguísticas subjacentes e como elas se desenvolvem e evoluem ao longo do tempo.

Nesse sentido, apresentamos na Figura 13 o processo de composição para a formação de sinais na língua de sinais Makuxi. Assim:

Figura 13 – Sinal ESCOLA



Como é possível observar, o sinal da Figura 13 é composto de CASA + PROFESSOR, a junção desses dois sinais resulta em outro sinal: ESCOLA. Assim, Felipe (2006) denomina esse processo de formação de palavras como justaposição, ou seja, quando dois sinais distintos se juntam para formar um outro elemento dentro da língua; a autora destaca ainda que tal processo possui uma tipologia específica, mas que não será tratada neste trabalho.

Nível sintático

Na Língua de Sinais Makuxi, aparentemente, a ordem das sentenças é objeto, sujeito e verbo (OSV); contudo, apenas um estudo mais detalhado poderá confirmar nossas primeiras impressões. Assim, um exemplo da ordem das frases encontrada nessa língua está representado na Figura 14.

Figura 14 – Exemplo de frase



Fonte: Elaborada pelo autor

A frase em questão (Figura 14) pode ser traduzida livremente como: “Eu gosto de comer peixe”. Note-se que a ordem sintática na língua de sinais Makuxi é OSV. Uma possível razão para tal ordem é o reflexo/empréstimo da ordem sintática da Língua Oral Makuxi, haja vista que a progenitora era ouvinte e falante tanto de Makuxi quanto de português, assim, possivelmente houve a transferência de ordem de uma língua para a outra.

Considerações

A descrição de LSE é importante porque essas línguas são uma parte vital da diversidade linguística e cultural do mundo. Elas são usadas por comunidades surdas que historicamente têm sido excluídas ou ignoradas, e a descrição dessas línguas ajuda a garantir sua preservação e valorização. Além disso, a descrição de LSE pode contribuir para a compreensão mais ampla da linguística e do funcionamento da linguagem humana.

As descrições aqui realizadas ainda são superficiais, mas abrem margem para pesquisas futuras sobre a língua indígena de sinais Makuxi. Como vimos, a língua em questão se organiza de forma bastante peculiar em comparação a outras línguas de sinais emergentes. Dessa forma, a descrição de LSE é uma parte crucial do trabalho de preservar a diversidade linguística e cultural e de compreender como a linguagem funciona.

Referências

ADRIANO, N. A. Sinais Caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

ALMEIDA-SILVA, A.; NEVINS, A. I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da várzea queimada (Piauí, Brasil). *Revista Linguagem & Ensino*, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, 6 nov. 2020.

ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F. de. Línguas de Sinais Emergentes no Brasil: o caso da Língua de Sinais Macuxi. *Norte@mentos*, v. 14, n. 37, p. 224-240, 2021.

BRENTARI, D.; GOLDIN-MEADOW, S. *Language Emergence*. Annual Review of Linguistics, 363-388, 2017.

COPPOLA, M.; A. SENGHAS. Deixis in an emerging sign language. In: BRENTARI, Diane. *Sign language*. Cambridge University Press. 2010.

COSTA, M. G. L. *Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar*. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

DE VOS, C.; PFAU, R. Sign language typology: the contribution of rural sign languages. *Annual Review of Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 265-288, 2015.

ELER, R. R. S. *Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí*. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

FELIPE, T. A. *Os processos de formação de palavras na Libras*. Educação Temática Digital – ETD, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FERRARI, A. C. M (Org.). Diálogos oportunos sobre as línguas de sinais indígenas: apresentação do Dossiê “Emergências das línguas de sinais indígenas”. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 22, p. e022017, 2022. DOI: 10.20396/liames.v22i00.8671357. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8671357>. Acesso em: 25 jan. 2023.

FORMIGOSA-MARIE-ROSE, E. S. F. *Etude de la variation linguistique de la LS au Brésil dans l'enseignement de la Libras*. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Ciências da Linguagem, Université Paris 8 - Vincennes-saint-denis, Paris 8, França, Paris, 2015.

FUSELLIER-SOUZA, I. *La création gestuelle des individus sourds isolés: de l'édification conceptuelle et linguistique à la sémiogénèse des langues des signes*. AILE, v. 15, p. 61-95, 2001.

GODOY, G. *Os Ka'apor: seus gestos e sinais*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020.

GOLDIN-MEADOW, S. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children of hearing parents, in K. Gibson & R. Ingold (Ed.), *Tools, language and cognition in human evolution*, Cambridge University Press, Cambridge, Mass, p. 63-85. 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 25 abr. 2024.

KAKUMASU, J. Urubu Sign Language. In: *International Journal of American Linguistics*. v. XXXIV, outubro, 1968.

LE GUEN, O.; SAFAR, J.; COPPOLA, M. (Org.). *Emerging Sign Languages in the Americas*. Berlin: de Gruyter, 2020.

MEIR, I.; SANDLER, W.; PADDEN, C.; ARONOFF, M. Emerging sign languages. In: MARSCHARK, Marc; SPENCER, Patricia Elizabeth (Ed.). *Oxford handbook of deaf studies, language, and education*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 267-280.

MOURA, J. S. *Estudo comparativo entre sinais caseiros e a Libras com surdos de Canaúanim*. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

PEREIRA, É. L. “*Fazendo Cena na cidade dos mudos*”: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do PIAUÍ. 2013. 418 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PFAU, R.; STEINBACH, M. Grammaticalization in sign languages. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 683- 695.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224 p.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil/Sign languages of isolated communities found in Brazil. *Brazilian Journal of Development*, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, 2019.

SOUZA, D.; QUADROS, R. M. Mapeamento das línguas de sinais emergentes e de comunidades isoladas encontradas no Brasil. In: *III^e Rencontres Interdisciplinaires franco-brésiliennes: Surdit , Singularit  et Universalit *. Paris, França. 29 oct./2 nov. 2018.

STOKE. W. C. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press. 1960.

SUMAIO, P. A. *Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos*. 2014. 124 f. Disserta o (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Gradua o em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.

VILHALVA, S. *Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul*. 2009. 124 f. Disserta o (Mestrado em Linguística, Florianópolis, SC, 2009.